

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Piedade Lino Videira

**BATUQUES, FOLIAS E LADAINHAS: A
CULTURA DO QUILOMBO DO CRIA-Ú EM
MACAPÁ E SUA EDUCAÇÃO**



**FORTALEZA
DEZEMBRO DE 2010**

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ
PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO BRASILEIRA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

Piedade Lino Videira

Batuques, Folias e Ladainhas: a cultura do Quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós Graduação em Educação Brasileira, da Faculdade de Educação - Universidade Federal do Ceará, na Linha de Pesquisa: Movimentos Sociais, Educação Popular e Escola; Eixo Temático: Sociopoética, Cultura e Relações Interraciais, como requisito parcial para a obtenção do título de doutora, sob a orientação do Prof. Dr. Henrique Antunes Cunha Júnior.

FORTALEZA
DEZEMBRO 2010

Lecturis salutem"

Ficha Catalográfica elaborada por
Telma Regina Abreu Camboim – Bibliotecária – CRB-3/593
tregina@ufc.br
Biblioteca de Ciências Humanas – UFC

V694b

Videira, Piedade Lino.

Batuques, folias e ladainhas [manuscrito] : a cultura do quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação / por Piedade Lino Videira. – 2010.

260f. : il. ; 31 cm.

Cópia de computador (printout(s)).

Tese(Doutorado) – Universidade Federal do Ceará, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira, Fortaleza(CE), 13/12/2010.

Orientação: Prof. Dr. Henrique Antunes Cunha Júnior.

Inclui bibliografia.

1-QUILOMBOS – ESTUDO E ENSINO – CRIA-Ú(MACAPÁ,AP). 2-NEGROS – CRIA-Ú(MACAPÁ,AP) – IDENTIDADE ÉTNICA. 3-NEGROS – CRIA-Ú(MACAPÁ,AP) – USOS E COSTUMES. 4-ESCOLA ESTADUAL JOSÉ BONIFÁCIO(MACAPÁ,AP). I-Cunha Júnior, Henrique Antunes, orientador. II.Universidade Federal do Ceará. Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira. III-Título.

CDD(22ª ed.) 305.89608116

13/11

Piedade Lino Videira

Batuques, Folias e Ladainhas: a cultura do Quilombo do Cria-ú em Macapá e sua educação

Tese de Doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação Brasileira – Curso de Doutorado – da Universidade Federal do Ceará como requisito parcial para obtenção do título de Doutora.

Data da aprovação: 13/12/ 2010.

Banca Examinadora:

Prof. Henrique Cunha Antunes Júnior, Dr.

Presidente da Banca/UFC

Profa. Sandra Haydée Petit, Dra.

Examinadora/UFC

Profa. Rosa Maria Barros Ribeiro, Dra.

Examinador Externa/UECE

Profa. Ângela Maria Bessa Linhares, Dra.

Examinadora/UFC

Prof. José Bento Rosa da Silva, Dr.

Examinador Externo/UFPB

Profa. Graça Santos, Dra.

Co-orientadora/Universidade de Évora/Portugal

Aos (as) filhos (as) do Quilombo do Cria-ú encarnados e desencarnados. E aos nossos ancestrais africanos e afroamapaenses pelo belo exemplo de luta e desejo de viver em liberdade a qualquer custo. Vergaram, mas não quebraram porque estavam unidos em comunidade. Ao meu avó materno: Theodoro Lino do Espírito Santo e seus pais: Felipe Ramos do Espírito Santo e Inácia Lina do Espírito Santo. A minha avó materna Emília Lina do Espírito Santo e seus pais: Fernando Ramos da Silva e Inês Justina Ramos da Silva. Ao meu avó paterno Josephino José Videira e seus pais: Antônio Álvaro da Costa e Luiza Pereira do Livramento. A minha avó paterna Antônia Siqueira Videira e seus pais: Gonçalo Valente Barreto e Antonia Siqueira das Neves, todos (*in memoriam*). A minha mãe, Maria da Conceição Lino Videira e minha irmã, Maria do Socorro Lino Videira por acompanharem-me nessa caminhada.

A professora Irene Bonfim pela demonstração de amor e comprometimento com a educação dos (as) educandos (as) do

Quilombo do Cria-ú.

A Sra. Marcelina Eugênia do Rosário, moradora mais antiga que vivia no Quilombo do Cria-ú, nascida em 30.06.1912 , completou no mês de julho de 2010, 98 anos, e faleceu no dia 19.09.2010 desse mesmo

ano (*in memoriam*)

MEUS AGRADECIMENTOS ESPECIAIS

Ao Programa Internacional de Bolsas de Pós-Graduação da Fundação Ford e a Fundação Carlos Chagas, indispensáveis para a continuidade dessa caminhada acadêmica.

Ao meu orientador Prof. Dr. Henrique Antunes Cunha Júnior por manter-se ao meu lado em orientação, descobertas múltiplas e incentivo para concretizarmos mais essa etapa de pesquisa sobre a história, cultura e educação em Quilombos no Estado do Amapá.

A direção, corpo-técnico e administrativo, professores, educandos, prestadores de serviço e funcionários em geral da escola do Cria-ú pelo carinho, atenção e colaboração sempre valerosa para a realização desta pesquisa. A professora de História, Artes e Ensino Religioso em especial.

Ao querido amigo, Prof. Me. José Alex Soares Santos da Faculdade de Educação de Itapipoca – FACEDI/UECE, coordenador do Laboratório Universitário de Educação Popular, Trabalho e Movimentos Sociais – LUTEMOS, pelas valerosas contribuições sugeridas para a melhoria do texto desta tese.

Aos Índios Itapeuá e Rompe-Mato. A Cabocla Janaína (entidades espirituais reverenciadas na Religião de Matriz Africana e Afrodescendente UMBANDA). Orixás femininos: Oxúm e Yemanjá (divindades reverenciadas dentro da religião de matriz africana CAMBOMBLÉ) e Oxumaré pelas proteções espirituais que abrem meus caminhos e guardam-me de todos os males.

Ao Aridelso pelo envolvimento e contribuição especial para registrar (filmagem) parte dessa história.

As pessoas conhecidas e desconhecidas que vibram e se alegram com o meu sucesso.

As únicas pessoas que realmente mudaram a história foram os que mudaram o pensamento dos homens a respeito de si mesmos.
(MALCOLM X).

RESUMO

A educação em Quilombos deve considerar os aspectos étnicos, históricos, antropológicos e culturais desses patrimônios materiais, imateriais e naturais nacionais. Tais aspectos se manifestam no contexto do Quilombo do Cria-ú, território afrodescendente de feição misteriosa em virtude das energias míticas que lá circulam, repleto de africanidades. Com base nesse pressuposto o objetivo central desse estudo está focado na análise e compreensão da cultura constituída e experienciada pela comunidade do Cria-ú, em específico as danças do Batuque e Marabaixo, como elementos de ressignificação da práxis educativa e curricular que visa à valorização da história e cultura africana e afrobrasileira segundo a determinação da Lei nº 10.639/03. A partir desse objetivo adotei como perspectiva metodológica a observação participante e a pesquisa-intervenção, ambas desenvolvidas no território do Quilombo do Cria-ú e na Escola Estadual José Bonifácio, situada no espaço territorial do Quilombo. O período de realização da pesquisa de campo deu-se entre os anos de 2007-2009. Nesse ínterim a observação participante constitui-se pelo acompanhamento do cotidiano da comunidade quilombola, mediada por entrevistas com os seres históricos, habitantes do Quilombo com mais de 40 anos de idade. A pesquisa-intervenção originou-se da análise do material coletado na observação participante, bem com em função de estudo exploratório efetuado no contexto da escola. A análise do conjunto de informações sistematizadas no desenvolvimento do tratamento dos dados de pesquisa, articulada com o referencial teórico constituído por autores como (ANJOS, 2009; CUNHA Jr., 2001; 2009; NASCIMENTO, 2007; RAFFESTIN, 1993; SANTOS, 2002) contribuíram para o diálogo problematizador com as categorias: afrodescendência, território, memórias negras e Quilombos. Os resultados desse percurso evidenciaram que o Batuque do Quilombo do Cria-ú não é somente a reunião de pessoas para celebrarem seus santos e entidades espirituais e sim para reafirmar os conhecimentos que seus (uas) herdeiros (as) lograram de seus ancestrais como estratégia de sobrevivência e manutenção de sua história e cultura. A tese trata dos diversos aspectos da vida da população criouense, sem no entanto ter a pretensão de esgotá-los. O trabalho focaliza a tese de que a cultura local constitui-se em conteúdo pedagógico fundamental para a autovalorização de seus partícipes, podendo servir como rico material didático-pedagógico.

Palavras-chave: Quilombo do Cria-ú. Cultura Afroamapaense. Educação.

ABSTRACT

The education in Quilombos (hiding-places of fugitive black people slaves) must consider ethnic, historical, anthropological and cultural aspects from this tangible and intangible natural national heritage. These aspects are manifested in the context of the CRIA-Ú Quilombo, territory with mysterious features of African descent because of the mythic power that circulate there, with a lot of African things. Based on this assumption the main objective of this study is focused on analyzing and understanding the culture constituted and experienced by the CRIA-Ú community in specific dances like Batuque and Marabaixo as elements of redefinition of educational practice and curriculum aimed at valuing African (Brazilian) history and culture according to the appointment of Law 10.639/03. With this purpose I have adopted as a methodological perspective the participant observation and intervention research, both developed in the CRIA-Ú Quilombo territory and at the Public State School José Bonifácio, situated in the geographical area of the CRIA-Ú Quilombo. The period of the fieldwork took place between the years 2007-2009. Meanwhile the participant observation consisted of daily monitoring by the quilombola (black people slaves who took refuge in a *Quilombo*) community, mediated by interviews with historical beings, inhabitants of the Quilombo with over 40 years of age. The intervention research stemmed from the analysis of material collected in participant observation, as well as on an exploratory study conducted in the context of the school. The analysis of the development of systematic information on the treatment of research data, combined with the theoretical framework established by writers such as ANGELS, 2009; Cunha Jr., 2001, 2009; BIRTH, 2007; RAFFESTIN, 1993; SANTOS, 2002) who contributed to problem-solving dialogue with the categories: Afro descent, territory, black memories and Quilombos. The results showed that this course of Batuque from CRIA-Ú Quilombo is not just for bringing people together to celebrate their saints and spiritual entities, but rather to reaffirm the knowledge they have achieved their heirs of their ancestors as a strategy for survival and maintenance of its history and culture. The thesis deals with various aspects of lives from people who live in CRIA-Ú, without claiming to exhaust them. The paper focuses on the argument that local culture is in fundamental educational content to partake of their self-worth, serving as a rich educational courseware.

KEYWORDS: CRIA-Ú Quilombo. Afroamapaense Culture. Education.

RÉSUMÉ

L'éducation chez les *Quilombos* doit prendre en considération les aspects ethniques, historiques, anthropologiques et culturels de ces patrimoines matériels, immatériels et naturels nationaux. Ces aspects se manifestent dans le contexte du *Quilombo* Cria-ú, territoire mystérieux d'ascendance africaine en raison de la puissance mythique qui y circulent, plein de caractère africain. Sur la base de cette hypothèse, l'objectif principal de cette étude est centré sur l'analyse et la compréhension de la culture constituée et vécue par la communauté du Cria-ú, spécifiquement les danses appelées *Batuque* et *Marabaixo*, comme des éléments de redéfinition de la pratique éducative et les programmes visant à valoriser l'histoire et la culture africaine et afro-brésilienne d'après la Loi n ° 10.639/03. Avec cet effet, j'ai adopté comme point de vue méthodologique l'observation participante et la recherche d'intervention, développées au sein du *Quilombo du Cria-ú* et à l'école José Bonifácio, située dans la zone géographique du *Quilombo*. Le calendrier de travail sur le terrain a eu lieu entre les années 2007-2009. Pendant ce temps l'observation participante a été effectuée par l'observation quotidienne de la communauté du *Quilombo*, par des entretiens avec des personnages historiques, les habitants du *Quilombo* avec plus de 40 ans. La recherche-intervention a découlé de l'analyse des matériels collectés sur l'observation participante et conformément à une étude antérieure effectuée dans le cadre de l'école. L'analyse de l'évolution de l'information systématique sur le traitement des données de recherche, combinée avec le cadre théorique établi par des écrivains tels que (Angeles, 2009; Cunha Jr., 2001, 2009; NAISSANCE, 2007; Raffestin, 1993; SANTOS, 2002) ont contribué au dialogue de résolution de problèmes avec les catégories: ascendance africaine, territoire, souvenirs noirs et *Quilombo*. Les résultats de ces parcours ont montré que le *Batuque Quilombo do Cria-ú* n'est pas seulement une réunion de personnes pour célébrer leurs saints et les entités spirituelles, mais plutôt pour réaffirmer la connaissance que leurs héritiers (ières) leurs ancêtres ont atteint dans la stratégie survie et le maintien de leur histoire et leur culture. La thèse porte sur de divers aspects de la vie des gens criauense, sans prétendre à les épuiser. Le document met l'accent sur l'argument selon lequel la culture locale est en contenu éducatif fondamental à l'estime de soi de ses participants, servant de supports pédagogiques riches.

Mots-clés: Quilombo do Cria-ú. Culture Afroamapaense. Éducation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1	27
Figura 2	30
Figura 3	31
Figura 4	33
Figura 5	34
Figura 6	70
Figura 7	71
Figura 8	94
Figura 9	95
Figura 10	102
Figura 11	105
Figura 12	105
Figura 13	122
Figura 14	125
Figura 15	125
Figura 16	131
Figura 17	131
Figura 18	132
Figura 19	133
Figura 20	134
Figura 21	134
Figura 22	136
Figura 23	137
Figura 24	137
Figura 25	137
Figura 26	138
Figura 27	139
Figura 28	139
Figura 29	141
Figura 30	141
Figura 31	143
Figura 32	145
Figura 33	147
Figura 34	147
Figura 35	149
Figura 36	149
Figura 37	150
Figura 38	152
Figura 39	160
Figura 40	167
Figura 41	169

Figura 42	184
Figura 43	185
Figura 44	192
Figura 45	193
Figura 46	200
Figura 47	201
Figura 48	204
Figura 49	205
Figura 50	206
Figura 51	209
Figura 52	210
Figura 53	211
Figura 54	217
Figura 55	218
Figura 56	218
Figura 57	219
Figura 58	219
Figura 59	219
Figura 60	220
Figura 61	220
Figura 62	221
Figura 63	221
Figura 64	222
Figura 65	223
Figura 66	225
Figura 67	225
Figura 68	225
Figura 69	226
Figura 70	226
Figura 71	227
Figura 72	227
Figura 73	228
Figura 74	228
Figura 75	29
Figura 76	233
Figura 77	234
Figura 78	235
Figura 79	235
Figura 80	237
Figura 81	245
Figura 82	247

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	13
1 OS PRIMEIROS ENLACES DESSA CAMINHADA	22
1.1 GEOGRAFIA DO QUILOMBO DO CRIA-Ú	26
1.2 OS PRIMEIROS CONTATOS COM OS CAMPOS EMPÍRICOS DE PESQUISA: O QUILOMBO DO CRIA-Ú E A ESCOLA ESTADUAL JOSÉ BONIFÁCIO	36
1.3 OS PRIMEIROS PASSOS DESSA CAMINHADA RUMO À ESCOLA DO QUILOMBO DO CRIA-Ú	38
1.4 AS PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES E VERIFICAÇÕES DOS CAMPOS EMPÍRICOS DE PESQUISA.....	44
1.5 APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DE PESQUISA-INTERVENÇÃO À ESCOLA PESQUISADA.....	47
1.6 A METODOLOGIA DE PESQUISA	50
1.6.1 <i>A escolha dos interlocutores da pesquisa no Quilombo do Cria-ú.....</i>	<i>60</i>
2 AS CULTURAS DOS QUILOMBOS AFROAMAPAENSES.....	67
2.1 AS DIFERENCIAÇÕES EXISTENTES NAS CULTURAS DOS QUILOMBOS AFROAMAPAENSES: OS INSTRUMENTOS, A MÚSICA, O RITMO E A DANÇA	70
2.1.1 <i>Características musicais do Marabaixo.....</i>	<i>76</i>
2.1.2 <i>O Sairê do Quilombo do Carvão no Município de Mazagão.....</i>	<i>77</i>
2.1.3 <i>Um possível lugar de partida.....</i>	<i>77</i>
2.1.4 <i>As cantigas de Marabaixo e bandaias de Batuque</i>	<i>78</i>
2.1.5 <i>O ritmo do Marabaixo e do Batuque.....</i>	<i>79</i>
2.1.6 <i>A construção formal e estrutural da música afroamapaense</i>	<i>79</i>
3 CRIA-Ú: TERRITÓRIO QUILOMBOLA AMAPAENSE	83
3.1 RUMO AO QUILOMBO DO CRIA-Ú	87
3.2 OS LIMITES ESPACIAIS E AS FEIÇÕES DA PAISAGEM NO QUILOMBO DO CRIA-Ú	97
3.2.1 <i>O amanhecer no Cria-ú.....</i>	<i>105</i>
3.2.2 <i>O entardecer no Cria-ú.....</i>	<i>111</i>
3.2.3 <i>O Anoi-tecer no Cria-ú.....</i>	<i>114</i>
3.2.4 <i>A madrugada no Cria-ú</i>	<i>116</i>
3.3 Descrição do Calendário AfroReligioso e Cultural Realizado Anualmente pelo Quilombo do Cria-ú.	117
3.4 O Batuque do Glorioso São Joaquim - Padroeiro do Quilombo do Cria-ú.....	122
3.4.1 <i>Ritual afroreligioso: rezas de folias, ladainhas e alvorada</i>	<i>124</i>
3.4.2 <i>A preparação da comida servida no Batuque</i>	<i>136</i>
3.4.3 <i>A brincadeira do Batuque</i>	<i>140</i>

3.5 BATUQUE DE SÃO JOAQUIM: ALQUIMIA DE ANCESTRALIDADE, CRENÇAS E TRADIÇÕES	148
4 A ESCOLA DO QUILOMBO DO CRIA-Ú	152
4.1 O ESPAÇO FÍSICO DA ESCOLA.....	154
4.2 A COMUNIDADE ESCOLAR E SUAS ESPECIFICIDADES.....	160
4.2.1 <i>As crianças</i>	160
4.2.2 <i>Os (as) pré-adolescentes e adolescentes</i>	169
4.2.3 <i>A direção da escola</i>	174
4.2.4 <i>Secretária administrativa da escola do Cria-ú</i>	180
4.2.5 <i>Responsável pela biblioteca</i>	183
4.2.6 <i>O corpo técnico-pedagógico</i>	191
4.2.7 <i>Os (as) professores (as) da escola</i>	193
4.2.8 <i>Os funcionários que prestam serviço à escola</i>	198
4.3 SEMINÁRIOS E ENCONTROS DE FORMAÇÃO: DUAS AÇÕES RELEVANTES DENTRO DA PESQUISA-INTERVENÇÃO	200
4.4 REPENSANDO A PRÁTICA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DA ESCOLA POR INTERMÉDIO DA CRIAÇÃO DE SUA FILOSOFIA E ENCAMINHAMENTOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI Nº 10.639/03 A PARTIR DO MARABAIXO E BATUQUE E COTIDIANO DO QUILOMBO DO CRIA-Ú NA ESCOLA DA COMUNIDADE.....	204
4.5 ALCANÇANDO OUTROS RESULTADOS COM O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA-INTERVENÇÃO NA ESCOLA.....	208
4.6 DIALOGANDO NA ESCOLA.....	215
4.7 TODOS PRECISAM FAZER PARTE E SÃO IMPORTANTES DENTRO DO PROCESSO....	215
4.8 A VALORIZAÇÃO DA CULTURA DO QUILOMBO DO CRIA-Ú NAS DATAS COMEMORATIVAS FESTEJADAS PELA ESCOLA.....	217
4.8.1 <i>A festa da páscoa</i>	223
4.8.2 <i>A festa das mães</i>	228
4.9 A PARTICIPAÇÃO DO QUILOMBO DO CRIA-Ú NO COTIDIANO DA ESCOLA	230
4.10 A PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA NAS FESTAS TRADICIONAIS DO CRIA-Ú	232
4.11 A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO-PEDAGÓGICO	234
4.12 OS NOVOS DESAFIOS PARA O TRABALHO REALIZADO NA ESCOLA	237
5 DO COTIDIANO DO QUILOMBO DO CRIA-Ú À EDUCAÇÃO	241
CONSIDERAÇÕES FINAIS	251
REFERÊNCIAS	256

INTRODUÇÃO

Esta tese foi costurada por várias histórias orais, tecidas pelas memórias individual/coletiva dos originários, herdeiros do Quilombo do Cria-ú e seus (uas) filhos (as) de vários grupos geracionais em Macapá. Esse território quilombola amapaense é compreendido como o lugar que nos possibilita entendermos os espaços geográficos enquanto espaço histórico e social. O trabalho de pesquisa aqui apresentado trata de uma população específica, com cultura e história particular. O território criauense é o sujeito de um amplo processo de pesquisa e reflexões.

A sua configuração especial compreende um conjunto de relações que originaram o território criauense e também estabelecem relações marcadas pelo poder. Para adentrar ao Quilombo do Cria-ú patrimônio material, imaterial, natural, bem como cruzar e deixar-me entrecruzar pelas ricas vivências das pessoas que singularizam esse *continuum* cultural, escolhi dialogar com os moradores que tinham acima de quarenta anos, porque conviveram com seus bisavós, avós e pais e por isso acumularam um conjunto maior de informações sobre a comunidade. Todos acionaram suas lembranças, esquecimentos e por vezes ficaram em silêncio alimentando sua memória que recapturou de suas vivências dados e fatos importantes sobre si e seus conterrâneos e do próprio Quilombo.

Ambos disseram-me da grande emoção que sentiam em revisitar suas lembranças e voltar ao tempo de criança no intuito de resgatar as histórias que ouviram contar e as que viram e experienciaram junto com seus familiares, compadres e comadres no Cria-ú. Para os meus interlocutores acima de setenta anos, revisitar o passado trouxe de volta ricas e tristes recordações que compartilharam comigo durante o período que estivemos juntos.

Uma das histórias que constituiu a tessitura desse trabalho, está associada a minha própria trajetória de vida no bairro do Laguinho, amalgamada com a história familiar, social, escolar e depois acadêmica sempre marcada pelo envolvimento concreto com as expressões culturais de base africana Marabaixo, samba, Batuque, dentre outras, presentes em minha cidade. Nesse sentido torna-se relevante um breve relato de como se deu esse trajeto entrelaçado com tais contextos.

Durante a minha infância e adolescência senti falta de estudar sistematicamente os aspectos que constituem a cultura afroamapaense como referencial positivo para a afirmação da identidade étnica do educando negro em ambiente escolar. Esta constatação levou-me à questionar porque a cultura local ocupava um lugar de subalternidade no conjunto de

componentes curriculares ministrados inclusive nas escolas localizadas no Bairro do Laguinho, meu lócus de pesquisa no mestrado, conhecido historicamente como “bairro de pretos”, “berço do samba” e do Marabaixo. Apesar de relevantes as expressões culturais afroamapaenses presentes nesse bairro, ficavam “extra muro” escolar.

Recordo-me de vários acontecimentos de minha época de estudante do primeiro grau – hoje ensino fundamental e do semblante de meus colegas de turma, crianças negras como eu que no momento em que os professores do componente curricular história faziam comentários sobre períodos históricos do Brasil e, infelizmente, a população negra sempre aparecia como escravizada, sem família, sem teto, caricata, sem escolaridade, sem beleza estética, sem inteligência e sem modos refinados. Possuindo somente a força física como qualidade. Nós crianças negras nos melindrávamos com os exemplos e éramos tomados pela vontade de sair correndo e sumirmos da escola, tamanha era a vergonha de sermos negros e negras naquele momento.

Sentíamos o peso da humilhação em sala de aula verdadeiros *outsiders* – descentrados e rejeitados dentro do espaço escolar dominado pelos “estabelecidos” (ELIAS, 2000) e a dor era tão grande que precisávamos de muito esforço para continuarmos na escola enfrentando uma disputa desigual com o grupo dos educandos tidos como “os que serão aprovados porque são mais inteligentes, comportados e queridinhos dos (as) professores (as)”. Alguns (mas) de meus colegas eram obrigados (as) a usarem a força física para enfrentarem as “piadas” e “xingamentos” de nossos pares que insentivados pelo conteúdo da aula, no horário do intervalo para a merenda e após o término do dia letivo ou mesmo na hora de retornarmos para casa, éramos achincalhados por sermos negros (as). No meu caso, eu rebatia as ofensas devolvendo-as a quem insultava-me.

O geógrafo Rafael Sâncio dos Santos (2002, p. 82) nos convida a pensarmos que:

Nessas condições, um aluno negro, indígena, mestiço ou qualquer outro identificado e se identificando como um não-branco fica meio constrangido ao se ver nessas disciplinas como um dependente de outro grupo para “civilizar-se” enquanto ouve e lê sobre como seus ancestrais foram escravizados, subjugados, exterminados, sofrendo castigos corporais... explorados. Como interessar-se pela história brasileira, se esta é contada a partir da perspectiva das classes dominantes, dos vencedores e dos detentores do poder?

A interrogação do autor nos permite inferirmos que várias décadas se passaram, algumas mudanças ocorreram dentro do sistema escolar em nosso país, em termos de material

didático e pedagógico, acesso a tecnologia, mas o racismo continua vitimando pessoas negras na sociedade brasileira e dentro da escola.

Outras mudanças tímidas vem ocorrendo como, por exemplo, nos conteúdos programáticos, currículo, relação professor/educando, educando/educando, gestores e técnicos enfocando a temática das relações étnicas brasileira a partir da Implementação da Lei n. 10.639/03 que alterou a Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional – LDB, n. 9.394/96 e incluiu o Ensino de História e Cultura Africana e Afrodescendentes à educação brasileira. Está longe do ideal mas precisamos reconhecer como relevantes as mudanças conseguidas até agora, com destaque para o autoreconhecimento da diversidade cultural de base africana em todo território nacional, após experiências significativas em várias escolas do país, onde as determinações da lei vem sendo efetivadas.

Esta lei nasceu da demanda dos Movimentos Sociais Negros Brasileiros que historicamente vem lutando pela melhoria da educação oferecida aos estudantes brasileiros por ter plena convicção de que constitui um dos princípios ativos e mecanismos de transformação de um grupo e é papel da escola, de forma democrática e comprometida com a promoção do ser humano na sua integralidade, estimular a formação de valores, hábitos e comportamentos que respeitem a diversidade e as características próprias de grupos étnicos e sociais. Assim, a educação é essencial no processo de formação de qualquer sociedade e abre caminhos para a ampliação da cidadania de um povo.

Nesse sentido a educação em Quilombo constitui-se da articulação da prática educativa com o patrimônio cultural da comunidade quilombola, que ao assumir essa perspectiva adquire vínculo com a concepção freireana de educação como prática da liberdade e ato político, fundada na conscientização e problematização da existência, no diálogo com o real concreto, as contradições e problemas locais. Esse conjunto de ações ao constituir o ato político de libertação das práticas de opressão, faz com que os seres sociais e históricos, no caso, os afrodescendentes pertencentes a estes territórios, encontrem o caminho do “ser mais” (VIDEIRA, 2006).

Por isso, o (a) cidadão negro (a) luta para manter-se na escola, mesmo diante das situações de enfrentamento, fugas, sofrimentos, conquistas e alegrias em sua trajetória escolar. Nesse percurso escolar, alguns conseguem finalizar o ensino médio e conquistar uma vaga na universidade mesmo tendo que enfrentar problemas financeiros sérios.

Conseguí realizar esse sonho de tornar-me acadêmica de uma universidade pública federal, após estudar dois semestres no *Cursinho Positivo* preparatório para o vestibular, que

ajudou-me a chegar ao ensino superior e concluir o curso de – Licenciatura Plena em Educação Artística – hoje com a nova nomenclatura, chama-se Artes.

Lembro-me com profunda tristeza de meus colegas de turma que infelizmente pela necessidade de sobrevivência familiar, foram obrigados a abandonar os estudos e sem qualificação profissional se esforçarem para sobreviverem na desleal sociedade em que vivemos.

Para a maioria deles (as), o ensino universitário sequer foi cogitado como um espaço a ser vislumbrado, porque a universidade sempre fora apresentada como lugar para “privilegiados economicamente”, e portanto, inacessível aos que fazem parte do percentual elevado da população afrodescendente economicamente empobrecida de nosso país. Trabalhar para ajudar no sustento da família sempre foi e em alguns casos ainda continua sendo a *sina* de crianças e jovens negros, a qual necessita ser superada.

As dificuldades que tive de enfrentar para continuar estudando foram imensas, principalmente conciliar trabalho e estudo em horário vespertino. Ao superá-las concluí o ensino superior em Artes para a minha alegria e também de minha mãe, familiares e amigos. Concomitante aos meus estudos acadêmicos, participei desde os dezesseis anos de atividades políticas e educativas dos Movimentos Sociais Negros em Macapá. A militância proporcionou-me vários aprendizados e uma rica formação pedagógica na área da dança afroamapaense com uma perspectiva de ressignificação da etnicidade e valorização da cultura dos povos africanos e afrobrasileiros existentes no Amapá.

A consciência negra que adquiri, participando das reuniões do movimento unificado - União dos Negros do Amapá, apesar de ter sido com pessoas de faixa etária diferente da minha, ajudaram-me a constituir-me como negra. Depois a militância no Instituto de Mulheres Negras do Amapá e o trabalho artístico que desenvolvi no Balé da União dos Negros do Amapá e há dez anos como idealizadora da Associação da Companhia de Dança Afro Baraka, ajudaram a consolidar a minha identidade étnica como mulher, negra, artista e afroamapaense, sempre participando ativamente das festas, celebrações, Batuques e Marabaixos realizados na área urbana e rural de minha cidade.

Durante vários anos de minha existência, a criança, a adolescente e a universitária negra, acalentou o desejo de ver o Marabaixo e o Batuque como expressão da cultura afroamapaense sendo pesquisado, analisado e ensinado dentro do cotidiano das escolas amapaenses como conteúdo importante para o reconhecimento e a valorização desta cultura e para o autoconhecimento da população local sobre sua história do passado e do presente dentro das relações sociais e de poder que vivemos na sociedade abrangente.

Para mim a cultura local deveria funcionar como “primeiro passo”, espécie de “ponto de partida” para o reencontro dos educandos com sua ancestralidade negra e os processos históricos de seus antepassados ao compreenderem a cultura como teia de significados que o ser humano constrói a partir de referenciais históricos e sociológicos.

Sempre acreditei que o estudo sistemático sobre a cultura negra, em especial, ajudaria aos educandos pertencentes a esses grupos étnicos entenderem a teia que envolve as relações sociais brasileira e amapaense que se cristaliza nas escolas valorizando a cultura de base eurocêntrica em detrimento da africana e indígena fundantes da sociedade brasileira.

A minha hipótese era de que o ensino e aprendizagem da cultura afroamapaense por meio do Marabaixo e do Batuque, no cotidiano dos (as) educandos (as) e comunidade escolar, poderiam ajudar-lhes a atribuir “novo valor” a essa cultura e se orgulharem de serem herdeiros (as) dela.

Para tanto, esse *continuum* cultural não poderia permanecer sendo ensinado como “folclore” e somente em “datas pontuais” como o Dia do Folclore em 22 de agosto e o Dia Nacional da Consciência Negra em 20 de novembro. A cultura afroamapaense deve ser transformada em conteúdo programático valorizado dentro dos estabelecimentos de ensino de Macapá e incluído no Projeto Político Pedagógico das escolas locais, com a efetiva participação e diálogo entre professores (as), corpo técnico-pedagógico, gestão, educandos e seus familiares para a consecução desse projeto de formação coletivo construído com a ajuda de “várias mãos”.

Eu sempre realizei apresentações artísticas em escolas e universidades seguidas de debates, palestras em escolas e territórios quilombolas locais enfatizando a relevância da população amapaense de modo geral, valorizar a cultura negra local como conhecimento indispensável sobre a história individual/coletiva da população de nosso estado. Reconheço que apesar de relevante, minhas ações eram pontuais e precisavam ganhar uma amplitude maior. Não bastava ter uma boa idéia se não fosse posta em prática. Um dos meios que encontrei para propocionar alargamento as ações pontuais que eu já realizava, foi sair em busca de uma formação acadêmica continuada e direcionada para o universo de trabalho empírico que envolvesse as relações étnicas na educação amapaense, temática com a qual venho mantendo permanente envolvimento político e pragmático desde 2003. Ano em que submeti um projeto de pesquisa e consegui aprovação no processo seletivo para o financiamento de pesquisas com temas de interesse da população negra denominado de III Concurso Negro em Educação – promovido pela Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação – ANPED, Fundação FORD e Ação Educativa em São Paulo.

Esse concurso foi importantíssimo para a continuidade de meus estudos na Pós-Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará, porque durante um ano e meio passei por um processo amplo de formação acadêmica participando de seminários temáticos ministrados por intelectuais negros (as) e não negros que trabalham com temas relacionados a Educação Brasileira com recorte étnico racial. Além de ter recebido acompanhamento pedagógico de um (a) orientador (a) acadêmico com experiência em orientações de pesquisa em minha área de estudo, ligada a dança como expressão de arte de base africana direcionada à educação formal e, ainda a supervisão de um segundo profissional, também com formação na área, como mediadores eficazes para a minha formação acadêmica, profissional e política.

Desde 2003, portanto, estou trabalhando de forma mais sistemática na problemática das relações étnicas brasileira pesquisando sobre a dança de base africana como campo de conhecimento relevante para ser trabalhado pedagogicamente em âmbito escolar, especificamente a dança afrodescendente Marabaixo (temática que desenvolvi no trabalho de pesquisa do Mestrado, com o título “**Marabaixo, Dança Afrodescendente:** significando a identidade étnica do negro amapaense”. Esta pesquisa foi concluída no ano de 2005 junto a FAGED/UFC.

A realização do mestrado abriu novas possibilidades de aprofundamento sistemático da problemática que envolve a cultura de matriz africana e afrodescendente, conduzindo-me para uma nova problematização no percurso do doutorado, agora sobre a especificidade da educação em Quilombos, tema norteador da tese, articulada com a cultura local, principalmente com a manifestação de dança dramática e religiosa de cortejo afrodescendente denominada de Batuque. Esta dança assume relevância aqui por ser o símbolo da cultura do Quilombo do Cria-ú, “ambiente natural” de pesquisa.

Mergulhar nas águas dançantes do Batuque, sentindo-o e experienciando-o como uma manifestação cultural fortemente impregnada de traços afrodescendentes e repleto de africanidades, levou-me a dedicar atenção especial ao corpo do ser e do grupo dançante, sua expressividade, sua religiosidade, elementos herdados do tecido sociocultural, seus símbolos, seus valores, aspectos inerentes a sua condição ontológica e étnica de existir como corpo e negro no mundo.

Estas percepções sobre a educação em Quilombos e os elementos da cultura local do Quilombo do Cria-ú levaram-me a analisá-los e compreendê-los em sua forma de pensamento e prática social, apontando quais os conhecimentos presentes nesse *continuum*

cultural afroamapaense. Como desdobramento de tal objetivo geral, norteador do presente trabalho guiei-me nos campos de investigação com base nos seguintes objetivos específicos:

- ✓ conhecer a história e a cultura do Quilombo do Cria-ú e transformá-la em conteúdo pedagógico para ser trabalhado pelo professorado local em sala de aula;
- ✓ promover a formação da comunidade escolar do Quilombo do Cria-ú sobre o valor histórico, social e cultural dos Quilombos na história do Brasil e do Estado do Amapá;
- ✓ orientar o professorado da escola do Quilombo do Cria-ú, a produzir material didático-pedagógico com o referencial histórico e cultural quilombola contido no Batuque e Marabaixo;
- ✓ valorizar a cultura do Quilombo do Cria-ú na escola pelo viés do Batuque como afirmação positiva da identidade étnica e quilombola dos educandos;
- ✓ Analisar o conteúdo social e histórico presente nas danças de base africana nos territórios de maioria negra em Macapá, como aprendizado relevante sobre a ancestralidade afroamapaense.

Com base nesses objetivos desenvolvi a observação participante com proposições políticas e pedagógicas que corroboram com a construção da ressignificação étnica da (o) negra (o) amapaense no contexto do Quilombo do Cria-ú – lócus da pesquisa realizada nos anos de 2007 a 2009. Nesse período, concomitante a observação participante, fiz estudo exploratório no âmbito da escola situada no referido território quilombola, o qual permitiu constatar que a cultura quilombola do Cria-ú não era trabalhada como conteúdo escolar pela grande maioria do professorado local e mais, a maioria desconhecia essa cultura porque não se envolvia com os saberes da comunidade e não os enxergavam como elaboração de pensamentos e fonte de conhecimento relevante para serem transformados em conteúdos escolares. Com base nessa realidade do Quilombo foi necessário desenvolver a pesquisa-intervenção com a realização de seminários temáticos sobre relações étnicas e educação em Quilombos, bem como encontros semanais de formação com a finalidade de orientar professores (as) a trabalharem de forma interdisciplinar os aspectos da cultura do Quilombo em sala de aula.

Com base nesse referencial metodológico adotei como pressuposto teórico algumas categorias analíticas de autores como Anjos (2009), Cunha Jr. (2001; 2009), Nascimento (2007), Rasffetin (1993) e Santos (2002) que contribuíram para situar esta pesquisa-intervenção nos campos da afrodescendência como explicitação histórico-sociológica da existência de população negra, do território como construção social, da memória de negros moldada pelos fatos que compõem a cultura negra e do Quilombo – espaço geográfico de rica cultura material e imaterial.

Para Henrique Cunha Jr. (2001) a Afrodescendência deve ser compreendida como reconhecimento da existência de uma etnia de descendência africana. Esta etnia não é única, é diversa, não se preocupa com graus de mescla interétnica no Brasil, mas sim com a história.

O território nos possibilita entender os espaços geográficos enquanto espaço históricossocial ao constituir-se de um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade - espaço - tempo e por ser permeado de relações marcadas pelo poder. É na base territorial que tudo acontece, nesse sentido a terra, o terreiro, o território a territorialidade assumem grande importância dentro da temática da pluralidade cultural brasileira no seu processo de ensino, planejamento e gestão, principalmente no que diz respeito às características territoriais dos diferentes grupos étnicos que convivem no espaço nacional (ANJOS, 2009; RAFFESTIN, 1993; SANTOS 2002).

Preconizo que é possível apontar as especialidades das desigualdades socioeconômicas e excludentes que permeiam a sociedade brasileira, ou seja, um contato com um Brasil continental e por isso de matriz territorial complexa, multifacetada, cuja população não está devidamente conhecida, nem valorizada e que não pode ser interpretada de maneira simplista.

No que se refere as Memórias Negras e ou Memórias de Negros (as), Cunha Jr (2009) em seus argumentos, destaca que tais memórias em comunidades tradicionais e bairros negros tem uma característica particular. São moldadas pelos fatos das culturas de base africana. Tem haver com as comunidades que realizam as festas e formam um setor específico da memória coletiva, onde o eu e nós são pautados pelo fazer “militante” da participação em comunidade, grupos sociais e bairros que predominam as formas de socialização da cultura negra.

Sobre os Quilombos, Beatriz do Nascimento (2007, p. 63) anuncia que eles significam: a relação entre intelecto e memória, entre cabeça e corpo, entre pessoa e terra, correlação adequada para se interpretar a pessoa negra tentando restaurá-la do processo histórico de desumanização sofrido pelo tráfico transatlântico. Os Quilombos foram e ainda

são a possibilidade de reconstrução do ser negro, como parte de uma coletividade. Por tudo isso, o Quilombo representa um instrumento vigoroso no processo de reconhecimento da identidade negra brasileira para uma maior autoafirmação étnica e nacional.

O referencial teórico e metodológico mais a análise interpretativa dos dados qualitativos coletados com a pesquisa de campo ganharam contornos e movimentos distintos dentro da tese que constitui-se de cinco seções e as considerações finais. Na seção inicial intitulada *Os Primeiros Enlaces dessa Caminhada*, explico a trajetória da pesquisa e os contatos preliminares com os dois lócus de investigação, a Comunidade do Quilombo do Cria-ú e os segmentos da Escola Estadual José Bonifácio – localizada no próprio Quilombo. Descrevo, também os aspectos metodológicos da pesquisa pautados na Afrodescendência de natureza sociohistórica, o método da pesquisa participante e a utilização da técnica de coleta de depoimentos orais, entrevistas e observação do patrimônio material e imaterial presente no Cria-ú, bem como a descrição dos interlocutores da pesquisa.

Na segunda seção, *As Culturas dos Quilombos Afroamapaenses* apresento as diferenciações existentes nas culturas dos Quilombos afroamapaenses: os instrumentos, a música, o ritmo e a dança. O conteúdo dessa seção permitiu-nos identificarmos a matriz africana presente nas expressões culturais locais que é de origem *Bantu*, facilitando com isso o aprofundamento do estudo seguindo o que nos revelou esse achado da pesquisa.

Na terceira seção, *Cria-ú: Território Quilombola Amapaense* problematizo o processo de reconhecimento do Cria-ú como Área de Preservação Ambiental pelo governo do Amapá, de sua titularização como patrimônio material, imaterial e natural – Terra de Quilombo, apresento seus limites espaciais e as singularidades presentes nas feições de sua paisagem, descrevo o calendário afroreligioso e cultural realizado praticamente ao longo de todos os meses do ano na comunidade, analiso o Batuque do Glorioso São Joaquim – Padroeiro do Cria-ú, procurando compreender sua constituição ancestral em crenças e tradições antigas.

Na quarta seção: *A Escola do Quilombo do Cria-ú* faço uma descrição geral da escola: espaço físico, comunidade escolar: crianças, adolescentes, direção, secretária administrativa, responsável pela biblioteca, o corpo técnico-pedagógico, os (as) professores (as), os funcionários que prestam serviço à escola; e detalho o processo da pesquisa-intervenção realizada, destacando os resultados alcançados e os novos desafios sinalizados.

Na quinta e última seção: *Do Quilombo do Cria-ú à Educação* faço uma reflexão sobre a educação que deve ser ofertada em escolas localizadas em Quilombos.

Nas *Considerações Finais* reflito sobre a educação que deve ser ofertada em escolas localizadas em Quilombos e alguns achados à partir da realização da pesquisa-intervenção na Escola do Quilombo do Cria-ú.

1 OS PRIMEIROS ENLACES DESSA CAMINHADA

Como discorri na introdução, a longa caminhada para a escrita dessa tese começou com a minha história pessoal, escolar, militante, artística, profissional, completando-se como pesquisadora, na qual exerci um permanente diálogo com muitos corpos históricos e socioculturais por onde passei. Muitos passos foram dados seguidos de experiências distintas, algumas constrangedoras, outras desafiadoras e muitas felizes que lograram-me incontáveis aprendizados e crescimento humano, espiritual e intelectual.

É sobre essa trajetória cheia de rompimentos, desconstruções, reconstruções, encontros, desencontros carregados de muita emoção que compartilho com os (as) leitores (as) os movimentos desse trabalho que começou com a elaboração do projeto de pesquisa para a seleção do doutoramento ocorrida no mês de julho de 2007, na Faculdade de Educação/FACED, da Universidade Federal do Ceará/UFC para o Eixo Temático: Movimentos Sociais Educação Popular e Escola, Linha Teórica: Sociopoética, Cultura e Relações Inter-Raciais, sob a orientação do Professor Dr. Henrique Antunes Cunha Júnior que vem acompanhando-me nessa trajetória acadêmica desde o processo seletivo para a terceira edição do Concurso Negro e Educação em 2003.

De início no projeto de pesquisa tinha a intenção de acompanhar o cotidiano de três escolas da rede pública estadual de Macapá do ensino fundamental (5º ao 8º ano). Escolhi instituições escolares localizados em espaços geográficos com diferente densidade populacional de afrodescendentes. Outro critério adotado para a escolha dessas escolas foi o de que seus (uas) professores (as) tinham participado do “Curso de Formação em Africanidades e Afrodescendência na Educação”, realizado numa parceria entre o Ministério da Educação e Cultura - MEC/SECAD e a Secretaria Estadual de Educação – SEED/AP, a fim de implementarem a Lei de nº 10.639/03. Lei sancionada em 2003, que alterou a Lei nº. 9.394, de 20 de dezembro de 1996 – Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB) e, incluiu o ensino de História e Cultura Africana e Afrodescendente na Educação Brasileira.

Na primeira qualificação da tese realizada em 18 de agosto 2008, a banca examinadora sugeriu e foi aceita a sugestão de centrar a pesquisa em uma escola. Com essa sinalização foquei a pesquisa de campo referente ao contexto escolar na Escola Estadual José Bonifácio, localizada no Quilombo do Cria-ú porque possui um conjunto de peculiaridades significativas para a problematização do objeto de estudo da tese. Tais peculiaridades estão descritas detalhadamente na seção quatro do presente trabalho.

Para o desenvolvimento da pesquisa-intervenção fiz inicialmente como parte do estudo exploratório, entrevista em janeiro de 2008 com os (as) professores (as) da escola que ministravam aula nos componentes curriculares: artes, ensino religioso, história, geografia e com o corpo técnico-pedagógico para dialogarmos de maneira mais frequente sobre suas percepções e valorização do *continuum* cultural do Cria-ú em seus planejamentos escolares. Objetivando perceber também como esses professores estavam trabalhando pedagógica e didaticamente a implementação da Lei nº 10.639/03 e se as expressões da cultura afroamapaense estavam presentes em sua práxis educacional.

Após a conclusão das entrevistas com professores (as) e corpo técnico-pedagógico, realizei a transcrição e analisei o material coletado. Com as informações obtidas, passei para uma nova fase de pesquisa que se consistiu em selecionar entrevistados (as) entre os (as) moradores (as) mais antigos do Cria-ú. Nesta escolha contei com a ajuda de minha mãe, Maria da Conceição Lino Videira e de minha irmã, Maria do Socorro Lino Videira. Esta última, sendo professora da Escola Estadual José Bonifácio a vários anos, atualmente responsável por sua biblioteca, nessa fase da pesquisa assumiu um papel relevante como mediadora entre a pesquisadora e a comunidade.

Em 23 de setembro de 2008 visitei outra vez o Quilombo, junto com minha mãe e irmã. Procuramos os selecionados para a pesquisa a fim de explicar-lhes o motivo do trabalho. Pela simpatia, calor humano, afetividade e proximidade de minha irmã com as pessoas de todas as faixas etárias dentro do Quilombo do Cria-ú e também da escola, considerei importante estar acompanhada e credenciada por ela para aproximar-me da comunidade local. Muito embora, algumas delas conheçam-me e sejamos parentes consanguíneos pela falta de intimidade e convívio recorrente dado ao tempo que estive fora de minha cidade estudando, senti uma leve intimidação inicial com a minha presença que logo foi superada. .

A presença de minha mãe, nesse primeiro contato com seus/meus conterrâneos do Cria-ú deixou-me mais à vontade e facilitou a minha intenção com a pesquisa, explicada cuidadosamente a todas as pessoas com quem dialogamos. Enfatizei, sobretudo, que não era uma pesquisa somente objetivando recolher conhecimentos da comunidade com fim único de escrever uma Tese de Doutorado, mas sim, de coletivamente ensinar e ter a oportunidade de aprender mutuamente. Potencializar o aprendizado de todos, estando latente, também, a melhoria da formação oferecida pela comunidade e pela escola aos educandos (as) aquilombados (as). A partir desses procedimentos adotados consegui aos poucos estabelecer conexões com a memória, o território, a cultura e a ancestralidade africana, afrodescendente e

afroamapaense dos (as) habitantes do Cria-ú, minifestos por meio de mitos, símbolos e na natureza do lugar.

A minha apresentação aos informantes da investigação feita por minha irmã em alguns momentos e, em outros por minha mãe, sempre se referindo aos nossos familiares demonstrando que somos parte do lugar, e outras por mim mesma, foi sempre com o intuito de evidenciarmos o respeito que tínhamos em pertencer de algum modo àquele território. Falei sobre a pesquisa com suas intenções e desdobramentos desejáveis, sempre sobre o olhar atencioso das pessoas. Ter minha mãe conosco foi um momento muito especial para nós três visto que pudemos rever juntas parentes e amigos.

Minha mãe quase sempre calada apresentou-se como falante e perguntadeira sobre seus parentes e amigos (as) de infância e adolescência. Vi o quanto lhe foi cara a visita ao Quilombo do Cria-ú, porque abriu-se a possibilidade de saber sobre si, buscando conhecer sobre seus parentes e principalmente sobre sua mãe, Emídia Lina do Espírito Santo, que ela perdeu quando tinha dois anos de idade e nós seus descendentes sequer tivemos a oportunidade de conhecermos sua face por meio de uma fotografia.

Mamãe não recorda da fisionomia e sequer possui lembrança vaga de como era a vovó. As características que ela menciona sobre sua genitora, lhe foram relatadas por seus irmãos, Marco Lino do Espírito Santo e Antônio Lino do Espírito Santo, quando estes ainda eram vivos, e suas primas/irmãs de convivência desde a infância até a idade atual. Seus olhos brilhavam de felicidade. Seu contentamento transbordante a deixou com o semblante sereno e de alegria permanente por meio de um sorriso frequente e terno na face. Minha irmã sempre se apresentava à conversa, intervinha dando palpite e também querendo saber mais de nossa família. Era um momento de reencontro com nosso passado, agora renascendo.

Ter visitado o Quilombo do Cria-ú na companhia de minha mãe e irmã com a intenção primeira de pesquisa, outras vivências e conhecimentos foram sendo possibilitados com a exploração antropológica do campo. Destaco aqui, o reencontro de nós três com nossas raízes genealógicas ou de parentescos consangüíneos como momento rico em emoções, revelador, alegre e triste para todas. Em razão desta visita fiquei a rememorar o que está expresso na literatura produzida por intelectuais africanos e afrodescendentes (ANJOS, 2009; CUNHA Jr., 2009; RODNEY, 1975; KARASH, 2000), ao enfatizar que nós negros (as) em África e afrodescendentes da diáspora tivemos o nosso direito à história e passado negados pelo racismo e exploração capitalista. Mesmo as abordagens marxistas centradas no eurocentrismo perpetuam esta negação. Os (as) opressores (as) utilizaram várias formas de

violência contra nós e uma das mais dolorosas foi tentar apagar quem somos com o intuito de destruir o capital material e imaterial que nos revela como seres humanos em sua totalidade.

Portanto, desenvolver esse estudo, tendo como lócus da pesquisa de campo o Quilombo do Cria-ú é conquistar o direito a história e ter a responsabilidade de escrevê-la procurando eliminar as máculas, achismos, preconceitos, estereótipos sobre o território de Quilombo e seus habitantes afrodescendentes. Essa possibilidade é real e concreta porque falo de dentro desta parcela da população, imersa e amparada por minha própria história individual/coletiva, cultura e ancestralidade que re-liga-me a minha própria humanidade garantindo-me o direito de ser e existir no mundo.

E ainda, fazendo-me entender que devo respeitar as vozes dos (as) antigos (as) e a sabedoria que neles (as) repousa como autores (as) dessa escrita coletiva onde a minha função é registrá-la com acuidade em permanente estado de escuta sensível, percebida e exercitada como instrumento metodológico de trabalho. Para a autora Dowbor (2008) “ o educador (investigador) tem condições de realizar uma leitura mais adequada sobre as necessidades daquele a quem educa se aprender a escutar o corpo do outro que está relacionado ao aprendizado do diálogo”. Sem escuta não existe diálogo. O diálogo requer troca, requer espaço interno, curiosidade amorosa e disponibilidade para o outro (DOWBOR, 2008). Mediada pelo diálogo com meus interlocutores consegui teorizar e criar conceitos para possibilitar a compreensão sobre o território de onde falo na pesquisa caracterizado abaixo.

1.1 GEOGRAFIA DO QUILOMBO DO CRIA-Ú

A comunidade quilombola do Cria-ú é constituída pelas Vilas de Cria-ú de Fora e de Cima e do Cria-ú de Dentro e de Baixo, localizadas dentro da Área de Proteção Ambiental do Rio Cria-ú (APA do Rio Cria-ú), situada a 10 km norte da cidade de Macapá, município de Macapá, entre os paralelos 00o 00' N e 00o 15'N, sendo cortada pelo meridiano 51o 00' W. Seus limites são: a Leste, Rio Amazonas; a Norte/Nordeste, o Igarapé Pescada e o ramal que liga a EAP-070 a BR-210; a Oeste, a estrada de ferro do Amapá e ao Sul, uma linha seca de latitude 00o 06'N (FACUNDES & GIBSON, 2000).

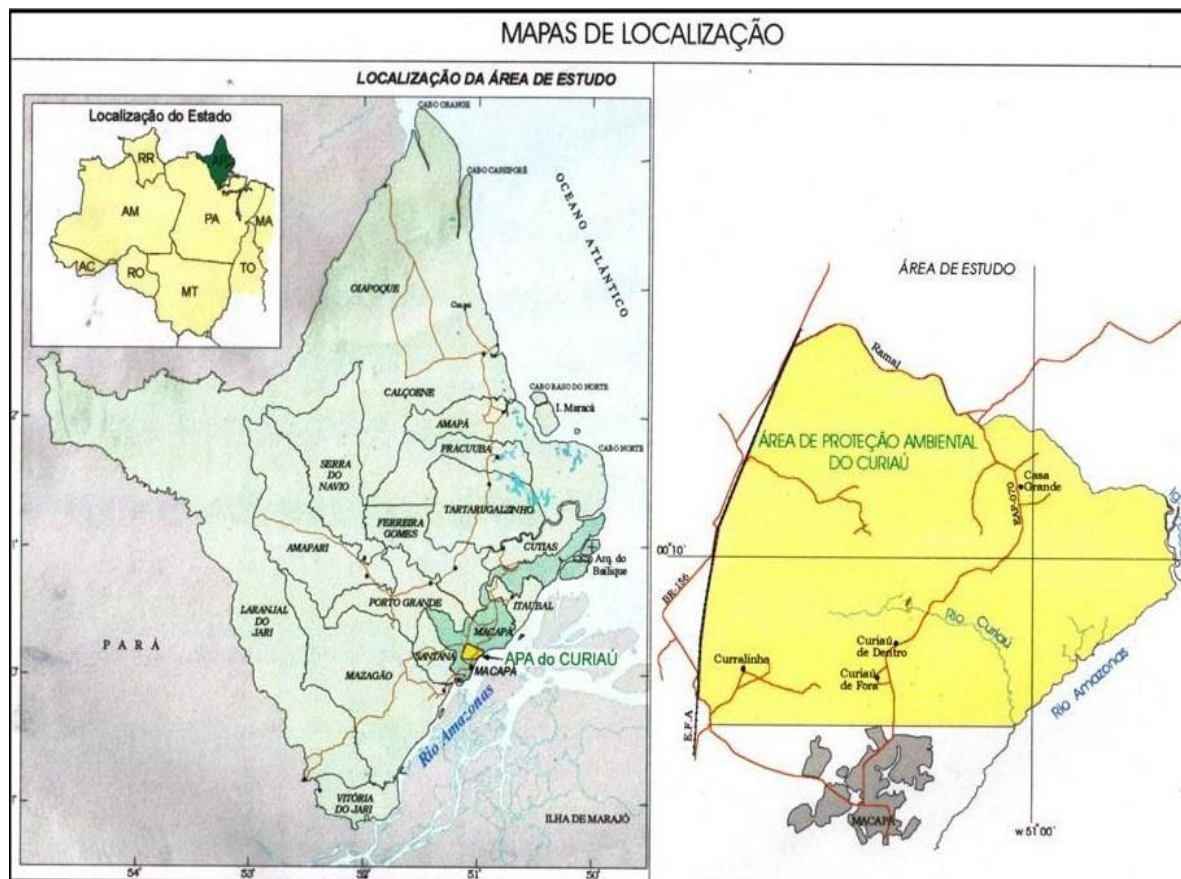


FIGURA 1: Mapa de localização da área de estudo - Vilas de Cria-ú de Dentro e de Baixo e Cria-ú de Fora e de Cima. Macapá-Ap, Brasil.

O acesso a comunidade é feito de duas maneiras: via terrestre, através da BR-210 e a EAP-070, que constitui a principal via de ligação com as comunidades do Cria-ú de Dentro e Cria-ú de Fora, e, a via de acesso fluvial que é representada pelo Rio Cria-ú, que corta a APA no sentido leste/oeste (FACUNDES; GIBSON, 2000).

Clima

De acordo com a classificação de Koopen, o clima da área é do tipo Af, clima tropical úmido, caracterizada principalmente por uma elevada taxa pluviométrica anual, aliada à pequena amplitude anual de temperatura (SUDAM, 1984). A temperatura média anual é em torno de 27°C, sendo que a temperatura máxima fica em torno de 31°C e a temperatura mínima em torno de 23°C. A precipitação média anual é de 2.500 mm, e o trimestre mais seco ocorre nos meses de setembro, outubro e novembro, e o mais chuvoso nos meses de março, abril e maio. A umidade relativa anual é em torno de 85%, insolação média anual é de 2.200 horas. Os ventos predominantes são os alíseos do hemisfério norte, que sopram com direção nordeste (SUDAM, 1984).

Solo e relevo

Na APA do Rio Cria-ú são encontrados três grandes grupos distintos de solos que são o Latossolo Amarelo, Solos Hidromórficos e Solos Aluviais (FACUNDES e GIBSON, 2000).

Latossolo Amarelo:

Esse tipo de solo ocorre predominantemente nos domínios do ecossistema de cerrado. Representa 44,22% da APA, correspondendo a 9.834,28 hectares de sua superfície, estando associado a relevo plano, suave ondulado a ondulado. Os Latossolos Amarelos são solos minerais, não hidromórficos e bem drenados, possuem altos teores de ferro, compreendendo solos muito profundos, ácidos, friáveis, com classe textural variando de média a muito argilosa. Apresenta uma fertilidade natural baixa. Desta forma, são solos que apresentam fortes restrições a práticas agrícolas que empreguem um baixo nível tecnológico (FACUNDES e GIBSON, 2000).

Gleys pouco Húmicos

Os Gleys pouco Húmicos são solos hidromórficos que ocorrem nos ambientes da floresta de várzea e nos campos inundáveis com pequena variação de um ambiente para outro. Representam 43,47% da superfície da APA. O solo Hidromórfico Gley pouco Húmico (HGPe1), ocorrem na floresta de várzea e o Gley pouco Húmico (HGPe2), ocorre nos campos inundáveis. Os solos gleys, em oposição aos latossolos, apresentam forte impedimento à drenagem vertical em decorrência da alta concentração de argila e silte. Está constantemente sob processo de sedimentação, decorrente do regime de inundações constantes das planícies aluviais. Apresentam boa fertilidade e em condições naturais são mais apropriados para a cultura do arroz e de pastagens naturais. Esse tipo de solo está associado ao relevo plano de várzea. (FACUNDES e GIBSON, 2000).

Solos aluviais

Esse tipo de solo ocorre no ambiente da mata de galeria. Com um percentual de 6,06%, representa uma das menores fatias dos tipos de solo na APA. Os solos aluviais são solos minerais, pouco desenvolvidos, hidromórficos ou não, formados de sedimentos aluviais recentes, que são depositados periodicamente durante as inundações ou trazidos de áreas

próximas pelas águas pluviais. Na APA, predominam os solos aluviais eutróficos, com boa fertilidade. O relevo é plano (FACUNDES e GIBSON, 2000).

Geologia

As formações geológicas da região da APA correspondem à Era Cenozóica, com datação aproximada de 65 milhões de anos, sendo definidos a partir de dois períodos que são o Terciário e o Quaternário (FACUNDES e GIBSON, 2000).

Hidrografia

A bacia hidrográfica do rio Cria-ú mede aproximadamente 584,47 km², das quais, cerca de 40%, encontra-se dentro dos limites da APA. O regime das marés quanto os pluviais são os responsáveis pela influência de alimentação desse sistema hidrográfico. A região central da APA é cortada pelo igarapé Cria-ú do meio, que percorre grande extensão dos campos alagados, sendo no verão quando se tem uma redução significativa da área drenada, a única via de transporte fluvial daquela localidade. Durante o período chuvoso, as águas da chuva alagam totalmente os campos permanecendo assim grande parte do ano. (CHAGAS, 1997). Ao longo de seu percurso, o rio Cria-ú atravessa as áreas de campos inundáveis percorrendo 4,5 km dentro da floresta de várzea até desembocar no rio Amazonas. (FACUNDES e GIBSON, 2000).



FIGURA 2: Rio Cria-ú - principal canal de drenagem da APA do Cria-ú, em período de estiagem.
Foto: Raullyan Borja (2000).

Cobertura vegetal

A APA do Rio Cria-ú apresenta três ecossistemas predominantes: Cerrado, Campos Inundáveis e a Floresta de Várzea. Também são encontrados dispersivamente na área as Matas de Galeria, Ilhas de Mata e Lagos Permanentes.

O Cerrado

Segundo Rabelo e Chagas (1995), o ecossistema cerrado é de natureza campestre, marcado pela presença de uma vegetação xeromórfica, fortemente oligotrófica, destacada por um estrato arbustivo-arborescente, composto por indivíduos tortuosos, suberificados e de folhagem coriácea.



FIGURA 3: Fisionomia do ecossistema Cerrado.
Foto: Piedade Videira – retirada em 25.04.2009

Segundo o Relatório da Primeira Aproximação do Zoneamento Ecológico Econômico: o cerrado do Amapá apresenta-se com características comuns ao bioma do Brasil central, acrescidas de outras, que lhe confere particularidades, principalmente, no que diz respeito aos seus padrões florísticos. Na APA do Rio Cria-ú, o cerrado distribui-se em toda a sua porção oeste, envolvendo os Campos de Várzea, Matas de Galerias e Ilhas de Matas. Ocupa uma área de 43,31% da área total da APA, sendo desta forma o ecossistema de maior representatividade dessa unidade de conservação (FACUNDES e GIBSON, 2000).

O estágio de preservação desse ambiente é apenas parcial, pois ao longo de sua distribuição, observam-se níveis de perturbações antrópicas (CHAGAS, 1997). Na composição florística do cerrado na área, encontra-se duas estratificações principais: o estrato arbóreo-arborescente, constituído por poucas espécies lenhosas fisionômica e morfológicamente características da vegetação de cerrado, e o estrato herbáceoarbustivo, que se apresenta de maneira densa, com uma dinâmica vegetativa profundamente influenciada pelos atos de queimadas e momentos estacionais da região (CHAGAS, 1997). Seus

representantes vegetais mais importantes são bate-caixa (*Salvertia convalaeodora*), sucuúba (*Himathanthus articulata*) e caimbé (*Curatella americana*), Mangaba (*Hanchornia speciosa*) e Barbatimão (*Ouratea hexasperma*).

A floresta de várzea

No Amapá, esse ecossistema ocupa 4,8% do Estado. Na APA do Rio Cria-ú ele representa 20,83%, cobrindo uma área de 4.632,71 hectares, distribuídos numa faixa de orla fluvial de aproximadamente 5 km de largura no sentido sul/nordeste (FACUNDES e GIBSON, 2000).

Esse ecossistema apresenta duas características de fácil observação. Uma é a condição de inundação, ocasionada principalmente pela variação das marés, fazendo com que haja uma renovação constante de nutrientes, provenientes do sistema de descarga da foz do rio Amazonas. Outra característica é a riqueza de palmeiras, em destaque o açai (*Euterpe oleracea*).

Esse ecossistema abriga espécies vegetais nobres, como: a andiroba (*Carapa guianensis*), a macacauba (*Platymiscium sp.*), o pau-mulato (*Calicophyllum spruceanum*), o cedro (*Cedrela odorata*) e a virola (*Virola surinamensis*), que são muito usados para a confecção de móveis e na construção civil (FACUNDES e GIBSON, 2000).

Devido a sua importância como fonte de recursos naturais extrativos, esse ecossistema na APA está bastante modificado do ponto de vista ambiental. Além da exploração seletiva de madeira que vem sendo praticado há anos, causando entre outros danos, o empobrecimento da biodiversidade vegetal, outro problema, ainda mais grave, vem intensificando-se nesse ambiente: parte considerável da floresta já foi posta abaixo para a formação de pastos artificiais para a criação de gado.

Os campos inundáveis (campos de várzea)

São áreas geologicamente recentes, representativas dos campos de planícies do Amapá, que corresponde aos locais de influência fluvial do rio Cria-ú e canais de drenagens (CHAGAS, 1997). Os campos inundáveis possuem uma área total de 5.007,93 hectares, representando 22,51% da APA. (Figura 4 e 5).

Fisicamente, os campos inundáveis correspondem às áreas deprimidas das várzeas que também são submetidas à inundação periódica. Os campos de várzea ou campos inundáveis são ambientes que têm seu regime de inundação intimamente relacionado aos

níveis de precipitação das chuvas anuais. (FACUNDES e GIBSON, 2000). Sua flora é caracteristicamente herbácea, ocupando uma área de 4.555,69 hectares, onde as macrófitas aquáticas predominam, mas existe uma pequena parcela próximo ao Igarapé Pescada com vegetação arbustiva-herbácea (452,24 hectares), onde a espécie predominante é o aturiá (*Machaerium lunatum*).

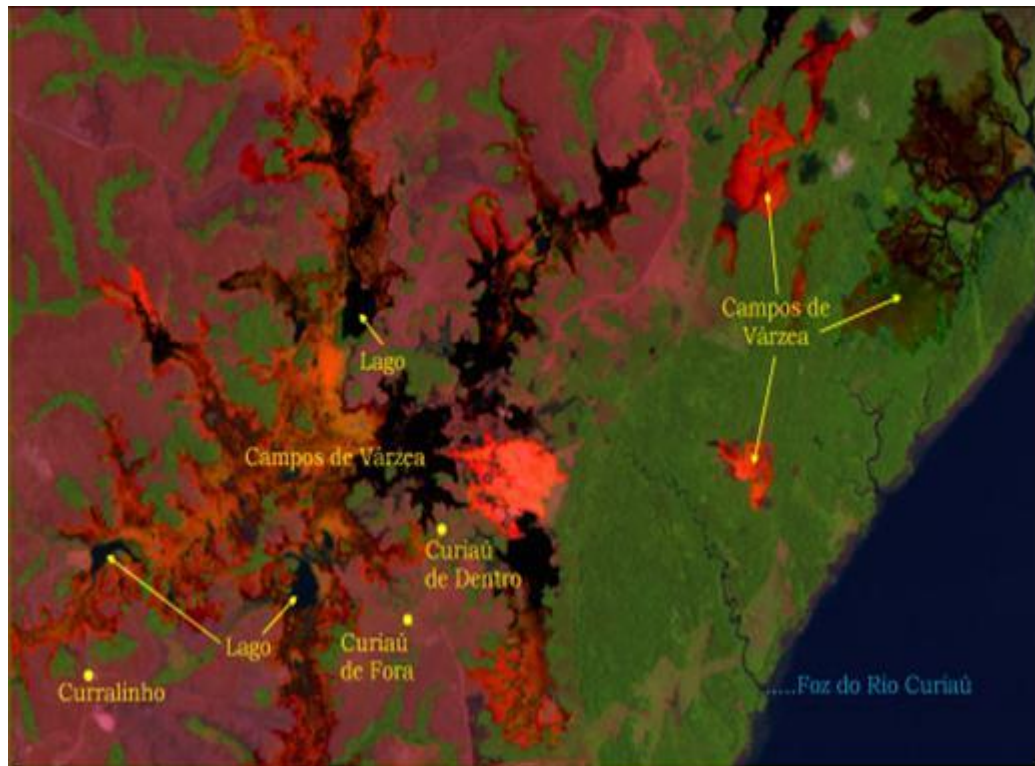


FIGURA 4: Campos de Várzea da APA do Cria-ú.
Fonte: Satélite Landsat (1995).

Matas de galeria

Esses ambientes têm como principal característica a presença de nascentes e cursos d'água. Na APA do Cria-ú, as matas de galerias são de pequeno a médio porte, nas maiores circunscritas às veredas de buritizais (*Mauritia flexuosa*), formas pioneiras das referidas matas de galerias, e representam 6,16% da APA, possuindo uma área de 1.369,59 hectares.

Desempenha um papel importante na proteção das nascentes dos cursos de água, evitando, entre outras coisas o assoreamento dos mesmos e garantindo a boa qualidade da água. Outro papel importante que justifica a proteção e a conservação desse ecossistema, refere-se a sua condição de servir de *habitat* natural e refúgio para várias espécies da fauna regional e migratória (FACUNDES e GIBSON, 2000). Esse ecossistema na APA do Curiaú, de uma maneira geral, apresenta pouco indício de perturbação antrópica.

As ilhas de mata

As ilhas de mata são áreas de fisionomia florestal que se manifestam isoladamente, ora nos domínios do ecossistema cerrado, ora nos chamados “tesos” dos domínios dos campos inundáveis, e representam 6,47% da APA, cobrindo uma área de 1.437,88 hectares. Por se manifestar na maioria das vezes de forma isolada, esse ambiente torna-se vulnerável a qualquer tipo de uso ou exploração (FACUNDES e GIBSON, 2000). (Figura 5).

A sua flora apresenta traços de identidade tanto com as florestas de várzea como as da terra firme, mas apresenta baixa densidade florística, tendo as espécies heliófilas ocupando um lugar de destaque, seja nos estágios de sucessão ou até mesmo fazendo parte de áreas estruturalmente bem formadas (CHAGAS, 1997). Essas áreas são usadas para a exploração de madeira e para a agricultura, principalmente para o cultivo da mandioca (*Manihot esculenta* Crantz), e em consequência já tem de área alterada 169,67 hectares, o que representa 11,80% do total.



FIGURA 5: Ecossistemas da APA do Curiaú - Cerrado, Campos de Várzea e Ilhas de Mata.
Fonte: Facundes e Gibson (2000).

Fauna

A área do Cria-ú por apresentar características singulares que condiciona a existência e formação de *habitats* e nichos ecológicos variáveis tanto em origem quanto em extensão, é determinante para a presença de uma fauna representativa e variada. O Cerrado com suas Ilhas de Mata, apresenta uma ornitofauna típica para cada ambiente, onde a ordem Passeriformes está muito bem representada. Ainda neste ambiente existem os animais de médio porte, representados principalmente por roedores e répteis (CHAGAS, 1997).

Nos Campos Inundáveis, juntamente com seus igarapés e canais de drenagem, desenvolve-se uma ictiofauna bastante diversificada e muitas dessas espécies é que constituem a base alimentar dos moradores de Curiaú, como: a Traíra (*Hoplias malabaricus*), o Jejú (*Hoplerythrinus unitaeniatus*), o Tambaqui (*Colossoma macropomum*), o Tamoatá (*Hoplosternun sp.*), o Aracú (*Leporinus sp.*), e o Tucunaré (*Cicha ocellaris*), entre outros (CHAGAS, 1997).

Atividades sócio-econômicas

Segundo Martin (1995), a comunidade de Cria-ú tem um enraizamento histórico camponês, com seu modo de vida e práticas culturais. A atividade moderna desenvolvida na cidade de Macapá pelo trabalho organizado teve pouco peso, não chegando a provocar um engajamento considerável dos moradores de Cria-ú nas atividades urbanas (MARTIN, 1995). Muito pelo contrário, grande parte dos que desenvolvem suas atividades na capital, procuram de alguma forma conciliar seu tempo para poderem trabalhar na agricultura e na pecuária.

Agricultura

A comunidade do Cria-ú vive basicamente da agricultura de subsistência extensiva, atividade que, praticamente, apenas satisfaz às necessidades básicas da sua alimentação. Utilizando-se de técnicas primitivas e rudimentares, limitando o cultivo a pequenas áreas. Para a limpeza do terreno é feita a derrubada e posterior queimada e o preparo do solo com enxadas, o que acarreta o mal aproveitamento dos recursos do solo, e esgotando-o em pouco tempo (FACUNDES e GIBSON, 2000).

A atividade agrícola consiste principalmente no cultivo da mandioca para a produção de farinha e no de hortaliças em pequena escala. Esse último é desenvolvido em áreas sob a influência de várzea e em cerrado, com o uso de técnicas envolvendo adubação mineral e orgânica, irrigação e defensivos.

Pecuária

A criação de gado bovino está identificada com a história de ocupação de Cria-ú e os moradores sempre dispuseram de algumas cabeças. Essa pecuária é um complemento da agricultura (MARTIN, 1995).

A criação bovina é uma das principais atividades desenvolvidas no Cria-ú e é praticada por pequenos criadores principalmente com a criação extensiva de búfalos, mas também há a criação de gado bovino, de porcos e de cavalos, se bem que em menor escala. A pastagem utilizada é eminentemente natural, aproveitando-se das áreas de campos inundáveis que, além de abundantes, oferecem boas condições de forragens e baixos custos de manutenção.

Extrativismo

O extrativismo representa um papel muito importante no regime alimentar das comunidades do Cria-ú sendo a pesca uma das suas principais atividades, juntamente com a extração seletiva de madeira e coleta do açai (*Euterpe oleracea*) nos ambientes de floresta de várzea. De forma menos significativa, tem-se a utilização da andiroba (*Carapa guianensis*) para a produção de óleo e coleta de outras espécies frutíferas próprias da várzea. No cerrado, são utilizadas várias espécies como ervas medicinais (FACUNDES e GIBSON, 2000).

A caça nas matas de Cria-ú já foi abundante, mas hoje com a proximidade da cidade e a própria pressão nas zonas de caça, promovidas em escala alta por caçadores vindos principalmente de Macapá, e também pela legislação ambiental, levou a atividade a sair da área de prioridade dos moradores para conseguir proteína animal.

1.2 OS PRIMEIROS CONTATOS COM OS CAMPOS EMPÍRICOS DE PESQUISA: O QUILOMBO DO CRIA-Ú E A ESCOLA ESTADUAL JOSÉ BONIFÁCIO

As minhas raízes ancestrais maternas são do Cria-ú, por isso a minha ligação com esse Quilombo transcende ao tempo presente. Devido a militância nos Movimentos Negros locais sempre participei de reuniões dentro do Quilombo do Cria-ú. Fiz também apresentações junto com a Companhia de Dança Afro Baraka, da qual sou idealizadora e facilitadora em dança, em eventos culturais e artísticos no período da realização do “Macapá Verão” – evento de lazer e entretenimento realizado em todos os balneários da capital Macapá, incluso o Cria-ú, promovido pela Prefeitura Municipal com apoio do governo do Estado, sempre no mês de

julho como marca simbólica do período de veraneio no Amapá. Outros momentos de visita ao Quilombo, estão associados às minhas idas para lazer e entretenimento nos finais de semana e feriados, bem como acompanhando pessoas que vão à Macapá e tem interesse de conhecê-lo. Por fim, participo assiduamente das festas tradicionais como o Batuque e o Marabaixo, realizadas ao longo de praticamente todos os meses do ano dentro desse território quilombola.

O Cria-ú sempre suscitou-me desejo imenso de realizar alguma pesquisa por ser um patrimônio material, imaterial e natural extraordinariamente rico em saberes, culturas, memórias, histórias, belezas de sua/minha gente, ecossistema, conflitos, necessidades de infraestrutura e melhoria em todos os serviços públicos oferecidos pelo poder público municipal e estadual. Este território quilombola, também desperta curiosidade e inquietação por ser um lugar de feição misteriosa em virtude das energias míticas que lá circulam, sendo estas definidoras de tradições e costumes temidos e seguidos pelos quilombolas. Infelizmente, para muitos visto só pela beleza natural e possibilidade de divertimento.

No ano de 2003, por ocasião do desenvolvimento da programação comemorativa ao Encontro dos Tambores e Semana Amapaense da Consciência Negra, na qual eu coordenava uma das equipes de trabalho da secretaria do evento, fui procurada pela professora Irene Bonfim, responsável pelo corpo-técnico do turno da manhã da escola do Quilombo. O motivo de sua visita foi relatado dizendo-me que “as crianças do Cria-ú não gostam de serem negras”. Reforçando por meio de sua fala dizendo-me “preciso de ajuda para enfrentar o problema”. Informações, referencial teórico e orientações para o desenvolvimento de um trabalho pedagógico na escola que possa ensiná-las a se orgulharem de si e de onde são. A professora Irene Bonfim disse-me ainda que estavam tentando enfrentar a situação na escola dentro de suas limitações, mas não sabiam muito bem como trabalhar de maneira mais eficaz a cerca desse problema.

A integrante do corpo-técnico pedagógico da escola apresentava um problema do qual a literatura nos diz que para ajudarmos as crianças negras nas escolas a construírem positivamente sua identidade étnica é indispensável que a “discussão teórica e conceitual sobre a questão racial esteja acompanhada da adoção de práticas concretas”, como propõe (GOMES, 2001, p. 143).

Na oportunidade fiquei conhecendo o “Projeto Questão de Pele” desenvolvido pela escola naquele ano. Foi-me solicitado de que maneira eu poderia ajudar a realizar algumas atividades deste projeto, incluindo-as dentro da programação do Encontro dos Tambores

daquele ano que foi realizado em parceria com órgãos governamentais, municipais e Movimentos Sociais Negros da capital e da zona rural do Estado do Amapá.

Portanto, essa foi à porta de entrada ao Quilombo do Cria-ú e à escola da comunidade, por meio da educação e cultura para a significação positiva da identidade étnica das crianças do Quilombo. A partir de então comecei analisar calmamente os lócus de investigação e certificar-me de que eram excelentes contextos de pesquisa e fonte de conhecimento, ainda não estudados.

A pesquisa que propus-me a realizar precisava de parcerias dentro e fora da escola para ser bem sucedida como pressupõe as Diretrizes para a Implementação da Lei nº 10.639/03. E principalmente a participação do corpo- técnico, professores, educandos e direção da escola como sujeitos e propositores para o enfrentamento do problema, anterior apresentado, que com a minha colaboração ganhou reforço na escola e que se configurou nesta pesquisa aqui relatada.

1.3 OS PRIMEIROS PASSOS DESSA CAMINHADA RUMO À ESCOLA DO QUILOMBO DO CRIA-Ú

Para conhecermos o presente é necessário olharmos o passado, para conhecermos o futuro é necessário conhecer o passado e o presente. A nossa ação deve basear-se na nossa experiência concreta, e não devemos nos deixar embalar por desejos e esperanças metafísicas [...]. (RODNEY, 1975, p. 418).

Nos anos de 2004-2005 após ter realizado a pesquisa de mestrado onde estudei a participação da comunidade negra do Bairro do Laginho no Marabaixo, uma herança ancestral dos antepassados africanos, afrodescendentes e afroamapaenses que significava positivamente para a identidade étnica dos (as) mantenedores (as) dessa tradição local. Na conclusão do trabalho foi sugerido pela banca examinadora que continuasse a investigação no doutorado. Acatada e guardada a sugestão, o passo seguinte foi a escrita de um novo projeto de investigação para o doutoramento, mas que precisava ser cuidadosamente construído, enquanto a aplicação prática dos achados da pesquisa de mestrado nas escolas de Macapá apresentava-se como urgente.

A Banca Examinadora do Mestrado, face a relevância para a história, cultura e educação amapaense da pesquisa realizada, a indicou para publicação. Encaminhamento importante para que seus achados pudessem cumprir seu fim de educar pessoas e auxiliar aos

professores sobre como implementar a Lei nº 10.639/03 a partir do Marabaixo no cotidiano escolar de Macapá. Outro achado importante da pesquisa foi que os (as) partícipes do Marabaixo não só remetem a origem dessa tradição secular a seus ancestrais africanos e afrodescendentes e se orgulham de si, dos seus antepassados e de terem recebido essa herança, como também têm plena consciência da tensa relação racial existente no Brasil, evidenciando a violência brutal que o racismo à brasileira os acometem enquanto negros (as) diariamente, inclusive em território amapaense.

A partir desse momento comecei a problematizar como a cultura afroamapaense poderia estar presente no contexto escolar amapaense? Qual é o juízo de valor que os (as) educadoras (es) e técnicos, direção e comunidade escolar construíram sobre o Marabaixo e o Batuque? Qual é a percepção que eles têm sobre essas culturas afroamapaenses? O que conhecem delas e sobre elas? Quais referenciais positivos de identidade étnica se afirmam por meio dessas danças? Qual é o lugar que a cultura afroamapaense ocupa na formação intelectual, moral, espiritual e humana de nossos educandos? Como ajudar na construção de seres humanos menos preconceituosos e racistas por meio da cultura afroamapaense? Como aproveitar o que propõe a Lei Nº 10.639/03 para ensinar aos educadores, gestores, acadêmicos, educandos e comunidade em geral, uma nova visão em relação à cultura afroamapaense e os inúmeros aprendizados que ela possibilita sobre a história e cultura local e de nossos ancestrais africanos e afrodescendentes?

Após o grande número de indagações, chegou o momento de estudar à Escola José Bonifácio e buscar as respostas para todas essas perguntas conhecendo “por dentro” e no cotidiano a realidade dessa escola e de sua comunidade, o que deu-me subsídios para propor, o desenvolvimento do trabalho didático-pedagógico-interventivo a partir da cultura do Cria-ú como meio de significar positivamente a identidade étnica do educando negro e ao não negro oportunizar conhecer a cultura negra como portadora de sentidos e significados importantes para o conhecimento deste sobre a diversidade dos seres humanos e suas contribuições relevantes para a humanidade e, principalmente para a sua cultura. Mais uma vez a sugestão da banca examinadora foi importantíssima para ajudar a restringir o campo de pesquisa escolar que antes apresentava três escolas em bairros e contextos sociohistóricos distintos, mesmo dentro da mesma geografia da cidade de Macapá.

O Quilombo do Cria-ú foi escolhido devido ter ligações familiares com o bairro do Laguinho, portanto sendo uma extensão da pesquisa anterior. A escola do Quilombo do Cria-ú foi a selecionada por estar localizada dentro de uma fonte inesgotável de pesquisa, o próprio Quilombo do Cria-ú e ser responsável pela formação escolar de educandos (as) da

comunidade e de fora dela como evidenciado nos capítulos seguintes. Outra que é uma demanda atual do Estado do Amapá e do Brasil, o estudo da educação em Quilombos.

Eu não poderia mudar o contexto de 2003, quando fui procurada pela Irene Bonfim, técnica-pedagógica da escola do Cria-ú, preocupada com as crianças da escola que não gostavam da cor da pele que tinham. Mas, no presente, com a possibilidade de estar diretamente dentro do cotidiano da escola e poder ajudar a potencializar as iniciativas existentes de discussão da educação, em colaboração com a comunidade escolar, criamos um fértil caminho para que possamos semear e quiçá colher mais frutos de nosso trabalho de autoconhecimento, autoavaliação e orgulho de nossas heranças africanas. No futuro procurei junto com a comunidade do Quilombo repensar a história, a cultura e as heranças ancestrais africanas e afrodescendentes, a partir do contexto local, como ensinamento de vida que as crianças e adolescentes passariam a ostentar no futuro. Estes propósitos deixavam-me bastante motivada e desejosa de envolver-me tão profundamente nesse trabalho de pesquisa-intervenção.

A pesquisa de mestrado indicou a importância para à comunidade do reconhecimento da força das tradições negras. Essas marcas culturais não significam desigualdades sociais, nem tampouco inferioridade cultural, são portanto, referenciais étnicos, culturais, identitários e religiosos da sociedade brasileira que é formada por pessoas que pertencem a grupos étnicos distintos. O mesmo se dá para o cotidiano do Cria-ú. Essa percepção da força das tradições negras presentes no cotidiano da comunidade do Cria-ú precisa, contudo, estar dentro do Projeto Político Pedagógico, do Currículo e ser transformada em metodologia educacional valorizada pela escola. Considerei relevante enfatizar que o trabalho da escola objetivando potencializar a cultura afroamapaense, já existia, com a minha orientação foi re-elaborado, ampliado e tem promovido mudanças no ambiente escolar.

Constatarei numa abordagem inicial que alguns (as) professores (as) não estavam preparados enquanto, formação acadêmica para a especificidade do ensino local, outros (as) não queriam mudanças educacionais e os demais não sabiam como trabalhar esse campo amplo e complexo de conhecimentos, histórias e culturas africanas e afrodescendente no cotidiano escolar. Essa constatação veio confirmar a proposição que venho alimentando de que ao invés de atravessarmos o Atlântico fazendo o caminho de volta objetivando reencontrar com a nossa ancestralidade africana que parece para alguns (as) professores (as) localizada – Além Mar, ou seja, distante de nós brasileiros (as). Considerei que devíamos começar pelas expressões de África presentes nas culturas em todos os estados brasileiros

como ponto de partida para o desenvolvimento e fazer pedagógico dos (as) professores (as) em sala de aula.

Acreditei que dessa maneira conseguiríamos eliminar consideravelmente as desculpas freqüentes da falta de conhecimento, material, referências, medo e insegurança paralisantes dos (as) professores (as) e técnicos (as), ensinando como na prática podiam elaborar metodologias, materiais e estratégias de ensino partindo das africanidades¹ presentes na cultura afroamapaense. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva (2001, p. 151) ao dizer africanidades brasileiras está se referindo:

As raízes da cultura brasileira que tem origem africana. Dizendo de outra forma, estamos, de um lado, nos referindo aos modos de ser, de viver, de organizar suas lutas, próprios dos negros brasileiros, e de outro lado, as marcas da cultura africana que, independentemente da origem étnica de cada brasileiro, fazem parte de seu dia-a-dia.

As idéias expostas por Petronilha Beatriz ajuda-nos a entendermos que esses conteúdos estão em toda parte e ,por isso, a mão, dentro das famílias e espaços de convivência social, religioso, comunitário e escolares. Precisamos contudo, sairmos em busca de conhecê-los e deixarmos que ganhem corpo e movimentos no cotidiano escolar e impulssionem a educação para as relações raciais em cada lugar de nosso país. Por isso, considerei relevante investigar primeiramente a Comunidade do Cria-ú. Conhecê-la com o máximo de acuidade possibilitou-me inúmeras sugestões e um conjunto amplo de elementos para a minha argumentação quando precisei dizer aos (as) professores (as) Onde? Como? E o que? poderiam acessar em sua prática escolar sobre esse território quilombola.

Inteiramente desejava em escutar de quem já viveu mais, sabe mais e ouviu contar dos que já partiram, singularidades sobre a comunidade pesquisada, estou falando dos (as) idosos (as) do Cria-ú. Fui bem acolhida. Sabiam que falavam para alguém de dentro, de seu convívio. Portanto, familiar de certa maneira à comunidade. A presença de minha mãe, inúmeras vezes acompanhando-me em processo de investigação, trazia a presença de meu avô conhecido de seus (uas) contemporâneos (as) pela alcunha de “Coronel Theodoro”. Esse parentesco confirmava a minha ascendência e, portanto, dava-me credibilidade para que meus parentes compartilhassem comigo seus saberes guardados durante décadas em suas “memórias negras ou memórias de negros” (CUNHA JR, 2009).

¹ SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. In: MUNANGA, Kabengele (Org). Superando o racismo na escola. 3. ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

Entendi que o nome demonstra a personalidade e que observando a ascendência se conhece não somente a pessoa, mas até o antepassado que deu origem ao sobrenome dela. Comecei a aprender tantos ensinamentos que se transformaram em conhecimentos que deixavam claro que eu não poderia olhar para aquela realidade com os referenciais teóricos eurocêntricos que aprendi na universidade quase em toda a minha trajetória acadêmica. Os teóricos falam de outros contextos que não apresentam similitudes com o território quilombola pesquisado.

Compreendi que precisava olhar para a Cria-ú com sensibilidade e também como herdeira dessas tradições. Tradição esta como um trançado de vidas e das culturas feitos pelas vozes antigas e sempre atualizadas, de seus membros referindo-se ao passado e ao presente. Dessa maneira, eu teria condições de entrar no universo do “ser aquilombado” entendendo-o por dentro² como afirmava Antonio Olinto, pelas sutilezas, pelos gestos, expressões faciais e corporais, oralidade, mitos, espiritualidade, silêncios e pela certeza de que “quando eu nasci já achei”, expressão bastante usada pela comunidade. Saí em busca de achar e encontrei uma infinidade de formas e maneiras de ver e conceber o mundo que norteiam o cotidiano da comunidade do Cria-ú. Só atinei a tudo isso porque senti a necessidade de sair em busca. Esse foi o primeiro dito que mencionei aos professores, direção e técnico-pedagógicos quando iniciamos os encontros de formação coletiva na escola

O primeiro passo importante que dei na trajetória desse trabalho foi buscar esclarecer ao professorado, técnicos e direção da escola que para a construção do caminho didático – pedagógico e metodológico que propunha-me com a participação de toda a comunidade escolar, precisávamos estar em via de alimentação e realimentação constante com o Quilombo e educandos (as) como portadores de conhecimentos que devem ser valorizados dentro das práticas escolares. Primeiro, contudo, ambos precisam ser vistos e ouvidos dentro da escola.

Portanto, a escola precisa se abrir não só para a entrada dos educandos, mas, sobretudo para a gama de conhecimentos que eles vêm acumulando ao longo de sua trajetória familiar, social, religiosa e que se derramam nos espaços escolares. Passei várias semanas em observação na escola. Calada mas com sensibilidade e olhar acionados e atentos o tempo inteiro. Minha irmã, funcionária da escola, foi apresentando-me para as pessoas que me eram desconhecidas, porque d’outras eu já era familiar, mas não tinha aproximação suficiente para dialogarmos e eu conseguir acessar informações restritas a quem faz parte do coletivo.

² OLINTO, A. A casa da água. Rio de Janeiro: Bloch, 1969.

Essas conversas isoladas e ou com grupos de professores, corpo- técnico, direção, funcionários, crianças, adolescentes, motoristas, merendeiras, auxiliares de disciplina, auxiliar de serviços gerais e vigilantes permitiram-me conhecer o que se passava no cotidiano da escola por múltiplos olhares. O tempo foi passando e fui ficando mais íntima. As reservas com a minha presença foram diminuindo gradativamente e comecei a participar e ser chamada a frequentar conversas de “foro íntimo” das pessoas e da escola. Ser convidada a posicionar-me sobre os assuntos de conhecimento público (fatos e acontecimentos em geral) e mesmo participar de momentos voltados para as atividades desenvolvidas pelos (as) professores (as) e propostas pelo corpo-técnico na e fora da escola. E até mesmo representar a direção e corpo-técnico da escola em eventos educacionais promovido pela Secretaria Estadual de Educação – SEED, visando à socialização dos projetos realizados pelas escolas estaduais em várias áreas de conhecimentos com a direção, corpo-técnico e professores (as) das escolas públicas estaduais de Macapá.

A oportunidade de falar do trabalho de pesquisa-intervenção realizado dentro da escola do Cria-ú e dos projetos com recorte étnico que a escola realiza para o conjunto amplo das escolas públicas estaduais da capital Macapá, foi relevante porque tive a chance de fazer uma fala instrutiva e visando sensibilizar esses profissionais para a urgência de Implementarmos a Lei nº 10.639/03 em nosso estado tendo como ponto de partida a cultura afroamapaense.

Aproveitei para mostrar a trajetória, em permanente reconstrução, que construímos coletivamente na escola do Quilombo do Cria-ú. Tenho certeza, pelo retorno das pessoas e expressão de curiosidade em saber mais sobre o trabalho desenvolvido na escola, assim como a busca de parcerias para realizarem procedimentos parecidos em suas escolas, bem como, conhecermos os projetos desenvolvidos por outros educandários, mesmo que incipientes, foram a confirmação de que semeiei e agora precisava regar para a semente continuar vingando e sempre brotar novos frutos.

Esses momentos só foram possíveis porque atingi um estágio favorável e sem tantas reservas na convivência na escola. Demonstrando que o acerto de desenvolvermos juntos a pesquisa - intervenção se sobrepunha até as hierarquias escolares, onde só fala a diretora, corpo-técnico e professores sobre seus fazeres. Como colaboradora e pesquisadora fui convidada a falar em nome da escola em momento que só as pessoas que estão em cargos de direção, técnico e docentes o fazem comumente. Isso também foi uma conquista.

Essas conquistas são frutos colhidos por intermédio das inúmeras conversas que promovi na escola e que sigo mantendo-as, nas quais sempre tive a chance de explicar sobre a

pesquisa-intervenção que realizamos coletivamente. Aproveitei tais momentos para explicar-lhes o quanto suas participações e contribuições eram relevantes para o bom andamento e continuidade do trabalho compartilhado na escola. A partir das observações e verificações iniciais tive elementos importantes para a construção da proposta de pesquisa-intervenção a partir da realidade da escola e do Quilombo do Cria-ú, composta de inúmeros desdobramentos qualitativos que serão detalhados no capítulo quarto deste trabalho.

1.4 AS PRIMEIRAS OBSERVAÇÕES E VERIFICAÇÕES DOS CAMPOS EMPÍRICOS DE PESQUISA

Adotei como procedimento de pesquisa a escuta sensível aos (as) professores (as) da escola do Quilombo do Cria-ú para ter noção clara de como a educação das relações étnicas estava se dando nesse educandário. Mesmo tendo clareza de que a educação escolar se faz pelo conjunto de profissionais que formam as escolas, ou seja, educar em âmbito escolar não é tarefa unicamente do professorado. Mas não podemos negar o papel preponderante destes (as) para a operacionalização das mudanças indispensáveis para construir-se novas maneiras de ensinar, aprender, socializar e formar seres humanos para o convívio respeitoso com a pluralidade cultural esparramada na sociedade abrangente.

Fazer uma escuta sensível aos (as) professores (as) dos componentes curriculares: artes, história, geografia e ensino religioso foi relevante e instrutiva para mim e meu orientador em primeiro momento. Deu-nos parâmetros para pensarmos algumas ações dentro do projeto de pesquisa que subsidiou o desenvolvimento desta pesquisa de tese, dentre elas a necessidade de realizarmos encontros de formação docente e acompanhamento didático-pedagógico não somente com os professores de artes, história, geografia e história, mas com todos os profissionais envolvidos na formação dos (as) educandos (as), seus familiares e os (as) próprios (as) estudantes da escola.

Escutei recorrentemente por parte de alguns (as) dos (as) professores (as) que se sentiam inseguros e sem formação acadêmica para trabalhar os conteúdos previstos pela Lei nº 10.639/03 em sala de aula. Já os profissionais que participaram do curso, disseram que a formação foi somente para apresentar-lhes a lei e posteriormente receberiam a continuidade da formação para instruírem seus pares sobre esse conhecimento novo para as escolas. O último encaminhamento citado não foi realizado. Dez professores da escola foram inscritos para a formação e somente as professoras de artes e história terminaram o curso oferecido

pelo Ministério da Educação e Cultura-MEC/SECAD em parceria com a Secretaria Estadual de Educação/ SEED-AP.

Daqui da escola chegaram a fazer inscrição 10 pessoas, mas tiveram poucas pessoas que chegaram até o final. Veio uma pessoa aqui para fazer as inscrições, falou o roteiro, a programação, a sistemática do roteiro. Até mesmo porque o Cria-ú é uma área de Quilombo, de afrodescendente. Então ela deu prioridade pra cá. Mas no momento como eu falei não terminei, não conclui. Só duas colegas que foram até o final. (PROFESSORA DE ENSINO RELIGIOSO).

Sim, participei do curso promovido pela secretaria de educação que abrangeu a lei. Foi na verdade uma exposição da lei pra nós. (PROFESSORA DE ARTES E PROJETOS).

Bom, a Secretaria de Educação na verdade, ficou de repassar pra gente alguns informes sobre o programa de história e arte e os conteúdos a serem ministrados. É, mais a nível de escola nós não chegamos a fazer nenhum debate sobre a lei propriamente dita. (PROFESSORA DE ARTES E PROJETOS).

Acredito que as professoras da escola que participaram da formação até o final sem dúvida ampliaram seus conhecimentos de alguma maneira sobre o continente africano e a história e cultura afrodescendente, mesmo que superficialmente, mas na prática não foram ensinadas a trabalhar tais conteúdos no cotidiano escolar.

A cultura afroamapaense não ocupou acento na formação desses educadores, o que na minha opinião, facilitaria, pela relação de proximidade dos professores nascidos em Macapá com a cultura local o desenvolvimento de seu fazer didático - pedagógico. E para os que são oriundos (as) de outros estados também porque a cultura afroamapaense vive na área urbana e rural de Macapá ao longo de todo o ano. Fato este que a torna acessível a todos (as).

Li nas falas dos (as) professores (as) que a África é um “lugar distante”. Continente “Além Mar” que tinham receio, insegurança e medo de acessar o novo campo de conhecimento que se apresentava diante de si. Observei também que não estavam olhando para o entorno de suas escolas. A comunidade que circula tais educandários e o quanto pulsam as expressões de África em nós macapaenses por intermédio das maiores expressões culturais denominadas de Marabaixo e Batuque e Religiões de Matriz Africana e diversas expressões culturais que evidenciam a pluralidade cultural presente no Estado do Amapá de predomínio afrodescendente. O Estado do Amapá tem muitos Quilombos e comunidades tradicionais de cultura afro como indica a Coordenadoria Municipal da Igualdade Racial-COMIR.

Falo da maioria da população amapaense que é composta de 76,6% de pretos e pardos segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística-IBGE ano 2004, portanto, com culturas afroamapaenses majoritárias que dão movimento e se destacam na identidade étnica da população do Estado do Amapá. Mesmo assim, os (as) professores (as) sentem dificuldade em mudar a lente de seus olhos e portanto, tirarem da invisibilidade os conhecimentos que os educandos possuem e, por conseguinte, si próprios no seio da escola. Foram acostumados a ficarem restritos aos “pacotes educacionais” que recebiam para colocar em prática nas escolas.

No decorrer da investigação analisando o desenvolvimento da atual pesquisa sobre educação, somados com os da investigação de mestrado, envolvendo a minha particular relação com a escola como criança, jovem estudante, militante, educadora e pesquisadora negra, ainda vejo o quanto o conhecimento escolar está distante da realidade dos educandos. O conhecimento, aprendizados e necessidades culturais dos estudantes conflitem com o medo explícito de alguns (mas) professores (as) de abrirem seus planejamentos educacionais e saírem do lugar cômodo que estão, trabalhando isoladamente e prevendo seus conteúdos antes mesmos de conhecerem quem são seus educandos e de onde eles veem, para a ação desafiadora de educar revisitando conteúdos e replanejando sempre que necessário pela dinâmica que o cotidiano das escolas imprime aos profissionais da área educacional.

Esse encaminhamento requer também criação e reelaboração de materiais didático-pedagógicos, posturas profissionais, busca constante de novos aprendizados com o desenvolvimento de pesquisas sobre a realidade local, diálogo com profissionais de dentro e de fora da escola e do Estado do Amapá. E muito esforço, suor e cansaço, aliás indispensáveis dentro da construção de um projeto educacional amplo envolvendo a educação Quilombola para explicar a pluralidade étnica brasileira.

Tive no início da investigação a percepção de em alguns momentos, certos professores chegarem a reconhecer que existe certo distanciamento entre o que ensinam e a realidade vivida e experimentada pelos (as) educandos (as). Mas sentem ainda um certo grau de dificuldade em modificarem seus planejamentos escolares e deixarem entrar conhecimentos do currículo de vida dos (as) educandos (as) junto com eles (as) “porta a dentro” nas escolas.

Desde o início da pesquisa-intervenção, tal realidade implicou em dialogarmos numa outra perspectiva, e por meio dela criarmos uma nova filosofia dentro da comunidade escolar alicerçada pelo diálogo, aproximação, afetividade, conhecimento sobre a comunidade que avizinha à escola, planejamento aberto sujeito a mudanças constantes e planejamento

interdisciplinar, mais estudo, mais investimento financeiro em livros e recursos didático-pedagógicos, aprendizado tecnológico, mais preparo emocional, psicológico, espiritual, afetivo e humano para nos deixarmos cruzar e entrecruzar pelos educandos onde ambos ,professores e educandos, possam aprender de maneira compartilhada.

Eu considero que seja importante para todas as pessoas essas questões e principalmente para a história de cada um. Eu tenho trinta anos e assim, a infância e a história de cada um é tão importante que esses assuntos a História e Cultura Africana, Afrodescendente e do Cria-ú, independentemente de serem importantes para a formação profissional e intelectual é importante para a formação emocional dos alunos. Por isso que eu acho importante trabalharmos na escola. Por isso que eu me identifico com a escola, talvez porque eu em período da minha vida, não tenha ficado muito bem gravado a minha infância. Não ficou bem gravado assim o que poderia ter sido. Então para mim eu acho que é imprescindível que eles (os estudantes) realmente considerem o que eles tem; que eles vivam; que eles conheçam sua cultura. Não que seja apenas isso. Que eles conheçam outras culturas também, mas que eles participem, que eles saibam que tem uma história para contar, emocionalmente (e psicologicamente – grifo nosso) é importante. (TÉCNICA PEDAGÓGICA).

Por isso, promovemos rodas de conversa com os mantenedores (as) da cultura local (intra e extra) muro escolar para que os conhecimentos que possuem avivados por suas memórias possam se tornar eloquentes no aprendizado dos educandos do Cria-ú. Portanto, esses são alguns passos relevantes para o desenvolvimento de uma cultura escolar transformadora, que eu também defendo e acredito ser possível vive-la nos espaços de ensino e aprendizado educacional.

1.5 APRESENTAÇÃO DA PROPOSTA DE PESQUISA-INTERVENÇÃO À ESCOLA PESQUISADA

Cuidadosamente apresentei ao professorado, direção, corpo técnico - administrativo e funcionários em geral da escola a intenção de pesquisa que defendo e seus desdobramentos desejáveis. Antes de eu conhecer mais profundamente os campos empíricos de investigação, Quilombo do Cria-ú e escola da comunidade, fiz o planejamento de fazer o acompanhamento do professorado dentro da sala de aula com o objetivo de analisar como a cultura afroamapaense estava presente nos conteúdos escolares por eles (as) ministrados.

O planejamento foi reformulado porque as entrevistas prévias com as professoras de artes, geografia, história e ensino religioso e uma pessoa do corpo técnico da escola em

2008, especificamente, em primeiro momento e em seguida com toda a comunidade escolar, mostraram que grande parte destes não trabalhavam as expressões culturais afroamapaenses em âmbito escolar ao longo do ano letivo como conhecimento relevante para a formação dos educandos.

As atividades educacionais sobre esse tema adentrava a escola no mês de novembro em comemoração ao aniversário de morte do maior líder negro da história do Brasil, Zumbi dos Palmares e nos conteúdos escolares trabalhados pelas professoras de Artes no projeto Canto de Casa com duas horas semanais e a professora de História. Ambas participaram até o final do curso de formação oferecido em parceria MEC/SECAD e SEED/AP aos professores do Estado do Amapá para a Implementação da Lei nº 10.639/03. Mesmo assim, as professoras realizavam sua práxis pedagógica isoladamente na escola.

Então dentro desses projetos, trabalhados pela Prof. Irene Bonfim, quando chega no mês de novembro tudo é direcionado a cultura afrodescendente. (PROFESSORA DE ENSINO RELIGIOSO).

Eu acho que na verdade, falta a gente sentar para estudarmos a lei. Como professores, nos juntarmos para falarmos uma mesma linguagem na escola. Eu acho isso muito interessante. Por exemplo, eu sou muito procurada (pelos colegas) quando eles tem dúvida sobre a comunidade. As vezes nem vão com os professores da comunidade (nascidas no Quilombo) que trabalham aqui. Eles vem comigo perguntar. Se vem um aluno da universidade eles mandam lá comigo. Então assim, eu vejo essa necessidade de também preparar atividades sobre o assunto. Então eu estou pretendendo fazer uma oficina, no sentido de colocar um pouco daquilo que eu pesquisei, os meus conhecimentos para eles também. E já justamente usarmos a lei eu acho muito interessante a gente aprofundar isso aqui. É assim, esse a gente também vai trabalhar juntamente com a professora de história. Até então a gente trabalhou muito isolada. Eu um projeto na arte e ela especificamente na história. Na verdade a gente não tem assim uma interação para trabalharmos juntas. Então esse ano a gente combinou de sentarmos e vermos os conteúdos, para trabalharmos mais juntas. Eu sempre trabalho não só com a parte prática, mas eu trabalho também a história do negro, a chegada do negro no Brasil, o porquê do racismo, discriminação eu faço todo enfoque histórico. Acho que eu poderia deixar essa parte para ela (riso), para ela enfatizar. Vê também o que está faltando nós vermos a nível de secretaria, o que é que eles têm. Que conteúdo. Porque esse conteúdo nunca foi repassado pra gente. Até por exemplo o ano passado a gente reuniu pra ver os conteúdos de arte e não tinha nada. (PROFESSORA DE ARTES E PROJETOS).

Diante das revelações das professoras e demais professores, corpo-técnico e direção da escola e, levando-as em consideração, propus o diálogo com os profissionais da educação ali assentados para que desenvolvêssemos coletivamente estudos e aplicação prática do conhecimento apreendido sobre as histórias e culturas africanas e afrodescendentes tendo

como ponto de partida as múltiplas expressões da cultura do próprio Quilombo do Cria-ú e afroamapaense.

Utilizei dois procedimentos de pesquisa: iniciei com a observação participante realizando entrevistas no Cria-ú. Em seguida, com o material analisado, promovi uma pesquisa-intervenção, incluindo a formação da comunidade escolar na perspectiva da valorização da história e cultura local como material didático-pedagógico. Utilizei as festas de Batuques e Marabaixos e cotidiano da comunidade para dialogarmos sobre os sentidos ancestrais presentes na tradição oral afrobrasileira que representa o *modus vivendi* de nossos ancestrais africanos, afrodescendentes e afroamapaenses.

As festas acontecem no Cria-ú praticamente ao longo de todos os meses do ano, detalhadas no terceiro capítulo desta tese, com o objetivo da comunidade manter a tradição que herdou de seus antepassados e celebrar alguns santos e santas da religiosidade católica com muita fé, devoção e distribuição de bastante comida e bebida, seguindo a tradição do “Catolicismo de Preto” (CUNHA JR. 2001). Nessa tradição a festa é uma comemoração pública, dedicada aos santos, orixás e entidades espirituais que é realizada com danças, tambores e simbologias que materializam os rituais religiosos presentes na cultura afrobrasileira que representam o *modus vivendi* da população negra.

Portanto, a festa dentro do Quilombo do Cria-ú não é somente a reunião de pessoas para celebrarem seus santos e entidades espirituais. Trata-se de uma forma de pensamento e prática social que serve para reafirmar a ancestralidade negra como estratégia de sobrevivência e manutenção de sua cultura.

A festa é uma prática social que reflete não somente as crenças, mas também a trama de relações cotidianas no Quilombo-hierarquias familiares, comerciais, afetivas e outras. Como ponto de encontro e espaço de lazer, a festa congrega os membros da comunidade e também um número cada vez maior de visitantes (PINTO, 2007,p.16)

Segundo a autora Inaicira Falcão dos Santos (1996):

O africano através da música, do canto, da pantomima capta o sobrenatural, é a própria vida, com seus ritmos e ciclos, vida expressa em termos dramáticos. Assim, todos os importantes acontecimentos na comunidade são acompanhados pela dança e música acentuando seu significado.

A festa afro, que congrega vários elementos das africanidades dentro do Cria-ú, representa parte relevante do *continuum cultural* da comunidade. A denomino festa e ou

dança afro por ser constituída de Marabaixo e Batuque, e por incorporar ao patrimônio de danças afrodescendentes, os modos de vida, filosofia, misticismo, religiões e maneiras de reverenciar seus deuses e santos negros e não negros, mas de devoção da população negra, como importante legado afrodescendente materializado na cultura afrobrasileira. As festas realizadas dentro do Quilombo do Cria-ú foram umas das possibilidades exemplificadas que analisei como recurso didático-pedagógico na escola do Quilombo.

Ressaltei a relevância de cada pessoa dentro do processo de formação e da pesquisa-intervenção e que apesar da função que hora eu exercia, não elevava-me a condição de “dona da verdade” e única sabedora sobre o campo complexo de conhecimento que alicerçava a pesquisa. Disse-lhes que todos (as) possuem algum conhecimento, mesmo incipiente, sobre a cultura local que precisavam rememorar e utilizar em seus planejamentos e potencialiá-lo como conteúdo escolar. A socialização desses conhecimentos no grupo, dúvidas, verificações, estratégias adotadas, metodologias, dentre outros, teríamos a oportunidade de ampliá-los e repensarmos o fazer - pedagógico coletivo dos professores, direção e corpo técnico da escola.

Enfatizei também que não cabia a mim julgar e sentenciar nenhum profissional pela maneira que estavam desenvolvendo sua prática escolar e porque não trabalhavam a cultura do Cria-ú em seus conteúdos didático - pedagógicos. O objetivo primeiro era a partir do que já estava sendo trabalhado, por poucos professores sobre a cultura do Cria-ú, expandirmos para a totalidade da comunidade escolar, sempre dando destaque a cultura do Quilombo do Cria-ú dentro do processo de formação dos (as) educandos (as).

A comunidade escolar foi o tempo todo estimulada a olhar e perceber o Quilombo do Cria-ú em toda a sua multiplicidade. Ver o Quilombo como ele é e se apresenta diante das pessoas. E a pensar como o conjunto amplo de conhecimentos que ele possui poderia ser trabalhado metodologicamente, ou seja, valorizado no universo escolar e de que maneira esses conhecimentos poderiam ser desdobrados na formação cognitiva, humana, de valores, princípios e espiritualidade dos (as) educandos (as) em sala de aula. A estratégia metodológica adotada para a coleta de informações na pesquisa, baseada na afrodescendência, favoreceu-nos no desenvolvimento desta pesquisa-intervenção.

1.6 A METODOLOGIA DE PESQUISA

A adoção da base teórica, apresentada na introdução, foi fundamental dentro da construção metodológica desta pesquisa que está baseada na afrodescendência. Nela estão

implicados os valores socioculturais de base africana que originaram as histórias das populações negras. Para compreendermos a afrodescendência ligada as expressões culturais afrodescendentes precisamos fazer uma abordagem sócio-histórica desse *continuum cultural*. Materializado dentro da sociedade brasileira nos valores socioculturais afrodescendentes que podem ser encontrados nas sociedades tradicionais africanas que se mantiveram nos grupos étnicos de maioria afrodescendente na diáspora, nos Quilombos, nas comunidades de base religiosa dos terreiros das diferentes nações de Candomblé e Umbanda. Os valores mencionados são de comunidade, ancestralidade e oralidade. A força da comunidade está na terra em torno da qual se estabelece a sociedade e se plantam as relações sociais – no caso, tal qual está na elaboração do conceito de afrodescendência. (CUNHA JR., 2001)

Essa concepção metodológica baseia-se no valor e na relevância que dentro da filosofia africana toda a pessoa e todos os lugares tem. Ambos constroem-se a partir do estabelecimento das relações sociais, ao longo das condições históricas determinadas, isso explica o caráter histórico-sociológico dessa abordagem.

No trabalho de pesquisa realizado no mestrado sobre o Marabaixo do Bairro do Laguinho e na atual investigação tendo como um dos lócus de pesquisa o Quilombo do Cria-ú – Área de Preservação Ambiental, APA do Cria-ú (ou apenas Cria-ú como é conhecido) é um distrito pertencente ao município de Macapá, que abriga dois conglomerados de população negra que dividi-se em duas partes: Curiaú de Dentro e de Baixo e Curiaú de Fora e de Cima. Em ambos a comunidade se estabeleceu em espaços geográficos de maioria negra para produzir sua história. A comunidade, seus membros e as relações estabelecidas são produtoras e produzidas da/pela história, numa espécie de interação cíclica, em que o construtor também é construído.

Como fundamento para a realização dessa pesquisa - intervenção, baseada na história oral, memória individual/coletiva, territorialidade, sentido histórico e político dos Quilombos nos quais a memória da comunidade ganha relevância dentro da construção do método de pesquisa pela oralidade. Compreendi que a palavra é um ato de criação e transformação e portanto os conhecimentos são transmitidos pela palavra e pelo seu exercício de ritmo específico.

Priorizei os depoimentos orais dos moradores que são referência na história, cultura e convívio social no Cria-ú, por isso considerei relevante escutá-los (as). Escolhi inicialmente as pessoas com idade a partir de 50 anos, mas quando fiz a primeira visita aos criaenses listados, percebi que a maioria das pessoas acima dessa idade são de certa maneira poucos dentro do Quilombo. Diante disto, decidi incluir os (as) moradores (as) com idade de

40 anos como depoentes, com exceção de duas pessoas, Lescione e Alexandre, que tinham idade de trinta e dezenove anos respectivamente.

A depoente com a idade de 30 anos é a curandeira mais jovem dentro do Cria-ú e mesmo sendo jovem é bastante procurada pelos criauenses e, pelas pessoas que não habitam o Quilombo, em busca de ajuda e tratamento espiritual. O Alexandre de 19 anos foi escolhido porque é jovem, evangélico, neto e filho de criação da moradora mais antiga do Cria-ú Sra. Marcelina Eugênia do Rosário que enquanto estava viva apresentava problemas de esquecimento e lapsos de memória. Alexandre ajudou-me a entender algumas revelações de sua mãe de criação principalmente as relacionadas a mediunidade dela.

O canal de comunicação entre mim e os informantes foi a palavra falada que é a alma da narrativa e a narrativa é o caminho que a imaginação e o fazer humanos percorrem para nos ensinar quem somos, como somos e por que somos. Enquanto ouvimos e contamos histórias, incorporamos valores, modos de pensar, sentir e agir e aprendemos mais sobre nós mesmos e também nos construímos como pessoa de um grupo social. (SANTOS, 2006).

A oralidade associa-se a memória e aos territórios de maioria negra, indicando por coerência os caminhos para o exame das relações históricas e sociais construídas no passado e as atuais como aprendi no desenvolvimento da pesquisa-intervenção dentro do Quilombo do Cria-ú.

A respeito dessa concepção metodológica de pesquisa, a afrodescendência, Cunha Jr. (2006, p.1) menciona que

Todas as pessoas, todas as coisas e todos os lugares têm a sua parte de NTU (Força Vital-Axé), na concepção Bantu do mundo. Tomando esta idéia do pensamento africano inferimos que: Todas as pessoas, todas as coisas e todos os lugares possuem uma parcela de conhecimento. Assim, a nossa postura de investigação científica é a da troca de conhecimento com estas pessoas e com estes lugares que são ambientes da nossa pesquisa participante.

Há trinta anos a pesquisa em territórios de maioria afrodescendentes vem sendo realizada de forma sistemática por uma geração de pesquisadores negros (as) que tem produzido um conjunto novo de conhecimento para a cultura ocidental, advindo do conhecimento africano e afrodescendente presente na pluralidade cultural em África e afrodescendente recriada na diáspora.

Esta metodologia de pesquisa intervem na realidade e na transformação social, cultural, econômica e política das relações étnicas brasileira. Fundamenta-se na situação de vida e seus diversos aspectos da população afrodescendente. Trata-se de um problema

estrutural da sociedade brasileira que afeta em específico e de maneira particular a população afrodescendente (CUNHA JR., 2006).

A metodologia afrodescendente tem como acréscimo que o pesquisador deve conhecer as culturas afrodescendentes e a história dos afrodescendentes. Ou seja, que além de parte do ambiente, ele também é parte da cultura e das visões de mundo. O (a) pesquisador (a) não vai aprender sobre uma cultura ou modo de vida que não lhe é familiar, do qual ele (ela) não comunga anteriormente a pesquisa. Na afrodescendência os (as) pesquisadores (as) não trabalham com respeito a “cultura do outro”. Trabalham dentro da própria cultura e com problemas que afetam a própria existência.

A metodologia da pesquisa da afrodescendência auxilia pesquisadores *de dentro* dessas culturas a compreenderem os valores sociais e formas culturais das comunidades afrodescendentes. Trata-se de experiências de busca de conhecimento aprofundado sobre realidades vividas, conhecidas em determinada proporção, mas que precisa de uma sistematização da observação e de aprofundamento da reflexão. Falo de um tema da relação sujeito – sujeito no campo da pesquisa. Existe um detalhe a mais que nem todos preenchem, que é o do reconhecimento e do conhecimento de um pensamento de base africana. Este conhecimento do pensamento de base africana traduz-se num dos elementos de importância para ruptura com as formas de hegemonia eurocentricas de produção do conhecimento.

Em resumo, o pesquisador que desenvolve sua pesquisa pautado na afrodescendência esta de forma física, mental, emocional e espiritual como parte do ambiente da cultura afrodescendente onde se instala a investigação desejada.

Os conceitos que nutrem a metodologia afrodescendente nascem do conhecimento da cultura de base africana. Toma como ponto de partida, na reflexão metodológica, os princípios de socialização das culturas africanas, a ancestralidade, a oralidade e a comunidade, e a noção do binômio tempo/espaco dessas culturas.

Nas sociedades africanas a noção tempo aparece associada a uma noção de espaço. Ou seja, as narrativas se referem a um lugar num determinado tempo, sendo este lugar neste tempo, ou intervalo de tempo, único. Seria como um intervalo de tempo histórico e um determinado intervalo de lugar determinado. O tempo e o espaço sobre uma noção acumulativa de direção e sentido determinado. Nas culturas africanas o tempo tem uma seta de sentido, sendo percorrido sempre no sentido crescente. Trata-se de um tempo radicalmente diferente da noção da física ocidental clássica. Aproxima-se da noção de tempo crescente das teorias de física da teoria dinâmica do caos na física ocidental. Na noção tempo espaço se fala de um tempo em um lugar. Não existe uma necessidade de sincronia entre os tempos espaços dos diversos lugares. Esta observação não é uma tentativa de definir tempo nas sociedades africanas, trata-se unicamente de

compreendê-lo nas narrativas orais para uso na composição de uma história sociológica. Vendo que também nos servimos da leitura sistemática das narrativas orais para entendimento da observação sistemática. Observação que tem permitido a composição de uma história oral africana (CUNHA JR. 2006, p. 6)

Entre os valores sociais africanos dois ajudam a moldar um processo de observação sistemática de caráter metodológico. As noções de ancestralidade e de comunidade. A ancestralidade nos coloca diante de um fazer da construção do lugar, do território dado, pelo acúmulo repetitivo da experiência humana. A ancestralidade define os parâmetros para a compreensão da história de uma população determinada em um lugar determinado.

Tem o conteúdo da história dos lugares em tempos e gerações determinadas. Explica a construção do espaço geográfico. Ela nos induz à necessidade do caráter histórico da observação sobre o espaço socialmente construído, o lugar. A própria noção de comunidade nas sociedades africanas implica no respeito à noção de ancestralidade. A comunidade é vista como a força da identidade pela via da ancestralidade. Tempo, lugar, ancestralidade, comunidade são noções que se somam como indutores de uma metodologia de pesquisa afrodescendente.

A metodologia afrodescendente é baseada na história do lugar e das comunidades do local. Sendo que essa história se assenta numa direção como camada da sedimentação do lugar, de sucessão de gerações, de sucessão de grupos ancestrais. Na dimensão do espaço compreende-se como as relações sociais, das inter-relações complexas entre grupos sociais são estabelecidas neste espaço, neste tempo. Então as camadas da história ocupam um sentido da sociologia deste tempo e deste lugar.

Por isso a pesquisa-intervenção foi realizada com todos os segmentos da Escola Estadual José Bonifácio e com a comunidade do Quilombo do Cria-ú. Utilizei como método: iniciei com a observação participante realizando entrevistas na comunidade, registrando as informações em diário de campo, participando mais diretamente das atividades cotidianas, festas, rezas e momentos de lazer da comunidade.

Em seguida com o material analisado, promovi uma pesquisa-intervenção, incluindo a formação da comunidade escolar da Escola Estadual José Bonifácio, localizada dentro do Cria-ú, na perspectiva da valorização da história e cultura local como material didático-pedagógico. Como pesquisadora me reconheci na pesquisa e também me modifiquei durante sua realização devido os novos conhecimentos que adquiri.

No que se refere aos procedimentos de pesquisa, busquei por meio dos depoimentos orais tentar mergulhar em tudo que o Quilombo do Cria-ú é e representa para os originários, seus (uas) filhos (as). Estou nomeando de originários – filhos (as) do Cria-ú que moram no próprio Quilombo e também na cidade de Macapá. Dialogar com as pessoas foi o primeiro caminho que trilhei para a coleta de dados e desenvolvimento dessa pesquisa.

Realizei entrevistas semi- estruturadas com 23 Criaúenses, entre homens e mulheres e os registrei em vídeo. As entrevistas foram realizadas em suas residências objetivando deixá-los (as) confortáveis e que suas falas tivessem espontaneidade e naturalidade. Pretendia que em seus lares a conversa superasse a tensão que acaba existindo numa entrevista e filmagem, e seguisse como um “bate papo” entre conterrâneos compartilhando revelações e confidências. Além da confortável sensação dos informantes estarem em casa, ser mais propícia para que a fluidez da memória se apresentasse naturalmente no momento de nosso diálogo.

Busquei também realizar o registro de certos momentos em seu cotidiano por exemplo, os quintais, as residências, a roça: lidando com suas plantas medicinais, cuidando de animais (galinhas, patos, porcos), torrando farinha de mandioca, na igreja, em seus pontos comerciais, confeccionando instrumentos de percussão, ralando coco, preparando alimentos, plantando roça, laçando gado, deitados em rede, enfim, em ambientes que se sentissem à vontade e sem reservas pelo “incômodo de nossa presença estranha”, do cinegrafista e minha. Todo o material coletado será editado como vídeo documentário e, em seguida doado a Escola José Bonifácio, para compor o acervo didático-pedagógico desta instituição escolar e da comunidade do Cria-ú como registro relevante de sua história e existência salvaguardada as gerações atuais e vindouras deste território quilombola.

Além do registro de um conjunto amplo de expressões corporais, faciais dos (as) informantes, aproveitei para registrar o movimento da comunidade, bem como das feições da natureza que se modificam ao longo do dia e da noite, concomitante com o registro das entrevistas. O Cria-ú é dividido em dois conglomerados de pessoas, Cria-ú de Fora e de Cima e o Cria-ú de Dentro e de Baixo como expliquei anteriormente. As pessoas que povoam os dois territórios de maioria negra unem-se por laços de consanguinidade, para entendê-los precisei analisá-los levando em consideração também esses aspectos.

Considerarei relevante estabelecer o paralelo constante com o Cria-ú do passado, do presente e do futuro e a relação da comunidade com a escola local. Muitas revelações me foram feitas e muitas análises críticas realizadas pelos (as) filhos (as) do Cria-ú sobre a trajetória do Quilombo. Essas pessoas estão atentas a tudo e sabem perfeitamente analisar a

realidade que estão inseridas, que para eles (as) ainda é, em alguns casos, abandonada por parte do poder público.

Procurei registrar muitas imagens e o cotidiano permeado de várias expressões da comunidade, a fim de compreender a constituição histórica e sociológica do Cria-ú nas falas, imagens e sentimentos que singularizam a população deste Quilombo. Por isso, acompanhei algumas festas em homenagem a santos e santas da tradição religiosa católica, realizadas com as celebrações que envolvem Batuques e Marabaixos, rezas de ladainha e folia, bebida e comida a vontade e muita dança.

Considero que as festas sejam reveladoras de um *continuum cultural* local e por isso guardam práticas afrodescendentes, por exemplo: o momento da matança do boi para ser transformado em alimento e ser distribuído na festa, que conta com grande número de pessoas da comunidade. Todos ajudam e ganham um pedaço do boi para levarem para suas residências. O trabalho no Cria-ú é coletivo, bem como seu usufruto.

Compreendi que a comunidade compartilha as festas e seus conhecimentos, por considerar essa atitude fundamental para a existência de sua cultura e tradições. E deixam claro que todas as pessoas são importantes dentro do processo de organização e realização das celebrações. A solidariedade, o respeito e a sabedoria dos mais velhos revelam o cuidado da comunidade em zelar e não “descumprir” a tradição que herdaram de seus antepassados. Nas festas tem-se abundância em alimentos, cuidado com as crianças (futuro) e com os antigos (a sabedoria ancestral), acolhimento sem discriminar pessoas, agradecimentos ao Criador e aos Santos (as) de devoção por terem a oportunidade de viverem o momento de celebração.

Acompanhei a comunidade nos festejos a seus (uas) santos (as) que se dá por meio de cantoria, danças – Batuque e Marabaixo, toque de tambores e pandeiros, rezas de folia e ladainha, esta última rezada em *latin*, compartilhar de alimentos, bebidas (gingibirra- bebida tradicional, cerveja, refrigerante) e recriando a vida com amor e fé como manda a tradição do “catolicismo de preto” (CUNHA JR. 2001). Além de se comunicarem entre si e com as pessoas envolvidas ou espectadoras dos Batuques, com alegria, intensidade, vibração, em perfeita comunhão entre corpo físico, sentimentos, emoções e espiritualidade.

Vi que os Batuques e Marabaixos no Quilombo do Cria-ú unem gerações e propagam saberes míticos, históricos, culturais, sociais com um conjunto de elementos simbólicos temidos, respeitados, exaltados e valorizados por toda a comunidade. Cuidam do que “acharam quando nesse mundo chegaram”, para que não se perca com o tempo e, portanto, deixem de ser quem são, filhos do Quilombo do Cria-ú, condição de que se orgulham de ser e pertencer.

Entendi que para a comunidade do Cria-ú, a dança não é espetáculo, não dançam para se exibir dentro de seus festejos. Dançam para celebrar seus ancestrais e os conhecimentos que eles plantaram dentro de cada um (uma). Dançam porque se re-ligam com seus antepassados. E esticam o tecido dessa história para envolver seus descendentes. Dançam porque para festejar tem de dançar. Dançam porque seus (as) santos (as) vem dançar junto consigo. Se comunicam com a espiritualidade por intermédio da dança do Batuque e Marabaixo (VIDEIRA, 2009) que junto com a reza da folia, ladainha, pagamento de promessas, preparação de comida, missa, baile dançante, aurora, alvorada formam o conjunto amplo que compõem as festas em homenagem aos santos e santas da religiosidade católica realizadas praticamente ao longo do ano todo no Quilombo do Cria-ú (ALVES, 2006; FERREIRA, 1998; SANTOS, 1996). O detalhamento do calendário de celebrações no Cria-ú será apresentado no capítulo três desta tese.

A autora Maria Zita Ferreira (1998, p.21) nos diz que:

A dança, compreendida como linguagem corporal expressiva, inserida nas condições históricas precisas de seus praticantes é uma manifestação de arte [...] e acrescenta algo de importante no desenvolvimento motor, afetivo, cognitivo, sócio-cultural e histórico da criança negra (da pessoa negra), extraíndo de sua história social, econômica e política as questões referentes às condições básicas de sobrevivência material e espiritual.

Compreendi que dançar no Quilombo do Cria-ú não é somente a junção de gestos e movimentos. Por isso, não tem padronização e os corpos negros todos dançam e são livres nessa dança. Dança do pequeno ao grande e todas as expressões dos corpos materializadas em movimentos evidenciam o sentimento das pessoas. Dançam para rememorar e reviver outros tempos, sejam passados, presentes e que anunciam o futuro. Dançam, sem exagerar e procuram seguir “a tradição ali bem direitinho”, como disseram-me seu Joaquim Carolina, Tio Arim e Seu Roldão, representantes do Quilombo. A dança permite que a pessoa negra saia da escravidão corporal e social libertando seu corpo. Dançando elas encontram a verdadeira face de sua identidade étnica, social, racial, histórica, individual, com base num valor humano inalienável: a liberdade (FERREIRA, 1998).

Participar com frequência do cotidiano da comunidade ajudou-me a compreender o porquê de alguns comportamentos, silenciamentos e atitudes em toda a sua complexidade e múltiplas expressões corporais e faciais das pessoas. Para entender os comportamentos, hábitos dos (as) filhos (as) do Cria-ú tem de ver a cultura agindo no social como afirmação

positiva destes (as), como forma de diferenciação para exigirem a garantia de direitos e cidadania, lugar de negociação com o poder público e político local, lugar de poder para exigir seus direitos, definição de papéis dentro da próprio Quilombo, enfrentamento aos conflitos internos, ato de rebeldia e demonstração de força política e coletiva do Cria-ú, exaltação de sua beleza negra e sobretudo para celebrar.

Esse conjunto de movimentações diárias que tive de fazer para viver intensamente a realidade do Cria-ú foi crucial para que eu adentrasse o espaço escolar local, tendo condições de propor mudanças didático-pedagógicas, nos conteúdos, atitudes e relações entre escola /educando/comunidade que embasaram o desenvolvimento dessa pesquisa – intervenção.

Dentro da escola entrevistei e conversei durante a pesquisa exploratória com os professores, técnicas - pedagógicas, direção, funcionários e educandos a fim de saber pelos múltiplos olhares sobre o sentimento, percepção e ponderações sobre a instituição escolar local.

Fiz o mesmo com as pessoas escolhidas como informantes da pesquisa dentro do Cria-ú, objetivando saber como se relacionavam com a escola e vice – versa; se acreditavam ou não na educação recebida por seus filhos (as); se eram convidados a realizar atividades pedagógicas dentro da escola tendo o enfoque, os saberes locais; e de como se posicionavam sobre o que precisa ser melhorado nessa instituição de ensino responsável pela formação de seus filhos (as).

Considere relevante deixar falar também as evidências no cotidiano da escola, por isso, passei vários momentos durante o dia nesse espaço fazendo anotações em meu diário de campo sobre o que acontecia em seu interior e arredores. Às vezes eu chegava pela manhã e saía à noite. Almoçava (encomendava o almoço da merendeira da escola), merendava a mesma merenda servida aos educandos e demonstrava-me sempre disponível a participar das atividades e rodas de conversas e brincadeiras com todos esses sujeitos que dão movimento à escola.

A observação participante permitiu-me reelaborar o projeto de pesquisa que pretendia analisar como a história e a cultura afroamapaense estavam presentes no universo escolar do Cria-ú e se eram ensinados como afirmação positiva da cultura, da história e autoimagem positiva dos educandos quilombolas no universo escolar.

A pesquisa revelou que, mesmo a escola tendo uma disciplina no currículo denominada “Canto de Casa”, ministrada pela professora de Projetos e do Ensino de Artes,

não envolvia toda a comunidade escolar e seus conteúdos educacionais não eram trabalhados pela grande maioria dos professores com a atenção, respeito e valorização que merecem.

A investigação mostrou que a professora do Ensino de Artes e Projetos, participante do curso de formação oferecido em parceria entre o MEC/SECAD e SEED/AP para orientar os professores da rede estadual de ensino sobre a Implementação da Lei nº 10.639/03 na educação brasileira, recebia a “transferência” de responsabilidade que deveria ser do conjunto de pessoas da escola. Por isso ela ficava praticamente sozinha no turno da tarde com a “obrigação” de trabalhar esses conteúdos. Felizmente com o tempo ela passou a contar com o apoio e ajuda dedicada das professoras de Ensino Religioso e de História.

Na verdade a gente não fez nenhuma discussão sobre a lei na escola. E sempre que os colegas tem alguma dificuldade eles recorrem a mim. Na verdade eu sou a fonte de informação de todo mundo aqui (risos).
(PROFESSORA DE ARTES E PROJETOS).

Analisei o contexto da escola, a partir do que mencionaram os (as) meus (inhas) informantes e apoiada pelas minhas observações das relações conflituosas que se cruzavam no interior desse estabelecimento de ensino. A pesquisa revelou que o professorado, mesmo trabalhando em uma “escola diferenciada” porque está assentada dentro de um Quilombo, muitos deles, não sabiam o que era e ainda é um Quilombo e não conheciam a realidade histórico-cultural e de valores locais, e portanto, em quase sua totalidade não elaboravam seus planos de aula envolvendo os conhecimentos locais, sob a alegação de que não os conheciam.

Compreendi que para realizar a pesquisa-intervenção na escola tendo como ponto de partida a história e a cultura material, imaterial local era indispensável investir na formação de todos os segmentos que trabalham na escola: direção, professores, corpo-técnico pedagógico, administrativo, funcionários em geral, educandos e, acima de tudo, a comunidade do Cria-ú..

Promovi três seminários com o apoio de meu orientador acadêmico no mestrado e agora no doutorado Prof Dr. Henrique Antunes Cunha Júnior de temas: Primeiro, A Implementação da Lei nº 10.639/03 na Educação Brasileira: Avanços e Retrocessos; segundo: As Contribuições da População Negra para a Sociedade Brasileira e por último, Cotas no Ensino Superior para Negros. Também organizei encontros semanais de 3h durante seis meses, nas sextas-feiras, onde estudávamos temáticas referentes às relações étnico-raciais, a educação em Quilombos e fazíamos o planejamento interdisciplinar para os professores trabalharem os conteúdos em sala-de-aula semanalmente. Os únicos motivos que impediam a realização dos *encontros de formação* semanais foram compromissos extra/intra escola ou por causa dos

feriados nacionais ou local que caíram em dia útil. Nesse caso na semana seguinte realizávamos dois encontros de formação na mesma semana nas quartas e sexta-feiras.

Ressaltei aos segmentos da escola que para a concretização de uma proposta de ampliação e modificação do currículo escolar e seus conteúdos pedagógicos, comportamentos e atitudes (intra escola) sobre o Quilombo do Cria-ú precisavam mudar. Todos os segmentos da escola e pessoas da comunidade, precisavam participar efetivamente e afetivamente do processo de formação.

Com o objetivo de avaliar o contexto da escola antes e depois da pesquisa-intervenção fiz a aplicação de um questionário, ao final de um semestre de *encontros de formação*, para avaliarmos quais mudanças qualitativas ocorreram com os segmentos e na práxis da escola, à partir das atividades dessa investigação..

Para a realização desta pesquisa-intervenção vivi junto com os meus informantes da escola e do Quilombo do Cria-ú diversos momentos especiais. Alguns inquietantes e, conflituosos que possibilitaram-me amadurecer como profissional e diante da vida pelos desafios diários que precisei enfrentar e administrar. Outros, exigiram de mim envolvimento sentimental, psicológico, investimento financeiro, espiritual, responsabilidade e dedicação.ao *continuum cultural* que eu estava conhecendo e me autoconhecendo dentro do contexto da pesquisa, porque é um patrimônio identitário meu, faço parte dele. Mesmo que eu não estivesse fazendo a pesquisa considero relevante o estudo sistemático sobre o território quilombola do Cria-ú e demais Quilombos amapaenses. E por último, eu só consegui realizar esse trabalho porque a minha vida cruzou-se com a de pessoas especiais que aceitaram e dedicaram-se para a consecução desta tese.

1.6.1 A escolha dos interlocutores da pesquisa no Quilombo do Cria-ú

Inicialmente eu desejava entrevistar moradores do Cria-ú que tivessem mais de 50 anos de idade por considerá-los (as) pessoas de referência na cultura da comunidade. Durante a primeira visita que fiz ao Quilombo, escutei dos idosos que a maioria de seus (uas) conterrâneos (as) mais velhos “acabaram-se todos”, ou seja faleceram. Constatei que na atualidade, o Cria-ú tem um conjunto de crianças, jovens e adultos com menos de 50 anos muito superior aos moradores acima dessa idade. Embora tenha pessoas como a moradora mais antiga Sra. Marcelina Eugenia do Rosário, nascida em 30.06.1912 , completou no mês de julho de 2010, 98 anos, e infelizmente, faleceu no dia 19.09.2010 desse mesmo ano, são poucas.

Por isso, precisei redefinir o grupo etário da pesquisa, que foi composto por informantes de idade cronológica a partir de 40 anos, se estendendo até 90. As únicas exceções foram a Sra. Lescione Menezes da Silva, nascida em 25.01.1974, por ser a ‘Curandeira’³ mais nova dentro da Comunidade do Cria-ú. Leci, como é conhecida pela comunidade, mora no Cria-ú de Cima e é filha de Dona Rossilda, curandeira, parteira e benzedeira que mora no Cria-ú de Baixo. Por Leci assumir um lugar relevante no tratamento espiritual e cura da saúde das pessoas que lhe procuram de dentro e de fora da comunidade, praticamente substituindo sua mãe que já não trabalha com os processos de cura com a mesma recorrência. Considerei importante conversar com ela porque é a sucessora de sua genitora. Dona Rossilda que chega mesmo a dizer que não faz mais trabalhos espirituais que demandam muito esforço, só que na verdade ainda realiza esses trabalhos para algumas pessoas reservadamente. Ela mesma indicou sua filha para ser entrevistada.

Considerei indispensável conversar e registrar o depoimento de Lescione sobre o Quilombo. E por ela trabalhar diferente como mencionou sua mãe que nos disse: a Leci trabalha diferente. Perguntei como assim diferente Dona Rossilda? Ela respondeu: “não trabalha assim como eu com incorporação”. Perguntei novamente, como ela trabalha então? Ela respondeu novamente: “com vidência apenas olhando e conversando com as pessoas”.

Após a conversa com a Dona Rossilda, fui a residência da Leci na companhia de minha irmã que recebeu-nos com toda cordialidade e bem querer. Abriu sua casa “porta a dentro” para nos receber. Socorro Lino iniciou a conversa por ser sua madrinha e explicou o motivo de nossa visita. Leci escutou-nos atentamente e disse ser tímida, ter vergonha de falar e principalmente ser filmada. Mesmo embarreirada por sua timidez concordou. Dissemos a ela que eu passaria em nova data para combinar o dia da filmagem. Conversamos por mais uma hora aproximadamente e na oportunidade indaguei sobre seu trabalho mediúnico. Ela nos respondeu que joga cartas e búzios, prepara remédios e que atende todos os dias em sua residência mesmo.

A outra exceção é o Alexandre do Rosário Silva, nascido em 05.04.1990, neto e filho de criação de Dona Marcelina, curandeira mais idosa dentro do Quilombo do Cria-ú. Considerei relevante escutar do Alexandre porque a Comunidade do Criaú vem sofrendo com índice de violência física entre seus moradores, principalmente os jovens e entre eles os homens. Escutá-lo, poderia ajudar a cercarmos o problema e procurarmos compreender seus

³ Pessoa que possui poderes mediúnicos para cuidar espiritualmente de quem necessitar. É o mesmo que experiente, mãe de santo.

motivos e quiçá ajudar propositivamente esta comunidade a encontrar caminhos para combater a situação.

Sei que todas as vozes que se cruzaram e se completaram na tessitura desta tese são de pessoas que possuem as lembranças do Quilombo e suas transformações ao longo dos anos acesa em suas memórias. Em suas falas percebi a referência e o respeito pelos ensinamentos que acumularam ao longo de suas vidas, que frequentemente davam-se pela oralidade e também pela observação e pelo silêncio (escutar sem interferir na conversa).

A educação pelo silêncio se apresenta referendada quando dizem:

Não sei o porquê. Quando eu me entendi já achei assim. Os (as) velhos (as), os (as) antigos (as) falavam (incluindo pais, avós e pessoas idosas da comunidade) e ninguém questionava eles (as). Ia seguindo aquilo ali sem questionar com eles (as). No nosso tempo era assim. Hoje tá tudo mudado. Ninguém respeita mais ninguém... (Essa fala foi recorrente em todas as pessoas idosas da comunidade)

Adotei como encaminhamento na conversa prévia, explicar pormenorizadamente sobre a pesquisa e seus objetivos aos possíveis informantes. Esse procedimento além de positivo é indispensável para que se faça investigação com seres humanos. As pessoas devem saber sobre O que é? Por quê? E Como? Quais objetivos e desdobramentos que se pretende? Riscos e se concordarem e estiverem dispostas a participar devem dar autorização por escrito em Termo Livre Esclarecido sobre a pesquisa que se pretende realizar.

Os (as) informantes devem participar de livre e espontânea vontade até o momento que desejarem. Cada interlocutor (a) é livre para sair a qualquer momento do trabalho e sua decisão deve ser acatada e respeitada pelo (a) pesquisador (a). Deixei todas as informações claras o suficiente e a possibilidade de perguntarem sobre o que desejassem se tivessem ou viessem a ter dúvidas sobre qualquer procedimento ou ocorrido dentro da pesquisa.

Após os interlocutores da pesquisa receberem todos os esclarecimentos sobre o seu desenvolvimento, alguns (mas) falaram prontamente, querer participar da investigação e que a entrevista registrada em vídeo poderia ser naquele exato momento. Outros (as) por timidez disseram: “eu não sei nada sobre a história do Cria-ú” e indicaram outras pessoas para a entrevista e algumas delas eram as mais idosas do Quilombo.

Após as pessoas tímidas escutarem que sabem muitas coisas importantes sobre a comunidade, sobre o Batuque, sobre tudo que existe em seu cotidiano por que são parte de tudo isso e, portanto, possuem vasto conhecimento sobre sua história e cultura local. Foram

convencidos (as) a dizerem o “pouco que sabem”, que para nós é um conhecimento rico e imenso, sobre a comunidade e sua história.

Fiquei sabendo através da investigação que as pessoas antigas de 60 anos em diante dentro do Cria-ú são poucas. O Quilombo do Cria-ú está perdendo seus (uas) idosos (as). Muitos (as) já estão em outro plano espiritual. Em relação á perda desse conjunto de pessoas, os autores (HAPÂMTÉ BÂ, 1997; KARASCH, 2000; SANTOS, 2006) em suas problematizações dão visibilidade à urgência que precisamos ter para não deixarmos escapar para sempre a oportunidade de escutarmos e registrarmos a voz da sabedoria e experiência do vivido da população idosa em todos os lugares.

Sei que a qualquer momento os (as) idosos (as) podem falecer e se não documentarmos os conhecimentos que possuem, levarão consigo capítulos guardados em suas memórias de uma história do vivido, sentido e por isso escritas vivas em seus corpos, alimentadas por suas lembranças que precisamos salvaguardar mesmo que seja na frieza das letras de um livro, que para nós jamais serão mortas, porque falam de vida, entrelaçadas com a nossa vida, anunciando vidas, de vidas e vidas que se formarão porque sempre se farão vivas.

Tive a preocupação de dizer aos meus informantes que o registro audiovisual e fotográfico seriam necessários para a salvaguarda das informações e desdobramentos pretendidos com o material que posteriormente comporia o banco de informações sobre a comunidade do Cria-ú dentro da Escola Estadual José Bonifácio.

Realizei o registro de imagens, depoimentos, festas e cotidiano do Cria-ú para que o acervo servisse após edição para o trabalho didático-pedagógico dos (as) professores (as) na escola da comunidade e demais escolas da rede estadual, municipal e particulares de ensino no Amapá. E também para que os educandos e pessoas que buscam informações sobre a história e cultura do Quilombo do Cria-ú, tenham acesso a esses registros. Para que essa iniciativa se concretize é necessário sua catalogação como acervo histórico sobre o território quilombola do Cria-ú.

Durante o desenvolvimento da pesquisa-intervenção fiz o exercício de escutar atentamente as pessoas que compõem os dois lócus de pesquisa. Primeiro, a comunidade do Quilombo do Cria-ú e o segundo os segmentos da Escola Estadual José Bonifácio para que a comunidade escolar durante os *encontros de formação*, fosse instruída a valorizar a história e a cultura local como material didático-pedagógico e portanto, como ponto de partida para a Implementação da Lei nº 10.639/03 na escola.

A memória de quatorze interlocutores do **Cria-ú de Cima e de Fora** e nove informantes do **Cria-ú de Baixo e de Dentro** trouxe de volta fatos e acontecimentos relevantes sobre a trajetória de vida da comunidade do Cria-ú. Estas memórias foram anunciadas pelas vozes de:

MORADORES (AS) DO CRIA-Ú DE CIMA E DE FORA		
NOME	SEXO	DATA DE NASCIMENTO
Alexandre do Rosário Silva (neto de Dona Marcelina)	Masculino	<i>05.04.1990</i>
Esmeraldina dos Santos	Feminino	<i>11.01.1955</i>
Francisca Ramos dos Santos (Tia Chiquinha)	Feminino	<i>26.06.1920</i>
José Clarindo dos Santos (Seu Zé)	Masculino	<i>30.07.1919</i>
Joaquim Paulo do Amaral, Seu Birrinha (filho de Dona Marcelina)	Masculino	<i>27.05.1946</i>
Joaquim Lourival de Abreu, funcionário da escola da comunidade	Masculino	<i>27.08.1967</i>
Joaquim Araújo da Paixão	Masculino	<i>09.02.1943</i>
Joaquim Assunção Ramos – Sr. Chuteira filho de Dona Marcelina	Masculino	<i>05.08.1930</i>
Lescione Menezes da Silva	Masculino	<i>25.01.1974</i>
Marcelina Eugênia do Rosário	Feminino	<i>30.06.1912</i>
Maria Oliveira da Paixão	Feminino	<i>01.08.1924</i>
Maria do Carmo dos Santos	Feminino	<i>01.05.1954</i>
Pedro do Rosário dos Santos, conhecido como Pedro Bolão	Masculino	<i>03.10.1960</i>
Rosinaldo Menezes Silva - M. Silva (Artista Plástico do Cria-ú)	Masculino	<i>11.11.1973</i>

TABELA 1: Moradores do Cria-ú de Cima e de Fora

MORADORES (AS) DO CRIA-Ú DE BAIXO E DE DENTRO		
NOME	SEXO	DATA DE NASCIMENTO
Ângela Maria dos Santos Luz - esposa do Tio Duca	Feminino	04.11.1959
Francisco Silvano da Silva (Seu Chico)	Masculino	09.02.1933
Gonçalo Jovino Ramos - Tio Duca	Masculino	10.01.1942
Ivanilde do Rosário Ramos (conhecida por Vanoca)	Feminino	03.03.1953
Josefa Maria de Miranda	Feminino	02.05.1929
José Antônio da Silva – Seu Mióia	Masculino	14.02.1954
Maria Lúcia Miranda Silva	Feminino	22.10.1961
Rossilda Joaquina da Silva	Feminino	16.08.1936
Roldão Amâncio da Silva	Masculino	08.04.1935

TABELA 2: Moradores do Cria-ú de Baixo e de Dentro

E mais de 40 interlocutores dos segmentos da Escola Estadual José Bonifácio que participaram do percurso da pesquisa-intervenção.

Direção	Rosa Elanha da Costa Ramos
Professores(as) da Educação Infantil	Prof. Nilma Maria Lopes Prof. Antonio Rogério Corrêa Cardoso Prof. Eni de Jesus Jardim Pereira Prof. Maria Cleudenira Leite da Paixão Prof. Núbia Maria Ramos Lopes Prof. Maria Renilda da Penha Viana
Professores(as) do Ensino Fundamental	Prof. de Geografia :Marta de Souza Maciel Prof. de História: Maria Rosália Gomes de Farias Prof. de Matemática: Benedito Antônio da Luz Lobato Prof. de Ensino Religioso: Deusiana da Silva Machado Prof. Odilene Leite Lemos: Artes e Projetos

Corpo-Técnico Administrativo	
Supervisão e Orientação Pedagógica	Irene Bonfim Vanda dos Santos Rodrigues
Secretária Administrativa	Ely Maciel do Rosário
Responsável pela Biblioteca	Maria do Socorro Lino Videira
Auxiliar de Serviços Gerais	Ivanilde do Rosário Ramos Joaquim Lourival de Abreu
Merendeira	Maria Lúcia Miranda Silva
Educandos (as)	Educação Infantil Ensino Fundamental

TABELA 3: Funcionários da Escola Estadual José Bonifácio

Os vários enlaces apresentados no decorrer do detalhamento deste capítulo envolvendo inúmeros (as) interlocutores (as) do Quilombo do Cria-ú e da Escola José Bonifácio ganha corpo e desdobra-se no transcurso de toda a tese.

2 AS CULTURAS DOS QUILOMBOS AFROAMAPAENSES

Não podemos perder de vista, que o Brasil é o que é, porque teve e tem as referências africanas marcadas no seu território, na sua população e, sobretudo, na sua cultura. (RAFAEL SANZIO, 2009).

O nosso país é apontado estatisticamente como o território que possui a segunda maior população descendente de africanos do planeta. E por conseguinte, predominante e definidora da nossa identidade étnica como afrodescendentes e afrobrasileiros. As culturas de matriz africana estão na gênese do povo brasileiro.

Os Quilombos são territórios heterogêneos com direitos garantidos por lei e de culturas distintas que se constituem dessa maneira, porque, estão imbricados com o espaço geográfico e a constituição histórica que os origina. Insígnia são as culturas e suas expressões dentro desses espaços de maioria negra e também as denominações que recebem na contemporaneidade, que de certa maneira, dificultam a assimilação do sentido histórico do termo, impossibilitado de ser claramente compreendido devido as várias definições que recebe como: comunidades negras tradicionais, remanescentes de Quilombos, mocambos, comunidades negras rurais, quilombos contemporâneos, comunidades quilombolas ou terras de preto, quilombo urbano, espaços de maioria negra todos esses termos são sinônimos e se referem ao mesmo patrimônio territorial, histórico e cultural. A falta de clareza dos quilombados sobre o sentido histórico dos Quilombos faz com que alguns de seus (uas) filhos (as) recuzem a identidade étnica de quilombola, porque para eles aceitar tal definição é aceitar ser escravizado (a) novamente.

Os Quilombos são locais relevantes para o desenvolvimento de pesquisas, mas só a pouco tempo estão suscitando o interesse da pesquisa universitária. O mesmo acontece com alguns órgãos oficiais do governo federal e estadual que timidamente vem dando atenção a esses grupos étnicos (ANJOS, 2009). Dois problemas maiores afetam a maioria dos Quilombos, o processo de reconhecimento e de titulação. Para maior visibilidade e aceleração no processo de titularização das terras quilombolas urge a necessidade de mapeamento minucioso destes para que reconhecidos e posteriormente titulados seus descendentes possam lutar para garantir seus direitos à cidadania plena.

É notório que a caminhada é longa em busca da cidadania quilombola e, só irá avançar se forem destinados recursos financeiros, técnicos e humanos para o mapeamento dessas comunidades em nosso país. As necessidades são, o mapeamento e o desenvolvimento

de pesquisas sobre a história e cultura dos Quilombos, bem como suas necessidades de serviços e investimentos públicos, precisam entrar na agenda de prioridades dos governos como políticas públicas específicas, caso contrário, a grande maioria continuará sendo expulsa de suas terras pela falta de infraestrutura, educacional, habitacional, saúde, entretenimento, desporto, transporte e técnico/profissional, ou seja, condições digna de vida para si e seus semelhantes.

A respeito das culturas dos Quilombos Rosa Acevedo (ano 2000), também afirma que são distintas e para compreendê-las é preciso enxergá-las em suas múltiplas práticas que vão desde o cultivo da terra à produção de conhecimentos materiais e imateriais, rezas, orações e também o compadrio, as relações de parentesco e consaguinidade. Para a autora essas características tornam complexa a referida cultura e impossibilita que os quilombolas a identifiquem não só como práticas sociais e cotidianas, mas como expressão de sua prática cultural ancestral africana e afrodescendente, a falta de compreensão a esse respeito é também de toda a sociedade brasileira. Para Albuquerque (2007, p.78) “na medida em que **o (a) filho (a) do Quilombo**, reconhece sua própria cultura, surge um elemento profundo de valorização dessa cultura e dos sujeitos em questão.” (Grifo nosso).

Dentro dos territórios quilombolas cada morador sente-se parte do lugar por ligar-se a ele por sentimentos e conhecimentos que lhes foram passados por seus ancestrais via a tradição oral. A pertença a esses territórios está relacionada a ancestralidade, portanto a uma memória que articula passado-presente-futuro e por isso os Quilombos são considerados territórios tradicionais (ANJOS, 2009).

Pelos Quilombos serem heterogêneos como já mencionei, eles receberam e ainda recebem várias definições, por exemplo, no Brasil Colônia, esses territórios negros eram uma reconstrução e elaboração concreta de um tipo de organização territorial existente na África Meridional. Nesse continente a expressão tem várias significações e uma delas é um **estado permanente de guerra**. A palavra aportuguesada Quilombo tem sua origem na estrutura da língua bantu ou banto (Kilombo) e pode ser entendido ainda, como **acampamento guerreiro na floresta** ; o nome de uma região administrativa em Angola; habitação na região central do antigo reino do Congo; **lugar para estar com Deus** na região Centro-Norte de Angola, “filho de preto que não é preto” (ANJOS, 2009).

Na atualidade, a exemplo do período histórico do Brasil Colônia, os Quilombos são identificados por vários termos e seus (uas) filhos (as) continuam lutando para conservar suas terras e não serem vistos como parte do passado de nosso país, mas sobretudo do

presente e do futuro exigindo a garantia de seus direitos como brasileiros e a titulação (direito legal) de seus territórios.

Esse *continuum* cultural evidencia suas culturas heterogêneas que são marcadas por dimensões e características sócio-históricas e espaços geográficos distintos. Suas culturas são complexas, dinâmicas e seus sentidos estão impressos nelas mesmas. Isso implica dizer que para conhecê-las é preciso vivenciá-las em suas sutilezas, gestuais, símbolos, religiosidade, no que é dito pela oralidade, expressões faciais corporais e também pelo silêncio dos sentimentos e emoções.

Sendo assim, cada Quilombo representa a trajetória histórica da população do lugar. E face a falta de pesquisas acadêmicas nessa área de conhecimento, que dê conta de explicar a existência, junto com as singularidades desses territórios de maioria negra em todo país, levaremos para o futuro, sem explicação, parte significativa de nossa história que assim que começar a ser escrita revelará, acredito, novos capítulos da história do Brasil. Digo isto, porque grande parte dos Quilombos localizam-se em áreas de fronteiras e de difícil acesso, como é o caso da Região Norte e, no caso específico do Estado do Amapá, lugar de onde falo.

As comunidades do interior da Amazônia foram criando, ao longo do tempo, formas de enfrentar as realidades geográficas e climáticas, o que envolve a maneira de lidar com os imensos rios [...], de sobreviver na floresta densa, enfrentar as chuvas, calor e umidade, extraindo da natureza seu próprio sustento, alimento e bebida **e cura para as enfermidades do corpo e do espírito**. A necessidade de sobrevivência levou os diversos grupos da região a inventar uma diversidade de formas de lidar com as condições impostas. Ou seja, assim como suas concepções, também suas formas de resposta às condições dadas, que não são homogêneas (AMARAL, 2005, p. 191. Grifo nosso).

As populações negras brasileiras que corporificam os Quilombos em todo o território nacional sempre enfrentaram inúmeros desafios para chegarem a determinados espaços geográficos de difícil acesso, estrategicamente escolhidos para que conseguissem viver longe das diversas formas de agressões psicológicas, física, moral e espiritual a que eram submetidos pelo processo escravocrata brasileiro.

A fé que nutriam pelas forças espirituais em que acreditavam, as faziam confiar que poderiam viver em seu território em paz, liberdade e reconstituindo sua história e heranças culturais negras. Mesmo vivendo em lugares de difícil acesso os quilombolas não estavam isolados do conjunto da sociedade. Com esta mantinham negócios de compra e venda dos gêneros alimentícios que produziam e realizavam serviços especializados nas fazendas, as vezes até mesmo para seus ex-agressores – escravizadores.

Pela trajetória histórica da população negra brasileira refugiada nos Quilombos, sempre tendo que burlar a má sorte. Na atualidade, estão acessando lentamente a algumas políticas públicas porque vivem em crescente movimento político de reivindicação e garantia de seus direitos materializados em bens e serviços oferecidos pelo estado brasileiro a população em geral.

Dentre esses direitos reivindicados está a educação e, em especial, a educação em Quilombos que deve ser pautada num conjunto de preocupações que englobam sobretudo a necessidade da definição de uma concepção educacional, que na minha opinião deve ser a de Paulo Freire porque ajuda o sujeito a refletir sobre sua condição concreta e, conscientizá-lo disso, lutará para mudar sua realidade e afirma-se diante do mundo num que fazer libertador. E tem por princípio a valorização da cultura das pessoas no processo de conscientização sobre a realidade e atribui a ela possibilidades educativas concretas de ressignificação da condição do próprio sujeito que pode “ser mais” tornar-se melhor e portanto alterar o contexto em que vive.

2.1 AS DIFERENCIAÇÕES EXISTENTES NAS CULTURAS DOS QUILOMBOS AFROAMAPAENSES: OS INSTRUMENTOS, A MÚSICA, O RITMO E A DANÇA

Antes de fazermos a abordagem geral sobre os Quilombos amapaenses, considero relevante fazer breve apresentação do Estado do Amapá, uma das 27 unidades federativas do Brasil, tem 16 municípios: geograficamente está localizado no extremo Norte do Brasil, quase que inteiramente no hemisfério Norte. Por suas características geo-físicas, sociais, políticas e econômicas, faz parte da vasta região Amazônica e Região Norte do Brasil. A configuração do mapa do estado é de um losango imperfeito, tendo suas vértices dirigidos para os pontos cardeais. A linha do Equador passa ao sul do estado, na cidade de Macapá.



FIGURA 6: Mapa do Estado do Amapá
Fonte: Governo do Estado do Amapá

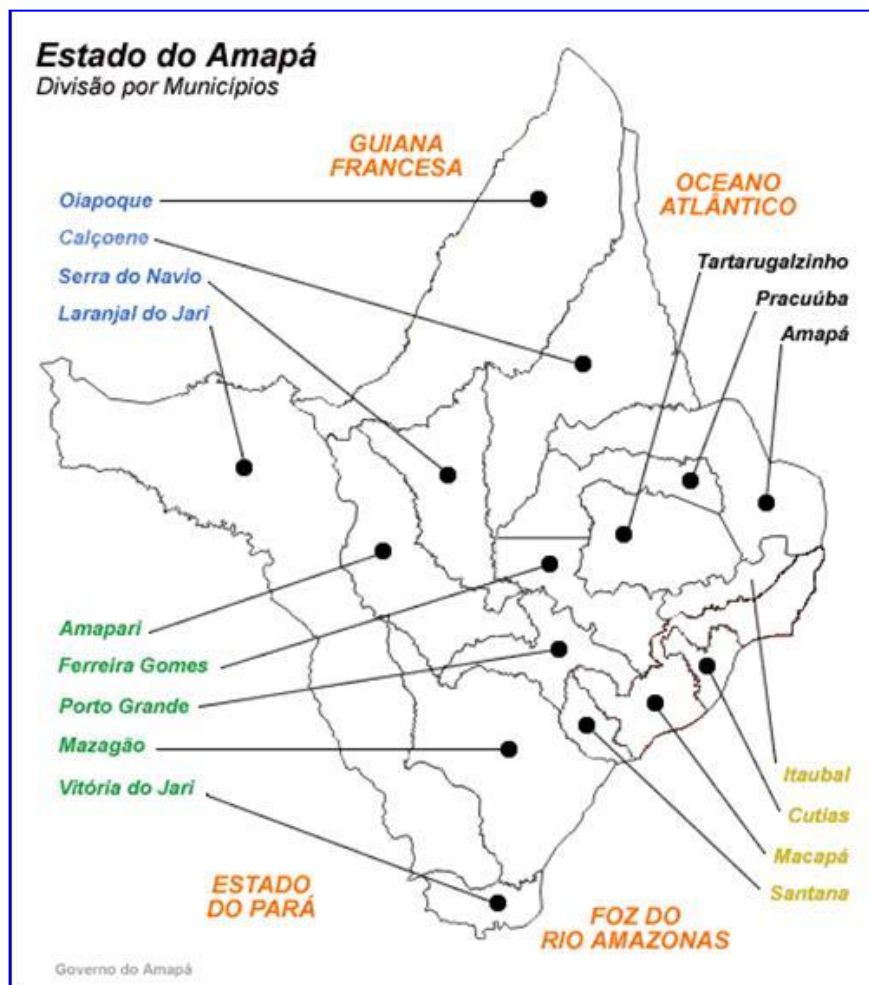


FIGURA 7: Mapa do Estado do Amapá – Divisão por Município
Fonte: Governo do Estado do Amapá

A cidade de Macapá é a capital do Estado, fica localizada ao sul e é banhada pelo braço norte do Rio Amazonas. O Estado do Amapá é banhado a leste pelo Oceano Atlântico e o Rio Amazonas. O seu litoral com 242 Km de extensão, vai do Cabo Orange ao Cabo Norte, isto é, da foz do Rio Oiapoque a foz do Rio Amazonas. Compreende a uma área de 143.453 KM². É maior que muitos países do mundo bem como de algumas unidades brasileiras. Sua população e limites geográficos de acordo com a estimativa feita pelo IBGE, em agosto de 2007 a população do estado estava estimada em 587.311 habitantes dos quais 436.251 residindo em Macapá- capital e Santana – segundo maior município do estado. Seus limites foram fixados definitivamente pelos Decretos Leis de números 5.812 de 13 de setembro de 1943 e 6.550 de 31 de maio de 1944, respectivamente que criou e definiu seus municípios.

O Amapá limita-se ao norte e a noroeste com a Guiana Francesa e Suriname. A leste e nordeste como o Oceano Atlântico, ao sul e sudeste com o Canal do Norte e braço esquerdo do Rio Amapá, a oeste e sudeste com o Rio Jarí. Seus pontos extremos são

determinados com suas localizações e especificações de latitude e longitudes: ao norte Cabo Orange; ao sul a Foz do Rio Jarí, a leste o Cabo Norte, a oeste a nascente do Rio Jarí. Sua densidade demográfica é aproximadamente de 1,92 habitantes por quilômetro quadrado. Em relação a sua latitude, ao Extremo Norte- Cabo Orange 4°20'45"N, ao Extremo Sul – A 32 Km da Foz do Rio Jarí- 1°13'30"S. Sobre sua longitude W. Gr. (com relação ao Meridiano de Greenwich), ao Extremo Leste- Cabo Norte- 49°54'45" W.Gr., Extremo Oeste – Nascente do Rio Jarí- 54°47'30" WGr. Em relação a suas fronteiras: ao norte – Guiana Francesa, ao sul- Estado do Pará, ao leste – Oceano Atlântico, a oeste – Estado do Pará.

O estado do Amapá tem um grande número de migrantes advindos de vários estados brasileiros e principalmente do Pará e em segundo do estado do Maranhão.

A chegada de população negra no Amapá, remonta aos anos de 1749 a 1751, como escravizados de famílias provenientes do Rio de Janeiro, de Pernambuco, da Bahia e do Maranhão. Outros são advindos da Guiné Portuguesa e trabalhavam na cultura do arroz. no entanto, o maior contingente era constituído de fugitivos da região de Belém- durante o governo do Grão Pará, os quais fundaram um mocambo as margens do rio Anauerapucú (município de Mazagão). foram descobertos ocasionalmente por caçadores de índios, então seus habitantes abandonaram o local e foram mais para o norte, para evitar outros encontros (SANTOS, 1998).

Oficialmente, o negro começou a ser introduzido no Estado em 1751, trazido pelos colonos portugueses da Ilha dos Açores, que se estabeleceram em Macapá, e destinavam-se, dentre outras atividades, às obras de fortificação militar, construções urbanas e às lavouras de arroz e cana-de-açúcar.

Com a fundação da Vila de Mazagão, em 1771, as 136 famílias que ali se estabeleceram, trouxeram 103 escravizados, mas o maior contingente chegou quando da construção da Fortaleza de São José, com início em 1764 e concluída em 1782 (SANTOS (1998).

Segundo Salles (2005) e Santos (1998) em 1788 já haviam em Macapá em média 750 africanos fugidos da Guiana Francesa e do Grão Pará, muitos remanescentes dos trabalhos na fortificação. Nos dezoito anos da construção muitas pessoas moreram de doenças como sarampo, malária, acidentes de trabalho e muitas vezes pela servidão imposta e a brutalidade dos construtores do empreendimento militar.

Muitas dessas pessoas escravizadas, inconformados com os maus tratos, rebelavam-se e fugiam para longe do alcance de seus algozes, formando os Quilombos de Maruanum, Igarapé do lago, Ambé, Cunani e o Cria-ú (SANTOS, 1998). A comunidade

negra faz parte da formação cultural, econômica e política do Amapá. A presença do negro na história deste Estado vem desde o começo da sua ocupação, em meados do século XVIII.

A população negra em Macapá, presente nos Quilombos locais apresentam contextos geográficos, sócio/culturais, econômicos e educacionais distintos. De acordo com o mapa da Fundação Cultural Palmares especificando a população brasileira que habita em Quilombos têm-se o registro de 21 comunidades com essa especificidade no Amapá com uma estimativa de 580 famílias, detalhadas na tabela abaixo:

AMAPÁ - ANO 2005			
Município	Quilombo	Cód. IBGE	Data de publicação
Calçoene	Cunani	1600204	19.14.05
Macapá	Conceição do Macacoari	1600303	09.04.05
Macapá	Lagoa dos Índios	1600303	19.08.05
Macapá	Mel da Pedreira	1600303	09.11.05
AMAPÁ - ANO 2006			
Município	Quilombo	Cód. IBGE	Data de publicação
Macapá	Ambé	1600303	07.06.06
Macapá	Ilha Redonda	1600303	12.05.06
Macapá	Porto do Abacate	1600303	28.07.06
Macapá	Rosa	1600303	12.05.06
Macapá	São José do Mata Fome	1600303	12.05.06
Macapá	São Pedro dos Bois	1600303	12.05.06
Macapá	São Raimundo do Pirativa	1600600	13.12.06
AMAPÁ - ANO 2009			
Município	Quilombo	Cód. IBGE	Data de publicação
Oiapoque	Kulumbú do Patuazinho	1600501	19.01.09
Santana	Engenho do Matapí	1600600	19.11.09
AMAPÁ - ANO 2010			
Município	Quilombo	Cód. IBGE	Data de publicação
Macapá	Currallinho	1600303	24.03.10
Macapá	Ressaca da Pedreira	1600303	27.04.10
Macapá	Santo Antônio do	1600303	27.04.10

	Matapí		
Macapá	São João do Matapí	1600303	24.03.10
Santana	Alto Pirativa	1600600	27.04.10
Santana	Cinco Chagas	1600600	27.04.10
Santana	Nossa Senhora. Do Desterro dos Dois Irmãos	1600600	24.03.10
Tartarugalzinho	São Tomé do Aporema	1600709	27.04.10

TABELA 4: Quilombos titulados pela Fundação Cultural Palmares no Estado do Amapá

Muito embora algumas similaridades culturais sejam encontradas nesses patrimônios, materiais e imateriais e naturais do Amapá por se tratar de culturas de base africana. Têm-se nos Quilombos amapaenses, em termos de danças, o predomínio do Marabaixo, Batuque com exceção do Zimba, ritmo dançado pelo Quilombo do Cunani e o Sairê- no Distrito do Carvão no Município de Mazagão que apresentam instrumentos, cantigas, ritmo e danças específicos desses lugares.

Tiago de Oliveira Pinto (2000)⁴ responsável por registrar e analisar a influência negra na música nas comunidades negras do Amapá, sem dúvidas dar-nos contribuições valorosas sobre a cultura afroamapaense inclusive dizendo algumas similaridades encontradas com algumas culturas africanas. Fazendo com que dúvidas sejam esclarecidas sobre uma possível origem étnica dos afroamapaenses. Tais informações são importantíssimas porque trata-se de análise minuciosa sobre a musicologia amapaense, tipificação e classificação das cantigas e bandaias entoadas no Marabaixo e Batuque respectivamente com descrição de suas notas musicais, bem como sua originalidade e variação rítmica dentro de alguns Quilombos exemplificados a seguir.

Segundo Tiago Pinto (2000, paginação irregular),

O assunto deste ensaio interessa às pesquisas culturais na região amazônica brasileira sob vários aspectos. De um lado tem-se poucas notícias baseadas em pesquisa de campo de remanescentes de Quilombos nesta região, principalmente quando o enfoque é etnográfico, linguístico ou musicológico. Do outro lado a musicologia brasileira, mais especificamente aquela que se ocupa da tradição oral, ainda não registrou devidamente a prática musical inserida em contexto ritual mais amplo dentro das várias comunidades

⁴ O professor Tiago de Oliveira Pinto, ministra a disciplina: Antropologia Sonora Etnomusicologia, na Universidade de São Paulo, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas. Departamento de Antropologia – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social.

negras amazônicas. O presente estudo não representa mais do que um primeiro relato, levantando algumas questões básicas a serem aprofundadas em investigações futuras.

Grande parte das festas praticadas nas comunidades negras do Amapá estão ligadas ao calendário religioso católico. Destacam-se a Festa do Divino Espírito Santo e Santíssima Trindade (marcando os festejos do Ciclo do Marabaixo realizado anualmente nos bairros do Laguinho e Santa Rita (conhecido historicamente por Favela). Sendo que no Laguinho festeja-se o Divino Espírito Santo e a Santíssima Trindade e na Favela somente Santíssima Trindade dos Inocentes, assim como a festa de São Tiago com “cavalhadas” tradicionais, que representam a guerra entre mouros e cristãos. Entre as comemorações religiosos dentro dos Quilombos locais destaca-se a festa de Nossa Senhora da Piedade no Igarapé do Lago, a festa de Nossa Senhora do Carmo no Maruanum e a festa de São Joaquim no Cria-ú, em que entre cantigas ao som de tambores e pandeiros, também são entoadas as folias para os santos, intercaladas por ladainhas em latim.

Tiago Pinto (2000, paginação irregular) nos afirma que

As músicas e os ritmos produzidos nestes eventos tradicionais das populações negras do Amapá são tão originais quanto sugerem os seus nomes: marabaixo, sairê ou zimba. Mesmo o batuque no único remanescente de antigo quilombo no estado, o Cria-ú, em muitos aspectos diverge dos batuques do sul do país, devido à presença de grandes pandeiros, tocados a três ou quatro, acompanhando dois tambores em forma de cilindro, feitos de tronco de árvore, deitados rente ao chão e “montados” pelos seus tocadores. É esta também a configuração característica dos conjuntos de três tambores cilíndricos no batuque do Igarapé do Lago e no zimba da Vila do Cunani ao litoral norte do estado, sendo que sempre um dos tambores ainda é percutido com duas baquetas na sua parte posterior por um segundo percussionista. Nota-se que a nomenclatura dos instrumentos é própria em cada uma das comunidades negras do Amapá, a mais original sendo a do Igarapé do Lago: Cupiúba é o tambor maior, macaco e macaquinho os nomes que se dá aos outros dois tambores. O batuque do Igarapé do Lago ainda se destaca pelo raspador, um idiofone de fricção tipo reco-reco, e pela taboca (ou xeque-xeque) um grande chocalho. No batuque do Curiáu tocam-se apenas dois tambores de tronco de árvore (além dos mencionados pandeiros), igualmente deitados e montados pelos tocadores. Aqui são denominados de marcador e dobrador, ou também de marcador e repinique.

Considero relevante mencionar, ao contrário do que diz Tiago Pinto, afirmamos que o Batuque do Igarapé do Lago não é o mais original, porque corroboramos com o pensamento de que não existe cultura mais original que outra. O que na realidade existem são características próprias que as diferem em alguns aspectos. Não podemos correr o risco de julgarmos ou de classificarmos as culturas em escala de valores como sempre fizeram alguns

intelectuais com formação acadêmica em antropologia, filosofia e historiadores. As culturas são distintas e cada uma delas precisa ser analisada dentro de seus territórios de origem para que faça sentido a quem as analisa e convive dentro desses contextos, o que são, representam e quais os significados que possuem, mas para tanto precisamos conhecê-las por dentro.

2.1.1 Características musicais do Marabaixo

Tiago Pinto destaca algumas características musicais e rítmicas do Marabaixo dançado nas comunidades do Maruanum, Mazagão, Favela e Laguinho, todas em Macapá e suas imediações dizendo-nos que nesses territórios

[...] predominam os tambores do tipo bombo (ou caixa grande) que são carregados pelos músicos e percutidos com duas baquetas. No Maruanum o bombo é denominado de zanga. Os músicos que tocam este instrumento – geralmente são dois – exercem, simultaneamente, o papel de dançarinos e de puxadores do canto, visto que a comunidade dança em grupo, acompanhando o movimento em círculo anti-horário dos percussionistas e responde em coro os versos puxados por um dos tocadores do zanga. No contexto tradicional afro-brasileiro é raro, talvez até mesmo único do marabaixo, o desempenho do agente musical simultaneamente como percussionista, cantor e dançarino, conforme observado com os puxadores deste gênero genuinamente amapaense. Diferente do batuque, parece que o marabaixo absorveu elementos indígenas da região amazônica que se fazem presentes na maneira como o grupo dança em torno dos percussionistas. Não obstante a produção sonora ser de nítido cunho afro-brasileiro, a dança coletiva do marabaixo lembra os movimentos compassados de um grande grupo coeso que percorre ciclos infinitos, redesenhando o próprio espaço mítico dos torés indígenas e caboclos da região norte e nordeste do Brasil. (PINTO, 2000, paginação irregular).

Ao contrário da justificativa utilizada por Tiago Pinto, para afirmar que o Marabaixo por ser uma dança circular recebeu influências, por esse aspecto, da cultura indígena. Considero insustentável tal afirmação porque em todas as culturas cada uma tem uma disposição espacial que orienta o desenvolvimento dos passos da dança e para além disso, tem relação com a ancestralidade, circularidade de saberes, proteção da energia coletiva para que não se expraia, a união, a igualdade e o companheirismo. Portanto, as danças circulares não são características únicas das culturas indígenas e sim de grande parte das culturas que tem momentos de danças coletivas.

2.1.2 O Sairê do Quilombo do Carvão no Município de Mazagão

Seguindo as especificidades musicais dos Quilombos e comunidades negras do Estado do Amapá, apresentarei agora algumas características do Sairê, música e dança praticadas na comunidade amapaense do Carvão. A respeito desse gênero musical Tiago Pinto (2000, paginação irregular) compreende que

[...] temos aqui, além do elemento africano (e mesmo indígena), reminiscências da festa da corte européia. Não seria a designação do gênero, sairê, uma corruptela do francês soirée? A vestimenta festiva, até mesmo "barroca" do grupo, que se apresenta em duas fileiras seguindo os percussionistas, e, principalmente, a quadratura do ritmo do sairê, diferente de tudo o que até então se observou nos outros estilos musicais afro-amapaenses, corroboram para esta tese.

Tiago Pinto nos apresenta mais uma possibilidade de pesquisa importante sobre a cultura afroamapaense e suas conexões ainda em grande parte a ser "desvendada". Tendo sido o território amapaense colonizado pelos portugueses que adentraram às terras locais via Mazagão Velho, neste mesmo espaço, na comunidade do Carvão temos o Sairê que apresenta características das danças francesas, segundo o autor. A população local dança de braços dados, em duas fileiras, se movimentando para frente e para trás de acordo com a cantiga entoada. Os (as) dançantes também são coristas. A dança é suave, passos marcados totalmente diferente do ritmo frenético dos batuques e da cadência do Marabaixo. Os trajes típicos seguem o mesmo modelo dos utilizados no Marabaixo e no Batuque⁵.

2.1.3 Um possível lugar de partida

Segundo Tiago Pinto (2000, paginação irregular)

Mesmo que a expressão musical afro-americana, neste caso a música tradicional das comunidades negras do Amapá, apresente características próprias é, sem dúvida, nos batuques amapaenses, incluído o zimba do Cunani, que mais nítida se percebe a herança africana, notadamente bantu. Quais seriam, porém, os elementos principais que reportam a esta conexão africana? Já mencionamos as particularidades dos conjuntos de dois a três tambores cilíndricos, a sua técnica de execução e a percussão com dois "pauzinhos" na parte posterior de um dos tambores: esta configuração básica nos remete diretamente a instrumentos e conjuntos da África meridional. Não resta dúvida que o paralelo

⁵ Consultar VIDEIRA, Piedade Lino. **Marabaixo, dança afrodescendente**: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: UFC, 2009. p. 108-114, que apresenta a descrição do traje do Marabaixo.

africano mais próximo se encontra na região do Congo e em Angola, onde é bastante difundido o tambor semelhante, feito de tronco ôco de árvore, tocado em grupo da forma como o observamos no Amapá. No território sulamericano esta formação não apenas se estende do Pará, Maranhão ao Nordeste e mesmo ao Sul do Brasil, como pode ser encontrado também na Venezuela e nos países da região das Guianas, sobretudo no Suriname e na Guiana Francesa.

O Estado do Amapá é uma área de fronteira na Amazônia e seus limites territoriais pelo Município de Oiapoque é com Saint Jorge, pertencente ao território de Caienna - Guiana Francesa. Certamente, essa condição de fronteira, possibilitou muitas trocas culturais que de alguma maneira fazem parte da historiografia amapaense. Infelizmente, pouco se sabe sobre essa “porta de entrada” de difícil acesso e controle do fluxo migratório ainda hoje para solo brasileiro. Imaginemos no século XVII quão mais impossível seria. Fora do controle de migração, quiçá deva ter sido um grande porto de entrada de escravizados para o nosso estado.

O desenvolvimento de pesquisas de cunho histórico, geográfico, sociológico, dentre outros, analisando os documentos antigos existentes no Arquivo Público do Pará, no Arquivo Público do Rio de Janeiro e países estrangeiros que ladeiam o nosso território, deve dar-nos a chance de esclarecermos outras passagens de nossa história que pela dificuldade de acesso aos registros mencionados ainda permanecem encobertas.

2.1.4 As cantigas de Marabaixo e bandaias de Batuque

De acordo com Tiago Pinto (2000, paginação irregular) as frases musicais curtas presentes nas cantigas de Marabaixo e bandaias de Batuque representam outra característica da cultura afroamapaense que possivelmente se assemelha a tradição Bantu.

Outra particularidade diz respeito às cantigas que são entoadas em forma de pergunta e resposta por puxador e côro, respectivamente. Evidente que este ainda é um critério muito genérico para justificar a afirmação de aqui se tratar de uma tradição bantu. Porém o modo como se dá esta execução e as frases musicais curtas, sobretudo no batuque do Cria-ú, reforçam a evidência de se deparar, neste caso, com a continuidade de uma herança africana. No repertório do Cria-ú ocorre a predominância de uma configuração melódica pentatônica, além das melodias compostas por poucos graus. As escalas pentatônicas e as eventuais incursões em escalas modais, com uma redução de graus, distancia esta música da funcionalidade harmônica de tradição européia. O estilo de execução vocal, com sua sobreposição do início da frase do puxador sobre o final da frase do côro, é outro critério que remete à África. É curioso observar que estilos mais

populares da Amazônia, como o carimbó, já aderiram à funcionalidade harmônica européia na sua construção melódica, embora preservem outros elementos de origem africana, como a mencionada sobreposição do final com o início da frase cantada, entre outros.

2.1.5 O ritmo do Marabaixo e do Batuque

Os ritmos presentes nos Marabaixos e Batuques do Estado do Amapá apresentam variações distintas que segundo Tiago Pinto (2000, paginação irregular) são primordiais para a constatação da vertente africana na música amapaense.

No conjunto do Cria-ú este elemento pode perfeitamente ser analisado em suas diferentes partes, coincidindo, de fato, com um princípio básico de organização sonora africana. Nota-se também uma evidente concordância do Amapá com determinadas tradições da África meridional quanto aos conceitos da construção coletiva do ritmo e de sua interligação com os movimentos corporais, inclusive da dança. Uma apreciação pouco mais detalhada do ponto de vista da rítmica deve incluir os seguintes parâmetros de percepção sonora e de movimento: Beat e off-beat, que são produzidos pela marcação dos tambores; a pulsação elementar, que seria a sucessão das pulsações menores no conjunto da trama sonora dos impactos produzidos pelos instrumentos do conjunto e, finalmente, a linha rítmica (time line pattern), que é realizada por um instrumento de timbre agudo, no qual se percute um padrão rítmico de estrutura assimétrica. A particularidade do Batuque no Cria-ú, que além dos dois tambores em forma de cilindro, inclui três a quatro grandes pandeiros no seu conjunto de instrumentos é especialmente instigante. A título de uma primeira lista de itens para a investigação musicológica dos elementos musicais deste Batuque podem ser enumerados: Substituição da time-line pelos pandeiros, fórmulas que em outros gêneros musicais são produzidas por pauzinhos sobre o corpo dos tambores cilíndricos; Flutuação de motivos ritmo-melódicos nas partes dos pandeiros; Clara noção de acentuação, poliritmia e polimetria entre as diferentes linhas sonoras; Relação estrutural de fala e ritmo; Instrumentos com técnicas específicas de execução para o gênero estudado; Integração de som e movimento; Postura de “collapse” dos dançarinos e interação dançarinos-tambores; Polifonia parcial nas partes cantadas; Estilos vocais especiais.

2.1.6 A construção formal e estrutural da música afroamapaense

A musicologia, que trata dos assuntos musicais que não se referem propriamente à composição e à execução, mais sobretudo, a investigação histórica, a acústica, a estética, a pedagogia, a rítmica e a métrica, as teorias harmônicas, a organologia, o folclore. Estas características presentes nas cantigas de Marabaixo, bandaias de Batuque, cantigas de Sairê e Zimba, precisam de uma análise sistemática para que tenhamos condições de incluir mais esse repertório da cultura afroamapaense nos aprendizados sobre a cultura afromusical local. Além

da descrição da música, dos instrumentos e do ritmo presente em algumas comunidades quilombolas, como exemplificado anteriormente, que caressem de explicações teóricas.

No Quilombo do Cria-ú temos uma especificidade nesse caso, em se tratando dos “tocadores – foliões” do Glorioso São Joaquim que durante as folias e rezas das ladainhas formam um conjunto harmônico composto por: violas, tambor, reco-reco, pandeiros e xeque – xeque. Esses músicos autodidatas não estudaram música e tocam de ouvido tais instrumentos. Para quem entende desse assunto e possui conhecimento teórico para explicar os arranjos, tipos de notas musicais, harmonia, ritmo, ou seja a concepção que faz gerar a construção formal e estrutural da música do Cria-ú com acentuada originalidade, poderiam contribuir sobremaneira para também retirarmos a música tradicional do Estado do Amapá do campo do desprestígio técnico, de lugar inferior, instintiva e mecânica (sem elaboração harmônica) a exemplo do que fizemos com o Marabaixo em que dezoito cantigas foram transformadas em linguagem musical universal (partituras).

Em relação á música do Quilombo do Cria-ú, Tiago Pinto (2000) chama atenção para a necessidade desta composição musical local, como exemplo de música africana, ser distinguida em dois níveis de percepção: (1) a expressão musical, ou seja, os elementos sonoros, a configuração básica de suas estruturas formais e também as suas respectivas técnicas de execução; (2) o conteúdo, isto é, os princípios de organização do fenômeno musical a um nível mais profundo, a sua concepção mental e sua ”gramática”, por assim dizer. Afirma também que existe uma continuidade africana evidente na música tradicional afroamapaense, que gerou singularidades na construção formal e estrutural da música local.

Tiago Pinto (2000, paginação irregular) segue afirmando que estas particularidades todas mostram que é impossível enquadrar as heranças musicais afroamapaenses apenas dentro de uma perspectiva africana. Elas devem ser consideradas enquanto manifestações que apresentam ligações e vertentes tanto no Norte e no Nordeste do Brasil, quanto também nas Guianas.

Culturalmente o Amapá foi e permanece até hoje a ”Guiana Brasileira”, apresentando aspectos culturais de origens negra e indígena, que transcendem as fronteiras do Brasil com a Guiana Francesa e com o Suriname. Também a cultura popular, neste caso o gosto pelas músicas dançantes do Caribe, notadamente o zouk das Antilhas francesas, têm penetrado o Amapá através da Guiana Francesa, criando modas e práticas que, em parte, já se estederam do Amapá ao Pará e a outros estados da Amazônia. Os poucos exemplos mencionados mostram a riqueza das variantes de gêneros musicais de origem africana encontrados na Amazônia. Certamente é válida e de fundamental importância a pesquisa das relações estilísticas, de organologia, linguísticas etc. entre os gêneros musicais

amapaenses mencionados com a música africana, em especial a de Angola e do Congo, mesmo que a origem direta destes países seja, em muitos casos, remota. Desta forma, o primeiro mapeamento dos estilos musicais amazônicos evidencia uma grande complexidade das relações. Cultura neste caso aquela da música e de suas práticas correlatas - raramente se desenvolve de maneira linear. Ocorre a sobreposição de gêneros fechados e mesmo a reinterpretação de elementos isolados. A alteração do contexto funcional em que se faz música, as necessidades de adaptação, muitas vezes forçadas no período escravocrata e também pós-escravidão, mas também o surgimento de mestres exímios que imprimem à tradição local novas qualidades, contribuíram para que cada região, até mesmo cada povoado, apresente o seu repertório próprio, as suas regras específicas e suas particularidades. Estas sempre serão amplamente respeitadas e reconhecidas, pelo menos enquanto estiver viva a prática musical correspondente.

Uma das principais tarefas da pesquisa musicológica é, portanto, muito mais do que a pura análise estrutural da trama sonora, encontrar a linguagem que é comum aos diferentes repertórios de música, brasileiros e africanos. Detectar as particularidades e contextualizá-las possibilita retrazar os caminhos que levaram à formação destas culturas musicais. Em última instância não seria esta a contribuição mais importante da ciência, a de fornecer os seus dados de pesquisa para ilustrar a trajetória do homem no seu tempo e espaço?

Mesmo em se tratando de uma pesquisa inicial de caráter histórico, social e musicológico, realizada por Tiago Pinto sobre as diversas tradições negras do Amapá, traz relevante conhecimento e clareza da etnicidade presente na música tradicional da cultura afroamapaense. De posse dessas informações conseguimos avançar “um passo largo a mais” para além das suposições, em relação às explicações pertinentes a historiografia e singularidades culturais afroamapaenses.

Considero relevante mencionar que por parte do governo estadual da década de 90, houve a preocupação de registrar o maior evento cultural afroamapaense realizado em Macapá que reúne grande parte dos quilombolas do estado, denominado de Encontro dos Tambores e Semana Amapaense da Consciência Negra que acontece atualmente no Centro de Cultura Negra localizado no bairro do Laguinho no mês de novembro. Em 1995, 1996 e 1998 o evento aconteceu no Quilombo do Cria-ú. Este ocorrido deu origem a uma primeira coletânea de registros sonoros do Batuque, Marabaixo, Sairê e Zimba do Amapá. As gravações digitais foram feitas ao vivo no Cria-ú e compõe um CD com esses registros da musicalidade afroamapaense.

Portanto essa iniciativa do governo local, que também aconteceu com as populações indígenas de Macapá, que já chegaram inclusive a fazer apresentação cultural no Teatro Municipal de São Paulo sob a regência de Marlui Miranda, pesquisadora do tema

música indígena, vem contribuindo para a valorização e salvaguarda das tradições afroamapaenses. Vale ressaltar que os (as) quilombolas do Estado do Amapá também viajam pelo Brasil e já se apresentaram em alguns países como Alemanha, Matoury, Caiena, os dois últimos, localizados na região da Guiana Francesa, a fim de, participarem de intercâmbio cultural e realizarem vivências culturais em outras paragens.

Para além de salvaguardar a música afroamapaense, o intuito dessa iniciativa governamental foi de incentivar a produção musical em território amapaense com conteúdo enfatizando as nossas heranças afrodescendentes. E ainda, para que essa cultura se propague dentro e fora das terras amapaenses. Felizmente, a semente foi bem plantada e regada, porque as tradições culturais locais são cantadas, dançadas, representadas, pintadas, fotografadas, escupidadas, montadas, caricaturadas, desenhadas e declamadas pelo conjunto amplo de artistas locais.

Essa primeira coletânea como registro da musicologia amapaense não deixa dúvidas que como primeiro registro sonoro sobre a música do Amapá possa divulgar um rico patrimônio da música brasileira, até hoje ainda amplamente desconhecido no resto do país. Felizmente, outras comunidades quilombolas do Amapá vem se mobilizando para gravarem suas cantigas de Marabaixo, bandaias de Batuque (de domínio público e autoral em CD), as rezas de folias e ladainhas, bem como outros estilos musicais, a exemplo da comunidade de Mazagão Velho e do Quilombo do Cria-ú, este último detalhado no próximo capítulo, lutam para preservarem suas culturas.

3 CRIA-Ú: TERRITÓRIO QUILOMBOLA AMAPAENSE

O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da residência, das trocas materiais e espirituais e da vida, sobre as quais ele influi. (MILTON SANTOS, 2003)

Nessa seção inicio descrevendo e analisando os limites espaciais e as feições da paisagem do Quilombo do Cria-ú, descrevo o calendário afroreligioso e cultural realizado anualmente pela comunidade, o Batuque em homenagem ao glorioso São Joaquim – Padroeiro do Cria-ú e o Batuque como alquimia de ancestralidade, crenças e tradições.

O Cria-ú⁶! Ah o Cria-ú! é um território porque trata-se de um espaço construído a partir do estabelecimento das relações sociais, ao longo de condições históricas desse *continuum* cultural em espaço geográfico amapaense. E faz-se território Quilombola porque formou-se à partir de “um conjunto de relações que se originam num sistema tridimensional sociedade - espaço - tempo” (RAFFESTIN, 1993, p.160).

Lembrar e contar sua história enche de emoção teus (uas) filhos (as) que fazem evocações que funcionam como provocações à memória individual/ coletiva do grupo (HALBWACHS, 1990) para que conservem as heranças ancestrais desse território afrodescendente, com uma *paisagem atual*, que remete ao passado da comunidade modificado pelos movimentos do tempo cronológico (BLOCH, 1993; 1994, p. 44-45).

Nesse território negro a presença de seus descendentes ainda hoje é marcante nos vários exemplos de “sítios arqueológicos de superfície” (ARRUTI, 2006). Identificados dentro da comunidade

[...] na saúde com a medicina caseira, as parteiras cuidando das crianças, os criadores de animais cuidando de seu rebanho..., os curandeiros da terra, cuidando de construir as casas tradicionais, os mariscadores caçando e pescando alimentos para seus familiares, os extrativistas colhendo produtos da natureza, os carvoeiros fazendo carvão, os produtores plantando e colhendo, os rezadores rezando suas ladainhas em *latim*, os ajuntamentos e os casamentos, constituindo famílias..., os artesãos fazendo artesanato de uso

⁶ As primeiras professoras chegadas ao Quilombo do Cria-ú em 1945, julgaram errada a grafia e a pronúncia do nome Cria-ú e mudaram-no para Curiaú. Nesta tese utilizarei o nome que faz sentido a comunidade pesquisada e que até a atualidade os (as) mais velhos (as) quando se referem a sua terra de nascimento, pronunciam seu nome Cria-ú. O nome original do Quilombo investigado resgata e conta sua história, de sua gente e tem o sentido de “terra sagrada e coletiva” que herdaram de seus ancestrais, portanto, lugar de criar gado bubalino e bovino.

no trabalho e no lazer como tipitis, peneiras, esteiras, abanos, paneiros, panacaricas, alguidares, torradores, defumadores, panelas, cachimbos, fogões, todos esses materiais de barro e talas, os vaqueiros fazendo cordas de couro e de enviras, muxingas para surrar, esteiras e selas. As mulheres mães faziam chinelos (tipo alpercatas) de couro de boi para seus filhos, as costureiras faziam as roupas para seu povo, os mariscadores faziam seus utensílios de marisco como zagaia e arco. Só compravam as canoas e remos. Os depósitos de água (potes, barros, bilhas, cumbucas, baldes de cuia para tomarem açai, bacaba, leite, água e vinhos de qualquer fruta) eram feitos da famosa cuia tingida, usada também para tomar tacacá, o mingau de bacaba, o de açai curueira, de farinha de mandioca e tapioca, e de banana. Para armazenar o peixe e a carne salgada, usava-se o croata de bacabeiras. O piracuí, era usado empalhado no paneiro com folha de obim. No fogão era usada a mãe-de-fogo, para que o fogo ficasse guardado para os outros dias. Os criadores, por não terem o costume de prenderem os animais, aproveitavam os currais nas épocas chuvosas para plantar o tabaco, que era uma grande fonte de renda para as famílias. Faziam-se chouriços (um tipo de lingüiça) de arrastado de porco, fazia-se cabidela do sangue do porco, tão gostosa quanto a maniçoba, fazia-se vinagre de banana, tirava-se banha de porco para fritar peixe, tirava-se o urucum para temperar panelas, fazia-se mel de cana para adoçar o café (o café era torrado em casa com erva doce). As farinhas eram empalhadas, nos paneiros, forrados com folhas de coaçu, para durarem mais tempo torradas. As cercas das roças eram de pau comum, na forma de trincheiras. As casas eram de pau roliço comum, coberto de palhas de ubuçu, cercada com buriti, assoalho com juçara de caraná ou de açazeiro (SILVA, 2004, p. 12-13).

O escritor filho do Quilombo do Cria-ú, Sebastião Menezes da Silva apresentou-nos vários exemplos de *sítios arqueológicos de superfície* que foram e outras que ainda continuam sendo utilizados pela comunidade. Mas deixou de elencar outros elementos importantes, dentre eles, a cultura das festas de santos católicos com rituais do “catolicismo de preto” (CUNHA JR. 2001) com danças de Batuques e Marabaixo, bebidas, comidas; os oratórios para o culto “ao pessoal”⁷ – entidades espirituais invocadas pelas curandeiras e pelos curandeiros, pessoas que tem poderes mediúnicos para ajudar seus familiares, parentes, conterrâneos e pessoas de “fora” da comunidade a curarem-se dos males no corpo e no espírito.

Estas evidências das africanidades brasileiras encontradas no Quilombo do Cria-ú remetem à ancestralidade africana com a diversidade de “traços étnicos que variam desde o mais sinuosos gestos ritualísticos as formas contudentes de historicidade a partir das tradições orais, bem como suas diferentes formas de organização sócio econômica a partir dos espaços conquistados dos Quilombos” (SOUZA, 2000, p.10). O Cria-ú é um exemplo de pessoas que

⁷ No Estado do Amapá como um todo, existe o predomínio da tradição da religiosidade afrodescendente denominada de UMBANDA. No Quilombo do Cria-ú a UMBANDA é uma prática ancestral que a comunidade cultua e é praticante, mas ao mesmo tempo a sua presença no Quilombo é “escondida” das pessoas que eles (as) não tem afinidade.

construíram sua identidade étnica politicamente como sentido positivo para a comunidade (WEBER, 1991).

O Quilombo do Cria-ú desde 1988 teve seu território reconhecido juridicamente em nosso país pela Constituição Federal, artigo 216 que incluiu os Quilombos no “patrimônio cultural brasileiro” prevendo o tombamento dos “sítios detentores de reminiscências históricas dos antigos Quilombos” e o artigo 68 do Ato das Disposições Constitucionais Transitórias prevendo: “aos remanescentes das comunidades dos Quilombos que estejam ocupando suas terras que tenham reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado Brasileiro emitir-lhes os títulos respectivos”. Mas deve haver o reconhecimento também por parte das unidades da federação - os estados. O direito a propriedade só é garantido aos grupos étnicos que estivessem ocupando suas terras pelo menos, desde 13 de maio de 1988.

Muitas denominações são atribuídas aos quilombolas dentro e fora do Brasil como mencionam os autores: Alex Ratts (2009, 54), “chamados de cimarrónes, palenques ou cumbes na América de colonização espanhola, e marroons no Caribe e no Suriname; no Brasil, além do termo Quilombo há também denominações como mocambo”. Para (ALMEIDA, 1989, p. 174) “ essa territorialidade, marcada pelo uso comum, é submetida a uma série de variações locais que ganham denominações específicas, segundo as diferentes formas de auto-representação e autodenominação dos segmentos ligados a realidade rural, tais como terras de santo, terras de parentes, terras de irmandade, terras de herança e, finalmente, terras de preto. Essas últimas compreenderiam “aqueles domínios doados, entregues ou adquiridos, com ou sem formalização jurídica, por famílias de escravos”, como é o caso da “terra herdada” pelos quilombolas do Cria-ú.

Existe a divergência entre as denominações apresentadas pelas listas nacionais e os mapeamentos estaduais em relação a nomeação desses territórios negros brasileiro, apesar de referidas ao mesmo artigo constitucional como explicita Maurício Arruti (2006, p.114):

Oito dessas comunidades reconhecidas por meio das portarias da Fundação Cultural Palmares não são designadas como “Quilombos”, mas como “Comunidade Negra Rural” (Curiaú- Ap; Kalunga-Go; Conceição dos Caetanos-Ce, Furnas da Boa Sorte- Ms; Mangal-Ba; Conceição das Criolas-Pe; Perateca e Pau D’arco-Ba, sem que porém, exista qualquer esclarecimento sobre causas ou explicações dessa diferença .

Um assunto complexo, como este pelo auto grau de diversidade que envolve seus sujeitos, estapola a definição “passadista” ainda presente no texto do artigo 68 e no imaginário social brasileiro sobre as populações negras de nosso país. Definidas pelo senso

comum como “um agrupamento negro formado por escravizados fugitivos, em geral, das zonas cafeeiras, mineradoras e canavieiras. Palmares e seu último líder Zumbi, constituíram o grande modelo de Quilombo.” (RATTS, 2009, p. 54-55).

Discute-se como representar esses heterogêneos territórios de população negra, mas não o que se deve representar, por isso, não podemos excluir dessa “tentativa de classificação” as comunidades de maioria negra que habitam as áreas urbanas e também são descendentes de negros escravizados sequestrados da África que vivem nos espaços urbanos, periurbanos e rurais do território brasileiro considerados ainda como Quilombos contemporâneos (ANJOS, 1999; MOURA, 1972; NASCIMENTO, 1980), integrantes do movimento de origem histórica, nomeado por Abdias do Nascimento de Quilombismo, no qual “Quilombo não significa escravo fugido. Quilombo quer dizer reunião fraterna e livre, solidariedade, convivência, comunhão existencial.” (NASCIMENTO, 1980, p. 263).

Os Quilombos são um assunto relativamente novo dentro do campo acadêmico. Estes por serem de múltiplos conceitos, sentidos e especificidades requerem mais tempo de pesquisa sobre as lacunas que esse tema apresenta no conjunto atual da sociedade brasileira. A existência desses territórios ancestrais precisa ser efetivamente reconhecida em âmbito nacional por meio de medidas urgentes, reguladoras de suas terras, singularidades geográficas, sociais, respeito a suas formas culturais e religiosas, bem como terem acesso real as políticas públicas nacionais, estaduais e municipais para saúde, educação, habitação, saneamento básico, emprego e acesso ao sistema de créditos do governo federal de maneira mais dinâmica, respeitando as demandas atuais de cada grupo étnico.

A comunidade negra do Cria-ú se constituiu como *terra de herança*, à partir do momento que a história coletiva de sete irmãos passou para uma nova fase com o falecimento de seu escravizador, o fazendeiro de nome Miranda, de quem se tornaram herdeiros. A formação endogâmica das famílias negras locais povoou o Quilombo em seu início. Na atualidade seus (as) filhos (as) estão nascendo de relações com pessoas de fora do local, mas de nacionalidade brasileira e em sua maioria naturais de Belém, Maranhão e do Amapá.

O Cria-ú já existe à seculos, mas não se sabe ao certo o tempo de existência da comunidade. Acredita-se somente que ela deve somar mais de duzentos e cinquenta anos, tempo de existência dos festejos religiosos referentes ao aniversário do padroeiro do Quilombo, O Glorioso São Joaquim, festejado do dia 09 a 18 de agosto.

A comunidade do Cria-ú sempre precisou lutar para manter suas terras antes de ser titulada pela Fundação Cultural Palmares, e mesmo depois de receber a documentação referente a sua propriedade coletiva como “comunidade negra rural”. Muito embora, os

herdeiros desse território negro, se autodenominam politicamente como quilombolas- filhos de um *Quilombo: Terra Ancestral* (RATTS, 2009). Munidos de informação pelo Movimento Negro local e nacional com base em sua “didática militante”, esses sujeitos se autodefinem “pessoas com ‘identidades garantidas’ por meio do idioma do Direito, garantido pelo poder do Estado sobre agentes e grupos e é por meio delas que se distribuem direitos, deveres, atributos, encargos, sanções e compensações.” (BOURDIEU, 1989, p.238) e sobretudo proteção contra o apagamento histórico e de sua existência.

O termo Quilombo, na atualidade, expressa certa dignidade a seus descendentes porque não está relacionado ao que esses grupos étnicos foram no passado, mas à sua capacidade de mobilização para negar um estigma e reivindicar cidadania (ALMEIDA, 1996). É a respeito desse território negro de nome Cria-ú que falo e conto os “causos” aos compadres e comadres nos movimentos que fazem dançar minhas palavras, reflexões e análises ao longo da escrita dessa tese.

3.1 RUMO AO QUILOMBO DO CRIA-Ú

Moro como muitos sabem na Rua Major Eliezer Levy no bairro do Laginho, em Macapá capital do Estado do Amapá. Também como é sabido sou do samba e do Marabaixo dançados e festejados neste bairro, lugar conhecido para quem não sabe como “bairro de pretos” ou então atualmente como “Nação Negra”. Sou do Laginho, mas tenho a origem familiar no Quilombo do Cria-ú, para onde me desloco todos os dias.

O Cria-ú é lugar de pretos, terra de negros, Quilombo, perto da capital. Era longe nove quilômetros, quando não tinha asfalto e transporte com linhas de ônibus. Hoje está perto. Tão perto que a cidade fica quase invadindo-o. Diariamente desloco-me de casa para realizar o trabalho de pesquisa – intervenção na comunidade deste Quilombo e na escola da comunidade. O trajeto rápido me permite passar por dentro dos bairros do Pacoval, São Lázaro, Jardim I e II, Ipê, Novo Horizonte e chegar ao Kuruça, portal de entrada do Cria-ú.

Este território ancestral negro, foi localizado em termos jurídicos pelo decreto estadual 024 no ano de 1990 e, reconhecido como Área de Proteção Ambiental (APA) pelo Governo do Amapá. Trata-se também do primeiro grupo social quilombola reconhecido no Estado do Amapá, pelo governo federal, em 13 de agosto de 1998, publicado no Diário da União como Comunidade Negra Rural, patrimônio material, imaterial e natural do Brasil.

As terras da comunidade dividi-se em dois conglomerados (Cria-ú de Fora e de Cima; Cria-ú de Dentro e de Baixo) assim nomeados por seus moradores. Avisinha-se com as

comunidades tradicionais, nomeadas assim porque seu território está associado a memória dos antepassados, Retiro do Pirativa, Loteamento Canaã, Casa Grande, Curiaú Mirim e aos bairros urbanos: Novo Horizonte, Amazonas e Ipê.

Ao entrarmos no Kuruça, portal de entrada do Cria-ú, escutamos lá longe o rufar dos tambores rústicos tocados nos ritmos dos negros do Amapá: amassador e repinicador – este último serve também como dobrador, instrumentos de percussão- tambores de batuque, escavados em troncos de madeira e cobertos com couro de animais. O amassador que é rufado por homens, com raras exceções é tocado por algumas mulheres, dita o ritmo de nossas passadas ritmadas. Esse instrumento é a base da cadência dos batuques e tem o som fechado e grave (.tum..tum...tum...tum...tum...tum...tum).

O repinicador desempenha também a função de dobrador⁸ de som intermediário, semi aberto e médio (tra...tra...tra...tra...tá...tá...tatá...tra...tra...tra...tra...tá...tá...tatá) que dá o “molho” a dança e é uma espécie de tempero que tem por função iniciar a movimentação corpórea na “brincadeira”, outra denominação que o batuque recebe de seus mantenedores (as). O repinicador, tambor de som agudo e de múltiplos compassos de acordo com a habilidade do tocador (a) dita o ritmo frenético de samba que o Batuque tem em alguns momentos (tic... tac...tic...tac...tic...tac...tum...tum...tum...tum...tá...tá...tá...tá). Logo os pandeiros rústicos se harmonizam com os demais instrumentos e a brincadeira está completa na parte rítmica.

Esse conjunto de instrumentos e sons vão guiando meu/nossos passos até o Quilombo. Cheguei! Ou melhor chegamos! Em respeito é melhor pedir permissão para entrarmos nesse território coletivo. Lamentavelmente, nos dias de hoje, só os (as) antigos (as) mantêm esse princípio de pedir licença e proteção para entrar em alguns lugares do Cria-ú. Eh...Eh... escutamos de longe um cantar suave em forma de sussuro. É a “Preta Velha” que canta as bandaias⁹, que ecoam no ar.

O corpo estremece, as lembranças antes vividas vem a tona. A razão dos homens brancos, que tem a pretensão de explicar tudo, perde o rumo e a sensação de ser amparada pelos (as) meus (minhas) ancestrais abre meu corpo físico e o coloca em sintonia com o espiritual. Estou dentro dessa Terra Ancestral! Entrem vocês também! Consegui a permissão dos anciãos e invisíveis para estarmos aqui.

⁸ O repinicador, o dobrador com a função também de amassador são instrumentos de percussão- tambores de batuque, escavados em troncos de madeira e cobertos com couros de animais.

⁹ As Bandaias, são o que chamamos de cantigas de Batuque. São rimas tiradas de improviso com os fatos ocorridos dentro da comunidade.

Que cheiro tem esse lugar! Tão bonito é esse território! Quanta energia existe aqui! Enquanto eu olhava a paisagem natural do Cria-ú e permitia que meu corpo se permitisse envolvesse pela beleza e vibração do lugar. De repente escutei um cantar lá longe! Era uma voz calma de um cantar suave. Para escutar a voz nitidamente, precisei diminuir o batique de meu coração que não conseguia ficar quieto. Eu gritava em silêncio tão grande era a minha emoção e o medo do que eu iria encontrar.

A minha memória tratou logo de acalmar-me porque me fez lembrar que “ cada lugar é a memória de um laço genealógico, de forma que é no espaço que se confirma uma história familiar, sempre capaz de estender-se novamente. Assim, numa linguagem tanto genealógica quanto espacial, é comum dizer que uma pessoa “vem de tal ou qual túmulo” (ARRUTI, 2006, P. 240), portanto, eu não estava sozinha e jamais estaria.

As minhas raízes familiares também são desse território. Por isso, senti imediatamente a presença de meus avós maternos: Fernando Ramos da Silva e Inês Justina Ramos da Silva, pais de minha avó materna: Emídia Lina do Espírito Santo, ambos falecidos, que correram em meu amparo, cobriram-me de vibrações positivas e pouco a pouco a tranquilidade em forma de sensação de paz invadiu meu ser.

Comecei a sentir minhas pernas se aplumarem gradativamente. O suadoiro gotejante deixou meu corpo liso. A sensação que tive foi de limpeza e leveza na textura de minha pele que se fez fria. Novamente escutei a voz cantando distante e meu olhar curioso procurava ávido encontrar a cantadeira. Eu tinha certeza que ela foi enviada pelos “invisíveis” para me mostrar o caminho que eu deveria seguir no desenvolvimento dessa pesquisa que partia de alguns princípios investigativos e precisava começar pela “etnografia nômade” ou seja, coletar os dados em movimento: conversas e entrevistas com os criaenses em vários lugares e as vezes dançando, caminhando, comendo ou realizando algum atividade cotidiana junto com eles (as) (ARRUTI, 2006). E pela memória coletiva ancestral revisitada num percurso entre o consciente e o inconsciente. Esses encaminhamentos levaram-me a percorrer vários lugares dentro do Cria-ú em franco diálogo interativo e vivencial com a comunidade em seu “que fazer” cotidiano, como também, com sua história ancestral e contemporânea.

Fui seguindo! Seguindo em frente conduzindo meu carro e adentrando cada vez mais as terras desse Quilombo. Quanto mais eu me aproximava da igreja de São Joaquim, as bandaias cantadas pela “voz calma” ficava mais altiva. Assim que cheguei em frente àquele lugar de orações, fiquei com os pelos do corpo arrepiados. Lá estava ela, uma senhora negra, quase centenária, cabelo bem curtinho, esbranquiçado, corpo franzino, pele negra aveludada,

cheirando a mato de cheiro – espécies de plantas cheirosas, sentada com as pontas do vestido entre as pernas entreabertas e fumando tabacão em seu cachimbo.

Seu nome é Marcelina- curandeira respeitada dentro do Cria-ú, mesmo agora que a “consumição” da idade roubou dela a vitalidade e a lucidez que vai e volta à todo momento enquanto nos fala é a mulher mais antiga da comunidade e por ter vivido mais, conhece mais da história, tem mais histórias próprias a recordar, conhecimentos acumulados ao longo de sua trajetória de vida individual/coletiva dentro de seu/nosso Cria-ú. Tem histórias coletivas a narrar.

Ao ver “vovó Marcelina” desci do carro e caminhei apressada em sua direção. Assim que me aproximei sua face se comunicou afetuosamente comigo por meio de um leve sorriso que se abriu, tomei a “bença” e ela me abençoou dizendo: que *Deus te abençoe*. Após dar mais um “pito” em seu cachimbo me disse: Eu estava a sua espera. E já faz tempo. Bastante tempo, ela enfatizou.

Depois disse-me: você precisava passar por vários estágios na vida para chegar a esse momento. Fiquei calada ouvindo e sacudi a cabeça em sinal de respeito pelo que ela estava dizendo. *Vovó Marcelina* seguiu falando: “piquena”. Ah piquena!Téns muito o que aprender... começarei te dizendo que nós daqui do Cria-ú, teus parentes, herdamos essas terras do Miranda que era fazendeiro. Mas tivemos que lutar para não perdermos esse chão para os invasores e gente gananciosa que queria tomar a nossa moradia. Mesmo na atualidade, alguns ainda tentam apropriar-se dela indevidamente, mas a comunidade segue combatendo-os, felizmente agora sem fazer força física e precisar sair no confronto direto arriscando a própria vida. Estamos amparados por leis que servem para nos “proteger”, porque o *Cria-ú é Patrimônio Material, Imaterial e Natural* de nosso país e do Estado do Amapá.

As coisas melhoraram um pouco depois que nós viramos de fato e de direito Quilombo, por um tal de artigo 68 de 1998, expressou vovó Marcelina. Ela deu mais um “pito” em seu cachimbo, balançou a cabeça repetidamente, ficou com um olhar longínquo, pareceu-me que estava a relembrar os fatos. Fiquei quieta, paciente, atenta as suas expressões faciais e maneiras de dizer do seu corpo mensageiro. Após alguns minutos de evocações ela me disse: É minha filha! Só a pouco tempo conquistamos o Direito de continuar vivendo, cultuando nossas tradições religiosas e conservando nossa cultura para as futuras gerações do Cria-ú.

Assim como vovó Marcelina outros (as) antigos (as) moradores (as) do Quilombo contam que a batalha foi grande para não perderem suas terras “quem vive o agora, não pode

imaginar quanto sofrimento já passamos”, disseram-me seu Roldão, seu Joaquim, seu Zé e tia Chiquinha¹⁰.

A comunidade do Cria-ú sabe que na atualidade ainda enfrenta muitas dificuldades e continua combatendo a tentativa de invasão de suas terras, principalmente a sua extensão de terra que localiza-se ao lado do bairro de nome Ipê. O que mudou em relação ao passado é que nesse momento tem dispositivos legais que os amparam em âmbito federal e estadual. Como diz, tia Chiquinha, “agora tem lei para nos proteger. Nós não somos mais cachorros”, referindo-se aos tempos que a comunidade sofria toda espécie de desumanidade, vivia desprotegida legalmente, violada em seus direitos humanos, isolada do conjunto da sociedade no usufruto de bens e serviços públicos e sobretudo porque não tinham a quem recorrer e reivindicar seus direitos a propriedade e a cidadania.

Arruti (2006, p.301) explicita que a novidade trazida pela legalidade e reconhecimento dos Quilombos com o artigo 68 da Constituição Federal, presente na fala de Tia Chiquinha, *revela que* “o reconhecimento como remanescentes de Quilombos e pela criação da associação correspondente não está portanto na natureza dessas regras, mas na forma de regulação e de controle, que deixa de ser moral e difusa para ser institucionalizada”.

O estabelecimento de regras de usufruto das terras coletivas quilombolas geram muitos conflitos dentro desses espaços nas regiões de nosso país. No Cria-ú a várias décadas a comunidade, ligada por laços de consaguinidade e genealógico vive momentos de conflitos e divergências recorrentes por vários motivos. O escritor da comunidade destaca algumas causas dos desentendimentos internos no Cria-ú dizendo-nos que:

A convivência entre o povo do Cria-ú sempre foi marcada por conflitos, principalmente pela disputa da liderança na comunidade e pela invasão de animais nas roças, mas nunca até hoje houve mortes por questões de conflitos. Várias vezes (pessoas da comunidade) foram parar em Delegacia de Polícia. Na atualidade, as maiores brigas têm como motivos o pagamento de pensão para filho, bebedeiras, jogos em geral, assuntos amorosos, roubo de produtos, brigas de filho na rua e na escola – o que leva algumas pessoas a ficarem de mal umas com as outras há anos. Porém, quando o caso é doença, o coração fala mais alto. O conflito mais freqüente dá-se entre homens. No caso das mulheres o motivo é os namorados. Atualmente o número excessivo de festas populares, realizadas sem controle no Cria-ú, vem acirrando ainda mais os conflitos internos. (SILVA, 2004, p.81. Grifos nosso).

¹⁰ A biografia de seu Roldão, Joaquim Carolina, Tia Chiquinha, seu Zé e mais 19 informantes diretos (as) serão apresentadas no decorrer da tese.

A comunidade do Cria-ú reflete problemas, conflitos e contradições também comuns na sociedade abrangente. Percebê-los dentro desse território quilombola ajuda a desmistificar a idéia de que nos Quilombos vivi-se em perfeita harmonia, tranqüilidade, solidariedade, portanto, de maneira idílica.

Para ajudar na tentativa de estabelecer o diálogo dentro desse território, seus (uas) herdeiros (as) precisam conscientizar-se de que os conflitos contribuem de maneira negativa para as relações internas, levando a falta de corporativismo e representação política deste na hora de reivindicar seus direitos individuais/coletivos e garantir bens e serviços relevantes para o bem estar de toda a comunidade.

Esses conflitos familiares no Cria-ú são levados à escola pelas crianças e adolescentes do lugar, que mesmo sendo parentes diretos, algumas vezes são impedidos por seus familiares de conversarem e brincarem entre si no ambiente escolar. Em outros casos, os pais pedem a transferência dos educandos para escolas localizadas em outros bairros, alguns distantes do Cria-ú, a fim de evitarem o contato entre os estudantes em espaço escolar.

A atitude dessas famílias, mesmo inconscientes, acabam dando mal exemplo as crianças e adolescentes e, por outro lado, colocando-os em dificuldades para se deslocarem à escola e de se reconhecerem dentro do espaço escolar. A mudança de instituição de ensino, quase sempre, atrapalha a trajetória escolar dos estudantes que às vezes são obrigados a interromper seus estudos porque seus familiares não conseguem manter suas despesas com transporte, materiais escolares e por se sentirem discriminados por morarem no Cria-ú.

Fui convidada e por isso acompanhei algumas reuniões promovidas pela Associação de Moradores do Cria-ú para abordar vários assuntos com o coletivo local. Deduzi pelas atitudes, comportamentos e nas falas dos (as) habitantes desse Quilombo, que em sua expressiva maioria, eles (as) desconhecem as regras de ocupação, das terras coletivas do Cria-ú, pelo decreto estadual 024 do Governo do Estado do Amapá e por isso infringem a lei qualificada. Fato este que obriga a Associação de Moradores dessa localidade a se colocar em franco enfrentamento, individual e coletivo a seus moradores infratores, principalmente os que visam seus interesses particulares.

A Associação de Moradores do Cria-ú é presidida atualmente por uma bacharel em direito. Seu conhecimento consubstanciado do campo jurídico tem ajudado no enfrentamento de problemas graves dentro deste Quilombo como por exemplo, a realização de festas dançantes semanalmente, até alta hora da madrugada, que geram perturbação do sossego a comunidade em geral, consumo exagerado de bebida alcólica, drogas, gravidez indesejada, acidentes automobilísticos – alguns com óbito e constantes rivalidades que terminam em

brigas corporais entre os jovens do Cria-ú de Fora e Cria-ú de Baixo. As brigas envolvendo os (as) frequentadores (as) externos (as) ao Cria-ú, não acontecessem com frequência.

A atuação reguladora da diretoria da Associação de Moradores tem se mostrado fundamental na fiscalização (contra atos infracionários dos membros da comunidade e de fora dela), na defesa dos direitos individuais/coletivos do grupo e no controle para que as ações individualistas e “irresponsáveis” não coloquem em risco a saúde e bem estar atual e futuro dos filhos desse Quilombo.

É bem verdade que a comunidade dividi-se diante de algumas ações da diretoria da Associação de Moradores. Alguns (mas) moradores (as) são favoráveis e outros contrários a tais encaminhamentos, principalmente se as pessoas envolvidas forem de seu núcleo familiar particular. A falta de diálogo interno e apoio aos interesses comuns que a Associação de Moradores deve representar, faz com que esta instituição perca força política, se enfraqueça e o grupo étnico local coloque em risco seus laços familiares e ambos sejam rotulados de desunidos.

Na minha opinião a comunidade do Cria-ú precisa fortalecer-se internamente para ter mais força política frente a garantia dos direitos de cidadania de sua população, a exemplo do que precisa ser feito pelas demais entidades existentes nesse território. Considero relevante que há vários anos todas essas instituições tenham feito sua legalização em cartório e possuam identidade jurídica CNPJ: Curiaú Atlético Clube, Associação de Mulheres Mãe Venina e a Associação de Moradores, cabendo a essa última a responsabilidade de defender os interesses e proteger a terra coletiva do Quilombo.

As diretorias anteriores e a atual da Associação de Moradores, cada uma com a visibilidade política que conseguiu e seu poder de barganha, foram atendidas em algumas de suas solicitações bens e serviços à comunidade. A energia elétrica chegou ao Cria-ú em 1979 pelos esforços da diretoria da Associação de Moradores da época, presidida pelo Sr. Joaquim Carolina. Felizmente, todas as famílias do Cria-ú tem energia elétrica que substituiu as lâmparas que eram acessas com querosene pela comunidade. Mas o serviço não é eficiente, apresenta falhas, queda de energia constantes em seu funcionamento diário. Ocasionalmente vários transtornos à comunidade como a perda de eletrodoméstico e alimentos.

Em relação ao abastecimento de água, no passado a comunidade consumia água retirada de poços denominados de amazonas e a várias décadas consome água encanada fornecida pela Companhia de Água e Esgoto do Amapá – CAESA. Duas caixas d’água foram instaladas nas dependências da comunidade, uma no Cria-ú de Cima e a outra no Cria-ú de baixo.

O meio de transporte também foi modificado. No passado a comunidade utilizava os cavalos para fazer o transporte de gêneros alimentícios, materiais em geral, objetos e de pessoas. Depois alguns moradores adquiriram a bicicleta que ainda hoje é bastante utilizada pelos (as) moradores (as) do Cria-ú. E no momento a população do Cria-ú possui o serviço de transporte coletivo que, infelizmente, é precário e a empresa de ônibus responsável pelo serviço, a Viação Amapaense, não cumpre os horários regulares de funcionamento dos coletivos e praticamente só coloca veículos sucateados para servir à comunidade.

Tais motivos geram conflitos praticamente frequentes entre os quilombolas locais e os administradores da empresa de ônibus especificada. Em 2009 a Associação de Moradores junto com estudantes e pessoas em geral da comunidade, fizeram uma manifestação com cartazes em frente a escola local, chamou a imprensa local para noticiar a denúncia pública que estava sendo feita contra o transporte público de má qualidade que a empresa de ônibus que explora comercialmente a rota que atende também ao Cria-ú está oferecendo a seus (uas) usuários (as).

Quanto a construção de edificações públicas dentro das terras do Cria-ú, existem algumas, por exemplo: o prédio da escola estadual José Bonifácio (fica entre o Cria-ú de Baixo e o Cria-ú de Cima), posto médico (entre os dois Cria-ú), um posto policial, duas caixas d'águas (uma no Cria-ú de baixo e a outra fica no Cria-ú de Cima), dois centros sócio-culturais (um localizado no Cria-ú de Cima que fica ao lado da Igreja do Glorioso São Joaquim e o outro no Cria-ú de baixo), museu (localizado no Cria-ú de baixo), a Igreja de São Sebastião no Cria-ú de Baixo, a Associação de Moradores (localizada entre a Extrema e o Cria-ú de Cima), a ponte (que fica no Cria-ú de Baixo edificada sobre o Rio Cria-ú afluente do Rio Amazonas).



Figura 8: Ponte sobre o rio Cria-ú
Fonte: Piedade Videira

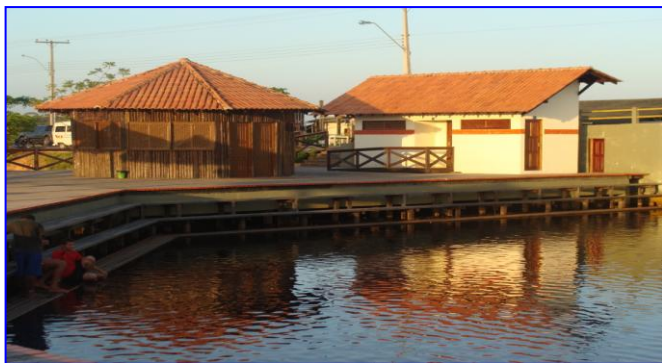


Figura 9: Complexo turístico DEK – Quilombo do Cria-ú
Fonte: Piedade Videira

Esta última obra, que está localizada no decorrer da Rodovia AP 70, em média a trezentos metros passando o Cria-ú de baixo, começou a ser reformada em 2008 e foi reinaugurada em 2009, passando a ser nomeada de complexo turístico denominado de Dek, com a maioria da mão-de-obra oriunda da comunidade.

Nesse espaço têm-se amassadeira de açaí, salão de beleza, área de lazer, pequenas malocas construídas em madeira de lei com degraus que conduzem os banhistas para dentro do Rio Cria-ú e lhes permite excelente momento de contemplação da bonita paisagem natural do lugar. Do Lado direito desse complexo turístico estão localizados bares e restaurantes de propriedade de filhos do Cria-ú, abertos diariamente.

As residências mudaram bastante dentro da comunidade, vê-se no momento, a maioria das casas em madeira serem substituídas pelas em alvenaria. Grandes e bonitas edificações são construídas pelos (as) moradores (as). Algumas pessoas tem casa na área urbana de Macapá e outra no Quilombo. Outras, venderam suas residências nos bairros da cidade e voltaram a residir dentro da comunidade. Alguns quilombolas tem transporte motorizado, carro e/ou moto. E a maioria das pessoas vive de seus proventos como aposentados (as), funcionário público e/ou de empresa privada (comércio), alguns trabalham como autônomos.

Em geral as famílias do Cria-ú cultivam a terra, trabalham na agricultura de subsistência, a exemplo de seus ancestrais, plantando frutas, roça de mandioca, macaxeira e verduras, principalmente os (as) mais velhos (as). A riqueza de alimentos nativos, peixes, animais e a abundância de água na Amazônia, favorece a vida das pessoas nesta região e no Quilombo do Cria-ú sem o terror da fome. Basta que a pessoa saia para mariscar, caçar, colher as frutas da época e subir no açazeiro para apanhar o açaí e a bacaba e tenha torrado a farinha de mandioca que a alimentação bastante nutritiva está garantida.

A paisagem atual do Quilombo do Cria-ú contraria a visão estereotipada da maioria das pessoas e dentre elas “pesquisadores e estudiosos que insistem em rotular os atuais quilombolas como “descendentes de escravos” e “isolados”” (RATTS, 2009). Eu acrescento mais, dizendo que nem todos os quilombolas vivem mergulhados numa situação

precária de moradia e sobrevivência como demonstra a comunidade investigada nesse trabalho.

O Cria-ú mudou muito, este é o relato de todos (as) seus (as) habitantes com quem dialoguei durante a realização da pesquisa. Lembrar dessa época faz o semblante de (as) meus (inhas) informantes entristecer-se. O olhar se distancia no horizonte, buscando recobrar vivências do passado; a melancolia torna-se evidente; a saudade dos que partiram para o plano espiritual, mas deram contribuições relevantes para proteger e semear seu território coletivo é explícita. Os (as) filhos (as) de mais idade cronológica do Quilombo reconhecem o valor do território que herdaram de seus ancestrais, por isso, eles (as) jamais serão apagados da memória, porque como manda a tradição negra, não podemos vislumbrar o futuro se não tivermos como referência o passado e avivarmos essas memórias no presente para projetar o futuro (RODNEY, 1975).

Os moradores do Cria-ú constituem um *continuum cultural*, formado pelo conjunto histórico que indica tanto a preservação quanto a mudança das culturas africanas no território brasileiro (PEREIRA, 2005), como herança em forma de diversos e complexos saberes que nossos antepassados nos deixaram como legado cultural expressos por símbolos, religiosidade e práticas cotidianas reelaboradas e realimentadas secularmente pela memória, sentimentos, conhecimentos e sentidos que reafirmam significados identitários negros por todo o Brasil, bem como os espirituais e humanitários desde o berço familiar.

Muito embora para Edmilson de Almeida Pereira (2005, p. 41) o *continuum cultural* “não se trata da continuidade (ou repetição) de modelos, mas de repetições em diferença que instituem não só o vínculo com as heranças recebidas, mas também a competência para transformá-las em nome de uma nova realidade histórica e social.” Mesmo considerando o processo histórico e cultural dinâmico e transformador das sociedades, em algumas comunidades tradicionais como é o caso do Quilombo do Cria-ú percebe-se a preocupação de seus (uas) herdeiros (as) em dar movimento a tradição local respeitando os ensinamentos dos ancestrais sobre elas. As pequenas mudanças que ocorrem nos festejos de santos, por exemplo, São Joaquim, referiu-se a mudança de horário de uma etapa da festa apresentada no ano de 2009 pelos organizadores das festividades em honra a São Joaquim. No último dia de programação, a coordenação, lançou a proposta para o coletivo de alterarem o horário da missa, devido a impossibilidade dos foliões, dançadeiras, dançadores, tocadores participarem do ato religioso, realizado no dia 18.09 as 08h00 da manhã, logo após o encerramento do último Batuque em que as pessoas amanhecem dançando e consumindo bebida alcoólica até o raiar do dia. A constatação do problema, levou a organização da festa,

a apresentar essa proposta ao coletivo. Em 2010 a celebração religiosa – missa, aconteceu no turno da tarde e em seguida saiu a procissão do santo.

Esse *continuum cultural* afroamapaense que é ensinado pela oralidade se junta, entrecruza, marca, diz o que é ser negro (a) nesse contexto específico. Ensina-nos que

Quando se fala na existência ou na presença da população negra no Brasil, há de se reafirmar a permanência e continuidade da africanidade ou de uma civilização negra em curso. Há de se explicitar a civilização subsahariana que atravessou o atlântico fixando-se nas Américas, através de inúmeros traços étnicos, que variam desde os mais sinuosos gestos ritualísticos, as formas contundentes de historicidade a partir das tradições orais, bem como suas diferentes formas de organização sócio-econômica a partir dos espaços conquistados dos Quilombos (SOUZA, 2000, p.10)

Sendo assim, precisamos ensinar aos (as) brasileiros (as) negros e não negros a respeitarem, valorizarem, cuidarem e se orgulharem de todos esses saberes herdados de nossos ancestrais africanos e afrodescendentes presentes nos Quilombos. Para tanto, faz-se necessário transmitirmos esse conhecimento a população nacional desde tenra idade, por meio da família e da escola, sobre o valor histórico e humano desses territórios transformados em patrimônio material, imaterial e natural de nosso país, pelo artigo 68.

Acredito que se a população brasileira for ensinada a reconhecer as inúmeras contribuições que as populações africanas e seus descendentes legaram a história antiga e atual do Brasil, que não é somente a força de trabalho escravizado, e sim de valores civilizatórios presente em nosso cotidiano nas diversas expressões culturais, relações sociais, tecnologias, linguajar, culinária, filosofia, religiosidade, dentre outros,. teremos grande chance de modificarmos a tensa relação racial que perdura sutilmente em território nacional e que expõe, prioritariamente, a “população negra indisfarçável” (MUNANGA,1996) a constrangimentos e humilhações diárias provocadas pelas diversas manifestações veladas do racismo brasileiro na sociedade abrangente e dentro das escolas.

3.2 OS LIMITES ESPACIAIS E AS FEIÇÕES DA PAISAGEM NO QUILOMBO DO CRIA-Ú

Nossos antepassados conseguiram este pedaço de chão e o preservaram o quanto puderam. Nós também fizemos o que pudemos e já estamos indicando à próxima geração como elas devem fazer. Enquanto eu tiver vida, vou lutar até as últimas conseqüências para manter nossa cultura”. (JOAQUIM ARAÚJO DA PAIXÃO – “CORUJÃO”, UM DOS EX-PRESIDENTES DA ASSOCIAÇÃO DE MORADORES DO QUILOMBO DO CRIA-Ú).

Este lugar ancestral Quilombo do Cria-ú, onde viveram seus antepassados, tem uma força energética ligada a espiritualidade que se expressa em toda a sua extensão de terra e é respeitada por seus moradores. Ao nos aproximarmos do kuruçá¹¹, portal de entrada para o Quilombo, a vegetação, o ar, os cheiros mudam porque é uma área de preservação ambiental e uma energia aliciante impregna-nos por inteiro. Algumas pessoas que são médiuns sentem seus pêlos corpóreos arrepiarem e sentem que este lugar é morada de seres carnis e invisíveis, por isso, conseguem sentir a presença deles (as).

O corpo físico dessas pessoas, eriça os pêlos que se erguem imediatamente dando provas de que o canal de ligação entre a genealogia dos saberes africanos e afrodescendentes como referência ancestral de nossos (as) antepassados negros (as) estão abertos e que eles (as) estão ali nos recepcionando e acompanhando dentro desse território ancestral.

Adormeço e desperto diariamente ligada em matéria e espírito com o universo rico que tem assento no Quilombo do cria-ú. Saio todos os dias de casa harmonizando-me com minhas lembranças, revisitando o vivido, o sentido e o experienciado naquela terra histórica, buscando a serenidade necessária para o aprendizado fecundo a cada dia e instante. O “meu atrevimento” por considerar esse *continuum* cultural uma fonte relevante de conhecimento sobre a nossa própria história como afroamapaenses que ainda não foi devidamente reconhecida no Amapá dessa maneira. Por isso mergulhei nessa fonte de conhecimento na tentativa de entendê-lo e descrevê-lo em seus aspectos mítico, geográfico, histórico, cultural e do cotidiano de sua/minha gente.

Confesso ter sido desafiadora e instigante essa tarefa. Sei também de meu compromisso na linha do tempo com ela, porque sou descendente da comunidade e sinto-me com a responsabilidade de investigá-la e ajudar a seus habitantes para que conquistem o reconhecimento histórico, social, cultural e educacional que lhe é devido, pelo menos dentro dela mesma e isso inclui a escola local. Por isso, me entreguei sem defesas e pré-julgamentos a pesquisa, mas precisei vencer inicialmente os entraves culturais que algumas vezes se instalam em nós pela formação familiar, escolar, social, religiosa e acadêmica que recebemos desde tenra idade e nos impedem de vermos e apreciarmos outra realidade que não a habitual e produzida pelas nossas “verdades”.

Sabia desde o início da investigação da necessidade de sensibilizar o meu olhar e refinar os meus sentimentos, senão perderia a chance de aprender com as sutilezas das

¹¹ Kuruça era o nome de um dos moradores antigos da área de terra que antecedia ao mata- burro (espécie de passagem feita em madeira de lei no chão que impedia a passagem dos bois para fora das terras do Quilombo). Nesse local residiam também Mestre Raimundo Ladislau, grande tirador de cantigas de Marabaixo de todos os tempos em Macapá, dentre outros)

inúmeras maneiras de dizer, de todos os seres que formaram e formam o Quilombo do Cria-ú. Não quis adentrar a esse local importante de história, cultura afroamapaense e patrimônio material e imaterial de uma forma individual. Desejo que todas as pessoas que ajudaram-me de alguma forma na junção de informações primordiais para a escrita dessa tese, façam esse percurso comigo.

Portanto, adentrem a esse território quilombola seguindo a trajetória da Rodovia AP 70¹² que antigamente era denominada de KURUÇA e entrem em contato com a extensão territorial desse patrimônio material, imaterial e natural que após sua titulação compreende a uma área de 3.321.89.31. há (três mil trezentos e vinte e um hectares, oitenta e nove ares e trinta e um centiares) (SILVA, 2004). Seus limites: ao norte – Gleba Matapi, Cria-ú e Vila Nova; ao Sul: Área Urbana da Cidade de Macapá; ao Leste: Margem Direita do Rio Cria-ú, a Oeste: Comunidade do Currálinho.

As terras do Cria-ú eram muito maiores como enfatiza Silva (2004,p.22-23):

O território do (Cria-ú) era uma área muito maior, abrangia parte do bairro Capilândia, que hoje se chama Novo Horizonte. Na época, o prefeito João Alberto Rodrigues Capiberibe loteou a área sem consentimento dos moradores do Cria-ú. Quando eles ficaram sabendo o que estava sendo feito, as máquinas estavam limpando, chegando a destruir as roças de mandioca, naquela área. Os líderes da comunidade e um grupo de pessoas foram até ao prefeito reclamar e tomar satisfação da questão. Segundo eles, o prefeito disse que não tinha mais jeito. O mesmo perguntou aos moradores: o que devo fazer para recompensar o acontecido? Os líderes responderam: queremos que o senhor asfalte a nossa rodovia em troca desse pedaço de terra. Feito o acordo, o asfalto foi feito,mas somente nas duas vilas. E a comunidade perdeu aquela área que se chamava Bacaba e Mirinzal. O (Cria-ú) era e é denominado a cada ponto para indentificação. Do lado direito da estrada de quem vêm da cidade, tem os seguintes nomes: Fronteira, Campina do Canto do Beco, Campina do Canto do Pucinho, Canto do Pucinho, Canto do Bibiano, área das Matas da Ponta, isso na terra firme. Na parte do lago tem o Fundo da Pergunta, Beira do Torrão, Taboa, Passagem do Breu, Dezoito Moita, Laranjal, Capadinho, Teso da Maiada, Piriquito, Os Cauís, As Quineiras, Canal da Ligeira e Gapó dos Montes. Do outro lado da estrada, lado esquerdo de quem vem da cidade, os locais são chamados de Mirim, Maiadinha, Canto do Molemole, Tapera, Canto do Capiuara, Canto do Jacaré, Maiada, Canto da Picada da Bina, Canto do Barracão, Canto do Supriano, Canto Cumprido, Canto do Poço Baixo. Nas partes do lago são conhecidos os lugares como: Ilha da Formiga, Ilha dos Carneiros, Ilha dos Nambus, Ilha dos Pioís, Ilha Justina e Ilha Cipó. Esses nomes são muito importantes para as pessoas do Quilombo, pois nas conversas são contados fatos relevantes desses perímetros ou locais. Todos os moradores sabem de onde está se falando. O rio (Cria-ú) também tem estas mesmas denominações dos locais, começando da cabeceira no lago do (Cria-ú). As partes chamam-se: os Barrancos, Barro Vermelho, Cotovelo, Estirão da

¹² A Rodovia AP 70 foi construída com verba do Governo Federal .

Árvore Grande, Estirão dos Cacuís, Matupá, Banheiro do Capitão Janary (primeiro gestor militar das terras amapaenses no período que o Brasil era administrado pelo Presidente Militar Getúlio Vargas), Capadinho, Choro, Aricuri, Mangueira, Gopó, Joaquinzinho, Limoeiro, Tufão, Tracuá, Joaquim Bento, Morte, Ipoca, Machado, Chiqueiro, Estirão da Área do Mocambo, e assim até na boca do Rio (Cria-ú).

Antes das comunidades quilombolas passarem pelo *processo de reconhecimento* pelo governo federal, o movimento de passagem do desconhecido à constatação pública de uma situação de desrespeito que atinge uma coletividade, como a citação do autor Sebastião Silva demonstra. O reconhecimento garantiu-lhes que o desrespeito a seus Direitos coletivos como quilombolas e patrimônio material, imaterial e natural nacional, seja punido com processos na esfera federal e estadual (ARRUTI, 2006). Essa nova condição como sujeito de direito dos quilombolas certamente não resolve seus problemas fundiários, mas pelo menos os resguarda atualmente de serem despejados e de qualquer pessoa influente politicamente ou não, invadir e querer se apropriar indevidamente de suas terras.

Tendo entrado pelo portal e seguindo em frente visualizem a “curva da morte” denominada desta maneira pelos inúmeros acidentes automobilísticos com vítimas fatais que acontecem com frequência no lugar. Na extensão dessa curva existia uma mangueira frondosa, cheias de galhos, alta, robusta e misteriosa. Em horas sagradas (12h00min., 18h00min. e 00h00min.) os moradores do Quilombo e do Kuruça evitavam passar por esta estrada, porque aprenderam desde crianças, que naquele lugar apareciam espíritos e manifestações de entidades do plano sobrenatural (cablocos segundo a tradição da Umbanda em Macapá) que demonstravam sua força e poder assombrando as pessoas que não possuíam o conhecimento da oração de proteção e de saberes mediúnicos de enfrentamento e/ou diálogo com essas forças.

Antigamente esta curva, de chão batido, dava acesso a comunidade e era lugar de morada dessas “entidades espirituais”, mas com o crescimento populacional da cidade e pavimentação da estrada AP 70 que passa por dentro do Cria-ú, tiveram seus locais “invadidos” por pessoas que não conhecem e outras que não acreditam em sua existência e por isso não respeitam suas moradas. Os (as) anciãos (ãs) da comunidade dizem ser este um dos motivos de grandes, graves e fatais acidentes frequentes ocorridos na estrada do Kuruça.

Finalizando a curva do Kuruça, avistem do lado direito a rua denominada “Extrema”. Do lado esquerdo estão as terras do Cria-ú e do outro o limite do bairro Novo

Horizonte. Antes da demarcação¹³ das terras do Quilombo, tudo era Cria-ú, conforme disseram Joaquim Carolina e o Roldão Amâncio, ex-presidentes da Associação de Moradores da comunidade.

As belezas, riqueza de alimentos e encantos naturais do Quilombo fizeram com que parte de suas terras sofressem especulação imobiliária, ou seja, passando a ser propriedade privada, incluso no grupo de proprietários, o ex-prefeito, ex - senador e ex - governador do Estado do Amapá, João Alberto Rodrigues Capiberibe, empresários locais e migrantes oriundos de outros estados como Pará e Maranhão que chegaram, apossaram-se e continuam residindo no Cria-ú.

Alguns funcionários da Fundação Cultural Palmares estiveram no local, conversaram com os invasores e apresentaram-lhes a proposta de serem indenizados para desocuparem as terras do Cria-ú. Até o momento as negociações ainda não avançaram, mas a comunidade do Cria-ú espera pela resolução do problema. Percebo que apesar da tensão existente entre invasores e herdeiros das terras do Cria-ú, não existem conflitos físicos e ataques verbais frequentes entre ambos até a ocasião.

O espaço de terra invadido chama-se Cria-ú Mirim e encontra-se abandonado pelo poder público municipal e estadual que tem o dever de urbanizar o local. Esse trecho é praticamente intrafegável no primeiro semestre do ano por estar tomado de crateras, lama, água parada, falta de iluminação pública, água potável, segurança, transporte coletivo, coleta de lixo regular além de muito mato.

Voltando a percorrer a Rodovia AP 70, visualizem as residências construídas em Alvenaria em meio a vegetação nativa de capim e árvores em dois cenários. O primeiro se desenha nos primeiros meses do ano, período de inverno em Macapá. A vegetação é verde em vários tons/sobretons e é possível visualizar a delicadeza com que a água da chuva acaricia a face das plantas e animais do Cria-ú. A chuva se derrama em plenitude, ternura e vida na região amazônica e faz brotar a vida em semente, que rapidamente rasga a terra e dá sinais de sua existência permitindo que todos (as) o (a) vejam.

¹³ A extensão de terra do Cria-ú compreendida aos bairros atuais Novo Horizonte, Ipê e comunidade do Curia-ú Mirim.

Seu brotar alegra a quem admira esse fenômeno de maneira desmedida, por afirmar a renovação da vida de todos os seres que dão movimento, cor e identidade a comunidade, e também pela abundância de alimentos que com as chuvas dão vida ao solo e aos poços ricos em peixes, árvores frutíferas ao longo de todo ano produzem uma variedade de frutos e peixes como alimento a seus (uas) moradores (as). Sintam-se conduzidos pelo ritmo do Batuque e à proteção espiritual presente nas folhas e ladainhas que recepcionam e acompanham todos e todas pela extensão do Quilombo, reverenciando e festejando a existência da terra, da vida e de todos (as) filhos (as) da comunidade.

No período chuvoso o Cria-ú fica incrivelmente perfumado com cheiro de capim verde. Quando o sol aparece para esquentar os corpos, conseguiu-se presenciar também trocas de meiguices entre os animais. Os pássaros, como se fossem curumins¹⁴ correm com liberdade, serelepes e sem medo de nada, voam, pulam, rodopiam, brincam, beliscam, sentem o cheiro, vão e vêm a toda hora e instante como amontoados de crianças sapecas. As galinhas e patas passeiam



Figura 10: Paisagem do Quilombo do Cria-ú. Estação de Inverno
Fonte: Piedade Videira

pelos quintais e aproveitam para beliscarem suas penugens. Os porcos livres partem em passeios coletivos apreciando a paisagem e os que estão presos reclamam emitindo barulhos como testemunho de sua insatisfação. Os búfalos refrescam-se dentro do lago do Cria-ú. Ficam longe e quase totalmente submersos dentro d'água. Assim tão distantes contam somente com a companhia das garças que povoam a paisagem e deixam o lago do Cria-ú cheio de pontos brancos que de longe reluzem em perfeita harmonia com o mato verde. De repente somos surpreendidos pela beleza esvoaçante das borboletas que passeiam a todo

¹⁴ É o nome que recebem as entidades espirituais (crianças) dentro da Umbanda (Religião Afrobrasileira em Macapá).

momento colorindo o cenário e transbordando em delicadeza e colorido os dias dos meses de agosto a outubro antes do fenômeno do Equinócio em Macapá.

A paisagem do Cria-ú é única e indescritível em seus detalhes, sendo formidavelmente aromatizada. Exala o perfume característico do lugar. O cheiro afrocriauense que nesse período chuvoso compara-se com o aroma que exala das panelas cozinhando peixe com xicória e alfavaca¹⁵ (verduras abundantes em Macapá e cultivadas pelos (as) próprios (as) filhos (as) desse Quilombo em seus quintais). Habito simples da culinária local, mas que tem um cheiro especial e típico dos primeiros meses do ano, quando a preferência da população é pelo cozidão de peixe e de carne que serve para esquentar os corpos em dia frio.

Existem ainda nesse período, vários aromas inebriantes presentes nas frutas, verduras e plantas medicinais. Cultivados pela prática da economia policultora comum no Cria-ú, ao mesmo tempo distributiva e comunitária, capaz de satisfazer as necessidades de todos os seus membros (MOURA, 1993).

Esses cheiros se espalham pelo Quilombo como perfume suave e fragrância variada, envolventes, aliciantes, adocicadas, cheiros de laranja verde e às vezes madura, açai verde e maduro (alimento rico em vitaminas com presença quase diária na mesa dos criauenses e dos amapaenses quando é período de safra), mucajá e tucumã (frutas características da Região Norte), taperebá, manga, acerola, goiaba, caju, mandioca (utilizada para fazer a farinha de mesmo nome que junto com o açai são indispensáveis nas refeições dos macapaenses), limão galego (serve para tirar o pitiú¹⁶ do peixe, carne, frango e para remédio e banho de limpeza corporal), graviola, cupuaçu, limão, tucupí (suco extraído da mandioca e utilizado na feitura de comidas como: pato no tucupí, porco no tucupí, galinha no tucupí, mocotó no tucupí), macaxeira, banana, bacaba (fruto extraído da palmeira denominada de bacabeira).

A bacaba é uma fruta do inverno de onde se extrai um vinho bastante apreciado pela população local. Consome-se acompanhada de farinha de mandioca e ou de tapioca). Tem - se ainda a maniva (folhas verdes que são a base da “maniçoba”, prato típico dos Estados do Pará e Amapá), pupunha (fruta em caroços de vários tamanhos, cores e sabores

¹⁵ Segundo o Dicionário Aurélio (Mini) a Alfavaca é uma planta labiada, hortense e aromática. Em Macapá utilizamos as folhas dessa planta para prepararmos peixe de caldo, carne e frango porque deixa um aroma agradável na comida e também um gosto especial. O pé dessa planta, com as raízes, serve para a feitura de chá para a cura de cólicas menstruais. E a Alfavaca junto com o Alfavacão servem para banhar a cabeça e ajudar a curar gripe.

¹⁶ A população de Macapá, denomina de Pitiú o cheiro que exala dos peixes e alimentos que teem qualquer tipo de odor forte.

distintos oriundas da estação de inverno em Macapá. A pupunha deve ser cozida com sal e após seu cozimento retirada a casca fina que envolve sua polpa para ser degustada com ou sem café que exala seu cheiro característico todas as manhãs e finais de tarde na comunidade), maracujá, jambú (folha verde de aroma forte que deixa a boca anestesiada).

O Jambú compõe os pratos típicos nortistas: tacacá, pato no tucupi, galinha no tucupi). Já as plantas medicinais como: hortelã, manjeriço, japana branca, vindicá, comigo-ninguém-pode, abre caminho, oriza, pião roxo, espada de São Jorge, desinflama, catinga de mulata, mucuracá e cipó d'alho, bem como o anador, capim-marim e erva cidreira são utilizadas como chás e remédios e também na feitura de banhos de limpeza corpórea contra mal olhado, inveja, perturbações espirituais e “atrapalhos” em geral.

Esses cheiros não são sentidos por grande parte das pessoas que freqüentam o Cria-ú, porque para elas, trata-se de um lugar turístico com paisagem e gente exótica e ainda um lugar de lazer e entretenimento, ótimo para banharem-se na ponte que atravessa o rio que banha as terras do Quilombo. Elas não conseguem sentir os cheiros que perfumam o território do Cria-ú porque não foram ensinadas a enxergar-lo “por dentro”, por intermédio de suas peculiaridades evidenciadas pelas múltiplas expressões dos (as) filhos (as) e da natureza do Quilombo.

Por isso, os frequentadores diários do Cria-ú, como os turistas, banhistas não sabem que esse território é um patrimônio nacional quilombola, sendo assim, não entendem o “jeito de ser do povo do Cria-ú”. Infelizmente, não aprenderam o sentido histórico, cultural e político das comunidades de Quilombo no Estado do Amapá e Brasil e qual a sua relevância dentro da história e culturas brasileiras como lugar de resistência, ideal de cidadania, liberdade, trocas comerciais, uso e desenvolvimento de tecnologias e convivência solidária entre pessoas. Lamentavelmente, alguns frequentadores do Cria-ú cometem atos racistas contra a comunidade, que são verbalizados por xingamentos, apelidos e ofensa moral.

O segundo cenário se desenha a partir do final do mês de junho e início de julho. Este último marca o início da estiagem em Macapá. A vegetação no mês das “férias” não se altera em demasia porque ainda contamos com dias e noites chuvosos na Amazônia. A cada ano as previsões do tempo se modificam acompanhando as imprevistas alterações de ordem climática no mundo. Mesmo assim, é comum escutarmos os mais antigos afirmarem que quando chove o primeiro dia do mês é sinal que teremos dias de chuva durante o seu curso. Sendo assim, em meses de maior quentura, agosto e principalmente setembro, outubro e a metade de novembro a paisagem do Cria-ú muda bastante. Algumas vezes supõem-se que o fogo varreu com fúria e assolou a beleza nativa dos campos desse Quilombo. A destruição é

tamanha que quem observa o cenário fica desolado (a), tão grande é a violência e a destruição provocada pelo fogo em mato seco ceifando a vida das árvores e amedrontando os animais.



Figura 11: Paisagem do Quilombo do Cria-ú. Estação do Verão
Fonte: Piedade Videira



Figura 12: Paisagem do Quilombo do Cria-ú. Queimadas.
Fonte: Piedade Videira

3.2.1 O amanhecer no Cria-ú

O galo começa a cantar (có... cocó... rocóoooooooooooo) desde as 3h00min., anunciando que o dia não demora a nascer. Junto com ele vários bichos emitem seus cantos com maestria a espera dos primeiros raios do sol, por exemplo, os gafanhotos, sapos, corujas,

dentre outros. Os (as) idosos (as) que desde pequenos são acostumados a levantar cedo, para aproveitar o dia e desempenharem suas funções na roça espreguiçam seus corpos, depois fazem suas preces como ritual de fé para “fechar seus corpos e portanto proteje-los de todos os males” se põem de pé. O radinho de pilha é logo ligado para acompanharem a Rádio Difusora de Macapá, veículo de comunicação do Estado do Amapá, a hora e as notícias locais, do Brasil e do mundo. As mulheres levantam-se e já começam com a “lida” e a perfumarem o ambiente com vários cheiros. Preparam o café preto ou o chá (de plantas caseiras como, por exemplo, Capim-Marin, erva-cidreira, canela e ou camilitana) para “esquentar o estômago” de toda a família e em seguida acordam as crianças e adolescentes para se prepararem para ir à escola, os que estudam pela manhã e os demais para realizarem os afazeres diários.

O dia nasce de mansinho, o sol trata logo de acenar no céu se for o período de verão e ou de brigar com a chuva tentando encontrar um espaço para brilhar, no período chuvoso (nos meses de janeiro a primeira quinzena de julho, variando de acordo com as condições climáticas do planeta). Caso esteja chovendo todos (as) ficam encolhidos (as) com frio e a preguiça ganha força e alimenta à vontade de permanecer na cama e rede que logo é vencida pela responsabilidade de desempenharem as tarefas da “lida”, trabalho diário.

Para as mulheres, as obrigações domésticas são realizadas mesmo que sintam vontade de permanecer “mais um bucadinho” deitadas. Muitas delas ajudam seus maridos na “lida da roça”. Os homens se o tempo estiver bom, e os que ainda fazem roça, partem rumo a suas plantações. O que plantam e colhem de suas roças ajudam na alimentação diária de seus familiares e o excedente é vendido a própria escola da comunidade para ser servido como merenda escolar das crianças e adolescentes. E se a produção for grande comercializam alguns desses produtos a conterrâneos que visitam o Quilombo e outros gêneros alimentícios são comercializados na Feira do Produtor, local que os agricultores do estado comercializam seus produtos e gêneros alimentícios: verduras, legumes, frutas, peixes, galinha caipira queijos, plantas medicinais dentre outros, as terças e quintas feiras no Terminal de Abastecimento dos bairros Jardim Felicidade II e Pacoval. Ambos ficam a pelo menos 25 e 35 minutos de carro do Cria-ú.

A planta mandioca (que dá nome a farinha com a mesma denominação) alimento que não pode faltar na mesa dos amazônidas, é plantada e de sua raiz é feita a farinha de mandioca. Saboreada com açaí, bacaba, vinho de frutas, frutas e para acompanhar a

degustação de alimentos salgados, recebendo o nome de xibé¹⁷. Em vários quintais os criaenses tem seus fornos a lenha, artesanal para torrar a farinha, bem como o ralo e o tipiti (serve para retirar o líquido de cor amarelada) que após cozido (se não for é venenoso) é utilizado para colocar pimenta no tucupi, consumida durante as refeições na comunidade para apimentar e perfumar o sabor da comida e também para o preparo dos pratos típicos da culinária amazônica por exemplo: tacacá, pato, porco, peixe e frango no tucupi.

A venda de farinha é realizada por parte mínima da comunidade do Cria-ú. A produção realizada desse alimento pelas famílias é para seu consumo próprio. Geralmente quem faz roça, ainda na comunidade, são os (as) idosos (as) e as mulheres que são chefes de família. Os jovens não querem participar desse ofício e recusam esse aprendizado relevante que os permitiriam não ficarem totalmente presos a obrigatoriedade e a condição de ter dinheiro para comprar absolutamente tudo de que precisam. Se plantarem, cultivarem a terra e os alimentos que nascem de suas entranhas, conseguirão livrar a si e aos seus (uas) filhos (as) do mal da fome que assola o mundo.

Na tentativa de modificar o pensamento e as atitudes desinteressadas dos jovens do Cria-ú frente ao trabalho agrícola desenvolvido no Quilombo, na escola José Bonifácio, dialogamos com a comunidade escolar sobre as potencialidades locais que precisam ser enfatizadas pelos professores junto aos estudantes. Para que esses não continuem acreditando que para prosperarem na vida terão que deixar sua comunidade e mudar-se para a cidade. Atitude que levaria ao inchaço populacional na capital, bem como o aumento da violência, da pobreza e da prostituição, a exemplo do que acontece em outros lugares.

A escola da comunidade passou a organizar atividades vivenciadas no próprio Cria-ú para os educandos a fim de ensiná-los a enxergarem que a cultura do Cria-ú expressa-se também por essas práticas ancestrais da produção agrícola de alimentos. E que é importante que as aprendam e pensem em maneiras de desenvolverem outros aparatos tecnológicos para facilitar o cultivo dos alimentos e a desempenharem com menos dureza, com o auxílio de máquinas o trabalho na roça. E mesmo pensar na potencialização da produção local e meios de industrialização dos produtos para aumentar a geração de renda de sua comunidade.

Os (as) educandos (as) da escola, estão sendo incentivados (por intermédio de vivências extra espaço físico da escola, diretamente na roça e na casa dos filhos (as) do

¹⁷ O Xibé faz parte da cultura alimentar de praticamente todos os estados da Região Norte. É feito com a mistura entre a água e a farinha de mandioca. Depois de tufar acompanha a degustação de peixe, carne, frango e camarão salgados. Na falta das carnes sobreditas, é consumido sozinho e serve para saciar a fome de quem não tem outro alimento para ingerir. É bastante apreciado principalmente pelos idosos (as).

Quilombo) para aprenderem esses saberes como mais uma herança rica que precisam valorizar e aprender para não desaparecer dentro da comunidade.

A terra é a grande riqueza coletiva de todos (as) no Cria-ú e poderá ser ainda mais fértil, produtiva e geradora de emprego e renda para a comunidade se, tais educandos, forem insentivados a permanecerem e desenvolverem as potencialidades do lugar onde vivem. Por exemplo, a farinha do Quilombo do Cria-ú já é reconhecida pela qualidade que possui dentro da capital Macapá. Essa referência faz os macapaenses comprarem (e até pagarem mais caro) por esse produto, sem olhar e provar, porque o seu atributo diferenciador é ser do Cria-ú. Quiçá no futuro, a feitura da farinha, se transforme em grande fonte de emprego e renda dentro da comunidade e dela possa ser extraído produtos derivados para o consumo humano.

O amanhecer no Cria-ú é ainda para cuidar dos animais domésticos, dar comida aos porcos, galinhas, patos e soltar o gado comum para juntarem-se aos búfalos para pastarem. Recordo de seu Chico cuidando de sua criação de galinhas e patos. Tecendo seus paneiros, cestos grandes para armazenar seus bichos. Ele é uma das pessoas no Quilombo que vende galinha caipira e seus ovos. A exemplo de outros (as) idosos (as) que desenvolvem as técnicas de criação de animais para continuarem movimentando e estimulando seus corpos. Dizem que “corpo parado, sem fazer nada, só chama doença”. Por isso, os idosos participam com frequência dos Batuques que são realizados na e também fora do Cria-ú, dizem que ao dançarem nos Batuques e Marabaixos afastam as dores do corpo.

Outro cuidado especial é com as plantas medicinais que são utilizadas no preparo de remédios caseiros apreciados por toda a comunidade. Dona Rossilda, “curandeira” do lugar, tem seu quintal cheio de grande variedade de plantas para uso medicinal e para banhos de limpeza corporal a fim de, afastar a “picica”, espécie de falta de sorte, que pode ser combatida com passe (pelas entidades espirituais) e suas rezas, bem como pelos banhos e defumação de descarga (para afastar a inveja e o olho grande que deixam qualquer um mufino¹⁸).

Se for aproximação ou perturbação de espíritos, necessidade de puchações (em partes do corpo com rasgadura, estiramento dentre outros) a boa hora para rezar é antes do por-do-sol, por volta de 17h00 aproximadamente. Dona Rossilda prepara também garrafadas com suas plantas para curar inúmeras doenças e algumas até mesmo desconhecidas pelo

¹⁸ Objetivando manter a originalidade da fala dos colaboradores da pesquisa, utilizei a palavra: MUFINO como é pronunciada por eles dentro da comunidade. Mas sua outra forma de escrita, segundo o dicionário Aurélio é: MOFINO.

“homem da letra” e/ou “homem de branco” é como as entidades espirituais referem-se aos (as) médicos (as).

É especial ver no dia-a-dia do Quilombo do Cria-ú a prática de varrer os quintais com vassouras feitas do cacho de açaí e da bacaba. A atividade é desenvolvida nos quintais das residências pelas senhoras idosas da comunidade a exemplo dos homens. O cenário é bonito tem muitas árvores e plantas frutíferas e medicinais e quem varre tem a possibilidade de escutar o canto dos pássaros, veem os animais caminharem livremente e não sofrem com o sol forte ficando a sombra das plantações, por isso, as pessoas passam horas afincando limpando os terreiros, com os corpos inclinados a frente devido ao tamanho (pequeno) dos cachos, em movimentos corporais repetidos e pausados, ou seja, varrem sem pressa de acabar e a cada erguida do corpo espiam tudo a sua volta com movimentos circulares e longínquos de cabeça. Longe vão pousar seus pensamentos, nas lembranças que alimentam suas memórias.

Algumas senhoras ainda contam com a companhia dos cachimbos que servem para depositar o tabacão, como chamam, comprados em pedaços e ou já picados em pacotes. Os que vem em rolos tem todo um ritual de preparação até serem fumados. Corta-se em rodela para em seguida serem picados, algumas pessoas o lavam para tirar os resíduos e outras o utilizam sem fazerem esse procedimento. Em seguida coloca-se para secar, após a secagem está pronto para ser fumado. Algumas senhoras ainda tem por hábito colocar um pouco de tabaco na palma da mão, amassa-lo várias vezes e em seguida colocá-lo no cachimbo. Muitos (as) idosos (as) também tem por cultura mastigar o fumo.

Desde que amanhece o dia a comunidade é toda movimento, se encontra mutuamente e nesses encontros, principalmente quando as mulheres estão transportando algo apoiado na cabeça, tem-se uma bela fotografia de um jeito de ser simples, calmo e identificadores da vida em propriedades rurais e em territórios quilombolas, que mesmo localizadas as margens dos centros urbanos como é o caso do Cria-ú, conserva práticas culturais antigas comuns em comunidades tradicionais e não vistas em outros lugares.

Com algumas exceções em Macapá, por exemplo, quando as senhoras criadas nessa cultura e trabalham como lavadeiras na capital Macapá, transportam suas trouxas de roupa na cabeça. Chegam a contrastar com a dinâmica do cenário urbano em sua volta. Não dão bola, seguem caminhando eretas, tranquilamente e com um requebro corporal peculiar. Se encontrarem uma conhecida (o) pelo caminho uma das mãos sob para a cintura, como marca registrada de seu movimento corporal característico e assim conversam horas esquecidas (os).

No cotidiano da comunidade também as trocas alimentares são recorrentes entre os habitantes do Cria-ú. As pessoas enviam e recebem panelinhas e pratinhos com alimentos.

Essa é uma prática cultural antiga dentro do Cria-ú o de compartilhar o que plantam, cultivam, colhem e comem com seus (uas) parentes. E em agradecimento ao que recebem, buscam enviar “um agrado” nas vasilhas em sinal de retribuição. O recipiente só é enviado “sem nada”, como dizem, se realmente no momento a pessoa não tiver com o que recompensar o agrado recebido.

Os temperos dos alimentos são simples dentro da cultura alimentar do Cria-ú. O limão não pode faltar para tirar o pitiú das carnes, peixes e frangos. Mas se não o tiverem em seus quintais recorrem ao vinagre e ou ao limão caiana (que é plantado dentro do Quilombo). O alho, pimenta e cominho, xicória, alfavaca e a cebola (esta última quando tem) o sal, o urucum (feito artesanalmente serve para dar cor ao alimento) e ou o coloral (industrializado) são a base do preparo da culinária local.

Destaco também a maneira de saudação utilizada entre os (as) filhos (as) do Cria-ú que é bem característico da cultura amazônida. As pessoas abanam o braço e gritam de longe “- Eh parente...” (dizendo o nome da pessoa, prolongando a pronúncia da frase dando tom cantado ao cumprimento) “- Que tal?”. Quem recebe o cumprimento responde dizendo: “- Tá bom minha mana!” ou “- Ah! Minha preta não tá nada bem” e “- Tá como Deus quer”, dentre outros.

A cultura de “tomar a bença” beijando a mão dos mais velhos (as) mesmo que não sejam pais, mães, tios (as), madrinhas e padrinhos de batismo é mais uma prática antiga mantida dentro do Cria-ú e em famílias tradicionais de Macapá. A bença é sinal de respeito aos mais velhos (sejam eles jovens, adultos, idosos (as)) e desde pequenos (as) as crianças aprendem o valor deste hábito cultural antigo. É bonito vermos por parte das pessoas que chegam, a formação de filas para “tomarem bença”.

São tantos hábitos culturais e antigos que durante toda a manhã o Quilombo do Cria-ú se movimenta em todas as direções evidenciando todos eles. Quem trabalha, sai de casa cedo para enfrentar as longas esperas pelo transporte público de má qualidade, condições de uso e horários irregulares. A bicicleta acaba sendo o meio de transporte mais eficaz dentro do Quilombo, utilizada por muitos criauenses. A caminhada a pé é eficiente para a locomoção das pessoas para distâncias curtas carregando coisas na cabeça e nos braços. O que nos chama atenção é o ritmo calmo e desacelerado da comunidade do Cria-ú como um todo. O tempo e suas passagens parecem ser diferentes dentro desse território. A comunidade tem um ritmo próprio e sem correria deixam claro que há tempo para fazer tudo. Se comparado aos bairros próximos e a cidade de Macapá nos quais presencia-se o estresse do trânsito intenso e

complicado, principalmente em horários de maior circulação de pessoas nas ruas da cidade para se locomoverem a escola, trabalho e centro comercial.

Na hora sagrada das refeições o que vale é “arrochar a farinha”, tomar aquele açaí¹⁹ como alimento principal que pode ser acompanhado de carne, frango ou peixe. Também pode ser degustado após o saboreio do arroz, feijão, macarrão com peixe, carne, porco, frango, cozidão (esses alimentos não são consumidos todos juntos diariamente) e encher a barriga. Depois é o momento do descanso. Nesse momento não aconselhamos visitas às famílias. Após as 16h00min. é oportuno.

Devemos observar esses hábitos cotidianos das comunidades tradicionais para não invadirmos a privacidade das pessoas e nos tornarmos “incheridos”, ou seja, criar aversão por parte da comunidade a sua pessoa. Se o sujeito não é bem vindo recebe olhares de “banda”, atravessado, pouco simpáticos e os (as) filhos (as) do Quilombo ficam em silêncio só observando-o. Sendo assim, para entrar e conviver no Quilombo do Cria-ú é preciso termos antes de tudo sensibilidade para sentirmos como as pessoas se expressam e conduzem seu dia-a-dia. Fazer essa observação é indispensável para a convivência respeitosa dentro do Quilombo sobredito e dentro de qualquer comunidade tradicional.

3.2.2 *O entardecer no Cria-ú*

A vida segue mais tranqüila no turno da tarde no Quilombo. Após o descanso do almoço as pessoas da comunidade aproveitam para assistir as novelas de televisão, outras preferem sentar no pátio, quintais e em frente a suas residências porque é mais ventilado. Sentam-se para conversar, trançar cabelo e ou desempenhar alguma função que exija trabalho com as mãos. Devagarinho vai chegando um, outro e de repente se forma uma rodadinha de pessoas para “bater papo”. São muitos assuntos debatidos nessas rodas. São ditas “coisas de bem e de mal”, de tudo o que acontece na e fora da comunidade. Frutas, comidas, doces, pães, café, sucos, chope (de frutas) são aconsumidos pelas pessoas no transcurso do contar os fatos ocorridos dentro e fora do Cria-ú.

No momento de contarem as histórias existe uma perfeita harmonia entre o corpo todo do (a) contador (a) que dá vida aos fatos, com o conteúdo do que está sendo dito. Nesse momento unem-se inúmeros gestos corporais que ganham vida dentro das histórias relatadas e

¹⁹ O açaí é abundante nas terras do Cria-ú no primeiro semestre. Depois vai ficando escasso (difícil) e passa a ser comprado nas amaçadeiras de açaí localizadas fora da comunidade. O produto nesse período de escassez no Estado do Amapá é comprado dos municípios do Pará que devido ao traslado dos barcos por dia e dias pelos rios, chegam sem tanta qualidade à Macapá, ou seja, seco e se pegar chuva fica azedo.

para cada uma delas, face a dinâmica que envolveu a situação, tem um conjunto de expressões faciais que o (a) contador (a) lança mão para dar maior realismo ao fato. A entonação da voz também é outro requisito que prende a atenção dos (as) ouvintes.

Durante a contação das histórias volta e meia passa alguém pela rodovia de carro buzinando, moto, bicicleta e a pé gritando “e parente” e acenando com a mão. O gesto de cumprimento é retribuído pelo (a) contador (a) e em seguida segue-se com as narrativas dos fatos até o cair da tarde.

Nesse momento percebe-se uma confluência maior de pessoas no Cria-ú. Trata-se do horário em que as crianças e adolescentes saem da escola e se encaminham para casa. Alguns desses estudantes ficam em frente ao educandário esperando o ônibus para retornarem as suas residências localizadas no Cria-ú de Fora e bairro Novo Horizonte. A grande maioria segue para suas residências pelo transporte escolar gratuito oferecido pelo governo do Estado do Amapá identificado pelo nome de Kombi (transporte da marca volkswagem que comporta quatorze passageiros incluindo o motorista . A natureza do serviço é terceirizado). E os (as) que moram ladeando a escola retornam as suas residências a pé.

Os proprietários de animais como galinha, porco, pato,boi saem em busca de suas criações para recolhê-las aos galinheiros, chiqueiros e currais respectivamente. Ao cair da tarde muitas pessoas dentro do Cria-ú aproveitam para bater açaí. Esse açaí é utilizado tanto para o consumo caseiro, da família como para ser comercializado em pequenas quantidades nas vizinhanças do Cria-ú. A exemplo da farinha, o açaí do Cria-ú é sinônimo de excelência na qualidade no mercado de Macapá. Durante a safra desse produto em Macapá, muitos moradores do Quilombo aumentam a renda familiar comercializando-o. O açaí que é comercializado fora do Cria-ú, por seus habitantes tem como embalagem garrafas, reaproveitadas de plástico de dois litros ou saquinhos plásticos.

Esses (as) vendedores (as) de açaí já tem seus clientes certos que ficam a esperá-los para saborear o delicioso produto que é consumido a qualquer hora do dia, da noite e tem aqueles (as) que o tomam também em certos horários da madrugada em Macapá. As pessoas que apreciam o açaí são advertidos pelos idosos (as) a não tomarem tal produto se ingerirem outros alimentos como manga, leite e consumirem bebidas alcoólicas. Na verdade essa foi uma estratégia utilizado pelos escravizadores, que é vista até hoje, para que seus escravizados não comessem os alimentos das casas grandes sob a alegação de que se os comessem e ou misturassem com outros alimentos morreriam.

Dentro do Cria-ú os habitantes desse lugar dispensam qualquer outro alimento por causa do açaí. É recorrente escutarmos os criauenses dizerem: “hoje não quero comer, só

quero açaí.” Escutando eles (as) falarem fico a imaginar, ao mesmo tempo que o açaí não é uma comida (dizem isso porque não tem pedaço de carne, frango, peixe) ele é o alimento principal que de tão forte e vitaminado dispensa até acompanhamento. E quase todas (os) no Cria-ú o apreciam. Os alimentos são produzidos em quantidade no Cria-ú, portanto, existe sempre fartura.

O hábito alimentar no Cria-ú além do consumo intenso do açaí nas refeições, a noite, o jantar é a base da comida que sobra do almoço. O costume antigo sempre foi de comer bem e a vontade para saciar a fome. Por isso é possível perceber na pele, aparência facial, textura dos cabelos que os (as) moradores (as) do Quilombo são bem nutridos (as), de pele e olhos brilhantes aparentando ótimo bem estar físico e de saúde, em sua maioria.

Os aquilombados do Cria-ú durante e após o jantar sentam-se para assistir aos programas de televisão. As vezes as salas ficam cheias, mas é um silêncio total. A atenção está voltada para as tramas das novelas que absorvem sobremaneira as pessoas que vibram com cada cena de contato físico e ou descoberta de alguma situação ou revelação que envolve o (a) protagonista da história.

A exemplo do que acontece em outros territórios tradicionais e de Quilombos pelo Brasil, as pessoas estão retornando “afoitas” da lida na roça e com pressa de terminarem suas atividades domésticas para se debruçarem em frente à televisão para assistirem as novelas. Dizem: “- Não posso perder a novela. Está demais! Quero ver o que irá acontecer com fulano de tal...”. O momento do diálogo entre gerações da população do Quilombo do Cria-ú que se dava após o jantar sobre as histórias que os mais velhos aprenderam desde crianças, sobre as aparições espirituais nas terras do Quilombo, relatos de fatos ocorridos no cotidiano da comunidade, perderam lugar para os programas televisivos que impõem uma certa “passividade” aos telespectadores.

O consumo de tudo que é apresentado nas programações televisivas para todos (as) os (as) brasileiros (as), mesmo que suas culturas e histórias reais não sejam temas desses programas é um perigo iminente a salvaguarda das culturas ancestrais em nosso país e no Cria-ú. O mercado local não aparece na televisão e nem na educação local. Parece que ele é errado, que não faz parte da cultura e tampouco é importante para a população. Por isso é comum vermos principalmente as crianças e adolescentes querendo transformar seus cabelos e corpos nos biotipos das (os) protagonistas das novelas.

Com base nesse contexto reforçamos que a cultura do Quilombo do Cria-ú precisa está visual, teórica e didaticamente dentro da escola, lugar onde esses educandos (as) passam mais da metade de seu dia, como alicerce para que construam valores positivos sobre si e seus

semelhantes, sustentados pelos discursos, exemplos e trabalhos escolares voltados para a história e cultura local em diálogo com outras culturas.

A diminuição dos encontros nas rodas de conversas noturnas dentro do Quilombo do Cria-ú considero uma ameaça a continuidade da tradição local em que sua transmissão se dá pela oralidade e gestos corpóreos que dão vida ao que é dito. As pessoas quando contam as histórias que escutaram contar, repetem também os gestos e expressões faciais de quem os contou o fato. Para dar maior veracidade as histórias ainda dizem: “pela bença de Deus que foi assim que aconteceu...”

3.2.3 *O Anoi-tecer no Cria-ú*

Antes da noite chegar o sol vai se pondo gracioso nas terras do Cria-ú. Durante todo o dia se movimenta do nascente para o poente como quem caminha pelas nuvens em um dia lindo de sol. Vai girando... girando...beijando as claras nuvens que enfeitam o céu que parece uma grande obra de arte pintada com pinceladas rápidas com uma variedade de tons/sobretons de azul e branco que prende o olhar de quem os encherça com olhos de sensibilidade e contemplação. É lindo o céu de nossa terra...Do nosso Quilombo...

Essa obra de arte apresenta novos contornos ao observarmos o por-do-sol na ponte do Cria-ú. As garças aparecem como uma mina de pontinhos brancos espalhadas ao longo da extensão de terra que os olhos humanos são capazes de alcançar. Se misturam aos búfalos que refrescam-se com as águas do rio e ficam parados, inertes apesar de amedrontarem por terem um porte agigantado coberto com pelo negro/reluzente, marcam um dos momentos mais bonitos de serem apreciados dentro do Cria-ú nos finais de tarde.

O sol vai dormir e ainda ficam os resquícios de seu brilho encandescente que vai dando lugar gradativamente a noite linda e misteriosa como agasalho para o fim de mais um dia. Lá vem ela, à noite, trazendo consigo os animais que aparecem quando ela chega. Muitos cantos são ouvidos e muitas coisas acontecem protegidas pela escuridão. Na frente das residências no Cria-ú vê-se lâmpadas ligadas e também a iluminação pública em frente as casas são acionadas. Mesmo assim não é o suficiente para iluminar a contento as casas da comunidade.

Em alguns trechos não é possível visualizar luz elétrica necessária para guiar os viandantes que precisam andar de bicicleta e a pé pela rodovia que cruza o Quilombo , felizmente o que lhes salva de alguns acidentes são os tachões luminosos que servem para sinalizar a estrada. Mesmo assim vivem em perigo constante porque muitos acidentes de

trânsito ocorrem na estrada, na grande maioria na madrugada quase sempre com vítimas fatais, porque além da falta de iluminação na vila, falta também consciência por parte dos condutores de carros e motos que andam em alta velocidade na estrada sob efeito alucinógeno de bebida alcoólica e outros intorpecentes.

Em dias de festas no Cria-ú as estradas e rua que dá acesso ao Quilombo é só movimento. Há quem se encaminhe de carro, moto, bicicleta, a pé, de cadeira de rodas, carrinho de bebê e os que vão sem precisar desses meios de transporte porque estão no plano dos espíritos. Esses últimos é que não costumam faltar mesmo porque foram eles que escreveram os primeiros capítulos da cepa (primeira geração da comunidade), palma (segunda geração) e a flor (terceira geração) dessa história (SILVA, 2004). São vistos e quem pode vê-los (as) não sentem medo, os reverenciam e seguem em frente. Dizem: “pra que boli com o que a maioria não está vendo...”

Nas festas tradicionais realizada pelos (as) criaenses, no momento da reza da primeira folia que começa com o refrão:

BIS{ Oh devotos vamo rezar

BIS{ A ladainha do senhor

Esse momento de chamamento aos devotos encarnados para rezarem a ladainha aos santos, vem também os (as) devotos (as) e foliões desencarnados que ficam atrás da igreja, vestidos de branco rezando para seu santo protetor. É o que dizem os (as) filhos (as) do Cria-ú, médiuns que os enchergam.

Normalmente, sem ser em noites de festas que tem movimento à noite toda dentro do Cria-ú, as pessoas se recolhem cedo para dentro de suas residências, principalmente no primeiro semestre de inverno que dá muito carapanã e muriçoca²⁰ e ninguém consegue ficar no pátio das casas. Exceto alguns casais que aproveitam para trocar carícias íntimas sem a publicização de um dia claro. E durante os festejos dos Batuques que para permanecer na sede, onde se realiza a festa, tem que dançar até amanhecer o dia, porque senão os insetos colocam a pessoa para correr.

A pesca nos lagos do Quilombo, antigamente era feito de maneira artesanal por intermédio de caniço, linha de mão, gapuia, flexa e fachiar, na atualidade os (as) moradores (as) do Quilombo que sobrevivem dessa atividade saem de madrugada para realizar esse

²⁰ Espécie de inseto comum na região amazônica, que tem uma picada bastante dolorida a exemplo do muriçoca.

ofício e utilizam a malhadeira (instrumento de pesca que considero inadequado porque enlaça tanto os peixes em idade adulta como alguns filhotes que perdem a chance de crescerem e alimentarem os filhos da comunidade no dia de amanhã). Os (as) praticantes da pesca retornam antes do dia amanhecer ou ao amanhecer a suas residências com a refeição garantida pela mãe natureza.

O Quilombo do Cria-ú vem enfrentando um problema sério de invasão em suas terras e apropriação indevida de pessoas de fora desse território das riquezas naturais desse território. Sorrateiramente, os moradores de bairros que ladeiam o local entram nas terras do Cria-ú e estão furtando os peixes. O mais grave é que para furtar o pescado utilizam timbó, espécie de planta venenosa que mata grande quantidade de peixes, incluindo os filhotes. Essa prática predatória e irresponsável está ameaçando a subsistência das gerações futuras do Quilombo e continuando o problema sem solução terá menos alimento para si, seus familiares e seus descendentes.

Em noites tranquilas, o silêncio vai tomando conta após as pessoas desligarem seus aparelhos de televisão. O vento chega a assobiar e as árvores asanhadas se balançam de um lado para outro. Pensam que ninguém está vendo suas insinuações umas as outras. Às vezes o vento é tão forte que elas trocam carícias sem querer e outras chegam a tocar os lábios mutuamente em sinal de afago e afeto. Se a chuva resolve aparecer ficam oriçadas e brincam animadamente até o frio chegar fazendo com que desejem se recostar entre si como se fossem um agasalho para a noite fria, o sonho.

3.2.4 A madrugada no Cria-ú

Inúmeros acontecimentos se passam na madrugada do Quilombo do Cria-ú, entre os animais e as pessoas. Ambos buscam o silêncio, tranquilidade para agirem e fazerem o que desejam que não pode ser feito publicamente. Pensam que se escodem. Acreditam que todos (as) estão dormindo dentro de seu território. Enganam-se. A quem durma com um lado do olho aberto, atento (a) a tudo e a todos os movimentos mesmo que sutis dentro do Cria-ú. Ficam ali na fresta da parede “espiando” madrugada a dentro.

Vi muitas situações curiosas e estranhas acontecerem. Senti vontade de propagá-las em confiança a algumas pessoas. Mas logo entendi que eram segredos e eu não poderia revelá-los. Logo a minha memória recobrou-me o ensinamento importante que logrei no convívio com os (as) filhos (as) do Cria-ú: “nem tudo que se vê é pra ser falado. Nem tudo que o olho vê a boca é pra falar...”. A cultura no Quilombo do Cria-ú se faz pelo que está explícito, dito ou propagado e pelos segredos que são utilizados como estratégias para

protegerem-se e protegerem a terra, lugar de sua história e cultura quilombola e afrodescendente.

3.3 DESCRIÇÃO DO CALENDÁRIO AFRORELIGIOSO E CULTURAL REALIZADO ANUALMENTE PELO QUILOMBO DO CRIA-Ú.

A fé nos santos e santas e as festas religiosas tem grande importância na vida da população do Cria-ú. Estas festas fazem parte da afirmação da identidade da comunidade.

As festas de santos de tradição da religião católica realizadas dentro do Quilombo do Cria-ú, e também em comunidades, localidades e bairros de maioria negra em Macapá (Laguinho e Favela), as mais conhecidas, são denominadas respectivamente de Batuque e Marabaixo. As músicas e os ritmos produzidos nestas festas tradicionais são tão originais quanto sugerem os seus nomes, como mencionei na Seção II.

Para os descendentes do Quilombo essas festas são como uma “brincadeira” que os (as) deixa muito felizes e orgulhosos (as) de quem são e de seus ancestrais. Participar dos Batuques e Marabaixos representa, ainda, viver momentos valorosos no reencontro e compartilhar de emoções e aprendizados com seus familiares, parentes, amigos, conterrâneos e desfrutar da imensa fartura de comida – cozidão²¹- regado a afrodisíaca gengibirra²² distribuída em abundância nesses festejos.

Segundo meus (inhas) informantes, a organização das “festas de santo” em suas respectivas datas comemorativas existem há muitas décadas dentro da comunidade, sendo a mais antiga a que homenageia o Padroeiro do Quilombo São Joaquim realizada de 09 a 18 de agosto, por aproximadamente 250 anos. Seus (uas) herdeiros procuram manter a tradição seguindo as orientações que receberam de seus familiares, mas ao mesmo tempo realizando algumas mudanças em seu desenvolvimento, com a preocupação e vigilância dos (as) mais velhos (as) para não descaracterizarem a tradição, porque temem serem castigados pelo santo milagroso.

O respeito da comunidade do Cria-ú pelo *continuum* Cultural, expresso nas festas de santo reforça a responsabilidade coletiva de salvaguardá-las com cuidado, carinho, amor e muita fé para que essa tradição local não desapareça com o falecimento dos (as) moradores (as) antigos (as) do Quilombo.

²¹ O Cozido com verduras e carne de gado é tradicional servido nos festejos dos Marabaixos e Batuques. Muito embora a carne de gado seja servida também assada de brasa e panela.

²² É a bebida tradicional da festa. Feita a base de gengibre, cravinho, cachaça, água e açúcar a gosto. É afrodisíaca.

Por isso, os (as) anciãos (ãs) do Cria-ú tem a preocupação de ensinar, o que aprenderam pelo movimento de “ouvir contar” sobre a tradição local, ou seja, por meio da oralidade registrada e incorporada na memória e corpos durante décadas. A qual tem por princípio “ensinar sem forçar” as crianças e adolescentes a aprenderem sobre o que sabem.

A palavra falada é a alma da narrativa e a narrativa é o caminho que a imaginação e o fazer humanos percorrem para nos ensinar quem somos, como somos e por que somos. Enquanto ouvimos e contamos histórias, incorporamos valores, modos de pensar, sentir e agir e aprendemos mais sobre nós mesmos e também nos construímos como pessoa dentro de um grupo social (SANTOS, 2006, p. s/n.)

Os (as) mais velhos (as) do Cria-ú acreditam que ninguém aprende nada forçadamente. E para que as crianças e adolescentes do Quilombo tomem conhecimento sobre as múltiplas formas de manifestação de sua cultura precisam ser ensinados sobre o valor histórico, material, imaterial, religioso e humano da comunidade onde moram e dos saberes com os quais convivem desde seu nascimento.

Entendo que o ensinamento dentro e fora da escola deve ser baseado na participação efetiva, diálogo, histórias contadas, artes, danças, mitos e vivências cotidianas tendo o reforço constante sobre os valores civilizatórios africanos e afrodescendentes que estão agregados à cultura do Quilombo e se forem potencializados em sala de aula poderão ajudar a alicerçar a identidade étnica positiva do ser aquilombado.

Reconhecer democraticamente a riqueza da diversidade é aceitar esse outro tipo de saber, é procurar o que tem de reacionarismo – que tem também – o que tem de vital, para o dia-a-dia das pessoas. Reconhecer a diversidade cultural implica relativizar um pouco o saber e a memória nacional preservada na forma do livro, na forma de obra de arte, de monumentos, de arquivo. Tudo isso é importante, mas tudo isso só ganha sentido, - o saber do livro, o monumento, a história do país – sentido democrático, quando a gente recria esse saber, ou reapropria esse saber por um discurso, uma fala, uma ação vinculados a um projeto educacional, aberto ao enraizamento comunitário. Ou seja, como é que esse saber se articula com um projeto de enraizamento do lugar onde estamos, do que somos, e de como somos e não como deveríamos ser. (SODRÉ, 2002, p.21).

O autor Muniz Sodré nos ajuda a pensarmos as diversas dimensões culturais e pedagógicas presentes nas culturas afrodescendentes e nos territórios quilombolas e de maioria negra, por exemplo: os terreiros de Candomblé e Umbanda, bairros urbanos com maior concentração de população negra, irmandades religiosas e movimentos culturais de

maioria negra que podem integrar uma ação educacional transformadora considerando esses espaços não apenas como lugar físico, abstrato, mas como lugar marcado pelo humano, a exemplo de nossos corpos e residências. Ambos são lugares simbólicos ocupados pelo humano.

Destaco e penso ser um fator importante para a educação notarmos que a cultura afroamapaense no Quilombo do Cria-ú, marca positivamente a humanidade e a ancestralidade de seus (uas) herdeiros (as), fazendo com que haja o movimento crescente e coletivo de seus corpos para a preservação de suas tradições. Por isso, os festejos dos Batuques e Marabaixos não são realizados dentro do Cria-ú para fim de espetáculo e nem tampouco são repetições miméticas de movimentos corpóreos. Comportam valores civilizatórios que por vezes, significam um retorno à sua autoimagem, à sua africanidade, saberes ancestrais, orgulho de onde e de quem são e constituem positivamente a identidade étnica do ser aquilombado local.

Todas as festas de Batuques e Marabaixos realizados nesse território fazem parte do calendário cultural da comunidade, considerado o mais extenso de todo Estado do Amapá que é organizado em Festejos Afroreligiosos e de Batuques. A cultura da festa articula praticamente toda a comunidade que se une para reverenciar seus (uas) santos (as) de devoção familiar trabalhando arduamente dia, noite e de madrugada para a realização bem sucedida desses festejos.

A cultura da festa de santo compõe o processo de pensamento da comunidade que se funda na memória, ancestralidade, afrodescendência, oralidade, ensinar e aprender por meio do fazer e ouvir contar, respeito aos (as) mais velhos (as) e seus saberes, participação nos Batuques e Marabaixos por devoção aos (as) santos (as), valorização da cultura negra presente no Quilombo como prática social, cultural e como registro histórico de conhecimentos ancestrais que evidenciam a visão e concepção de mundo salvaguardadas e reinventadas pelos criaenses.

Essa visão de mundo dos (as) herdeiros (as) das terras do Cria-ú se articula a consecução desses Batuques que envolvem uma amálgama de ações e sentimentos distintos, mas que resultam na união de toda a comunidade dentro dessa tradição. Essa brincadeira é cara aos seus partícipes porque representa ainda a possibilidade de encontrar parentes e conterrâneos, relembrar os *causos* do passado e relatar os do presente, compor as bandaias de Batuque e as cantigas de Marabaixo, sentir a ausência e a presença na memória dos que já partiram, tomar gengibirra, cerveja, refrigerante, compartilhar o caldo – cozidão, matar o boi e retirar seu couro, limpar, cortar, lavar, temperar, cuidar enquanto cozinha, arrumar a mesa, preparar a farinha de mandioca, servi-la as pessoas, encher as bacias com o cozidão, dar de

comer com satisfação as pessoas, recolher as bacias para encher novamente, lavar a louça, dançar Batuque, Marabaixo, Zouk love²³, Kaçiko, falar mal de terceiros, elogiar outros, sorrir, arregalar os olhos em sinal de desagravo, balançar a cabeça em sinal de positivo, ralhar, suspirar, requebrar, sonhar, emocionar-se, assustar-se, envolver-se, sentir, tocar, andar, sentar, respirar, fazer, modificar, comer tapioca, bolos variados, sucos de frutas, pães, bolachas, frutas, sopa e acima de tudo agradecer a Deus pela sua bondade e amor de pai que dá saúde para a comunidade continuar com a tradição dos Batuques afroamapaenses em reverência aos seus santos e santas de devoção e fé e a memória de seus ancestrais.

Ao longo do ano há um conagração dos filhos (as) do Cria-ú que residem na e fora da comunidade para a organização e cumprimento da tradição das folias, ladainhas e Batuques realizados pelas famílias negras locais que recebem a denominação de devotos (as) . Todas as pessoas do núcleo parental dos festeiros e praticamente da comunidade em geral se unem para trabalhar na organização e desenvolvimento dos Batuques e Marabaixos. O desembolso para o custeio da festa vem das finanças do (s) festeiro(s), o (a) conta com a ajuda de alguns (as) devotos (as) do (a) santo (a), e principalmente do poder público estadual (potencial patrocinador) e municipal.

O (a) ou (s) festeiro (a) ou (s) pode ser escolhido (a) ou (s) de duas maneiras. A primeira apresentando-se como potencial festeiro do ano vindouro por ter alcançado uma graça pedida ao (a) santo (a). A segunda, por pertencerem a “família festeira” ou serem parentes, amigos e conhecidos desta, que são devotos (as) e guardiões (as) da tradição secular local.

Durante a realização das festas de santo transborda de todas as pessoas envolvidas a fé, a dedicação, o respeito, e o amor com que realizam tais festejos. A dinâmica da vida das pessoas e da comunidade altera-se nesse período e tudo fica menor diante da grandiosidade da festa. Os horários de trabalho, o calendário escolar, a rotina familiar se modifica e se incorpora ao desenvolvimento dos Batuques.

Difícilmente observamos reclamações por parte das pessoas envolvidas nessa tradição, nem mesmo por parte dos foliões (corte afroreligiosa de São Joaquim) que durante todos os dias de desenvolvimento dos festejos, em homenagem ao Glorioso Padroeiro, precisam se fazer presentes nos momentos em que são rezadas as folias, ladainhas, aurora e os Batuques que acontecem em horários distintos detalhados a seguir.

²³ O Zouk Love é um ritmo musical popular originário de Caienne- Guiana Francesa. Dança-se em dupla agarradinho, corpo colado em movimentos sinuosos e sensuais. Já o Kaciko, também originário de Caiena é um ritmo de dança tradicional acompanhado por tambores. Dança-se separado seguindo a pulsação dos instrumentos de percussão.

No que se refere aos demais Batuques e Marabaixos que realizam-se no transcurso de praticamente todo o ano, conforme quadro a seguir, os (as) festeiros (as) convidam outras comunidades quilombolas e associações culturais localizadas na área urbana de Macapá que dançam Marabaixo e Batuque, para participarem de suas festas de santo.

Geralmente, a comunidade do Cria-ú realiza uma rodada de Marabaixo e ou Mão-de-Couro e Peça de Batuque e em seguida abre espaço para o grupo convidado cantar, dançar e envolver os presentes na brincadeira. A participação é coletiva, ou seja, o grupo convocado não vai a comunidade para fazer “apresentação artística” para uma platéia de espectadores. A festa é de pretos (as) e o é, porque todas as pessoas envolvidos dançam e cantam simultaneamente, a festa é do coletivo e a união de todos (as) faz a festa.

Considero repleto de aprendizados e ressignificações sócio-culturais, para todos os brincantes, o momento de participação integrada entre a comunidade do Cria-ú e demais grupos étnicos convidados a participar de suas festas de santo. Vale ressaltar que dentro dos Quilombos do Estado do Amapá, nos quais dança-se o Marabaixo e o Batuque percebe-se que cada um desses territórios tem seus marcos diferenciais seja no ritmo, no modo de tocar os instrumentos e na dança, apresentados no capítulo 02. No quadro abaixo apresento o calendário de festas realizadas pela comunidade do Cria-ú, com a especificação das datas, meses e santos (a) homenageados (a) e também festas que são realizadas em outras comunidades que São Joaquim é convidado a participar.

<i>CALENDÁRIO AFRORELIGIOSO E CULTURAL DO QUILOMBO DO CRIA-Ú</i>		
MÊS	SANTO (A)	DIA (S)
Janeiro	São Sebastião (Cria-ú de Baixo)	19 e 20
Fevereiro	São Lázaro (Cria-ú de Baixo)	11
Março	São José (Padroeiro de Macapá)	19
Abril	Festa da Associação Atlética do Cria-ú	12
Maiο	Santa Maria (Cria-ú de Cima- Dança-se Marabaixo)	31
Junho	Santo Antônio (Cria-ú de Baixo)	13
Julho	Santo Antônio	23 e 24

(Comunidade dos Bois ²⁴)		
Agosto	São Joaquim (Padroeiro do Quilombo do Cria-ú)	09 a 18
Setembro	São Raimundo (Festejo na Comunidade do Curralinho)	13
Outubro	São Francisco (Comunidade de Lagoa de Fora)	06
Novembro	-	-
Dezembro	Nossa Senhora da Conceição (Residência do Senhor Gorgia)	08

TABELA 5: Calendário Afroreligioso e Cultural do Quilombo do Cria-ú

3.4 O BATUQUE DO GLORIOSO SÃO JOAQUIM - PADROEIRO DO QUILOMBO DO CRIA-Ú

Os interlocutores da pesquisa revelaram-me que a comunidade do Quilombo do Cria-ú tem grande orgulho e responsabilidade em manter as festas de santo como herança de seus ancestrais. À partir de agora falarei sobre o maior Batuque realizado pela população desse território afroamapaense. Trata-se do Batuque em homenagem ao Glorioso São Joaquim (padroeiro do Cria-ú como um todo, ou seja, o de Fora e ou de Cima e do Cria-ú de Dentro e ou de Baixo que se constitui de



Figura 13: Glorioso São Joaquim
Fonte: Piedade Videira

²⁴ São Joaquim Padroeiro do Quilombo do Cria-ú é convidado a participar de celebrações religiosas e de Batuques e Marabaixos em comunidades negras de Macapá como é o caso dos Bois, Curralinho e Lagoa de Fora e bairros urbanos da cidade. O seu Joaquim Carolina, padrinho do santo, seu João da Cruz – Mestre Sala e alguns foliões acompanham seu santo protetor nesses festejos.

3.4.1 Ritual afroreligioso: rezas de folias, ladainha e alvorada

A realização do ritual em homenagem a São Joaquim é feito pela “corte afroreligiosa” composta de 22 pessoas. Desse grupo tem-se o padrinho e, também, coordenador geral da festa, Sr. Joaquim da Silva da Paixão²⁶, a madrinha da bandeira Sra. Raimunda Leite da Paixão²⁷, o mestre sala Sr. João da Cruz²⁸, primeiro porta-bandeira Sr. Roldão Amâncio da Silva, segundo porta-bandeira Sr. Joaquim Assunção Ramos – “Chuteira” e os tocadores: Marinho dos Santos – “Tio Arim” (primeira viola), José Antônio da Silva – “Seu Mióia” (segunda viola), Pedro José da Silva (tamboreiro), Manoel Ramos – “Mané Caldo” (primeiro pandeiro), Manoel dos Santos (segundo pandeiro), Gervaldo da Paixão (terceiro pandeiro), José Araújo da Paixão (primeiro chocalho), Joaquim do Carmo (segundo chocalho), Pedro – “Banana” (primeiro reco reco), Joaquim – “Rato” (segundo reco reco), José de Sousa (terceiro reco reco), Hidelfonso – “Espoca Ovo” (quarto reco reco), Lino (quinto reco reco), Raimundo Sousa – “Caboco” (sexto reco reco), Raimundo – Caboco (sétimo reco reco), Raimundo Oliveira ((oitavo reco reco) e o Laércio que substituirá seu pai “Sr Bacaba”, falecido no primeiro semestre de 2009, que tocava o instrumento viola dentro do grupo de tocadores. Laércio, no Batuque de 2009 ainda não tocou a viola porque irá aprender sobre seu manuseio, mas acompanhou com os demais tocadores todos os momentos de desenvolvimento do festejo evidenciando que a aprendizagem dá-se ao longo da seqüência das partes que compõem a festa e não somente pela prática isolada destes.

²⁶ O Sr. Joaquim da Silva da Paixão é conhecido dentro do Cria-ú também pelas alcunhas de Carolina e Garoto.

²⁷ A Sra. Raimunda Leite da Paixão é esposa de seu Joaquim Carolina.

²⁸ O seu João da Cruz desempenha a função de mestre sala há 48 anos.



Figura 14: Foliões de São Joaquim realizando a folia e a ladainha.

Fonte: Piedade Videira



Figura 15: Padrinho e madrinha de São Joaquim

Fonte: Piedade Videira

Existe um predomínio de homens na “corte afroreligiosa” de São Joaquim. A única mulher que tem assento no grupo é a “madrinha da bandeira”. Muito embora as mulheres sejam a maioria entre as participantes, a gerência que desempenham no Batuque do padroeiro, fica voltada a organização da cozinha, preparação e distribuição do alimento servido. O sr. Carolina em um de seus relatos afirma que não há impedimentos para que as mulheres participem inclusive do corpo de tocadores, frisando que: “as mulheres também podem participar, é que agora não tem mais disso”, as mulheres podem desempenhar funções no Batuque de maneira paritária com os homens.

A visão do “mestre-sala”, “primeiro porta-bandeira”, “primeira viola” difere da posição assumida por seu Joaquim Carolina. A postura que esses últimos assumiram pode ser assim sintetizada: “o lugar de folião só pode ser ocupado por homens”, evidenciando uma postura de “dominação masculina “ dentro do conjunto social e cultural do Cria-ú. Muito embora as mulheres sejam a maioria povoando esse território, sejam participativas e propositivas são impedidas, sutilmente, de ocupar de forma igualitária junto com os homens as mesmas funções na hierarquia de papéis sociais presentes dentro do Batuque.

Depois que fiz a indagação ao senhor Carolina, João da Cruz e Tio Arim e eles responderam-me, percebi que ambos ainda não haviam parado para refletir sobre o porquê as mulheres não participam do grupo de foliões, tocando os instrumentos. Mesmo porque á

várias décadas as mulheres desenvolvem funções de musicistas, professoras de música e percussionistas no Brasil e no mundo.

Inclusive dentro do Cria-ú temos algumas mulheres e adolescentes que estão tocando os tambores de Batuque, mas ainda não apresentam-se no momento dos festejos dos santos. Dialoguei com esses anciãos na tentativa de entenderem que as (os) meninas (os) e adolescentes em geral precisam ser ensinadas (os) a tocar os instrumentos de corda e de percussão para garantirmos a sobrevivência desta cultura no Cria-ú. Ressaltei nesse diálogo que a participação histórica de homens e mulheres de todas as faixas etárias é o principal motivo da gestação e fortalecimento das africanidades presentes nas culturas de base africana em todo Brasil.

A formação da “corte afroreligiosa”, predominantemente masculina parece a constituição de uma realeza africana composta pelo: rei, rainha, primeiro ministro e guardiões ou guerreiros com atribuições específicas. Quanto maior é o posto ocupado pela pessoa, maior também a responsabilidade de honra-lo pelo bem moral de seu nome, de sua família e de toda a sua linhagem. É com base nessa tradição que os (as) filhos (as) idosos (as) do Cria-ú assumem o compromisso de dar continuidade à herança cultural legada por seus ancestrais, assegurando sua conservação, respeitando-a, bem como transmitindo-a às novas gerações.

O grupo que compõe a “corte” conduz a reza da folia e da ladainha durante os dez dias de celebrações na igreja de São Joaquim²⁹, sempre no horário que estende-se das 20h00min. às 21h00min., com exceção do último dia do festejo, como explicarei a diante.

LADAINHA REZADA EM HOMENAGEM A SÃO JOAQUIM

*Deus cadijitório;
É é é ... de mim entender;
É de João é de fosse quine
Glória ao pai, ao espírito Santo;
Como era no princípio agora e
Sempre. Amém.*

*Pai nosso
Pai nosso
Pai nosso*

²⁹ Dentro da composição dos Batuques, existe a figura do (s) festeiro (s) que dentro do Cria-ú são as pessoas que compõe as famílias locais que tem a responsabilidade de organizar e desenvolver o Batuque, buscando inclusive apoio governamental estadual e municipal. Mas os “Batuques festivos” dos santos são realizados na sede ou barracão de São Joaquim no Cria-ú de Fora ou de Cima ou na sede social do Cria-ú de Baixo ou de Dentro. Diferente do Ciclo do Marabaixo em que os barracões são construídos na casa do (a) festeiro (a).

Ave Maria

Ave Maria

Ave Maria

*Pesai meu senhor ô ô ô
De vós ter ofendido
Você de voz tão branda
De tornar de ti, de tornar de ti;
Deus orai a maldade
Você de voz*

*Jesus amantíssimo e senhor;
Jesus que na cruz morrestes
Salvai as nossas almas
Porque vosso pai celeste
Kui.i.i ria é. é. é.
Kui.i.i ria é. é. é.*

*Passe de jelideu; Misere e nobre.
Filho redentor, Mãe de Deus.
Filho redentor, Mãe de Deus.
Espírito Santo e Deus;
Santa Trinita somos Deus;*

*Santa Maria; Orai por nobre.
Santa virgem da virgens;
Mat de Cristo;
Mat divina gracie;
Mat divina gracie;
Mat puríssima;
Mat castíssima;
Mat inviolat;
Mat comabilis;
Mat admirábilis;
Mat encritória;
Mat ensalvatoria;*

*Virgem imprudentíssima; Misere e nore
Virgem invenerando;
Virgem redicando;
Virgem potém;
Virgem Fidélis;
Sede de sapiensis;
Causa do celatricié;*

Vaso ispiriuali;
Vaso honorífico;
Sede vagnocic de valcione;
Rosa mística;

Tu rei de Vindica; Misere e nobre.

Tu rei ebúrneo;
João acélio;
Estrela matutina;
Sávio enfermório;
Refúgio emprecatório;
Consultório dos aufitório
Auxilio Cristianório

Regina angenório;
Regina profetário;
Regina postolório;
Regina Martin;
Regina confessório;
Regina virgem;
Regina santuriano;
Regina servi lá de concerta
Regina sacratíssima do rosário;
Regina passe.

Agno Deus que tolhe os pecados munder.
Passe dom e dom menear;
Agno Deus que tohe os pecados do munder;
Agno digo dom minear;
Misere e nore;
Sobre estão presente confugimos;
Santa e dam genitris e dam espírito santo;
Dês quam mas dêz quam de Deus;
E dom espírito santo e sempre vigienos;
É glorioso e de São Benedito.
Amém;

Oras por nobre santa et dam ginitris
Oreos nosso senhor Jesus Cristo;
Suplicamos a vós senhor...
Que derrame a vossa graça
Em nossas almas afim de que tenha o conhecimento;
Pela anunciação dos anjos;
Pela encarnação de nosso senhor

Jesus Cristo legado por sua ressurreição pelo mesmo Jesus Cristo, nosso senhor. Amém.

Salve Rainha

*Salve, Rainha, Mãe de
misericórdia, vida, doçura e
esperança nossa, salve! A vós
bradamos os degredados filhos de Eva.
A vós suspiramos, gemendo e chorando
neste vale de lágrimas.*

*Eia, pois, advogada nossa,
esses vossos olhos misericordiosos
a nós volvei, e depois deste desterro
mostrai-nos Jesus, bendito fruto do
vosso ventre, Ó clemente, ó piedosa,
ó doce sempre Virgem Maria*

*Ladainha que rezamos
oferecemos para todos os Santos;
Deus nos livre dos demônios, da
sua alma em companhia e as
contagens e seus rosários são
palavras;*

*E Deus daria dom de combate nos
infernos a dizendo;*

*Ave Maria se esta hora
Louvaremos a todos os Santos;
Ave Maria se Deus viesse ao
mundo ai de nós o que seria.*

*Se outra vez Ave Maria;
Concebida e sem pecado;
Concebida e sem pecado;
original para sempre. Amém.*

E para sempre amém Jesus;

O Maria, José nos valha;

O Maria, José nos valha;

*Mas a hóstia consagrada o
bendito Santo palavras a nossas
almas serão salvas, serão salvas;
Nossos pecados perdoados e se
vamos subindo para o céu que
os anjos nós vão levando de
tudo vou me esquecendo mias
só de Deus vou lembrando.*

*Se a água da maré,
 Sagrada água de muita valia,
 afagou nessa água o rosário de Maria;
 Se da onde veio tanta água
 Que no mundo não havia;
 Veio de lá das cinco fontes
 Do rosário de Maria;
 Se o rosário de Maria quem
 rezar com atenção não morrerá;
 sem sacramento e nem também
 sem confissão.
 Assim, disse Jesus Cristo,
 Quando encontrou com Adão
 que rezar oferecer e oferecer
 sagrado a morte, paixão.*

Senhor Deus; Senhor Deus de misericórdia (bis)

*Senhor Deus;
 Se eu pequei; Senhor Deus de misericórdia.
 Oh! Virgem Mãe de Deus;
 Mãe nossa voa alcançai;
 De vosso filho o perdão de misericórdia.*

*Acordei-me esta noite, pus-me a considera;
 Que remédio Deus daria para nos salvar;*

*O meu anjo da guarda mandou-me uma guia para nos sermos devota da virgem Maria;
 A Virgem Maria nos não há de promita que não viva e nem morra em pecado mortais.*

*Só em pecado mortais;
 Não há vendo de nós morrer;
 Que a Virgem Mãe santíssima que nos há de valer;
 A Virgem Maria ela é mãe senhora ela seja nossa guia na hora da morte;
 A Virgem Maria mandou um escrito para nos não se esquecer dos Santos benditos.*

Durante estas exaltações os (as) devotos (as) e pessoas que receberam graças do santo, por intermédio do pedido de familiares e amigos ou de si próprios, pagam as promessas obedecendo a um ritual específico durante o “festejo afroreligioso”, ou seja, ficam sentadas, com um pano cobrindo a frente do corpo, na cor vermelha ou branca e a imagem de São Joaquim é colocado no colo do (da) promesseiro (a) pelo seu Joaquim Carolina, padrinho e coordenador geral da festa. A pessoa fica com o santo em seu colo durante toda a reza da folia e da ladainha.



Figura 16: Devota pagando promessa a São Joaquim.
Fonte: Piedade Videira

Alguns (mas) promesseiros (as) dão testemunho público sobre o problema que tinham e a cura que receberam por intermédio do milagre de São Joaquim. Trata-se de um momento cheio de emoção porque as pessoas ao falarem, choram de alegria pela graça alcançada, a platéia atenta ao que é dito, houve o relato e também emociona-se.



Figura 17: Devota anunciando milagre de São Joaquim em favor de seu amigo ao lado dela.
Fonte: Piedade Videira

Exclusivamente no dia dezoito de agosto, dia do santo e último dia de Batuque em homenagem a São Joaquim, a folia e a ladainha são rezadas após a chegada do “cortejo afrodescendente” à sede do santo e da “descida da bandeira” as 18h45min., aproximadamente, ato simbólico de pré-núncio do encerramento das festividades, em virtude disso a reza nesse dia é rezada as 19h00min.

Dentro da “corte afroreligiosa”, com exceção do mestre-sala, padrinho e madrinha da bandeira que precisam se fazer presentes em todo o desenvolvimento do Batuque, os demais integrantes se vierem a faltar por algum motivo, no caso dos porta-bandeiras, podem ser substituídos por outro folião. No caso dos tocadores, um ou outro estando ausente no Batuque, por haver mais de uma pessoa desempenhando a mesma função, o “festejo afroreligioso” não ficará “quebrado” – denominação que os criouenses utilizam para se referirem a ausência de algum tocador na composição da “corte”.

O início da “reza” é anunciado pelo senhor Joaquim Carolina ao tocar o sino localizado numa torre ao lado da igreja de São Joaquim, sinal para os (as) devotos (as) que estejam do lado de fora da igreja, saberem que a folia e a ladainha já vai começar. O folião – tamboreiro, senhor Pedro José da Silva, percute o tambor para chamar os foliões para apanharem seus instrumentos e ocuparem seus lugares no meio círculo que se forma em frente ao altar e oratório do Glorioso São Joaquim.



Figura 18: Foliões e devotos rezando para São Joaquim.
Fonte: Piedade Videira

Após a “corte afrodescendente” tomar assento, a celebração afroreligiosa começa pelos foliões cantando a folia, que inicia e termina a reza, intermediada pela ladainha. Esta última, rezada em alguns momentos em latim pelo mestre-sala acompanhado da platéia. No momento da reza, seu Joaquim Carolina seguido de meninos do Cria-ú para que aprendam a “reza” e sigam com a tradição adiante, ficam ambos ao lado do “mestre-sala” em frente ao altar. Do lado direito, sob o olhar atento da “madrinha da bandeira” outro grupo de crianças e pré adolescentes ficam sentados em bancos confeccionados em madeira com o mesmo propósito.



Figura 19: Meninos aprendendo a rezar a folia e a ladainha de São Joaquim.
Fonte: Piedade Videira

No dia quatorze de agosto acontece a cerimônia afroreligiosa de “elevação do mastro”³⁰ de São Joaquim que é erguido para receber a bandeira do padroeiro em seu topo. As 06h00 da manhã desse mesmo dia, alguns homens cavam o buraco no chão, carregam madeira para preparar a tesoura (armação em madeira utilizada para elevar o mastro), depois sempre com a presença e liderança constante de seu Joaquim Carolina, transportam o mastro de dentro da sede do Glorioso São Joaquim, pintado nas cores azul celeste e branco para ser fincado ao chão.

³⁰ O Mastro de São Joaquim tem 250 anos, o mesmo tempo que o Batuque em homenagem ao santo realizado dentro do Quilombo do Cria-ú. Após o encerramento da festa, a parte do mastro que é fincada na terra é limpa, ele é envernizado e guardado novamente na cumieira da sede do santo e só é retirado para receber cuidados para a sua conservação, depois sendo colocado novamente em seu lugar de onde sai no ano seguinte como elemento ancestral que compõe o Batuque.



Figura 20: Cerimônia de Elevação da bandeira de São Joaquim.
Fonte: Piedade Videira



Figura 21: Foliões, madrinha e padrinho em cerimônia de Elevação da Bandeira de São Joaquim
Fonte: Piedade Videira

Esta celebração é denominada de “festa da bandeira”. Esse ato celebrativo tem início em quatorze de agosto e término no dia dezoito do mesmo mês, quando a “corte afroreligiosa” nos horários de 08h00min. da manhã segue em cortejo afrodescendente do interior da igreja de São Joaquim para a frente desta. Primeiro saem os dois porta-bandeiras tremulando a bandeira do padroeiro, em seguida o “padrinho” e a “madrinha da bandeira”, ela portando a bandeira do santo dobrada de maneira que as iniciais do nome do santo fique ao meio da bandeira, na seqüência sai o “mestre-sala” seguido dos tocadores.

Após a “elevação da bandeira” o cortejo afroreligioso segue ordenado, obedecendo a seguinte organização, primeiro seguem os “porta-bandeiras” que durante esse momento ficam em movimento rodeando o mastro de São Joaquim, em seguida saem os padrinhos da bandeira, o mestre sala e em seguida os tocadores. As 18h00min., o ritual se repete, mas recebendo outra nomeação, ou seja, “descida da bandeira de São Joaquim”. Fogos de artifício são soltos nesse momento, os quais funcionam como uma espécie de comunicação e anúncio, para quem conhece o ritual, mas está distante por alguma razão. Ao ouvir os fogos mesmo de longe as pessoas se harmonizam com o que está sendo ritualizado.

No conjunto das “rezas” tem uma que é realizada na madrugada do dia dezessete agosto, véspera do dia do padroeiro, as 05h00min. da manhã e recebe a denominação de “alvorada”. Esta folia é cantada e, em seguida, os foliões realizam a cerimônia do pedido de “benção coletiva ao padroeiro”. Essa parte do “festejo afroreligioso” a exemplo de todos os momentos dos que compõem o ritual como um todo é aberto ao público. Mas pelo horário, poucas pessoas conseguem vencer o sono e se fazerem presentes na igreja.

Já a “corte afrodescendente” começa a se deslocar a pé, de bicicleta e de carro de suas residências as 3h30min. para não correrem o risco de descumprirem o horário da “reza” e faltarem com o seu compromisso. Fogos são soltos durante a realização do festejo para anunciar a celebração. As folias cantadas nesse dia são diferentes dos demais dias e sua melodia parece um “lamento” porque é o momento de pedido de perdão coletivo pelos tocadores.

Concluído mais esse momento do ritual afroreligioso, os tocadores permanecem sentados em frente a sede do santo aguardando dar 08h00min para realizarem o ritual de “elevação da bandeira” de São Joaquim.

3.4.2 A preparação da comida servida no Batuque

O Batuque de São Joaquim tem por tradição ser abastado, ou seja, com bastante comida³¹. A carne de gado é a base da alimentação servida no transcurso da festa e no ano de 2009 doze bois foram mortos para alimentarem as centenas de pessoas que participaram das celebrações. O cardápio a base de carne de gado e bovina precisa desde o momento da captura do boi, seguir alguns cuidados. Por exemplo, os bois e vacas doados por promesseiros (as) e comprados (as) pela coordenação da festa, são capturados (as) dois dias antes do Batuque, para que o gado possa desestressar-se. Esse cuidado com o animal foi adotado porque acredita-se que a carne sendo consumida no dia em que o gado e o búfalo foram capturados pode causar desarranjos intestinais em quem consumi-la.



Figura 22: Captura do boi para festa de São Joaquim.
Fonte: Piedade Videira

³¹ O Batuque de São Joaquim faz parte de um conjunto de festas tradicionais, mapeadas e apoiadas pelo Governo do Estado do Amapá para manter a tradição local. Mas os recursos quase sempre são liberados com imenso atraso e cabe a coordenação da festa buscar crédito no comércio local para efetuar as compras necessárias para a totalidade das ações indispensáveis dentro do Batuque. O nome da comida servida no Batuque é o cozidão, feito com bastante verdura (couve flor, maxixe, batata, cenoura, repolho, gerimum, chuchu) e temperos variados (alho, pimenta e cominho, coloral, xicória, alfavaca, pimentinha verde, pimentão e sal)

A matança do boi inicia-se no sexto dia dos festejos as 07h00min. O abate e o corte dos animais fica por conta dos homens, enquanto as mulheres são encarregadas pela preparação e distribuição da carne cozida em forma de “cozidão”. A farinha de mandioca é o acompanhamento da alimentação e não pode faltar a mesa. Para conseguir organizar essa grande festa, vários grupos de trabalho são montadas para dinamizar os serviços. Essas equipes são fixas e no que se refere as mulheres, não há rotatividade entre elas para desempenharem os serviços na cozinha, por isso, precisam de bastante energia física e dão exemplos de fé e amor a São Joaquim que as fazem aguentar o grande volume de trabalho no transcurso da festa.



Figura 23: Coordenador geral do Batuque de São Joaquim e moradores da comunidade preparando o boi para a festa.

Fonte: Piedade Videira



Figura 24: Panelões com o cozidão.

Fonte: Piedade Videira



Figura 25: Mulheres preparando as verduras para o cozidão.

Fonte: Piedade Videira



Figura 26: Almoço no refeitório no dia do Batuque de São Joaquim.
Fonte: Piedade Videira

Durante os dias de festejo a comida é distribuída gratuitamente às pessoas de dentro e de fora do Cria-ú. Os tocadores tem sempre uma mesa especial para alimentarem-se e compartilharem o café da manhã, o almoço e o jantar. Sempre guiados pelo “mestre-sala” que posiciona-se na cabeceira da mesa e fica aguardando que todos se alimentem e após terminarem, fazem juntos o sinal da cruz em agradecimento a comida recebida. Em seguida saem em fileira para lavarem as mãos e deixam o refeitório da mesma maneira. Depois do dever cumprido dispersam-se e retonam a suas casas e afazeres.

No último dia do Batuque de São Joaquim, encerrada a celebração da missa, são organizadas três fileiras de mesas com alimentos diversos para serem oferecidas aos partícipes da festa no café da manhã. Os petiscos vão do bolo caseiro, tapiquinha, mingau de milho, sucos de frutas diversos, chá, nescau com leite, refrigerante até as frutas: melancia, melão, banana, uva, maçã, laranja e pêra que enfeitam com cores variadas as mesas e, causam expectativa nos que rezam dentro da igreja e observam de dentro da “sede do padroeiro” a movimentação das mulheres que arrumam as mesas com as deliciosas iguarias.

Uma das fileiras de mesas é destinada às crianças e adolescentes, outra para os adultos e uma terceira aos (as) idosos (as). Na mesa dos idosos são disponibilizadas cadeiras para que tomem assento. As crianças, adolescentes e os adultos utilizam as cadeiras e mesas a disposição na sede e sentam-se onde desejam dentro do espaço interno e externo da sede do santo.



Figura 27: Café da manhã no dia de São Joaquim –Mesa dos Adultos
Fonte: Piedade Videira

Nesse mesmo dia é servido o “almoço dos inocentes” destinados as crianças que participam dos festejos. As mulheres varrem a sede do santo e colocam os pratos em círculo no chão, depois posicionam as crianças menores junto com as maiores, com até doze anos, do lado de fora do círculo em direção a um dos pratos. Em seguida, as senhoras e moças servem uma criança de cada vez e todas recebem a medida de “um dedo” de vinho branco em copo descartável.



Figura 28: Almoço dos Inocentes
Fonte: Piedade Videira - 2009.

No momento em que todos os inocentes estão servidos, são orientados pelas mulheres que podem começar a alimentar-se. Muitas caras feias são feitas na hora de tomar o vinho e algumas crianças não ingerem e deixam a bebida no copo. Há um desconhecimento por parte da comunidade sobre o significado do vinho que é distribuído às crianças. O único argumento existente é que “desde que o finado Chico Marinho começou a realizar a festa era assim”, mas não revelou o porquê das partes que a compõe. Nesse sentido os criouenses estão seguindo o princípio de dar seguimento a tradição que receberam de seus antepassados.

No *Dia do Descanço* dentro do calendário do Batuque – dezesseis de agosto – só é realizado o “festejo afroreligioso de elevação e descida da bandeira de São Joaquim”. A bandeira do santo fica a “meio pau”, ou seja, na metade do mastro. Quem tiver alguma promessa a pagar a São Joaquim, eleva a bandeira até o topo do mastro e fica com a responsabilidade de ajudar a coordenação da festa a realizá-la no ano vindouro. O coordenador da festa, manda matar uma vaca ou boi para ser compartilhada entre as pessoas que se dedicaram e se esforçaram para a realização do Batuque do padroeiro São Joaquim.

Considero uma atitude louvável de seu Joaquim Carolina, reconhecer o esforço das pessoas que dedicam-se para a realização dessa tradição secular. Sem dúvida nenhuma, os (as) colaboradores (as) envolvidos (as) sentem-se valorizados (as) em seu esforço coletivo para que a festa de São Joaquim seja feita com sucesso. O fato de serem agraciados (as) com carne para ser compartilhada com suas famílias os (as) motiva a desdobrarem-se em cuidados com tal festejo.

3.4.3 A brincadeira do Batuque

A brincadeira, mão de couro e peça são três denominações que o Batuque recebe no Cria-ú. O primeiro Batuque acontece no dia nove de agosto com a organização da família comandada por sua matriarca, Francisca Ramos dos Santos (Tia Chiquinha). Antes de Tia Chiquinha e família retornarem ao Quilombo do Cria-ú, lugar de seu nascimento e também de seu falecido marido Sr. Bolão e de seus filhos mais velhos, a festa era realizada na sede de São Joaquim. Agora que Tia Chiquinha e família estão sediados nas terras do Quilombo, realizam o *Primeiro Batuque* em homenagem a São Joaquim em sua propriedade, denominada de “maloca da tia Chiquinha”.



Figura 29: 1º Batuque em homenagem a São Joaquim – Maloca da Tia Chiquinha
Fonte: Piedade Videira



Figura 30: 1º Batuque em homenagem a São Joaquim – Maloca da Tia Chiquinha
Fonte: Piedade Videira

O Batuque começa a partir das 22h, após a celebração afroreligiosa da folia e da ladainha e da distribuição do jantar. Os tocadores acendem uma fogueira ao lado da casa que é alimentada com madeira durante toda à noite, madrugada até o raiar do dia a qual serve para afinar os instrumentos de percussão utilizados na brincadeira.

Os instrumentos utilizados no Batuque, tambores e pandeiros são confeccionados por pessoas de dentro do Cria-ú. A matéria prima utilizada em sua feitura é a madeira e estes são escavados em um tronco de árvore, tendo uma de suas extremidades coberta com couro de animal, carneiro e/ou sucuri a exemplo dos pandeiros que também são cobertos com a mesma matéria prima.

A afinação dos instrumentos dá-se pela aproximação dos pandeiros e dos tambores ao fogo por alguns minutos. O percussionista encosta o pandeiro a fogueira, depois o afasta um pouco e passa a mão em movimentos circulares sobre o couro que o reveste e em seguida bate-o no chão de um lado e outro e também com as mãos. Repete-se o gestual até que o couro esteja aquecido e esticado proporcionando a afinação do instrumento. Com os tambores de Batuque a preparação dá-se da mesma maneira, sem a necessidade de bater o tambor no chão de ambos os lados para afiná-lo.

Dentro da sede social também chamada de barracão, outros percussionistas colocam o par de tesoura, espécie de apoio feito em madeira, utilizado para apoiar os tambores ³²: amassador, repinicador. O tocador monta o instrumento, senta-se sobre ele, encolhe as pernas e as deixa apoiada na lateral destes e o percute com as mãos. Os tocadores de pandeiro juntam-se aos tamboreiros, ficando a seu lado em número de três, quatro e algumas vezes cinco e extraem o som de seus instrumentos também com as mãos.

O (a) cantador (ora) posicionam-se entre os dois tambores, colocados lado a lado e entoa a bandaia – música cantada no Batuque. Após o cantador ou contadora cantar o refrão da bandaia que é respondido pelos brincantes em voz alta, o percussionista que ocupa o tambor de nome amassador percute esse instrumento marcando a dinâmica da melodia da música tum... tumtum...tum...tumtum... . Depois entra na brincadeira o tambor de nome repinicador fazendo o ritmo do dobrador: trará...tratá...trará...tratá...para dar outro andamento a dança, acelerando o ritmo com toques diversificados a cargo da habilidade do tocador é a função do repinicador. Só então entram os pandeiros para completar a orquestra percussiva do Cria-ú.

³² Ainda hoje o aquecimento dos tambores que ditam o ritmo da brincadeira é feito de maneira tradicional. São acessas pequenas fogueiras alimentadas com madeira durante toda à noite e após a realização de uma “mão de couro ou peça”, denominações que o Batuque recebe, os tocadores carregam os instrumentos e os aproximam do fogo para esquentarem o couro, e dessa forma afinarem-nos.



**Figura 31: 1º Batuque em homenagem a São Joaquim –
Maloca da Tia Chiquinha
Fonte: Piedade Videira**

Os (as) brincantes vão ocupando o centro do barracão formando um grande círculo no qual as pessoas dançam lado a lado, uma atrás da outra, em duplas de mulheres, casais formados por homem e mulher, crianças com adultos, crianças e crianças, adolescentes e idosas (os) , enfim todos dançam e ambos respondem o refrão das bandaias. Espalhados (as) pela sede social ficam as pessoas que estão cansadas e precisam descansar e cochilar entre uma mão-de-couro e outra ao cair da madrugada, e espectadores em geral.

O traje típico do Batuque é simples compõem-se para as mulheres de: anágua, saia rodada com motivos florais e/ou de tecido liso, confeccionada com pala ou elástico na cintura que é mais usado pelas crianças e adolescentes com bordado inglês ou renda na sua barra; blusa branca ou da cor do tecido da saia com folho sobre o ombro e enfeitada com bordado inglês ou renda na ponta; toalha sobre o ombro, sandália baixa, flor artificial no cabelo, colares, argolas e pulseiras para realçarem a beleza das dançadeiras. Os homens idosos, usam sapato fechado e ou alpercata, calça branca, camisa manga três/quartos para dentro da calça

de cores variadas, chapéu de palha. Os mais jovens dançam com a roupa que estiverem trajando no momento.

Percebo que para os homens idosos o fato de trajarem-se com elegância para participarem do Batuque expressa o quanto lhes é caro participar da brincadeira. Esse mesmo sentimento é visível entre as mulheres idosas que preparam-se para dançar a mão-de-couro com suas roupas características.

A brincadeira do Batuque estende-se pela madrugada inteira, e só é interrompida pelos pequenos intervalos para a afinação dos instrumentos. As 5h30 da manhã os brincantes preparam-se para a chegada da *Aurora- amanhecer do dia* que é sempre recebido com muita alegria.

Avisados (as) sobre a hora o (a) cantador (a) começa a entoar as bandaias específicas desse momento muito especial dentro do Batuque. Trata-se de receber o novo dia cantando e dançando entre os (as) seus (as) em homenagem ao santo de devoção.

Os (as) brincantes que estão dentro do barracão, cochilando, assim que escutam as bandaias saudando a *aurora*, levantam-se e ocupam o salão. Alguns (mas) emocionam-se e as lágrimas jorram abundantemente de seus rostos. As bandaias são todas reverenciando o alvorecer do novo dia e ao Glorioso São Joaquim e a mais cantada começa assim:

***Refrão: Oh vem... Oh vem... Oh vem... Oh Senhora,
Ah Aurora do dia vem...***

A alegria é imensa e provoca uma aura reluzente que transborda o corpo físico das pessoas. Os fogos fazem brilhar o céu e as pessoas gritam, hei...hei...hei...hei...hei... eitáááááááááááááááááááá...rii...aiaiaiaiaiaiaiaiaiiiiiiiiiiii..., aumentando o *frenesi* dos brincantes no meio do salão. Os corpos dançam uma dança de vários movimentos, rodopios, requebros, caquiados, mexidos, braços elevados (abertos para os lados, para baixo), ombros saculejando, abraços emocionados, gengibirra e cerveja à vontade.

Depois dos brincantes dançarem dentro do barracão os tambores são carregados para a frente da Igreja do Glorioso São Joaquim, se o festejo for nesse local, para seus devotos o reverenciarem brincando. Findada a reverência os tambores e pandeiros são levados para o refeitório, para acompanhar os cânticos e dança das pessoas envolvidas no festejo em agradecimento a Deus e ao Glorioso São Joaquim pela oportunidade de estarem vivas, participando daquele momento em coletividade.

Para finalizar o dia os (as) brincantes que amanhecem na festa são convidados a degustarem uma sopa com bastante legumes e carne para em seguida retornarem a suas residências.

O “segundo Batuque” em homenagem a São Joaquim é realizado na noite do dia quatorze e amanhecer do quinze de agosto, dentro da sede do santo. Anualmente conta com número crescente de pessoas de fora do Cria-ú negros e não negros que apreciam a brincadeira e participam da festa. No dia dezessete de agosto, véspera do dia do santo é realizado o terceiro e último Batuque do calendário da festa, que termina com a *aurora* do dia dezoito.

Algumas pessoas que amanhecem o dia no Batuque permanecem na sede para apreciarem o baile dançante que inicia após o término da *aurora*, aproximadamente as 07h00min e se estende até as 04h00min do dia seguinte. É surpreendente a vitalidade física, principalmente das mulheres que após um dia inteiro de trabalho diuturno à noite vão se arrumar para dançar o Batuque até o amanhecer o dia, permanecendo na sede pelas primeiras horas de baile para dançarem umas “partes” das músicas tocadas na ocasião. Após o cumprimento de todo o ritual elas vão para suas residências descansar um pouco, para enfrentarem mais um dia de trabalho. E no caso específico do dia dezoito de agosto elas tem a responsabilidade de prepararem o café da manhã do dia do padroeiro.



Figura 32: Mulheres no baile dançante as 7 horas da manhã
Fonte: Piedade Videira

Os (as) devotos (as) e as pessoas que participam da festa em geral permanecem na sede dançando no baile outros estilos musicais, por exemplo: merengue, Kaciko (ritmo musical de Caienne-Guiana Francesa), lambada dentre outros. Ainda hoje, “o baile tradicional” é lembrado com imensa saudade no Cria-ú.

Na atualidade ele não é mais tradicional. Com a chegada da música mecânica parte da tradição se perdera. No passado o baile era feito ao som do clarinete, viola, banjo e um bumbo. O senhor Valdevino tocava banjo. No clarinete se revezavam o senhor Joaquim Crescêncio – o velho Dário, o senhor João Martins, o senhor Raimundo –Guri, o senhor Osvaldo Leite, o senhor Oscar Leite – Filoca e o senhor Graciliano Leite –Graci.

Segundo Tio Arim, João da Cruz e Joaquim Carolina é preciso que os jovens e as crianças aprendam a tocar principalmente os instrumentos de corda e a rezarem a folia e a ladainha para darem continuidade à tradição. Mas antes, porém, é preciso que os (as) mais idosos (as) tenham paciência em ensiná-los (as) e sejam persistentes mesmo quando as crianças e os jovens demonstrarem falta de interesse pelo que estão ensinando-lhes.

A educação para a valorização das tradições locais, de raiz e que não está envolvida pela maquiagem e fascínio dopante que a mídia consegue produzir nas pessoas, precisa ser ensinada pela didática da oralidade, envolvendo seus aprendizes e sem obrigá-los (as) a aprender, mas sobretudo orientando-os (as) sobre a relevância de se apropriarem de tais conhecimentos por fazerem parte e contarem suas próprias histórias individual/coletiva. Creio que dessa maneira, os (as) aprendizes, sintam-se motivados a valorizar, respeitar, participar, conservar e orgulhar-se da tradição que são herdeiros e sucessores.

Enquanto ouvimos e/ou contamos histórias, fazemos História, incorporamos modelos e constituímos identidades. A gestualidade, a modulação da voz, os movimentos suaves e bruscos, os cheiros, a penumbra, constituem o contexto formador de memória e também possibilidades interpretativas que a palavra falada oferece, através do contador, para seus ouvintes. Essa relação contador-ouvinte é uma. Existem outras semelhantes, mas não iguais. O *griot* ou soma, nas sociedades negro – africanas, é o historiador da tradição, verdadeiro arquivo vivo, ou o guardião da palavra. As nossas avós, tias, mães, e seus pares fazem, através da palavra, o que costumamos chamar de socialização primária, incluindo-nos, pelos caminhos da imaginação, no grupo social e confirmando-o como tal. (SANTOS, 2006, p. s/n).

O aprendizado fecundo sobre as heranças culturais deve acontecer gradativamente, com sensibilidade, amor, carinho, paciência e bastante afetividade. Sem brigas, estupidez, agressões físicas e constrangimento público relativos as dificuldades e limitações dos (as) aprendizes. Não deve-se envergonha-los diante dos outros, criticando sua

falta de habilidade no manuseio dos instrumentos, por exemplo, senão alimentaremos o desinteresse, aspecto corrosivo no aprendizado de qualquer ser humano. Aprendemos aquilo que somos ensinados a gostar, valorar e amar. Nós seres humanos aprendemos com quem gostamos, admiramos, temos como exemplo positivo, amamos e nos sentimos bem convivendo.



Figura 33: Palestra sobre a vida de São Joaquim
Fonte: Piedade Videira

É evidente que existe uma preocupação geral dentro do Quilombo do Cria-ú com a salvaguarda da história e da cultura da comunidade por intermédio do aprendizado, participação, envolvimento, amor e responsabilidade que os (as) mais jovens precisam ser ensinados a ter em relação à cultura do Quilombo. Eles (as) já são herdeiros (as) dessa tradição que é o princípio vital para não deixá-la desaparecer. Portanto, precisam ser orientados diariamente disso em seio familiar e na escola.



Figura 34: Ensaio do Grupo de Batuque da Escola Estadual José Bonifácio.
Fonte: Piedade Videira

3.5 BATUQUE DE SÃO JOAQUIM: ALQUIMIA DE ANCESTRALIDADE, CRENÇAS E TRADIÇÕES

Dentro do conjunto de crenças ainda hoje mantidas pelos criaenses estão a reverência a seus parentes e irmãos falecidos, espécie de homenagens póstumas. Alguns curandeiros e curandeiras do Cria-ú dizem que se todas as pessoas pudessem ver os espíritos dos falecidos, os invisíveis, atrás da igreja de São Joaquim no momento que estão rezando a folia e a ladainha, ao invés de rezarem sairiam correndo com medo destes (as).

O conhecimento africano é um conhecimento global, um conhecimento vivo. É por isso que os anciãos, os últimos depositários desse conhecimento, podem ser comparados a vastas bibliotecas, das quais as múltiplas prateleiras estão ligadas entre si por relações invisíveis que constituem precisamente esta “ciência do invisível”, autenticada pelas correntes de transmissão iniciática. (AMADOU HAMPÂTÉ BÂ, 1997, p s/n)

A *corte afroreligiosa* por saber que de alguma forma, seus mortos estão presentes no cotidiano e nas festas realizadas dentro do Cria-ú, tiram o primeiro dia de realização do *ritual da bandeira* para saírem em cortejo afroreligioso de dentro da igreja de São Joaquim ao cemitério da comunidade, transferido para a parte de traz da sede do santo. No momento da saída do cortejo afroreligioso, todos os participantes seguiram em silêncio para o local de sepultamento de seus ente-queridos e chegando lá, havia um portal enfeitado com flores que o coordenador da festa mandou preparar para homenagear os invisíveis.

Na presença dos tocadores, filhos do Cria-ú e pessoas que acompanhavam este ato, seu Joaquim Carolina fez uma fala explicando a importância da realização daquele ritual e enfatizou que foram os antigos que lutaram para não deixar a cultura do Quilombo cair no esquecimento, por eles (as) e por sua memória estávamos ali compartilhando aquele momento. Pediu que todos rezássemos um pai nosso e três ave marias em intenção dos (as) falecidos (as).

Essa homenagem demonstra que os (as) filhos (as) do Quilombo mantém uma ligação ancestral com os seus parentes falecidos. E devem, em respeito e reconhecimento pelos seus feitos e contribuições para a existência da comunidade, reverenciá-los, como também reverenciar aos moradores e moradoras em geral que lutaram e lutam para manter viva a tradição do Batuque do Glorioso São Joaquim, bem como todo o legado histórico cultural do Cria-ú que ajudaram a construir.

São Joaquim é um santo muito milagroso, todos os filhos do Cria-ú afirmam isso e sempre surpreende seus devotos e a quem duvida de seu poder. No Batuque de 2009, o santo

mais uma vez mostrou sua força. No dia quatorze de agosto, dia em que seria abatida uma vaca e dois bois durante seu festejo, a vaca deu cria a dois bezerros no final da tarde e início da noite desse dia. Foi um acontecimento inexplicável porque todos os homens encarregados de buscar o gado tem experiência nesse ofício, os que os venderam também. E ambos não perceberam que a vaca estava coberta, ou seja, a espera de seus bezerros.

Os (as) devotos (as) do santo disseram que foi um sinal de São Joaquim pelo desenvolvimento de algo em seu Batuque que não estava de acordo com sua vontade. Por isso, algumas pessoas que compõe a *corte afroreligiosa* disseram que foi mais um presságio do santo milagroso. Somados a outros como o exemplo abaixo:

São Joaquim é um Santo de muitos devotos [...] Certo dia um devoto pagou uma promessa com um boi. Mataram o boi e começaram a descorá-lo. O amigo deste devoto ao meio de uma conversa falou : “ Que nem se São Joaquim quisesse o boi levantaria do chão”. O susto foi grande. O boi levantou com o lado todo descorado e correu para o mato. Todos os que participaram deste momento passaram a acreditar que com santo não se brinca”. (ESMERALDINA DOS SANTOS,2002, p.27)



Figura 35 e 36: Reza e pedido de perdão dos foliões a São Joaquim.
Fonte: Piedade Videira

Todos os devotos do padroeiro advertem: “Não se deve brincar com São Joaquim!”. Por isso, até a *corte afroreligiosa* na reza da folia e da ladainha na véspera do dia do padroeiro, pedem perdão coletivamente. Este ato acontece após o “festejo afroreligioso de descida da bandeira do santo” as 18h00min., momento em que os “tocadores” ajoelham-se coletivamente em ato de penitência, para rezarem um “Credo”, um “Pai Nosso” e uma “Ave Maria” e pedirem perdão pelos atos falhos que cometeram durante a realização do Batuque do santo.

Reconhecer os atos falhos e pedir perdão é uma ação de imensa grandeza dentro da parte religiosa. Demonstra que as pessoas que integram a *corte afroreligiosa* admitem que falharam no cumprimento de suas atribuições, mas ao pedirem perdão ao santo tem a chance de se redimirem do erro. O ritual segue seu curso com a estação, momento específico para o estabelecimento das punições referente as falhas individuais dos membros da *corte afroreligiosa*, na qual o castigo é aplicado pelo *mestre-sala* antes da reza da folia de encerramento, no dia dezessete de agosto, na noite em que é feito o *pedido de benção coletivo* da *corte afroreligiosa*, a começar pelos padrinhos do santo, seguido pelo *mestre-sala* e *porta-bandeiras* e, por fim os *tocadores*.

O pedido é realizado quando os foliões um a um se ajoelham diante do santo milagroso para pedir a “bença”. O “mestre-sala” balança a kampla, símbolo de comando que utiliza para marcar o início, o decorrer e o final da celebração e os *porta-bandeiras* imediatamente cobrem o folião com a bandeira do santo e o *mestre-sala* publicamente determina a punição, indicando quantos pai-nossos, ave-marias e credos, os castigados devem rezar naquele momento.

Os demais foliões param de tocar os instrumentos enquanto o folião punido paga a penitência. A música recomeça acompanhando o ritual de benção de todos os foliões que compõem a corte, ou seja, segue até que o último integrante seja abençoado pelo santo padroeiro. O pedido de benção é individualizado e é feito da seguinte forma: o folião ou a foliona se dirige à frente do altar do santo, ajoelha-se, pega e beija as fitinhas de várias cores amarradas na imagem de São Joaquim, levanta-se e retorna ao seu lugar na corte.

O momento de punição na *estação*, por ser público em virtude de falta cometida pelo folião, causa constrangimento e vergonha ao integrante da *corte afroreligiosa* bem como a seus familiares, como relatou-me uma moradora do Cria-ú que já tivera parente seu na mesma situação: “o ano passado o papai foi punido e eu, nós todos lá de casa quase morremos de vergonha...”. Esse depoimento nos



Figura 37: Momento de punição de folião.
Fonte: Piedade Videira

possibilita refletirmos que dentro do Cria-ú, território coletivo, os atos individuais se estendem aos familiares como um todo. Sejam eles dignos de elogio e de bom exemplo como

o contrário. Por isso, as pessoas do Cria-ú precisam zelar também pelos bons exemplos, integridade moral, de valores e princípios necessários para o cultivo da paz, respeito e a salvaguarda das tradições locais.

Toda punição tem uma razão de ser e o *mestre-sala* explica porque alguns membros da corte afroreligiosa receberam o castigo em 2009.

Nós temos uma grande responsabilidade com essa cultura que os antigos nos deixaram. Temos que seguir como eles nos ensinaram. E todos temos nossa responsabilidade. O principal problema dos foliões as vezes é a bebida. Bebem demais e se esquecem de cumprir com sua responsabilidade. Tem uns que só vieram aparecer na véspera do dia do santo. Então receberam o castigo.

A cultura ancestral do Batuque do Glorioso São Joaquim faz com que seus (uas) devotos (as) de múltiplos matizes, idades, crenças religiosas e gêneros movimentem e compartilhem alimentos, saberes, aprendizados, corpos, cheiros, encontros, reencontros, risos, galanteios, conversas, dissabores, alegrias, tristezas, saudades, bebidas, olhares, abraços, toques, carícias, aproximações espirituais, paqueras, danças, giros, gritos, suspiros, sussurros, fofocas, atenção, sutilezas, safadezas, desejos, sexo, brincadeiras, espaço geográfico, promessas, ritmos, fé, graças alcançadas, ritmos, movimentos corpóreos, lembranças, choros e toda a vastidão de vivências e sentimentos que renascem, nascem e eternizam a tessitura dessa tradição no Quilombo do Cria-ú de geração à geração, promovendo inúmeros aprendizados aos que dela participam.

4 A ESCOLA DO QUILOMBO DO CRIA-Ú

A instituição escolar no Quilombo do Cria-ú e o processo da pesquisa-intervenção nesta é o objetivo deste capítulo. Nele faço uma descrição do processo de implantação da instituição escolar no Cria-ú, apresento os funcionários que formam a comunidade escolar e trato depois dos resultados obtidos com a pesquisa-intervenção realizada.

A Escola Agrupada José Bonifácio que iniciou suas atividades no ano de 1945. Foi recadastrada no governo do antigo Território do Amapá sobre o nº 219 plaqueta do patrimônio sob a ficha da Secretaria Estadual de Administração do Amapá /SEAD – cadastro de bens imóveis nº 075. As instalações da escola foi construída em 1966, toda



Figura 38: Entrada principal da Escola Estadual José Bonifácio.
Fonte: Piedade Videira

em madeira de lei, coberta com telha, 2 quartos, uma sala, uma cozinha, com uma área de 140m² – custou a época Cr\$ 5.000,00 aos cofres da administração pública. A obra foi reformada em 1978 com desembolso total de Cr\$ 110.620,00³³.

O Decreto nº 0197 de 23 de janeiro de 2001 do Governador do Estado do Amapá – João Alberto Rodrigues Capiberibe, usando de suas atribuições que lhe foram conferidas pelo artigo 119, inciso VIII, da Constituição do estado do Amapá. c/c a Lei nº 0138 de 27 de dezembro de 1993, de acordo com o ofício nº 00062/01 – GAB/SEED, decretou que a partir daquela data ficava criada e denominada a Escola Estadual José Bonifácio, o estabelecimento de ensino situado, na Rua Santo Antonio nº 0219, na Comunidade do Cria-ú, no município de Macapá, pertencente ao sistema estadual de ensino do Estado do Amapá.

Segundo seu Joaquim Araújo da Paixão e Roldão Amâncio, moradores do Cria-ú, o local que funcionou a primeira escola dentro da comunidade é onde atualmente está localizado o museu no Cria-ú de Baixo, isto no período de 1945 a 1966.

³³ As informações foram retiradas da ficha da SEAD/Div. De Patrimônio em 18.08.87.

Antigamente as edificações públicas e residências eram construídas em madeira de lei há algumas décadas passaram a ser construídas em alvenaria em toda Macapá. O atual espaço físico da escola, localizada entre o Cria-ú de Cima e o de Baixo é todo em alvenaria e está em boas condições de uso, se comparado a outras escolas estaduais e municipais, mas inadequado para os (as) educandos (as) da educação infantil (creche e pré-secola), etapa da educação básica prioritariamente de responsabilidade legal do município de Macapá, que ainda não construiu um espaço própria para essa etapa do ensino e por isso, as crianças da educação infantil nas idades de 0-3 anos e de 4-5 anos ficam impedidas do acesso à escolarização nessa fase da vida.

A inexistência de todos os anos de escolarização dentro do Cria-ú vem causando muitos transtornos aos moradores que tem criança e adolescentes em idade escolar e para os adultos que precisam deslocar-se para as escolas localizadas em bairros vizinhos e também aos mais distantes do Quilombo que ficam no centro de Macapá para prosseguirem seus estudos.

A demanda estudantil na escola aumenta anualmente, porque muitos descendentes do Cria-ú que moram fora estão pleiteando terreno na comunidade. Os que conseguem mudam-se para o Quilombo. Além do número crescente de novos habitantes que nascem com frequência nesse território e elevam a necessidade de ampliação e melhoria nos bens e serviços públicos oferecidos pelo estado a população local.

A escola da comunidade, não é exclusiva dos criaenses. Trata-se de uma escola para os de dentro e os de fora deste Quilombo. Por isso, escolariza crianças e adolescentes das comunidades quilombolas Curiaú Mirim, Canaã, Pirativa, Casa Grande e do bairro vizinho ao Quilombo de nome Amazonas.

Apesar de estar dentro da área atualmente urbana de Macapá, a escola do Cria-ú é classificada como da zona rural e esse diferencial traz alguns benefícios aos educandos, de fora do Quilombo, que contam com transporte gratuito e terceirizado, custeadas pelo governo estadual. Os (as) educandos (as) que moram nas comunidades de Curiaú Mirim e Canaã, precisam também do transporte de barco para saírem e retornarem a suas residências. Tanto o transporte terrestre como o marítimo são custeados pelo governo do estado.

Os (as) educandos (as) que habitam na comunidade do Cria-ú utilizam o transporte coletivo que circula, com imprecisão de horário e em precário estado de conservação dentro da comunidade. Outros (as) se deslocam a pé a escola. O transporte coletivo e sua precariedade é um impedimento para os filhos do Cria-ú irem cotidianamente a escola e chegarem nos horários regulares. Muitos movimentos de reivindicação coletiva para transporte foram e

são realizados, pela comunidade local, a fim de precionar a empresa de transporte público que explora comercialmente a rota do Quilombo para melhorar e oferecer transporte de qualidade e em plenas condições de uso a comunidade, mas ainda não conseguiram total êxito em suas solicitações.

4.1 O ESPAÇO FÍSICO DA ESCOLA

O prédio da escola do Cria-ú não difere muito das escolas dos bairros de Macapá. São instalações tipo padrão sem levar em conta as necessidades e possibilidades pedagógicas de uma comunidade rural quilombola. Temos um prédio em alvenaria com oito salas de 3x3 metros, um pátio pequeno e uma quadra poliesportiva. A arquitetura do prédio não foi pensada em função da localidade e nem da especificidade. O meio rural aquático em torno da escola possibilita atividades com canoa, mas os educandos não conseguem chegar até as dependências desta usando esse meio de transporte. Podemos desde já afirmar que as instalações da escola são inadequadas para uma pedagogia da comunidade de Quilombo. Outro problema presente em várias comunidades de Quilombo é o transporte. Seria melhor não existir a necessidade fazendo escolas próximo a esses territórios.

No ano de 2009 a educação infantil e o ensino fundamental de 1º ao 4º ano funcionou pela manhã, com exceção de uma turma de 2º ano que foi subdividida para o turno da tarde em virtude do número de alunos e alunas matriculados (as) não caber dentro do espaço da sala de aula. No turno da tarde a escola é freqüentada pelos (as) educandos (as) do 5º ao 9º ano. Observei que a utilização do mesmo espaço físico pelos (as) educandos (as) dos dois níveis educacionais em formação, acarreta alguns problemas sérios as crianças da Educação Infantil como por exemplo:

- ✓ o mobiliário desgastado e por vez inadequado à idade das crianças da educação infantil;
- ✓ a inexistência de uma sala de leitura na escola é um problema grave apontado pelas (os) professoras (es) que detectaram que as crianças, a exemplo dos educandos de 1º a 9º anos, estão progredindo de ano escolar sem aprender a decodificar os códigos lingüísticos da língua portuguesa e terem fluência na leitura e habilidade na escrita³⁴ impossibilitando de

³⁴ Estratégias didático-pedagógicas voltadas para resolver esse problema estão sendo experimentadas pelas (os) professoras (as) com a orientação do corpo-técnico da escola visando minimizar o problema.

algum modo o aprendizado crítico-reflexivo destes (as) sobre os conteúdos;

- ✓ a impossibilidade de realizar reforço aos educandos no contra-turno, ou seja, os educandos que estudam pela manhã retornam a escola à tarde para reberem novas explicações sobre o conteúdo antes visto em turno normal de aula. Quando as professoras marcam reforço para os estudantes com maior dificuldade de compreensão do conteúdo das aulas, usam o espaço físico da biblioteca que por sua vez fica impossibilitado de ser utilizado pelos demais estudantes do turno regular;
- ✓ a escola precisa produzir e fazer a aquisição de brinquedos pedagógicos e livros diversos que evidenciem a especificidade histórica, social e cultural, bem como da educação em Quilombos.
- ✓ Falta e existe a demanda, de uma sala de criação artística para potencializar o desenvolvimento cognitivo, tático, emocional, gustativo, sensório-motor, olfativo, visual, espiritual e a experiência temática em criação artística pelos (as) estudantes abordando temas de interesse coletivo dentro do Quilombo como, por exemplo, reciclagem, meio ambiente, trabalhos com fibras e diversos materiais naturais abundantes dentro da comunidade, realização de oficinas com temas diversos indo desde feitura de sabão artesanal, até confecção de cestaria, adornos, bijuterias e confecção de instrumentos de percussão utilizados nos festejos do Batuque e Marabaixo, artes visuais, gráficas, teatro, música, canto coral, dança, medicina caseira com as plantas medicinais de uso diário dentro da comunidade dentre outros;
- ✓ Necessita de sala para a confecção de material didático - pedagógico pelos educandos enfocando a mitologia local na criação de histórias para posteriormente serem confeccionados livros de pano e ou material alternativo de baixo custo, a fim de que sejam utilizados pelos estudantes da educação infantil e do ensino fundamental em seu dia-dia educacional.

Visto a minha proposta de pesquisa – intervenção ofereci a orientação de que as atividades sugeridas na escola envolvendo criações artísticas e aprendizado estético com o uso do corpo, das mãos sejam reflexivas e analíticas e devem ser desenvolvidas para os (as) educandos (as) com a preocupação de potencializar o conhecimento que de alguma forma

possuem e despertar sua sensibilidade, emoções, respeito as diferenças, cuidado com o território negro que são herdeiros como também com os seres vivos e invisíveis que o habitam. Portanto, precisamos oferecer aos estudantes um ensino de artes aproximado e contextualizado com o conhecimento artístico, histórico e cultural destes, fundamentais à educação/aprendizagem em Arte significativa, concernente ao contexto vivencial e cultural dessas pessoas (MAGALHÃES, 2008).

Devido ter dito tudo isto, antes seguindo a descrição do espaço físico da escola, ela possui um corredor interno coberto com telhas de brasilite, que dá acesso a sala da direção, biblioteca, corpo-técnico e secretaria da escola. À direita, entrando pela entrada frontal, tem a sala de reforço escolar para as crianças com deficiência, que nessa escola, estão matriculadas em classes regulares. Do mesmo lado tem-se o banheiro dos professores e funcionários da escola e a sala dos professores.

À esquerda tem a sala de informática, com computadores em condições de uso e conectados a internet e a sala da TV Escola. Esta última precisa ser reestruturada e aparelhada para uso do professorado. Atualmente este espaço encontra-se desativado porque necessita urgentemente de aparelhamento tecnológico e reformas em sua estrutura física.

Seguindo pelo corredor central, do lado direito vejam o salão multiuso, refeitório e a cozinha com armários embutidos, fogão industrial em boas condições de uso, louças (pratos de plástico, colheres, canecos e alguns copos simples de vidro) utilizados pelos funcionários e professorado da escola, freezer, filtro de água. Nos fundo da cozinha tem um banheiro para uso das merendeiras e funcionários da escola. Conjugada a parede da cozinha tem-se o depósito de alimentos.

De volta ao corredor central que liga os espaços da escola, do lado esquerdo fica localizada a ampla quadra poliesportiva com banheiros, mas precisa ser equipada com diversos materiais utilizados em práticas esportivas e de atletismo para diversificar as atividades de desporto e lazer oferecidas aos (as) educandos (as) que almejam treinar basquete, vôlei, tênis, natação, ginástica dentre outros. Tendo em vista a falta de tais práticas esportivas ofertadas aos (as)educandos (as), como já foi mencionado, estes (as) ficam limitados (as), ao jogo da queimada e ao futebol de salão masculino e feminino. A quadra poliesportiva também tem seu espaço físico organizado por uma escala de atividades, divididas entre as escolares e as da comunidade para práticas esportivas.

No que se refere às crianças, se tivessem a sua disposição um parque educativo equipado com materiais pedagógicos, esportivos e artísticos diversos e adequados a sua faixa de idade, poderiam ser instruídas mais eficazmente e formadas para a relação respeitosa e de

cuidados recíprocos consigo próprias, com as outras, o meio ambiente, a comunidade e o planeta. Mesmo que não exista tais recursos na escola as (os) professoras (es) fazem o que está a seu alcance em sua práxis pedagógica. Ou seja, tentam criar atividades e jogos que possam educar-brincando os (as) educandos (as) e prepará-los (as) para a vida em sociedade de tantos contrastes históricos e injustiças sociocultural e étnica. Esta última principalmente em relação a comunidade negra brasileira. Em conversa com os (as) educandos (as) menores fiquei sabendo que desejam ter na escola um parquinho colorido, espécie de espaço aberto com brinquedos diversos e cercado de plantas para se divertirem à vontade.

Seguindo em frente no mesmo corredor, estão localizados os sanitários dos (as) educandos (as) e à direita as quatro primeiras salas de aula. Mais a frente também do lado direito, ficam localizadas mais quatro salas de aula, somando um total de oito salas de aula regular. Entre os dois blocos das salas existem coqueiros que deixam o ar ainda mais agradável para todos (as).

Ao fundo tem bastante área livre que possibilita a construção de novos espaços necessários para o desenvolvimento das atividades de formação docente, discente, cursos e eventos realizados na escola, como por exemplo: a construção de um auditório com palco e equipamentos multimídia e um anexo para atender as crianças da educação infantil bem como a utilização do espaço natural para a prática de cultivo de hortaliças e plantas medicinais.

Avaliando o prédio da escola considero que este precisa de várias modificações para diversificar as atividades educacionais oferecidas aos educandos, como as indicadas anteriormente e também na estrutura das salas de aula já existentes e a ampliação de espaços diminutos como a biblioteca para melhor conforto e acomodação de seus frequentadores e a cozinha da escola para servir como espaço de ensinamentos e aprendizados culinários pelas mães da comunidade utilizando as frutas locais na preparação de doces, salgados e compotas.

Esse espaço multiuso da escola como já mencionado, em alguns momentos fica saturado de pessoas e as atividades pedagógicas, de certa maneira, ficam prejudicadas por precisar ser reprogramada algumas vezes face a falta de espaço. Muito embora, existam outros espaços em desuso dentro da comunidade que não são frequentados e utilizados como o Museu localizado no Cria-ú de Baixo, bem como o Centro Comunitário e a Sede de São Joaquim no Cria-ú de Fora, todos amplos e em perfeitas condições de uso, mas ignorados pela escola.

A escola não foi projetada pensando em resolver o problema da ventilação e nem integração com o meio ambiente como observou Henrique Cunha Júnior quando de uma das visitas ao Quilombo. Para tentar resolver o problema da sensação térmica, acredito que as

características antigas das habitações do Quilombo do Cria-ú, feitas em madeira de lei com amplas salas e janelas devessem ser mantidas dentro do possível e aliadas com a utilização de outras soluções arquitetônicas preocupadas com as singularidades da localidade e a necessidade de oferecer melhor conforto em todos os sentidos, acústico, térmico e orgânico como também diminuir o consumo de energia elétrica e de água.

Fica como sugestão levarmos em conta que Henrique Cunha Júnior e Maria Estela Rocha Ramos, vem desenvolvendo projetos de construções habitacionais em espaços sociais dentro de Quilombos no Ceará que tem relação com a história e a cultura desses patrimônios. Procuram aproveitar a luz natural, corrente de ar, matéria prima e a estética utilizada pelas comunidades em construções habitacionais, na tentativa de enriquecer a engenharia utilizada pelos moradores desses territórios associando-as as novas tecnologias desenvolvidas atualmente em modelos residenciais ecologicamente corretos desenvolvidos em várias partes do mundo. Fica também a sugestão das comunidades de Quilombos levarem uma discussão sobre construções escolares.

As salas de aula da escola possuem um conjunto de janelas em madeira de lei e duas portas. Ventiladores, luminárias e quadro de giz. Por sermos amazônidas e termos as estações climáticas, polarizadas entre verão e inverno, seis meses para cada com a presença de chuva e sol freqüente em cada uma delas. As salas de aula são demasiadamente quente principalmente no turno da tarde.

A ventilação e a luminosidade são insuficientes para deixar o ambiente agradável e propício para o bem estar físico dos/as educandos/as e lhes possibilitar condições favoráveis de aprendizado. O turno da tarde é o mais sacrificado nesse sentido pois a temperatura no segundo semestre do ano chega a superar 40 graus centígrados deixando inóspito e praticamente impossível permanecer dentro das salas de aula. Do lado de fora delas nos corredores e área do refeitório e demais espaços de circulação da escola, a ventilação e incomparavelmente melhor, diminuindo assim a sensação térmica de calor extremo que cria fadiga física e dificuldade de concentração aos educandos (as) provocando prejuízos em sua aprendizagem.

O espaço físico da escola, mesmo em boas condições, necessita de melhorias a exemplo da comunidade do Cria-ú. Em relação a escola na opinião dos estudantes da educação infantil e do ensino fundamental que participaram da oficina de Dança Afro objetivando trabalhar valores estéticos, artísticos e étnicos da cultura local, tendo como facilitadores os membros da Associação da Companhia de Dança Afro Baraka intitulada: “Histórias de Vida Bandaiadas de Emoção”, idealizada pela autora desta tese com a

colaboração da ex-diretora social integrante da Associação de Moradores do Quilombo do Cria-ú Joaquina Araújo. Na oportunidade perguntamos aos participantes da oficina o que segunda a opinião deles (as) precisava melhorar nas dependências atuais da escola e obtivemos como respostas: a escola precisa de uma sala de informática com número maior de computadores, ter ensino médio, ser ampliada, ter atividades esportivas que não seja futebol como por exemplo: Voley, Basketbool, esportes aquáticos dentre outros.

Perguntamos aos estudantes o que precisava, na opinião deles, melhorar dentro do Cria-ú de um modo geral. Sobre esta pergunta as respostas forma inúmeras e logo formou-se uma lista extensa de reivindicações para à escola, o posto de saúde e termos de lazer e entretenimento, demonstrando que crianças, pré-adolescentes e adolescentes sabem valorar o que tem acesso seja em qualquer espaço geográfico que estejam inseridos.

Cada educando demonstrou clareza e ponto de vista propositivo. Deram inúmeras sugestões coerentes de melhorias para a comunidade evidenciando que não vivem desconectados da sociedade abrangente, enfatizaram sobretudo, as carências e ausências de serviços, bens de consumo e espaço de entretenimento como por exemplo: uma praça com brinquedos diversos, sorveteria, curso de inglês, piscina para a prática da natação.

Analisando e observando as crianças, pré-adolescentes e adolescentes do Quilombo do Cria-ú, observei que não se diferem de outras crianças que vivem em diversos espaços socioculturais no que se refere aos desejos de consumo e entretenimento. Mas precisamos sempre ficar atentos a entrada de produtos, serviços, brinquedos em comunidades tradicionais tão influenciadas, como todas as pessoas, pelas propagandas televisivas, para não aculturarem-se de maneira voraz e perderem-se de seus vínculos familiares reafirmados principalmente pelas pessoas idosas, por meio da oralidade, que não contam com o fascínio dos recursos tecnológicos espetaculares que dominam a humanidade para prender a atenção e alienar as pessoas.

Considero importante os estudantes do Cria-ú estarem conectados ao mundo para a aquisição de conhecimento ampliado sobre as culturas das diversas populações mundiais, curiosidades, modos de vida, arte, cultura, histórias, culinárias, patrimônio material e imaterial, esporte, conflitos de toda ordem e dos problemas que as cometem. E não para desejarem ser essas pessoas, e mais transformarem seu espaço geográfico e a si próprios em cópias destes e perderem-se do que os marcam historicamente como pessoas no mundo, sua cultura em conhecimentos ancestrais afrodescendentes.

Portanto considero que as escolas, em geral, localizadas em Quilombos tem relevante papel no “contra ponto” dessa realidade, ou seja, no sentido de afirmar e

potencializar os conhecimentos locais no cotidiano escolar para cultivar o orgulho dos educandos de si - ser quilombola, dos seus e das singularidades locais em diálogo mediado com o mundo.

4.2 A COMUNIDADE ESCOLAR E SUAS ESPECIFICIDADES

4.2.1 As crianças



Figura 39: Crianças do 2º período da Educação Infantil.
Fonte: Piedade Videira

Dentro do Quilombo do Cria-ú tem-se um número expressivo de crianças as quais demonstram o quanto gostam de estar na escola e o quanto este espaço lhes é caro, agradável, de entretenimento, brincadeira e aprendizados. As que estudam pela manhã no turno da tarde, em sua maioria, retornam à escola para passear, pesquisar na biblioteca ou simplesmente vão ao espaço escolar para fazer leituras por iniciativa própria e ou a convite da responsável desse espaço. Quando não estão na escola aproveitam para fazer as lições escolares, assistir televisão e brincar com seus (uas) irmãos (ãs) e vizinhos. Em relação a direção, técnicos

administrativos e professorado são meigas, carinhosas e gostam de abraçá-los (as). Assim que os avistam, mesmo não sendo seus (uas) professores (as), correm para cumprimentá-los (as).

O espaço escolar é importante para as crianças é como se fosse a sua segunda casa. Passam a semana inteira transitando de casa à escola e vice-versa. São receptivas a qualquer proposição que recebam para se fazerem presentes na instituição de ensino. São pontualíssimas e chegam antes mesmo dos (as) professores (as) aos ensaios de Batuque e Marabaixo e as programações festivas concernentes a datas especiais como por exemplo o dia das crianças. Em dias de festa o espaço escolar fica povoado de crianças com seus vários “tons de negritude” e formas estéticas presentes principalmente em seus cabelos e corpos negros.

Os (as) educandos (as) são também participativos, energizados, sapecas, inteligentes, alguns (mas) carentes, atentos, xingam-se, gostam-se e outros (as) são briguentos (as). Essa última característica preocupa aos professores (as), corpo-técnico, direção e pessoas antigas da comunidade do Cria-ú. Os professores da educação infantil, dizem que as crianças não foram ensinadas a conversar, ter paciência em escutar ao seu semelhante, dar preferência e negociar os conflitos sem agredir verbalmente e fisicamente ao próximo.

Eles (as) batem e xingam uns aos outros com a maior facilidade. A exemplo, do que ocorre com os adolescentes, principalmente os meninos que mesmo sendo todos parentes consangüíneos demarcam território dentro da comunidade e delimitam a passagem de seus conterrâneos, principalmente durante a realização das festas populares onde os rapazes do Cria-ú de Fora não podem dançar no de Dentro e vice versa.

Quando um dos grupos resolve se divertir na reunião de divertimento do outro o desfecho é quase sempre com brigas corporais. O mesmo acontece em relação aos torneios de futebol que são realizados dentro do Cria-ú em que os conflitos físicos, as desavenças internas chegam mesmo algumas vezes a acabar com o jogo. Entre as lideranças políticas dentro da comunidade os conflitos se repetem como nos disse a Professora de Ensino Religioso da escola:

A escola tenta se fortalecer de toda forma. Porque, além de nós estarmos fazendo um trabalho, pra uns está bom, pra outros não. Então é muito complicado. Vocês precisam ver o quanto essas brigas são prejudiciais para toda a comunidade. As vezes nós nos vemos em cada situação difícil aqui na escola. Aqui também tem várias lideranças comunitárias, temos das mulheres, tem associação, tem várias lideranças. Então, há uma briga enorme entre essas lideranças. Uma não pode conseguir algo que a outra já acha que vai dá errado. Se a gente entrasse num consenso de lutarmos pelos nossos direitos e conseguirmos alguma coisa para todos... É difícil cada um tem seu ponto de vista. E acham que devem fortalecer o seu lado. Meu

Deus do céu, na reunião então é difícil. As vezes eu vou com meus filhos e marido prestigiar um campeonato ali no Cria-ú de Fora, no sábado e domingo, eles começam a brigar e é um campeonato interno. Eu chego lá pra olhar os times e é aquela briga. É um xingando o outro, não sei o que. Uma colega nossa daqui da escola disse, **puxa que vergonha, eles mesmos filhos da comunidade estão xingando e brigando uns com os outros, eu fico até com vergonha disso**. Eu fiquei morta de vergonha. Eu disse meu Deus, até falei ao meu esposo. Credo, eu tenho vergonha do povo lá do Cria-ú. Porque é um campeonato interno, **da integração** – a palavra é integração, mas no final essa palavra é triste, sabe. Mais eu acredito que vamos conseguir, temos que ter estrutura, muita paciência. Primeiramente a escola tem que ser neutra nesse caso, não ficar de lado nenhum. Então a gente vai num Cria-ú, vai no outro. Tenho que me dá com todos. Só aqui, na escola, que eu falo alguma coisa, porque se for tomar partido lá fora, falar alguma coisa não está bom.

Os profissionais da escola do Cria-ú ficam sem saber como agir nessa situação, porque não querem se indispor e tomar partido entre os dois conglomerados, Cria-ú de Cima e de Baixo, mas sabem que precisam agir de alguma forma para o enfrentamento do problema social e racial dentro da comunidade que se repete no cotidiano escolar. Por isso, realizam atividades como gincana, jogos para incentivar a interação entre as crianças e adolescentes do Quilombo e de fora dele que estudam na mesma instituição escolar na tentativa de dialogarem e promoverem o respeito entre ambos. As professoras ressaltam ainda que as agressões partem muitas vezes:

Das crianças da comunidade de umas para com as outras. Essa questão da cor mesmo é entre eles mesmos né. Agente teve também os Carapirás (é a denominação que as crianças e adolescentes filhos de pessoas catadoras de lixo recebem em Macapá) que vieram para a escola, para estudar. O governo mandou algumas crianças pra cá. Então por exemplo foi muito na marra, então não teve tempo da gente preparar o ambiente. Olha nós vamos receber crianças de fora, eles (os educandos do Cria-ú) estavam muito fechados neles mesmos. Então quando houvi crianças vindas de fora, teve um período de atrito muito grande na escola. Eles não aceitaram os de fora. Então aconteceram brigas, muitas brigas. Mas agora agente também fez um trabalho na escola, encomendaram jogos para que eles trabalhassem em equipe e se enturmassem entre si e com os estudantes de fora do Quilombo. E hoje, graças a Deus, agente já não tem essa diferença entre eles e os de fora. Eles já estão aceitando os novos que estão vindo estudar na escola sem problemas. Até mesmo porque o projeto (Cria-ú Mostra Tua Cara) veio no sentido de ajudar essa unidade entre eles aqui do Cria-ú e os estudantes de fora. Porque quem chega vai conhecer também a cultura deles (PROFESSORA DE ARTES E PROJETOS).

As ações combativas aos problemas sociais, raciais e internos no Cria-ú vem ganhando vários caminhos e aliados tanto na escola como na comunidade, mas considero que nem sempre são os mais acertados, como por exemplo, a Associação de Moradores marcou

uma audiência coletiva no Centro Integrado de Segurança Pública do Estado do Amapá-CIOSP do Novo Horizonte para tentar solucionar as desavenças internas entre os jovens do Cria-ú temendo que aconteça algo pior como por exemplo o falecimento de alguma dessas pessoas.

Os jovens que são envolvidos nas brigas durante as festas populares realizadas no Cria-ú junto com seus familiares foram intimados a comparecer no CIOSP para conversarem com o delegado sobre o assunto e também para que falassem sobre as razões do problema e ambos chegassem a um consenso para resolver a situação. A iniciativa não teve o desfecho esperado pela presidenta da Associação de Moradores porque no momento de assinar o “termo de boa convivência” os jovens recusaram-se a fechar o acordo de paz para o Quilombo.

Acredito que se a iniciativa tivesse partido da deliberação coletiva da comunidade e ela mesma tivesse apoiado sua própria decisão para a conclusão do ocorrido, o desfecho deste poderia ser diferente. Pelo que constatei pelas falas das pessoas do Cria-ú, a diretoria da Associação de Moradores reuniu parte da população local e não seu coletivo ou pelo menos grupo majoritário de criauenses para dialogarem sobre os possíveis encaminhamentos que poderiam ser recorridos na tentativa de resolver o problema. Essas atitudes foram tomadas a revelia do coletivo e esse fato vem produzindo vários descontentamentos em relação a parte da comunidade e a figura principalmente da presidenta da Associação de Moradores. Entre ambos os conflitos vem se intensificando.

Paulo Freire nos diz que educamos pelo exemplo, atitudes, comportamentos, verbalizações, valores e princípios. A base educacional da criança se forma em casa na convivência familiar e em seguida nos espaços de sociabilidade que tiverem acesso. Observei as crianças do Cria-ú que se encontram a todo momento e estão juntas e atentas a tudo, que admiram os jovens que brigam nas festas porque são fortes, corajosos e destemidos, segundo eles (as).

Considero que a convivência e acesso freqüente das crianças e adolescentes aos episódios de brigas corporais no Cria-ú, como também, expressões diversas de raiva, xingamentos, ofensa moral entre agredidos e agressores, bem como seus familiares que externam sua raiva, ambos mesmo de forma inconsciente, ensinam as crianças a agirem da mesma maneira. Analisando a situação, chego a conclusão de que essas pessoas não têm clareza da importância de seus atos e por isso não conseguem dimensionar as conseqüências desastrosas destes para a comunidade do Quilombo do Cria-ú como um todo.

Os familiares dos educandos e a escola precisam ensinar-lhes que podem continuar fazendo uso de sua força física, mas não unicamente para machucar a si e a seu semelhante, mas potencializá-la, por exemplo, na união com a força da palavra, do gesto, da fala, das atitudes em prol da melhoria de suas condições de vida e de sua comunidade.

É consenso do corpo de profissionais que atuam na escola do Quilombo que existe a necessidade, por parte de seu conjunto, de realizar um minucioso trabalho com as famílias junto às crianças e adolescentes para minimizar e ajudar a comunidade a resolver seus conflitos e a respeitar-se nas diferenças. A professora de ensino religioso da escola disse sentir-se profundamente incomodada e desafiada a intervir nessa realidade para modificá-la como expressa em seu depoimento.

Olha! Eu já tenho várias experiências no Cria-ú. Já são 14 anos (trabalhando na escola da comunidade). Então eu percebo assim... Sinceramente ainda acho... Dizem que tudo é cultural, mas pra mim cultura agente apresenta coisas boas. Então há muitas intrigas (entre os/as moradores/as do Quilombo do Cria-ú). Existe aquela questão assim: na minha casa eu tenho uma cunhada que tem 42 anos e ela chama-se Maria de Fátima³⁵ e me disse que: desde pequenina o meu pai nunca deixou (que fosse ao Cria-ú de baixo) porque há uma divisão, Cria-ú de baixo e Cria-ú de Cima. O meu pai nunca deixou eu ir ao Cria-ú de Baixo tomar banho. Quando nós saíamos não era pra tomar água na casa de ninguém. Então é tão forte isso entre eles, que eles vão passando de geração à geração. Mesmo não sendo daqui (Cria-ú de Baixo) eles são todos primos, parentes próximos, mas há um conflito assim muito grande. Ah porque a minha família não vai participar. A minha família é Ramos. A minha família é Silva. A minha família é não sei o que, sabe. Custa eles conversarem. Cria-ú é um só. Eles tem que parar com essa divisão, com essas intrigas. Não professora a senhora não sabe (os estudantes dizem a ela). Fulano não gosta da minha avó, não gosta da minha bisavó... São raízes. Então entre eles isso é muito forte e nós enquanto professores agente procura trabalhar, fazer curso, oficinas, trazer eles aqui para a escola, para mostrar que nós somos uma integração. E pra gente se fortalecer, nós precisamos estar unidos. Nós temos que nos fortalecer dentro da união. Para conseguirmos bem mais coisa aqui no Cria-ú. Até mesmo quando tiver algum projeto com algumas coisas pra cá (Cria-ú os moradores perguntam)-para onde é que vai? Cria-ú de Fora ou Cria-ú de Dentro? Há muito essa divisão. Aí se for um atendimento médico, uma ação, se forem atender lá no Centro Comunitário do Cria-ú de Baixo, os daqui já não vão (Cria-ú de Fora os do Cria-ú de Dentro dizem logo): A nós não vamos lá. Cria-ú de Fora não. Tem que fazer aqui também. É complicado. É muito difícil e mudar a cabeça de pessoas adultas assim é mais complicado ainda. Então isso tem que ser trabalhado na escola com os nossos alunos. Eu pedi mesmo para a Rosa para eu trabalhar com Ensino religioso, mais por essa questão. Eu estava vendo muita desunião, muita briga entre primos. Muitos pais chegaram até a tirar os meninos daqui (da escola que funciona dentro da comunidade). Ah porque não vai dá certo estudando junto com o primo dele (são alegações de alguns pais e algumas mães dos educandos que dizem isso.). Afirmam que irão transferi (seus filhos) para Macapá. É sério. Eu pretendo fazer um

³⁵ Optei por resguardar as identidades dos segmentos que trabalham na Escola Estadual José Bonfácio. Por isso, as funções profissionais que exercem para qualificá-los.

trabalho assim de sensibilização, trabalhar os pais, trabalhar a família para ver mesmo uma coisa diferente. Que nós unidos podemos conseguir muito mais, podemos nos fortalecer, então esse é o meu objetivo.

O exemplo comprometido da professora de ensino religioso é relevante para impulsionar no universo escolar, enfrentamentos aos problemas que decorrem da vida sócio-familiar dos (as) educandos (as) e circulam com eles (as) na escola. Encaminhamentos como escuta sensível aos educandos procurando entender o problema e não somente suspensão, queixas por escrito e verbais aos pais e ou responsáveis destes (as), descontrole dos (as) professores (as) diante de situações de conflitos, olhares, atitudes e tratamentos hostis a esses educandos por parte de corpo-técnico e direção não resolveram o problema.

No meu entendimento precisa haver diálogo entre a comunidade escolar sobre o assunto, que deve deixar de ser problema exclusivo do (a) educando (a) ou do (a) professor (a) da turma e passa a ser do coletivo e a busca de soluções também, deve ser dialogada e encontrada de maneira compartilhada na escola. Esse é um tema rico para o desenvolvimento de pesquisa nessa área de juventude em comunidades quilombolas, já que existem vários estudos envolvendo vários tipos de juventudes e suas especificidades, desenvolvidos por intelectuais brasileiros e estrangeiros.

A exemplo do problema sobredito, outro assunto que tem assustado os (as) professoras (es), corpo técnico, direção e a mim enquanto pesquisadora é a sexualidade precoce manifestada pelas crianças de 06 anos da escola. É consenso entre nós que esse assunto precisa ser trabalhado desde tenra idade com os (as) pequenos (as) porque estão acessando a informações pela mídia televisiva, internet, exemplos em casa e em contato com outras crianças e iniciando atividade sexual precocemente.

A direção da escola solicitou a minha ajuda, convidando-me a orientar o corpo-técnico e professoras a enfrentarem o problema. Por se tratar de uma área que não possuo conhecimento suficiente para orientar estratégias bem fundamentas de trabalho aos técnicos e professores, recorri ao Centro de Saúde da comunidade, localizado ao lado da escola e fiquei sabendo que a equipe técnica em saúde que atende a comunidade possui palestras montadas e pessoas treinadas para abordarem esse assunto com mais propriedade que eu.

No transcurso da conversa com a comunidade escolar sobre o assunto e face às observações e análises que fiz cotidianamente sobre os dois campos de investigação empírica, comunidade do Cria-ú e escola da comunidade, constatei a inexistência de diálogo entre os membros da escola e também com os gestores dos serviços básicos prestados à comunidade. A direção do Centro de Saúde e suas agentes, tem palestras montadas sobre a temática

sexualidade, bem como outras referentes à velhice e à prevenção de doenças de toda ordem e lamentavelmente não orientam os criaenses sob a alegação de que não possuem um espaço físico com recursos visuais e que comporte várias pessoas ao mesmo tempo e seugando elas esse fato inviabiliza suas ações.

Por isso, o fato de não existir diálogo entre escola e centro de saúde ambos deixam de potencializar e ampliar seus campos de atuação por intermédio de atividades compartilhadas e interdisciplinares. Após a visita a equipe técnica do Posto de Saúde do Cria-ú, transmiti as informações que obtive a direção da escola da comunidade que foi orientada a enviar um ofício para oficializar a realização da atividade de educação sexual entre Escola e Posto de Saúde do Quilombo do Cria-ú.

Destaco também a mestiçagem presente principalmente nas gerações atuais de filhos (as) do Cria-ú e seus traços fisionômicos variados com cabelos étnicos que ostentam a beleza negra das crianças e adolescentes. E os cabelos? Esses requerem destaque, tão grande são as variações de penteados afros desfilando a beleza negra presente nos corpos das crianças. As mães enfeitam suas filhas com uma variação de trançados, que vão desde o Nagô, decorada com laços e fitas, linhas e ligas coloridas até a utilização de fibras sintéticas para o trançado mais alongado dos cabelos.

A criatividade delas quanto aos arranjos de cabelos é digna de aplausos, porque sinaliza para algumas possibilidades de valorização do corpo da pessoa negra como portador de beleza e de histórias. No caso do ser negro (a) sua valorização étnica deveria partir inicialmente do contexto familiar porque é o primeiro lugar onde essa pessoa deveria contituir-se (SOUZA, 1983). Penso que a atitude das mães é digna de aplausos porque dão um tratamento prático a questão dos cabelos que tanto marca as meninas negras.

Por isso, o cuidado das mães das crianças destacando os penteados étnicos, promovem uma variedade de penteados da estética negra que desfilam sentidos e significados históricos e estéticos nas festas da escola e da comunidade de maneira recorrente e afirmam positivamente a identidade étnica das educandas (LODY, 2004).



Figura 40: Crianças do Quilombo do Cria-ú
Fonte: Piedade Videira

Esse problema do cabelo passou a existir por volta de 1920 quando começaram os alisamentos e quando a sociedade passou a insistir em padrões de beleza europeizantes. Esta insistência evoluiu no Brasil de 1970 em diante. Faz parte da política racista da república de desafrikanização do Brasil. O cabelo étnico não é um problema de todos os negros, mas envolve uma maioria. O assunto é bem resolvido em grupos sociais e culturais composto por pessoas negras esclarecidas dos condicionantes étnicos.

Cuidar dos cabelos afros é complicado para as crianças e adolescentes negros (as), quem já foi uma crinaça negra sabe o que digo. Principalmente as meninas negras que quase sempre amarram os cabelos em pitós e os meninos passando à máquina nº 1 ou zero, cortando todo seu cabelo. Pelo padrão estético vigente em nosso país, a população negra passou muitas décadas sem ser inserida, ou seja, mesmo sendo consumidora de produtos não aparecia nas propagandas televisivas e em *outdoors* de anúncios brasileiros.

Por isso éramos obrigados a nos amordaçarmos dentro dos padrões estéticos não negros. Esticando, queimando, escondendo e negando nossos cabelos, devido a esses motivos variados, não conseguíamos encontrar oferta de serviços em salões de beleza e venda de

produtos que fossem apropriados para trabalhar e realçar a nossa estética negra e não tentar eliminá-la como ainda hoje presenciemos. Os meninos, adolescentes do Cria-ú, também utilizam tranças e alguns deixam seus cabelos de negros livres.

É visível o cuidado das mães do Quilombo do Cria-ú com a apresentação pessoal de seus (as) filhos (as). As crianças sempre estão de banho tomado, cabelo arrumado, roupas limpas, calçadas e perfumadas nas festas promovidas pela escola ou realizadas pela própria comunidade. Os (as) adolescentes apresentam o mesmo trato cuidadoso com o seu visual.

Fiquei sabendo através da investigação, que as crianças do Cria-ú tem sonhos de desempenharem, na idade adulta, uma profissão que varia de: médico, professor (a), juiz, advogado, policial militar do Batalhão de Operações Especiais - BOP, modelo, cantora, médica pediatra, bombeiro, promotora, jornalista e delegada. Sei que eles (as), crianças e adolescentes pela idade cronológica que tem, ainda não sabem discernir muito bem o que fazem os profissionais que desejam ser, mas alegra-me ver que almejam desempenhar papéis profissionais relevantes na sociedade e desejam ser pessoas de carreira acadêmica e profissional de prestígio social e de poder econômico privilegiado em relação a outras profissões que não gozam de *status quo* e que lamentavelmente a população negra foi relegada, pela processo de escravismo criminoso (CUNHA Jr., 2001) a desempenhar tais funções.

Ao mesmo tempo preocupa-me ver que não desejam ser profissionais de áreas de conhecimento ligadas à terra como veterinários, zootecnistas, agrônomos, engenheiros florestais, para pensarem desde agora em serem profissionais que ajudarão a melhorar a vida em comunidade com o desenvolvimento de suas funções profissionais.

Sendo assim, caberá a escola orientar aos (as) educandos (as) da comunidade sobre não só o valor, mais a importância de profissionais que desenvolvem suas funções profissionais ligadas ao desenvolvimento e cuidado com a terra. Para que continuem desejando viver em seu território e tornar esse lugar ainda melhor para todas as pessoas que o habitam e irão habitar. Creio que apartir do momento que os (as) educandos (as) receberem orientações acadêmicas com esse recorte, reconhecerão desde tenra idade o valor ancestral e econômico que a terra tem e que pode ser utilizada racionalmente para o benefício da comunidade atual e para as futuras gerações de criauenses.

4.2.2 Os (as) pré-adolescentes e adolescentes



Figura 41: Professores, Pré-adolescentes e adolescentes da Escola Estadual José Bonifácio na festa da Páscoa

Fonte: Piedade Videira

O Quilombo do Cria-ú tem um número expressivo de jovens meninos e meninas. Face as observações que fiz na escola acredito que alguns (mas) deles (as) são tímidos (as) algumas vezes. Constatado que exigem mais paciência para nos aproximarmos deles (as). Faz parte do momento de transição do estágio da pré-adolescência para a adolescência no qual, as vezes, alguns jovens buscam o isolamento e tornam-se mais introspectivos.

Outros demonstram não gostar de chamego, mas na verdade adoram um dêngo e manifestações de carinho. Apesar de muitos serem tímidos (as) algumas vezes, não dificultam a aproximação entre si e outras pessoas. As vezes até querem demonstrar que não estão interessados em diálogo, mas se chegarmos com jeito se derramam inteiros (as) em atenção. O problema é que algumas vezes nem os familiares e tampouco a escola sabem se comunicar com esse público alvo.

Constatei que dentro das famílias do Quilombo e da escola quase sempre repetia-se o erro de rotularem os (as) jovens de desinteressados (as) e irresponsáveis. Para mudar a nossa relação com esse público mudamos inicialmente o nosso pensamento e atitudes sobre eles. Passamos a escutá-los mais, delegar-lhes atividades pedagógicas que fossem dinâmicas e se aproximasse de sua realidade, ou seja, que tivessem a possibilidade de realizar a atividade e terem a oportunidade de contextualiza-las em seu cotidiano. Os jovens do Cria-ú adoram

contar histórias, por isso, as atividades escolares que os permitem usar a criatividade para construí-las despertou maior envolvimento desse público na escola.

De um modo geral, a maneira de ensinar nas escolas não corresponde ao jeito de ser de alguns jovens que em sua maioria gostam de dinamismo, movimento e descontração. Acredito que a partir do momento que as instituições educacionais lhes oportunizarem experienciar situações novas e fora do habitual – as aulas expositivas e adotarem uma nova metodologia que os oportunizem a feitura, por exemplo de, trabalhos manuais e com o corpo que precisem acionar habilidades intelectivas, físicas, motoras, gustativas, sensoriais, estéticas, artísticas, dentre outras, o índice de reprovação e abandono escolar tenderá a diminuir porque as escolas, por certo, tornar-se-ão mais atraentes e prazerosas para essas pessoas.

Na particularidade da Escola Estadual José Bonifácio, constatei que as estudantes adolescentes são mais receptivas e é mais fácil chegar perto delas do que dos rapazes, porque são mais disponíveis ao diálogo. Observei que as meninas do Cria-ú ajudam suas ex-professoras na educação infantil em dias de festa na escola a servirem alimentação, brindes e a organizarem o ambiente da sala de aula para as crianças desta fase escolar.

Entre si, protagonizam conflitos dentro da escola. Algumas educandas do Cria-ú não aceitam muito bem as estudantes, vindas de outras comunidades e vice versa. O problema interpessoal não apresenta motivos claros. A resposta que obtive das estudantes do Cria-ú e de outras localidades foi de que “essas meninas são muito antipáticas”, por isso elas não gostam umas das outras.

Na realização de atividades esportivas como futebol de salão e queimada³⁶, as meninas que não tem afeição umas pelas outras ficam sempre em grupos opostos de competidoras do Cria-ú e de fora dele. Vale ressaltar que mesmo em disputas esportivas onde cada grupo deseja ser vitorioso não chegam a agressões físicas, muito embora o chaveco, tipo de ofensa verbal, olhares torcidos cheios de dizeres, sejam expressados com frequência por ambas as partes. Ressalto ainda que não são todas as estudantes do Cria-ú e de fora dele que

³⁶ O jogo de Queimada é organizado da seguinte maneira: divide-se dois grupos de pessoas, traça-se uma linha central dividindo os espaços de um e outro e mais outra conferindo uma distância razoável entre ambos. É o mesmo limite visto numa quadra de futsal, por exemplo. Só que essa brincadeira acontece na rua, na quadra em qualquer lugar que tenha dois grupos de pessoas dispostas a brincar. A pessoa de um grupo pega a bola de plástico com a mão e lança-a com força em direção ao outro grupo que pode agarrar a bola ou defender-se dela. Quando a bola que é arremessada pelo grupo adversário bate em alguém que não consegue agarrá-la, dá-se o nome para esse pessoa de queimada. Que deve passar imediatamente para o cemitério que fica atrás do limite da linha do outro grupo combativo. O grupo que ficar com mais pessoas após os consecutivos arremessos de bolas a fim de queimá-los ganha a brincadeira. Face a tradição dessa brincadeira em Macapá. Na atualidade, ela faz parte das modalidades esportivas dos jogos escolares, envolvendo as escolas da cidade, que são premiadas pela Secretaria de Desporto e Lazer do Amapá.

mantem-se nos seus grupos sociais sem querer interagir com as demais colegas de turma de outras localidades.

Na escola o conjunto de profissionais, insistem em continuar negando a presença do racismo em seu interior como espelho da sociedade em que vivemos, que desdobra-se em discriminação racial dentro e fora das instituições de ensino. Agindo assim perdem a oportunidade de pensarem em formas de combate a esse mal.

O racismo é uma crença na existência das raças naturalmente hierarquizadas pela relação intrínseca entre o físico e o moral, o físico e o intelecto, o físico e o cultural. (KABENGELE MUNANGA, 2004).

Na escola aqui pesquisada, observei as crianças trocarem entre si xingamentos do tipo: tu és uma macaca; sua preta feia; só podia ser preta mesmo, sai pra lá sua preta, esse cabelo é muito feio. Apesar desses exemplos e também do anterior da troca de ofensas verbais entre as estudantes do Cria-ú e de outras localidades que na minha opinião são manifestações claras do imaginário racista pelo qual as pessoas demonstram um comportamento hostil e de menosprezo em relação a características étnicas expressas pela estética e corpo de pessoas negras. No qual quem tem a pele mais clara exerce um certo poder e está acima de quem tem a pele mais escura. Uma técnica pedagógica e também uma professora da escola do Quilombo afirmaram não existir problema étnico nessa instituição de ensino e esse é mais um caso em que o silenciamento se sobrepõe a essa evidência.

Não. Não. Não. Até porque assim, o percentual de negros aqui é quase que 100%. E o racismo ao contrário dos negros pelos brancos, também não tivemos problema em relação a isso. (TÉCNICA PEDAGÓGICA).

O que hoje eu observo, nós temos uma clientela grande aqui na escola. Então tem alunos que são mais claros, mas eles são tão bons, tão bons que pra eles não há diferença (os educandos apontados vêm de outras localidades). A maior discriminação e preconceito parte dos próprios alunos aqui da comunidade. De um está chamando pro outro... (PROFESSORA DE ENSINO RELIGIOSO).

Mesmo diante da negação, pelas profissionais referidas, da existência de manifestações do imaginário racista na escola, manifestada pelos depoimentos acima em que no segundo a professora diz haver somente preconceito e discriminação entre os próprios educandos do Cria-ú. Considero que ambas não tenham clareza sobre o que expressam esses termos.

Compreendo que o preconceito étnico seja uma idéia que fazemos de uma pessoa, grupo de indivíduos ou povo, que ainda não conhecemos. É o tipo do sentimento ou opinião irrefletida que não tem nenhum fundamento racional. Preconceitos estão enraizados em todas as culturas, são difíceis de serem erradicados porque as pessoas são sempre mais inclinadas a ficarem com suas próprias idéias mesmo que, às vezes, sejam idéias falsas. O preconceito serve para justificar o injustificável, ou seja, o tratamento desigual e a discriminação que são dirigidos a indivíduos ou grupos.

Já a discriminação é a conduta que pode ser de ação ou omissão que viola direitos das pessoas com base em critérios injustificados e injustos tais como a raça, o sexo, a idade, a opção religiosa, a sexual e outras. Podemos considerar que a discriminação é em última análise a materialização do racismo, do preconceito e do estereótipo.

Na opinião de outros professores do Cria-ú, que mesmo confusos em relação aos termos, de certa maneira, não permanecem nulos diante desse problema e confirmam a presença do racismo e da discriminação racial na escola.

Sim. Casos isolados de racismo. A gente vê assim quando se fala em casos de discriminação até as próprias crianças muitas vezes não se aceitam. Tem aquela questão de se apelidar de cabelo duro, não querer fazer trabalho porque a menina é mais escurinha que eles. Eu já percebi isso e eu trabalho muito esta questão da auto estima, do aceitar-se como pessoa, me amar pela minha cor e olhar o outro também pra que ele possa se amar também. (PROFESSORA DE ARTES E PROJETOS).

Olha, o racismo assim, não. De racismo mais sério não. Mas eu o ano passado presenciei, até pelo fato dela ser uma menina no meio de oito alunos que era o caso da 8ª série. E só tinha uma menina, aí eu senti assim que eles perturbavam muito, discriminavam muito ela, sabe. Ela é da comunidade mesmo é a Joselane filha do seu Jaci. A eles diziam ' **me dá isso aqui sua preta** (em tom hostil). Aí saí do sério, disse que outra vez que ele se referisse a colega dele daquele jeito, eu ia botar ele pra fora da sala porque eu fiquei muito chateada. Perguntei pra ele qual era a diferença da cor dela para a dele. Aí eu fiquei assim (pausa) tomei as dores dela, digamos assim. Mas foi o único exemplo que eu presenciei. Se eu não me engano ele puxou assim o caderno da colega: **me dá isso aqui sua preta**, se referiu a colega como preta sabe. E é daqui da comunidade como ela. A professora eu tava brincando (respondeu o garoto). Disse que estava brincando com ela. É um tipo de brincadeira pesada, e ela poderia (pausa) não sei como ela por dentro poderia se sentir de ser chamada daquele jeito, por mais brincadeira que fosse. Pra ti falar a verdade esse foi o único caso assim. (PROFESSORA DE GEOGRAFIA. Grifo nosso).

Para descortinar o problema do racismo e da discriminação racial na escola e tentar enfrentá-los, fiz uso de textos e filmes, durante os encontros de formação, que tratam sobre o assunto falando de como esse mal se manifesta e o quanto milhares de pessoas sofrem com essas formas de violência diariamente na sociedade e nas escolas. Os materiais pedagógicos e o diálogo entre o coletivo de profissionais que trabalham na instituição escolar, fez várias pessoas, rememorarem suas dores e sofrimentos por terem sido vítimas ou terem presenciado pessoas de dentro e de fora de seu núcleo familiar vitimadas pela discriminação racial.

Muito choro, dor e tristeza envolveu ao coletivo diante da exposição dos colegas sobre o assunto e o sentimento de impotência e falta de reação no ato da agressão, fez a ferida sangrar novamente. Até nas pessoas que sequer perceberam que sofreram e sofrem com atos de discriminação racial.

Eu era chamada de pretinha. Porque perto dos meus irmãos, sabe: louros, altos e de olhos claros. Então, mesmo tendo a pele relativamente clara eu era (pausa) a única diferente sou eu. Eu não sabia (pausa) mais agente se incomoda. Talvez você só consiga perceber que incomoda o ser diferente com vinte anos de idade, com trinta anos de idade. Lá quando tinha alguém que dizia: a pretinha da (pausa) e dizia o nome da minha mãe. E talvez eu nem sabia dar uma resposta. Mas vem martelando na cabeça da gente essas coisas e derrepente chega um dia que você percebe que não gostou daquilo. Aí eu vim pra cá(escola do Cria-ú), num lugar que todo mundo é o que disseram que eu era, eu me identifiquei, simples assim.
(TÉCNICA PEDAGÓGICA).

Concluo destes fatos que as ideologias racistas estão muito difundidas na sociedade e que elas passam a ser reproduzidas pelo próprio meio na sociedade. Chegando ao ponto de negros agredirem negros usando do referencial racista.

Diante do acontecimento, fiz um pedido ao coletivo: por favor não sigam suas vidas permitindo que crianças e adolescentes negros continuem sofrendo com o racismo e discriminação racial na escola. Parem de fingir que o racismo, o preconceito e a discriminação étnica não existem. Precisamos enfrentar o problema principalmente pela educação porque acredito que ela, a educação, “carece de princípios éticos que orientem a prática pedagógica e a sua relação com a questão racial na escola e na sala de aula” (GOMES,2001) e também dentro das famílias.

Portanto, usemos nossa vontade como motor essencial e meio de todo e qualquer processo de construção intelectual, artística, cultural ou de qualquer natureza e também para o enfrentamento dos problemas no chão da escola. Ela, a vontade, deverá estar aliada às condições concretas e favoráveis, do contrário pouco poderá ser feito. Entretanto, tendo-se as

condições favoráveis e faltando a vontade de fazer, a recíproca também é verdadeira (SILVA, 1996). Estes problemas embora identificados e trabalhados permanecem sem solução. Apenas os trabalhos realizados não foram suficientes para eliminá-los.

4.2.3 A direção da escola

A escola da comunidade é administrada há oito anos pela mesma pessoa que já foi professora das Escolas Estaduais: São Benedito localizada no bairro do Laguinho e Maria Neuza do Carmo sediada no bairro Jardim Felicidade I. Há vinte e quatro anos trabalha como professora na rede pública de ensino de Macapá, lotada pelo Governo do Estado do Amapá. Trabalhou na escola do Quilombo de 1985 a 1990 como professora, tendo trabalhado em outros lugares e, desde 2001 até 2010 está como diretora desse estabelecimento de ensino.

A diretora tem suas raízes familiares dentro do Cria-ú e frequenta as festas tradicionais e os eventos que ocorrem dentro desse Quilombo. Quanto a sua formação acadêmica é Pedagoga e Pós Graduada (*Lato Sensu*) em Gestão Escolar. É relevante mencionar que esse seu envolvimento e participação no cotidiano da comunidade acrescenta sobremaneira não só em termos de conhecimentos sobre a localidade, mas sobretudo a visão e atitudes valorativas que ela poderá insentivar nos professores e técnicos que não são descendentes do Quilombo e aos que são, por intermédio de trocas compartilhadas de conhecimentos, poderão enriquecer o ensino e a aprendizagem escolar e humana dos educandos que estão formando e deles (as) próprios (as).

O cargo de gestor (a) de escolas é um lugar de poder expressivo e portanto não podemos cair no equívoco de vermos esses profissionais como puramente técnicos. Alguns acabam reforçando e reafirmando determinantes concretos da prática educativa que apoderou-se do currículo, a serviço das ideologias dominantes dentro da sociedade e, determina as práticas didático- pedagógicas nas escolas sem respeitar a diversidade presente na sociedade brasileira.

Não podemos esquecer que boa parte desses profissionais estão, em sua maioria, pela participação efetiva ou pela omissão e inocência, articulados com as estruturas econômicas, políticas e sociais à serviço de um pequeno grupo em detrimento de um corpo maior de pessoas dentro da estrutura de poder vigente.

Para Silva (1996), o desempenho do (a) gestor (a) de uma unidade escolar constitui-se um dos pilares fundamentais do cotidiano desta instituição. Sem partilhar da crença que tal profissional é o responsável único e exclusivo pelo sucesso e/ou fracasso da

escola, acredita-se, contudo, que seu trabalho é essencial para o pleno desenvolvimento dos objetivos educacionais.

O (a) gestor (a) escolar, para que possa exercer adequadamente a sua atribuição, precisa enxergar a escola como um conjunto organizado à serviço do grupo dominante, no qual atuam forças diferentes que devem ser ordenadas, controladas e democratizadas de modo a permitir o alcance dos objetivos desejados dentro da realidade plural educacional.

A direção escolar é a mediadora entre a escola e a sociedade, compreendendo-se esta mediação num sentido de dialeticidade, de troca recíproca entre ambas, onde existem vinculações estreitas, uma vez que elas são espaços sociais e, portanto determinadas historicamente e sujeitas às vicissitudes da prática humana (KERTÉSZ, 1992).

Por isso, o autor Paro (1993), menciona que a direção escolar cabe o papel de “coordenar” as atividades administrativo-pedagógicas escolares. Isto significa num primeiro momento trabalhar de forma articulada com todos os setores da instituição na busca por construir ou mesmo ampliar os espaços de participação dentro e fora das unidades de ensino na procura diuturna da cidadania nas relações sociais. O ideal para Paro, é uma co-responsabilidade de todos que fazem a escola, onde a colaboração entre os segmentos deste estabelecimento de ensino e grupos étnicos da sociedade seja uma realidade.

Face ao relevante papel da direção escolar como vimos anteriormente, durante os seminários e encontros de formação que desenvolvemos na escola José Bonifácio do Cria-ú, a direção teve participação ativa dentro dos estudos coletivos que realizamos na escola por acreditar que o conhecimento que estava adquirindo iria ajudá-la a melhorar sua visão e prática administrativa e currículo da escola, expressando que os conhecimentos apreendidos a fez entender o quanto é importante conhecer e preservar a cultura local.

Em diálogo com a diretora sobre os conteúdos vivenciados e os textos distribuídos em tais encontros de formação, analisando o conteúdo de suas respostas torna-se evidente o quanto o conhecimento adquirido ajudaram-na a pensar as relações interraciais e de valorização da história e cultura afroamapaense no cotidiano da escola. Essa mudança de percepção está expressa em sua fala: “a partir da aquisição de novos conteúdos através dos textos recebidos ficou mais fácil compreender sobre a temática.” (DIRETORA DA ESCOLA).

A seguir apresentarei um conjunto de perguntas e respostas direcionadas a diretora da escola a fim de facilitar a compreensão de como foi desenvolvida a pesquisa-intervenção e quais mudanças qualitativas foram promovidas no pensamento, atitudes e comportamentos de alguns profissionais da escola do Quilombo.

Pergunta: Como você, diretora, se avalia e avalia a participação dos técnicos, professores e funcionários da escola nos encontros de formação?

Resposta: Estou interagindo com os demais numa troca de conhecimento. Com relação aos outros funcionários avalio-os estando em formação.

Pergunta: Contribua com sugestões para melhorarmos o andamento dos encontros de formação.

Diretora: Mais envolvimento da comunidade escolar. Mais tempo para a realização das atividades. Reuniões mais frequentes.

Pergunta: Diga se e como você pode ajudar no processo?

Diretora: Incentivando a comunidade escolar a participar.

Pergunta: Do que você gosta e não gosta dentro dos encontros de formação?

Diretora: O que não gosto é da falta de interesse de alguns funcionários.

Pergunta: Avalie a direção, corpo-técnico e professores (as) dentro do processo de formação.

Diretora: Todos em processo de aprendizagem. Eu em particular estou aprendendo muito com todas as atividades realizadas.

Pergunta: Avalie a colaboradora dentro do processo de formação.

Diretora: Está sendo de fundamental importância para a compreensão de conhecimentos relacionados a cultura afro.

Pergunta: O que você, diretora, pode fazer para melhorar a participação da comunidade escolar nos encontros de formação?

Diretora: Sensibilizar os funcionários objetivando a compreensão dos mesmos sobre a filosofia de trabalho da escola.

Pergunta: Qual é a filosofia adotada pela escola para educar e formar seus (as) educandos (as)?

Diretora: Educar os alunos para reconhecer e preservar a cultura local.

Pergunta: Como você se sentiu trabalhando numa escola de Quilombo?

Diretora: Eu me sinto envolvida e motivada a realizar um trabalho diferenciado.

Pergunta: Quais são as dificuldades que você como gestora enfrenta junto aos professores e demais funcionários da escola?

Diretora: Falta de compromisso. Rotatividade de alguns (mas) professores (as). Resistência de outros (as) frente ao trabalho pedagógico desempenhado pela escola.

Pergunta: Quais são as singularidades da escola?

Diretora: Está situada num Quilombo, onde o mesmo possui uma cultura local a ser preservada.

Desde que iniciei os trabalhos de pesquisa na escola do Cria-ú, procurei fazer várias observações cautelosas sobre o seu cotidiano, também formular proposições utilizando palavras que facilitaria a compreensão pelos funcionários da instituição escolar sobre os encaminhamentos didático-pedagógicos pretendidos com a investigação.

Elaborei questionário com perguntas relativas à existência de uma filosofia de trabalho na escola. Mesmo a resposta da diretora apontando para uma possível existência de uma filosofia que na prática não observei. Cada professor, direção e corpo – técnico trabalhavam sem direcionamento nas atividades didático-pedagógicas coletivas na escola. Nos encontros de formação desenvolvidos com os segmentos do estabelecimento de ensino do Quilombo e na avaliação dos avanços e retrocessos da pesquisa – intervenção realizada na escola, a filosofia foi construída coletivamente. Na atualidade, vigora as conclusões resultantes desse trabalho de formação e a filosofia que norteia a práxis escolar está afixada em um mural localizado na entrada principal da escola do Quilombo.

Destaco a participação da diretora no cotidiano da comunidade como algo relevante e diferencial porque ela consegue apreender aspectos basilares do modo de ser, pensar e agir das pessoas do Cria-ú e isso faz grande diferença no momento da abordagem instrutiva a professores e educandos de dentro e de fora do Quilombo sobre o que é ser filho (a) e ou descendente desse lugar ancestral e mesmo ter o Cria-ú como patrimônio histórico, cultural, material, natural e imaterial do Amapá.

Um problema grave que a escola enfrenta é a rotatividade de professores. Na metade do ano de 2009, primeiro semestre, seis professoras da educação infantil e ensino fundamental de 1º ao 4º ano foram removidas a pedido da secretaria Estadual de Educação, porque haviam feito concurso público para outras localidades do Estado do Amapá e estavam, portanto, deslocadas da sede de seus trabalhos, ocasionando, portanto, prejuízos à educação de crianças da zona rural do estado.

A remoção das professoras da escola foi prejudicial porque elas estavam há bastante tempo participando dos Encontros de Formação e desenvolvendo sua atividade escolar com sucesso com seus (uas) educandos (as), sendo propositivas e buscando novas possibilidades de ensinar-lhes novos conhecimentos indispensáveis para suas trajetórias escolares, acadêmica, humana e para a vida dentro e fora do Cria-ú: tendo como princípio norteador saberem quem são, como quilombolas e negros (as), filhos (as) do Cria-ú e do

Estado do Amapá. E, acima de tudo, aprenderem a gostar, respeitar e se orgulhar de si e de sua comunidade.

Mas, por outro lado, acredito que por onde essas professoras forem, o conhecimento que aprenderam, irão levar consigo dando novos contornos e movimentos de acordo com a realidade a que estiverem ligadas. O que aprenderam irá espalhar-se pelo Estado do Amapá e acredito que provocará mudanças nas escolas e, sobretudo, nas crianças e adolescentes negros (as) e não negros (as) que estiverem lotados (as) nesses estabelecimentos de ensino, dos quais, sem dúvidas, tais professoras serão coresponsáveis por formar em todos os sentidos.

Nos três meses que antecediam o final do ano letivo de 2009, novas professoras chegaram à escola em substituição as que foram removidas. A direção, corpo-técnico com a minha participação, procuramos acolhê-las muito bem, como de costume e, também orientá-las sobre a singularidade da escola em que iriam trabalhar, dentro de um Quilombo. Foram informadas do que acontecia e estava acontecendo na escola para que pudessem se aclimatar com a nova realidade e também nos colocamos à inteira disposição de todas para auxiliá-las em seu fazer didático-pedagógico que deveria afinar-se com a filosofia educacional e currículo da escola.

Elaborei um questionário solicitando algumas informações sobre as professoras recém-chegadas à escola, para que sabendo quem são, formação acadêmica, experiência profissional e sobre o que conhecem sobre Quilombos, em especial o do Cria-ú. Isto para que tivéssemos condições de orientá-las no processo de formação que a comunidade escolar estava desenvolvendo.

Além da rotatividade de professores, temos como desafio vencer a resistência de outra parte do grupo, que quase sempre ficam preso ao que aprendeu em sua formação acadêmica, como mencionou anteriormente a Diretora da escola. Acreditamos que não percebe a necessidade de acumularem novos conhecimentos e modificar seus planejamentos, prática didático-pedagógica. Se necessário também modificar sua postura docente, quanto ao uso de conteúdo obsoleto, preconceituoso, discriminatório, machista, sexista, racista e que, portanto, acabam sendo danoso à formação de valores, instrucional, moral, religiosa e para a significação da identidade territorial e étnica dos educandos. Fazendo inclusive com que essas pessoas não queiram permanecer e não tenham olhares otimistas para o momento presente e futuro de sua comunidade.

Para problematizar o que digo, trago o exemplo de um professor de 5º ao 8º ano da escola que, na tentativa de querer que os estudantes prestassem atenção em suas explicações

sobre a matemática, perguntou-lhes se “*queriam puxar carroça como seus avós e pais*”, que trabalham na agricultura de subsistência na comunidade. Com o exemplo, segundo o professor, bem intencionado, ele não conseguiu dimensionar a carga ideológica presente em seu discurso depreciativo sobre a realidade vivida pelos educandos. Logo, algo a não ser seguido, sinônimo de pobreza e desvalia. Com essa fala perigosa e estigmatizante, o matemático disse diretamente aos estudantes que viver no Cria-ú não lhes dará futuro algum e portanto, devem deixar a comunidade para que tenham a chance de um futuro melhor na vida e profissional. Infelizmente, esse não é um caso isolado na educação brasileira, ao contrário ele se repete diariamente nos espaços escolares de todo país.

Alguns profissionais de educação não mensuram que suas palavras, às vezes, são uma engrenagem a mais empurrando mais pessoas para o pânico, pobreza extrema, criminalidade e inchaço populacional nas capitais. Esses profissionais não conseguem enxergar que viver no campo ou na zona rural tem inúmeras vantagens em relação a viver na cidade, por exemplo, paz de espírito, lugar onde morar, e terra para plantar seu alimento, criar os filhos e envelhecer entre parentes e amigos, dentre inúmeros outros. As vantagens destacadas são apenas alguns aspectos que já seriam o suficiente para os professores incentivarem-nos a permanecerem no Quilombo e a lhes apresentarem profissões que ajudem a melhorar a vida na comunidade para si e seus conterrâneos, assim como, para as gerações futuras.

Portanto, a atualização e a formação continuada para os professores é indispensável para que possam reelaborar sua prática escolar, seu modo de agir, pensar, falar e atualizá-la para estar atenta à dinâmica da sociedade e novos valores que se inserem em seu cotidiano. Algumas vezes vemos que “ há um vazio ainda não preenchido quanto à forma como vivíamos antes e à forma como necessitamos viver hoje” (DOWBOR, 2008, p.105). É como se, por causa da avalanche de mudanças, não conseguíssemos acompanhar o ritmo acelerado do mundo, fato este que nos invade de sensações de perda de sentido e nos torna inseguros (as) sobre o que se pode ou não fazer, sobre o que é e não é válido como comportamentos, valores sociais, morais, religiosos e educacionais.

No caso do Quilombo do Cria-ú e das comunidades tradicionais como um todo, temos outra realidade que deve ser percebida pelo professorado, para que esses grupos humanos sejam vistos e respeitados como sujeitos sociais que vivem amparados por valores e princípios morais, sociais, religiosos e humanos que herdaram de seus ancestrais e que lhes servem de base para a construção de outra visão de mundo, de vida e de seus territórios.

4.2.4 Secretária administrativa da escola do Cria-ú

Esse setor da escola é composto pela secretária escolar que há dez anos trabalha nesta função. Possui o 2º Grau em Magistério. Pela carência de professores, já desempenhou a função também de professora na escola dos componentes curriculares artes e ensino religioso. Trabalha oito horas corridas diariamente. Conversando com ela, mulher negra, referência para sua família, deparei-me com uma pessoa responsável por seu trabalho, cuidadosa com a sala em que desempenha suas funções técnico-administrativas, sempre decorada com capricho, sisuda algumas vezes e prática, ou seja, resolve os problemas relacionados as suas atribuições funcionais com dinamismo e responsabilidade. Na ausência da diretora da escola, ela encaminha algumas soluções referentes a problemas administrativos desta.

A conversa com essa profissional da escola trouxe-me informações administrativas importantes sobre a escola local. No ano de 2009, foram matriculados ao todo 302 estudantes, sendo 270 do 1º ao 8º ano e 32 na educação infantil. Felizmente, o índice de evasão escolar é baixo, porque segundo a secretária, são poucos alunos que param de estudar e quando isso acontece, é pelo motivo de mudança de emprego dos pais que leva a família a ter de mudar de endereço. Mesmo diante do pequeno número de estudantes que interrompem seus estudos, a escola tenta intervir junto às famílias, procurando convencer os responsáveis a deixarem o (a) estudante concluir o ano letivo para que não tenha prejuízo em seu desenvolvimento educacional.

No Quilombo do Cria-ú, no passado, os casamentos eram no mesmo grupo familiar e creio que, por isso, tem-se dentro desse território uma família praticamente inteira com deficiência física e neurológica a exemplo de outras que têm uma ou outra pessoa com as mesmas características. Regularmente matriculado na escola, tem apenas uma criança com deficiência no segundo ano. Duas professoras desenvolvem suas funções específicas, no reforço escolar, para o educando com deficiência e demais que apresentam dificuldade de aprendizagem, uma atua pela manhã e a outra no turno da tarde.

A secretária e eu conversamos longamente sobre as crianças da escola e, para ambas, a educação especial é um tema que também precisa ser debatido e estudado coletivamente na escola, porque tanto a criança com deficiência e as que apresentam dificuldade de aprendizagem estão frequentando as salas comuns na escola e toda a comunidade escolar precisa conhecer sobre esse campo de conhecimento específico para melhor educar as crianças como um todo da escola, a fim de que possam conviver com mais respeito, companheirismo e afetividade entre si.

A secretária repetiu várias vezes que a escola do Cria-ú tem muitas necessidades, como a educação especial, dentre outras, e que às vezes se tornam difíceis alguns encaminhamentos na secretaria da escola face à falta de compromisso (do professorado) em entregar a documentação no prazo, por exemplo as cadernetas e os canhotos com as notas dos (as) educandos (as). Só (entregam) através de muitas cobranças.

O desenvolvimento de conversas frequentes com a secretária foi importante para a minha percepção do momento mais propício de perguntar-lhe sobre o trabalho de formação coletiva realizado na escola, no qual ela não pôde participar de todo processo devido, segundo ela, a incompatibilidade com seu horário corrido de oito horas de trabalho. Seguem abaixo algumas perguntas e respostas utilizadas no diálogo com a secretária da escola.

Pergunta: Você sabe qual é a filosofia de trabalho da escola?

Secretária: Trabalhar resgatando a cultura afrodescendente, valorizando a cultura local.

Pergunta: Você foi informada sobre os encontros de formação realizados na escola no semestre passado e início deste semestre?

Secretária: Sim.

Pergunta: Por que você não participou?

Secretária: Devido ao horário, pois estou aqui nos dois turnos e afinal sou humana e 08 horas direto (de trabalho) é cansativo.

Pergunta: Por que as representações de pessoas, que você utiliza no material visual para divulgação de datas comemorativas na escola, são unicamente de pessoas brancas?

Secretária: Já foi assim, porém hoje já mudei a forma de utilizar este material visual. Quando sugeriram (nos encontros de formação) uma forma de expressar a nossa negritude (também pelos cartazes, painéis, quadros de aviso e decoração da escola).

Pergunta: Você gosta de trabalhar na escola? Justifique sua resposta.

Secretária: Sim. Aqui foi a escola para onde vim há 10 anos, mostrando o que sabia e com muita disposição para aprender. Só que, quando mostramos esses “dons”, ninguém mais sabe fazer nada e isso se torna rotina. Mas estou tentando encontrar um pouco de gás para não deixar que o comodismo tome conta de meus atos. Vou procurar mudar. *PROMETO E PROMESSA É DÍVIDA.*

As repostas da secretária da escola evidenciam que temos um quadro positivo da escola do Quilombo em relação a vários aspectos se comparada a outros contextos escolares. Felizmente, as crianças e adolescentes em baixo número são obrigados a evadirem-se da escola e o motivo é a mudança de endereço. Em resumo, ao longo do ano letivo, poucos param de estudar.

A escola abriga estudantes da zona urbana e de outras comunidades vizinhas ao Cria-ú. Aspecto relevante para ambos, no aprendizado das subjetividades e singularidades de cada um por nascerem, serem criados e viverem em realidades histórico-socio-culturais distintas. A possibilidade de as conhecerem os enriquecerão na ampliação de sua visão de mundo e das distintas culturas.

Outro destaque é para a realidade dos educandos (as) da comunidade que estão frequentando e ou já frequentaram a escola na educação infantil e estão cursando o ensino fundamental, portanto, sendo alfabetizados ou já alfabetizados, dado importante para que no futuro haja a eliminação do analfabetismo nas futuras gerações de criouenses.

A inclusão de crianças com deficiência nas salas regulares, com acompanhamento das professoras de educação especial em sala normal é relevante abordar, mesmo porque uma das professoras é deficiente física e tem deficiência também na fala. Em conversa com essa professora, perguntei como uma criança com deficiência deve ser educada numa sala regular? Ela me respondeu que “deve ser tratada normalmente e ser vista como uma pessoa com capacidades que precisa ser estimulada a descobrir suas potencialidades. As limitações que apresentam não devem ser empecilho para que sigam adiante e sejam incluídas na vida cotidiana das sociedades”. Esse é um tema que também precisa fazer parte da formação e formação continuada dos profissionais da área da educação em todo o Brasil.

A secretária da escola, quando inquirida sobre as representações humanas que utilizava no material visual que produzia na escola serem unicamente de pessoas com o fenótipo branco (a) disse **agora não é mais assim**. Felizmente, porque ela participou de um e outro Encontro de Formação e mesmo sua presença sendo esporádica, ajudou-a a ver as mensagens que estavam implícitas nas imagens que utilizava. E que reforço positivo elas faziam ao processo ainda vigente de exclusão, discriminação, negação do ser negro (a), desprovidos de beleza física e plástica (rosto) e racismo frequente na realidade de nosso país e que se cristaliza na escola.

Enfatizei, por várias vezes, aos partícipes dos encontros de formação que não se tratava agora, pelo dispositivo da Lei nº 10.639/03, de sairmos da dinastia branca para entrarmos na dinastia negra. Ao contrário, a lei nos ajuda a pensarmos o Brasil multiétnico

como ele é verdadeiramente, mas que todas as pessoas sejam vistas, reconhecidas, valorizadas, evidenciadas e exaltados com a mesma grandeza. E que recebam os mesmos elogios e enaltecimentos de outros grupos étnicos. Precisamos modificar a realidade atual em que os brancos, primordial e uniformemente são reconhecidos com valor na sociedade em detrimento dos demais grupos humanos.

Finalmente, escutei da secretária seu comprometimento em mudar sua prática, enfatizando que promessa é dívida. Essa fala da entrevistada deixou claro que algo havia mudado em sua consciência e que ela começou a refletir sobre a relevância e o perigo que as mensagens dos murais e cartazes da escola diziam e representavam para a aquisição e significação positiva da consciência identitária como negros e quilombolas aos estudantes.

Ela entendeu que, para mudarmos, precisamos enxergar que estamos agindo e trabalhando de maneira incorreta e de que nossos atos, mesmo supostamente inocentes, podem vitimar pessoas; matando-as em seus sentimentos, sonhos, eliminando a chance de olharem-se e gostarem-se como são, impedindo-as de serem-se representadas socialmente ocupando lugares de excelência e destaque positivo; formando-as mal nos bancos escolares e seio familiar. Esses nossos atos desastrosos ajudam diariamente a fabricar pessoas desprovidas de valores e princípios de respeito, valorização, orgulho e equilíbrio emocional e psicológico. O nosso grande desafio como educadores (as) é, dentre outros aspectos, ensinarmos aos (as) educandos (as) a se amarem respeitando suas diferenças.

4.2.5 Responsável pela biblioteca

A professora responsável pela biblioteca é Pedagoga e pós-graduada em Psicopedagogia (*Lato Sensu*). Há 27 anos trabalha na área da educação e já foi professora na Escola Estadual Nazaré da Pedreira (na localidade do Lontra da Pedreira), Escola Estadual Elesbão (Município de Santana) e Escola Estadual Joanira Del Castilho. Trabalha na escola do Cria-ú há cinco anos.



Figura 42: Encontro de Formação na Biblioteca da Escola Estadual José Bonifácio
Fonte: Piedade Videira

A biblioteca é um dos espaços mais frequentados na escola. Não posso afirmar que todas as pessoas que para lá vão, fazem leitura e buscam novos conhecimentos com o auxílio dos livros. Esse fluxo intenso tem várias razões, por exemplo: a professora responsável por esse espaço na escola é bastante solícita, relaciona-se bem com os educandos, professores, direção, técnicos administrativos, agentes de segurança e comunidade em geral, além de comercializar roupas e peças íntimas para seus pares na escola. Esse jeito de ser da entrevistada interfere na circulação de pessoas na biblioteca.

Tal espaço serve ainda para reuniões e grande parte dos encontros de formação foram realizados nesse local. A pintura desta sala é muito bonita, o artista plástico local conhecido pela alcunha de Rose e artisticamente com M. Silva, fez uma obra sobre os hábitos culturais do Cria-ú, vide a foto na capa desta tese.

Sobre o acervo de livros, principalmente os que enfatizam as relações étnicas brasileiras, a educação em Quilombos e as diversas contribuições da população negra brasileira para a sociedade abrangente e local é praticamente inexistente. A carência dessas obras dificulta o trabalho da escola como fala-nos a responsável pela biblioteca: *“Como trabalho na biblioteca, minha dificuldade é com relação ao acervo literário voltado para essa temática. Em nossa biblioteca, tem pouco conteúdo, mas quando sinto a necessidade, vou em busca em outras bibliotecas”*.



Figura 43: Crianças brincando na Biblioteca da Escola

Apesar do grande acervo literário publicado com diversas abordagens sobre a presença e contribuição basilar dos africanos e afrodescendentes para o desenvolvimento de nosso país, essas obras não chegam facilmente em todas as regiões brasileiras. Até mesmo o acervo sobre o tema que é lançado e distribuído gratuitamente pelo MEC/SECAD, não nos chega como deveria. E quase sempre não é entregue à escola, mesmo tendo a especificidade de ficar dentro de um Quilombo. Para minimizar o problema, efetuamos a compra desse acervo literário e socializamos com nossos pares na escola.

A seguir, apresentarei algumas perguntas e respostas feitas àme Prof. Socorro Lino, que teve presença praticamente assídua nos encontros de formação realizados na escola. Seu depoimento explicita-nos alguns resultados positivos alcançados com o desenvolvimento da pesquisa-intervenção realizada.

Pergunta: Qual é a filosofia adotada pela escola para educar e formar seus (as) educandos (as)?

Resp. pela biblioteca: Conhecer e valorizar a história, a identidade étnica e cultura local, de modo a contribuir na formação de seres humanos responsáveis em conservar valores indispensáveis a sua formação plena (Esta é a filosofia construída coletivamente na escola).

Pergunta: Você se afina ou não com a filosofia adotada pela escola?

Resp. pela biblioteca: Sim. Porque me identifico e me sensibilizo com questões locais e acredito fervorosamente nas mudanças, que, mesmo sendo gradativas, já são perceptíveis, como por exemplo a participação das crianças nos eventos culturais que envolvem a ladainha, Batuque e Marabaixo e principalmente a autoestima que antes ela era muito baixa (nos educandos).

Pergunta: Você participou das encontros de formação docente?

Resp. pela biblioteca: Sim. Participei de quase todos. E afirmo que esses encontros contribuíram de forma significativa, onde várias dúvidas foram esclarecidas, de modo a ter-se melhor compreensão dos assuntos explanados e colocá-los em prática com algumas sugestões dadas.

Pergunta: Os conteúdos dialogados e os textos distribuídos ajudaram ou não, você a pensar as relações interraciais na educação antirracista e de valorização da história e cultura afroamapaense no cotidiano da escola, a partir da implementação da Diretriz que postula a Lei Nº 10.639/03. Justifique sua resposta.

Resp. pela biblioteca: Sim. Sim. Houve mudança de postura em relação a alguns conteúdos ministrados, porém meu maior aprendizado foi em relação às cotas, onde até a vinda do Palestrante Dr Henrique Cunha, eu não tinha argumento nem para discuti-la nem tampouco defendê-la.

Pergunta: Avalie-se dentro do processo de formação.

Resp. pela biblioteca: Avalio-me como alguém que está sempre em busca de novos conhecimentos em que os vejo como desafios que vêm provocar mudanças em minha prática.

Pergunta: Avalie a colaboradora do processo de formação.

Resp. pela biblioteca: A colaboradora conduz seu trabalho com competência, compromisso, seriedade e com muito amor ao tema focado, levando-nos a nos sentirmos com garra para defender com dignidade e bravura nossa identidade étnica.

Pergunta: Contribua com sugestões para melhorarmos o andamento do processo de formação.

Resp. pela biblioteca: Sugerir o quê? Se temos você como colaboradora que, mesmo distante, deixa-nos sua “presença ausente” para superar qualquer dificuldade que venha surgir dentro do enredo abordado.

Pergunta: Diga se e como você pode ajudar no processo?

Resp. pela biblioteca: Com minha atuação e participação.

Pergunta: Como você se sente dentro do processo de formação?

Resp. pela biblioteca: Como aprendiz. Cada dia aprimorando meus conhecimentos e os colocando em prática no cotidiano da escola.

Pergunta: Do que você gosta e não gosta dentro do processo de formação?

Resp. de biblioteca: Gosto da abordagem das temáticas.

Empenho e dedicação da colaboradora. Das mudanças de atitudes de alguns colegas com relação à prática pedagógica. Palestras. Não gosto da falta de compromisso de alguns colegas.

Pergunta: A sua participação nos encontros de formação ajudaram ou não você a melhorar sua visão e prática didático-pedagógica e administrativa na escola? Justifique sua resposta.

Resp. pela biblioteca: Sim. Os encontros de formação docente proporcionaram-me grande aprendizado, contribuindo de forma positiva para eu ter melhor desempenho e melhor compreensão e muita vontade de colaborar e realizar junto com nossa equipe um trabalho além de prazeroso, justamente embasado na formação que recebemos.

Pergunta: Avalie a direção, corpo-técnico e professores (as) dentro do processo de formação.

Resp. pela biblioteca: Hoje o grupo está caminhando lentamente, tentando superar dificuldades que são exigidas pelo processo.

Pergunta: O que você conhece da comunidade?

Resp. pela biblioteca: Do Cria-ú conheço os costumes e cultura. E estou inserida dentro da comunidade por sentir prazer e amor em ter minha identidade étnica como a deles.

A fala da professora responsável pela biblioteca explicita as mudanças ocorridas na escola e suas contribuições positivas ao cotidiano educacional local. Entre tantos aspectos, destacamos a maneira como os (as) educandos (as) estão portando-se diante de sua cultura. Era comum percebermos a falta de participação das crianças e juventude local nas festas tradicionais realizadas pela comunidade. Alguns até se deslocavam até o local dos festejos, olhavam, mas ficavam de longe não entravam na roda para dançar e tocar os instrumentos utilizados nos Batuques e Marabaixos.

Até mesmo na escola, tinham vergonha de participar das danças sobreditas sob a alegação de que “era dança de velhos e estavam com vergonha de dançar”. Algumas vezes aceitavam ensaiar cantigas (Marabaixo) e bandaias (de Batuque) para alguma apresentação na e fora da escola e na hora “H”, diziam que não iriam se apresentar e a resposta recorrente, tinham vergonha de dançar o Marabaixo e o Batuque pelos motivos já explicitados.

Tal constatação, preocupante, motivou o enfrentamento ao problema por parte da comunidade escolar, principalmente direção, corpo-técnico e professores (as) da escola. Foi idealizado então pela Professora Irene Bonfim o Projeto Cria-ú Mostra Tua Cara, para ser trabalhado com as crianças da educação infantil que demonstraram em desenhos e reafirmaram em suas falas, a negação a cor de sua pele e a tudo que ela representava, pintando-se de branco e desejando assim sê-lo.

Desde o ano de 2003, esse trabalho de valorização das raízes e das pessoas mantenedores da história e cultura do Quilombo do Cria-ú iniciou na escola, voltado para a educação infantil e, em seguida, detectado o mesmo problema com os (as) adolescentes da comunidade, expandiu as ações do projeto para os educandos em geral.

No Ensino Fundamental, o conteúdo passou a ser trabalhado no componente curricular *Projetos* que recebeu a denominação de *Canto de Casa*, que cada turma, ao longo da semana, tem duas horas aulas voltadas especificamente para o aprendizado sobre as contribuições da população negra à sociedade brasileira e também aborda alguns aspectos da cultura do Quilombo.

Antes do desenvolvimento da pesquisa-intervenção na escola, eu havia participado de algumas programações culturais nessa instituição de ensino com a Companhia de Dança Afro Baraka, no mês de novembro do Projeto Cria-ú Mostra Tua Cara, por ocasião das comemorações nacionais em homenagem ao grande líder negro da história de nosso país, Zumbi dos Palmares. Nesta data, identifiquei alguns problemas em seu processo didático-pedagógico. Pude deduzir que as posturas dos (as) professores (as), educandos (as), comunidade escolar (intra e extraescola) influenciavam, por conseguinte, as atitudes e

comportamentos de distanciamento e desvalorização dos educandos, principalmente os adolescentes diante da sua cultura.

Os (as) professores (as), diretamente envolvidos tanto no Projeto “Cria-ú Mostra Tua Cara” quanto no “Canto de Casa”, percebiam que a “vergonha e outras vezes recusa direta” dos estudantes em participarem das atividades que promoviam na escola, os remetia para a necessidade de dialogarem e tentarem resolver o problema. Foi quando a professora de ensino religioso contou-me que a diretora, ela, a professora de projetos, responsável pela biblioteca começaram a dançar junto com as crianças e jovens, na tentativa de demonstrarem que valorizavam e também se orgulhavam de participar dos Batuques e Marabaixos junto com eles (as).

A partir daí, começaram a perceber que haviam encontrado uma maneira eficaz de combater a vergonha sentida pelos (as) educandos (as) quanto as suas expressões culturais, não os deixando sozinhos nas apresentações. Compreenderam que, quando participavam, causavam um novo interesse nos estudantes.

Observei que, ao realizarem apresentações culturais, os estudantes do Cria-ú mantinham-se o tempo todo com o rosto voltado para baixo, fugindo do contato direto com os olhares dos espectadores. Face a essa constação, fiz a orientação a educandos e professores sobre a postura corporal que devemos ter ao dançarmos em apresentações culturais como exibição para as pessoas. Disse-lhes que deveriam dançar e cantar com orgulho de serem quem são, negros e negras, e de representarem o Quilombo do Cria-ú. Dançar e cantar sorrindo o tempo todo, porque, além de muito bonitos (as), dançavam muito bem e, por meio da dança, comunicavam-se com as pessoas.

Passei a ponderar com os (as) professores (as), direção e corpo-técnico da escola sobre a importância de arrumarmos as crianças, pentear-lhes os cabelos (das meninas que não estivessem trançados), cuidarmos de seus trajes típicos. Que mesmo sendo simples, deve estar o tempo todo limpo e passado a ferro.

Para que conseguissem entender na prática o que eu estava falando e o quanto a arrumação influencia na autoestima das pessoas, passei a realçar a beleza dos cabelos das meninas que vinham com ele arrumados com tranças e também das demais que estavam sem elas. Fazia-lhes uma maquiagem leve, utilizando pó facial (específico para pele negra e ou morena), sombra de acordo com a cor da roupa que estavam usando e um batom (brilho labial).

Como parte da atenção especial que as crianças e adolescentes recebiam em momentos de apresentação cultural, as meninas eram maquiadas e em seguida ficavam diante

do espelho para admirarem sua imagem refletida que, independente da maquiagem, evidenciava ainda mais a beleza delas. Na oportunidade, eu, professores, diretora tecíamos às meninas vários elogios, reforçando positivamente sua negritude em seus vários traços fisionômicos. A resposta positiva vinha de imediato pelos largos sorrisos e pela nova postura corporal que imprimiam diante de todos (as) de mais confiança e orgulho de si. O mesmo cuidado era dado aos meninos.

Depois de arrumados (as), a ansiedade para se apresentarem tomava conta de todos (as). Aproveitei os momentos de espera para fotografá-los (as) e permitir que vissem suas imagens refletidas no visor da máquina digital. Repetidamente enchia-lhes de elogios positivos, relacionados a seus cabelos, rostos, corpos e as respostas de imediato transbordavam deles (as), da diretora, professoras, de mim, ambos transformados em orgulho extasiante pelas nossas crianças.

Antes de subirem ao palco ou dançarem em espaços físicos que não têm palco, eram orientados (as) a dançarem sorrindo, com vontade (energia corporal), cantarem forte, alto e abrirem a roda para que os passos da dança realizados fossem vistos pelas pessoas e elas pudessem aprender a dançar o Batuque. E quanto à música, as professoras levavam CD gravado com as bandaias de Batuque e os meninos acompanhavam tocando os instrumentos. Analisando as apresentações culturais dos educandos, entendi que lhes ensinar a tocar ritmado, cadenciado, bem como cantarem em harmonia com os instrumentos sem o auxílio do CD. Considerando que as crianças vêm da Raiz do Batuque, é fundamental que expressem toda a força de sua cultura, tocando e cantando ao vivo.

Com o desenvolvimento dos projetos voltados para o ensino, aprendizagem e valorização da cultura local, bem como sensibilização aos idosos da comunidade para terem paciência em ensinar os mais jovens a tocarem, dançarem e rezarem a ladainha e a folia para que continue existindo a transmissão da cultura local para as futuras gerações de criauenses, avaliamos que a iniciativa revitalizou o interesse pela cultura do Cria-ú tanto nos idosos que sentem-se mais motivados a ensiná-la aos mais jovens e esses, por sua vez, mais desejosos em aprender e participar das comemorações realizadas nesse território quilombola amapaense.

Na tentativa de incentivar que idosos e crianças fortaleçam o diálogo entre si, a professora de projetos começou a pedir aos mais velhos para deixarem os adolescentes tocarem os tambores de Batuque em dias de festejos dos santos (a) que conta com número expressivo de pessoas de dentro e de fora do Cria-ú e eles passaram a permitir. Essa atitude ajudou sobremaneira para que, na atualidade, tenhamos um número expressivo de jovens que aprenderam a tocar e tocam entusiasmados os instrumentos utilizados nos Batuques.

Entre uma mão-de-couro e outra, denominação que o Batuque também recebe, vemos os jovens correrem para tomar assento nos tambores, enchem o salão para dançar, cantar e, portanto, enchem-nos de orgulho por estarmos colhendo os frutos saborosos dos ensinamentos e orientações que lhes/nos proporcionamos para salvuardarmos a cultura local do apagamento na história.

Finalmente, a professora responsável pela biblioteca também evidencia que a falta de material sobre a história e cultura africana, afrodescendente e principalmente afro-amapaense são praticamente inexistentes na escola. Face ao problema, é necessário que outros projetos como o dessa tese sejam realizados. Urge a necessidade de começarmos a registrar a cultura e história local. É urgente a publicação de livros, revistas, dentre outros que falem sobre a historiografia e cultura de nosso estado. Assim como, precisamos agir depressa, porque, no caso do Cria-ú, a população antiga está falecendo e com eles (as) passagens da história e culturas do Quilombo estão desaparecendo sem o devido registro (KARASCH, 2000; HAMPÂTÉ BÁ, 1997).

4.2.6 O corpo técnico-pedagógico

Esse setor relevante na escola é formado por três profissionais do sexo feminino. uma delas, natural de Teresina, chegou à escola para exercer a função de professora e foi aproveitada no corpo técnico. Outra é formada na área de orientação escolar. E a terceira profissional formada nessa área diz claramente sentir-se insegura para orientar o professorado sobre o conteúdo didático-pedagógico para a implementação da Lei Nº 10.639/03, porque o desconhece, como também a história e a cultura do Quilombo do Cria-ú.



Figura 44: Professora Irene Bonfim (de blusa vermelha) e professoras da Escola Estadual José Bonifácio.

Fonte: Piedade Videira

A professora remanejada para o corpo-técnico é a idealizadora do Projeto Cria-ú Mostra Tua Cara e vem tentando dar visibilidade à história e cultura do Quilombo do Cria-ú dentro desse projeto. Ela se diz plenamente envolvida e apaixonada pelo projeto sobretudo e pelas crianças da escola. Suas ações técnico-pedagógicas são voltadas para as crianças da educação infantil e os (as) professoras (es) do turno da manhã. Quando desenvolve seu papel de formadora, procura envolver todos os professores (as) da escola.

Por motivo de saúde, ela precisou afastar-se do trabalho para realizar tratamento em outro centro especializado. Uma das duas técnicas pedagógicas que atuam no turno da tarde também precisou se afastar da escola, entrou em licença médica para tratar de sua saúde emocional e psicológica. E a outra, pertencente ao quadro de profissionais a serviço da Secretaria Estadual de Educação, por meio de contrato administrativo, teve o prazo de validade do mesmo terminado em dezembro de 2009.

A fim de que esse setor relevante na escola não ficasse totalmente desassistido e inoperante pelo afastamento de duas das profissionais qualificadas acima, no decorrer do ano letivo de 2009, a direção tomou, como encaminhamento, deslocar a professora de história para desempenhar 20 horas de sua carga horária no corpo técnico da escola. A decisão da direção foi baseada em sua preocupação com o processo de formação da comunidade escolar para que não sofresse paralisação, principalmente do setor didático-pedagógico

desempenhado pelos (as) professores (as) que atinge diretamente os educandos em sala de aula.

A técnica do turno da tarde que permanece na escola, nascida em Teresina-PI, disse sentir-se “tão pequenina” diante da grandiosidade da comunidade em que trabalha e sente a pressão em ter que conhecer ainda mais sobre o Quilombo do Cria-ú, porque nas reuniões, cursos, seminários ou palestras que vai participar representando a escola, os profissionais de outras instituições escolares da rede pública estadual de Macapá fazem inúmeras perguntas sobre o trabalho pedagógico desenvolvido na escola do Cria-ú. Pelo diferencial que é essa instituição educacional, publicizada pela natureza dos projetos que desenvolve e, ainda face à divulgação midiática das atividades que realiza.

Portanto, é notório que existe essa lacuna grande na parte de orientação técnico-pedagógica na escola, mas, enquanto o problema não é resolvido em definitivo, com a lotação de profissionais formadas nessa área técnica, teremos que buscar encaminhamentos paliativos, com a colaboração, envolvimento e empenho de toda a comunidade escolar, a fim de minimizarmos essa falta e cotinuarmos com o trabalho ora desenvolvido na escola.

4.2.7 Os (as) professores (as) da escola

O quadro de professores (as) da escola é composto por uma maioria de profissionais do sexo feminino e dois homens, um trabalha na educação infantil e o outro, do 5º ao 8º anos. Dos quase 21 professores, poucos são filhos da comunidade. Três professoras da educação infantil moram no Cria-ú (uma no Cria-ú de Cima e duas (irmãs) no Cria-ú de Baixo). A professora do Ensino de Artes tem suas raízes no Quilombo e vários de seus familiares habitam



Figura 45: Diretora Rosa Elanha (vestido amarelo) e professores da Escola Estadual José Bonifácio
Fonte: Piedade Videira

esse território. A professora de Ensino Religioso é casada com um filho da comunidade e reside na Extrema (lugar próximo a entrada ao Quilombo). A professora de Ensino Especial foi casada com um filho da comunidade, por isso hoje mora dentro dessas terras ancestrais com suas filhas e neto.

A maioria dos profissionais é de Macapá e o restante é oriundo do Estado do Pará. Em relação à formação escolar e acadêmica, quase todos têm nível superior completo e alguns possuem especialização *Lato-Sensu*. Esses profissionais recebem salários razoáveis pagos pelo governo do Amapá e a maioria empenha-se para desenvolver a contento sua profissão.

A boa vontade de alguns professores, apesar de positiva, não contribuiu efetivamente para modificar o quadro de conflitos sociais e étnicos nas escolas, sobretudo se esse sentimento não for potencializado em ação prática de enfrentamento ao problema nas instituições educacionais. A expressiva maioria desses profissionais não recebeu nenhuma orientação adicional para trabalhar na escola diferenciada do Cria-ú, por isso notei que precisavam transpor algumas barreiras para envolverem-se com a singularidade da escola aqui mencionada dentro de um Quilombo.

Sobre esse assunto, Jeruse Romão (2001,p.176-177), nos diz que:

É preciso educar para a igualdade e educar para a igualdade pressupõe algumas compreensões. Primeiro, educar é um desafio, sobretudo quando temos claro de que no processo de educar, as diferenças devam ser resguardadas. Tradicionalmente os educadores são preparados para educar massificando suas turmas, seus alunos e seus conteúdos. Educar ao contrário, exige investir na formação das crianças. Buscando analisar o conhecimento como resultado de vivências históricas e cotidianas diversas que não se cristalizam no tempo, que se constroem todos os dias.

A autora nos chama a refletirmos sobre a responsabilidade de educarmos pessoas e pessoas afrodescendentes que vivem em movimento o tempo inteiro, porque seus corpos históricos e atuais são formados por fragmentos de um passado de escravização e expropriação de suas terras em África, de sua etnia de origem, auto estima, dignidade e humanidade. Para educarmos essas pessoas, exige-se que haja mudança de paradigma e atitude na escola e requer a compreensão dos profissionais da educação, de que tais pessoas trouxeram toda a sua história e vida na alma, porque não lhes foi permitido carregar nenhum pertence. Ou talvez um único - seu corpo repleto de significados e acrescidos por outros em solo brasileiro (ROMÃO, 2001).

O fato de a maioria do professorado não ter vínculo com o Quilombo e com sua história, foi um dos problemas enfrentados no desenvolvimento da pesquisa. Em 2007, ano

que realizei a pesquisa exploratória, todos os professores trabalhavam há mais de dois anos na escola do Cria-ú. Mesmo assim, no início dos *encontros de formação*, que será explicado detalhadamente a seguir, eles não conseguiam enxergar esse patrimônio material, imaterial e natural como portador de conhecimentos materializados em seus hábitos, cotidiano, formas de conhecimento, mitos e tradições religiosas. Não o consideravam relevante fonte de conhecimentos que deve ser valorizada pelo professorado no dia a dia da escola. A fim de que o conteúdo educacional não continue sendo um vazio de sentidos aos educandos.

Procurei nos *encontros de formação*, sugeri ao professorado, técnicas-pedagógicas, funcionários e direção como poderiam trabalhar a história e a cultura local no cotidiano da escola. Sempre enfatizando que eu não tinha receitas pedagógicas prontas para lhes dar e que face a diversidade dos educandos, caberia a cada profissional ser compromissado e criativo dentro do processo de formação, para que, o diálogo e as trocas de experiências no grupo ajudassem a todos no aprimoramento, mudança e refinamento tanto da elaboração quanto na recriação das estratégias de abordagem sobre o assunto em sala de aula.

O universo da escola sempre nos revela algumas surpresas e eu fui surpreendida em saber que mesmo a escola do Cria-ú tendo desenvolvido desde o ano de 2003 os Projetos Cria-ú Mostra Tua Cara e Canto de Casa (o último como componente curricular), de fato não havia a participação efetiva de todos os segmentos da escola no desenvolvimento das atividades pedagógicas dos respectivos projetos na escola do Quilombo. Em virtude dessa dificuldade, os trabalhos eram direcionados pela técnica pedagógica e professora de projetos aos demais professores que acabavam, pela comodidade, tendo que somente executar suas tarefas. De outra maneira, confidenciou-me a mesma, não aconteceria nada. Ela lutava contra a falta de compromisso e envolvimento dos professores e, por isso, restava entrega-lhes o material prontinho para que aplicassem a seus educandos (as). E, mesmo assim, muitas (os) professoras (es) resistiam, demonstrando falta de interesse pela tônica dos projetos.

No início dos *encontros de formação* em 2009, perguntei ao professorado se todas (os) sabiam o que era um Quilombo? Nesse momento, a escola contava com profissionais que já estavam no mínimo há mais de dois anos na escola, com exceção das professoras do primeiro ano (turno da manhã) e segundo ano do turno da tarde que estavam há alguns meses no educandário. O restante trabalhava há anos dentro do Quilombo do Cria-ú e pouco sabiam sobre os significados dos Quilombos na história do Brasil, por conseguinte, na história do Amapá. Outro grupo de professores disse não haver parado para refletir sobre a questão e os demais deram uma resposta à pergunta demonstrando terem alguma informação sobre o assunto.

É o lugar onde os negros refugiados escolheram para melhor viver suas diferenças em paz. (RESPONSÁVEL PELA BIBLIOTECA).

O pouco que li diz que o Quilombo é onde os negros se refugiavam para fugir de seus donos, os senhores de fazendas de café, fugiam dos maus tratos, trabalhos forçados, então criaram os Quilombos.

(PROFESSORA DO TERCEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL-FILHA DO CRIA-Ú).

Foi um local utilizado pelos escravos brasileiros, onde os mesmos se escondiam de seus donos, geralmente de difícil acesso. O mais famoso foi Palmares. (PROFESSOR DO TERCEIRO PERÍODO DA EDUCAÇÃO INFANTIL)

É um povoado em que abrigavam escravos fugidos.

(PROFESSORA DO SEGUNDO PERÍODO DA EDUCAÇÃO INFANTIL)

É uma terra de uso comum, onde todos tem os mesmos direitos e deveres. (PROFESSORA DO QUARTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL)

Quilombo é uma área ou uma comunidade onde vivem pessoas remanescentes ou descendentes de escravos, mantendo sua cultura e tradições.

(PROFESSORA DE GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL)

Quilombo é terra de gigantes.

(PROFESSORA DE HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL)

É uma área que serviu de refúgio para os negros escravos.

(PROFESSORA DE ENSINO RELIGIOSO DO ENSINO FUNDAMENTAL)

Os professores que disseram não saber o que é um Quilombo e os que afirmaram ainda não ter pensado sobre o assunto é um exemplo claro da indolência por parte de tais profissionais em relação a essa rica fonte de conhecimento. O que me coube diante da revelação destes, foi a clareza de que não me cabia sentenciar quem quer que seja e, sim aprendermos juntos o que não sabíamos sobre esse assunto.

Apostei na mudança de mentalidade por parte dos professores, para que, convencidos da importância desse conteúdo, tornassem-se mais convincentes em relação à abordagem do assunto junto aos estudantes. Acredito que se esses profissionais valorizarem tais conhecimentos na escola, poderão ensinar seus e suas educandos (as) a construir juízo de valor positivo sobre si, em relação à cultura individual/coletiva que representam e sobre o território em que vivem e são herdeiros.

A fim de mantermos o retorno permanente junto ao professorado como critério para avaliarmos o impacto dos conteúdos estudados nos *encontros de formação* em sala de aula, pedi que relatassem se e o que havia mudado em relação à subjetividade dos educandos consigo próprios, com seus pares e também em seu universo particular como professores.

Os educandos passaram a valorizar sua identidade. Eu me tornei um ser mais participativo e envolvido na cultura e vivência de minha comunidade. (PROFESSORA DE ENSINO RELIGIOSO DO ENSINO FUNDAMENTAL).

Ajudaram muito. Primeiro pelo próprio conhecimento da lei em si, que eu pouco conhecia e depois os textos discutidos nos encontros, fizeram-me perceber que muitas coisas estão mudando dentro da sociedade. Eu, como professora, tenho que procurar discutir mais essas mudanças com meus alunos, conscientizá-los mais dos seus valores, seus direitos como afrodescendentes. (PROFESSORA DE GEOGRAFIA DO ENSINO FUNDAMENTAL).

Os conteúdos dialogados nos encontros, motivaram-me muito a conhecer melhor sobre a temática e a procurar mecanismos para facilitar o estudo sobre a mesma, de forma significativa para os alunos, para a escola e para a comunidade. Estou interessada em aprender o máximo possível sobre as relações interraciais, sobre a história e a cultura afrobrasileira, afroamapaense e africana, com o intuito de colaborar com o fim do racismo, do preconceito e de tantos outros males provenientes dessas práticas seculares que só retardaram o progresso da humanidade. (PROFESSORA DE HISTÓRIA DO ENSINO FUNDAMENTAL).

Hoje sei que é possível trabalhar a respeito da nossa comunidade sem perder a referência dos conteúdos programáticos. E, a partir deles, observei nos meus alunos, acima de tudo, a aceitação e valorização de ser um afrodescendente. E eu mudei em grande parte a minha visão sobre muitos aspectos relacionados a nossa etnia. (PROFESSORA DO QUARTO PERÍODO DA EDUCAÇÃO INFANTIL).

O acesso à informação e ao conhecimento sobre as relações étnicas, racismo, preconceito étnico e a educação em Quilombos favoreceram a mudança de mentalidade de educandos e professores como evidenciam os depoimentos acima. Assim sendo, torna-se indispensável que profissionais da área de educação, envolvendo técnicos, professores, direção e funcionários operacionais, recebam formação específica para trabalharem em escolas localizadas dentro de Quilombos e comunidades tradicionais que tenham e resguardam traços de sua história e cultura como fontes de conhecimento e herança de seus ancestrais. Precisam entender o contexto em que estão inseridos para que possam educar, transmitir conceitos das ideologias racistas sem também cometer atos racistas ou usarem de

formas repletas de preconceitos de toda ordem, discriminação em amplo sentido e continuarem reforçando a pouca valia dos grupos étnicos, em especial os quilombolas em seu discurso político instrucional dentro e fora da sala de aula.

4.2.8 *Os funcionários que prestam serviço à escola*

Os profissionais que prestam serviço à escola na área operacional como merendeiras, serventes, auxiliar de disciplina e vigilantes, com exceção dos últimos, em parte, são descendentes do Quilombo. São todos (as) alfabetizados (as) e a maioria concluiu o Ensino Médio. Colaboram à medida do possível com as atividades promovidas pela escola, mas falta mais envolvimento e compromisso por parte deles (as) como enfatiza a direção do educandário em participarem, por exemplo, dos *encontros de formação*. A não presença assídua desses profissionais leva-nos a crer que as estratégias adotadas até agora não foram suficientemente eficazes para contarmos com maior participação deles e delas em tais momentos e demais atividades desenvolvidas pela/na escola.

O depoimento desses profissionais mostraram-me que a escola, apesar de aparentemente única, divide-se em vários grupos. Cada um com seu lugar demarcado na estrutura de poder e privilégios assegurados dentro da escola. Quando tentei promover o diálogo entre ambos, esbarrei na dificuldade dos profissionais nomeados acima, não se sentirem à vontade no convívio com a direção, professores e corpo-técnico administrativo em ambiente de estudos sem hierarquias de saberes que tentamos construir com a pesquisa-intervenção realizada na escola.

Para eles e elas, somente os professores e técnicos precisam estudar para ensinarem aos estudantes. Essas pessoas não conseguem ver-se e serem vistas dentro da formação escolar como responsáveis indiretos pelo processo de instrução das crianças e adolescentes e, portanto, portadoras de conhecimentos relevantes sobre o cotidiano da comunidade e seus mitos e lendas, pelo acúmulo de informações que adquiriram ao longo de suas trajetórias de vida no convívio com as pessoas da comunidade.

Sempre considerei a participação dessas pessoas nos *encontros de formação* sendo de suma importância para o aprendizado da comunidade escolar sobre os conhecimentos que possuem sobre o Cria-ú. Cada uma delas tem um acúmulo de informações preciosas sobre o passado e o presente da comunidade relatados, sobretudo pela contação de histórias, pelos moradores antigos e também já falecidos as novas gerações de criauenses.

As merendeiras conhecem, por exemplo, várias comidas típicas do Cria-ú e o modo de prepará-las. Aprenderam os segredos para a feitura dos alimentos diretamente sob a orientação e observação a suas avós, mães e pessoas idosas da comunidade. A cultura alimentar está ligada a contextos culturais específicos, é uma fonte de conhecimento importante sobre as africanidades presentes nos Quilombos afroamapaenses.

Os serventes que trabalham na limpeza da escola, a exemplo dos demais funcionários desta, participam das celebrações realizadas dentro do Cria-ú de Cima e no Cria-ú de Baixo, às vezes participam das festas realizadas em outras comunidades negras do Amapá. Sabem como se desenvolve e o porquê que tais celebrações são realizadas dessa ou daquela maneira. Conhecem o conjunto de linguagens que compõe os Batuques e Marabaixos e sabem explicar porque elas existem.

Os auxiliares de disciplina participam de várias atividades que são desenvolvidas dentro do Cria-ú e em suas horas de folga ou no contraturno de trabalho, desenvolvem outras funções dentro da comunidade, junto com seus conterrâneos, por exemplo, fazem roça, praticam a pesca, apanham açaí, conhecem plantas medicinais e árvores (casca) que são utilizadas como remédio pela comunidade, sabem tecer utensílios em fibras e contar as histórias dos mitos e lendas que aprenderam com seus ancestrais e pessoas idosas do Cria-ú.

Dentre as agentes de portaria, que trabalham durante o dia na escola, uma delas é filha do coordenador geral da festa do padroeiro do Cria-ú, o Glorioso São Joaquim, e tem participação ativa na organização e desenvolvimento da festa. Sempre seguindo a orientação de seu pai e mãe e demais pessoas idosas que desempenham funções específicas na celebração. E a outra ajuda nas atividades da festa e é casada com um filho da comunidade.

A rápida descrição que fiz sobre os funcionários da escola, enfatizando alguns dos conhecimentos que possuem sobre o Cria-ú, teve a intenção de enxergar-mo-lhes como portadores de informações relevantes que nos ajudaram a ampliarmos nossas análises e elaborarmos atividades escolares que envolviam múltiplos aspectos desse *continuum* cultural.

Encontrei uma saída possível, que deu certo, para tentar equacionar a falta de assiduidade desses profissionais nos *encontros de formação*. Primeiro, sermos afetuosos uns com os outros. Segundo, convidá-los pessoalmente. Terceiro, valorizarmos o que diziam. E por último, afirmarmos sua importância indispensável na construção da filosofia de trabalho da escola em termos práticos, porque vivem o cotidiano do Quilombo e a problemática enfrentada por si e seus irmãos quilombados.

Acredito que esses profissionais da escola, com o conhecimento que vêm adquirindo no que tange à educação em Quilombos, tendo como referencial inicial a história e

a cultura desses territórios e as mudanças que os novos conhecimentos lhes proporcionaram, talvez possam ajudar a pensar novas abordagens teóricas, metodológicas, pedagógicas na educação local e servir como exemplo concreto para a elaboração de políticas públicas para a especificidade dos Quilombos e também para nortear a educação pública em escolas nesses territórios dentro do Amapá e quiça no Brasil.

4.3 SEMINÁRIOS E ENCONTROS DE FORMAÇÃO: DUAS AÇÕES RELEVANTES DENTRO DA PESQUISA-INTERVENÇÃO

A primeira ação direta da pesquisa, dentro da escola, foi a realização de seminário seguido de *encontros de formação* com o objetivo principal de despertar a comunidade escolar para a riqueza de conhecimentos presentes na história e cultura do Cria-ú que poderiam valorizar como material didático-pedagógico na escola.



Figura 46: Participantes do Seminário de Formação na Escola Estadual José Bonifácio
Fonte: Piedade Videira

O início do trabalho deu-se com a participação do meu orientador, Henrique Cunha Jr., que inaugurou as atividades na escola no dia 24.11.2008, palestrando sobre o tema: “A Implementação da Lei nº 10.639/03 na educação brasileira: avanços e retrocessos”, como uma das atividades dentro da programação de culminância do Projeto Cria-ú Mostra

Tua Cara do mesmo ano. Fiz amplo convite a várias pessoas para que o momento fosse marcado de segmentos distintos de dentro e de fora do Cria-ú como: Rejane Santos (Assessora do Deputado Estadual Joel Banha e Representante do coletivo de Mulheres Negras da Amazônia), pessoas da comunidade do Cria-ú, Sra. Creuza Miranda (Presidenta da Associação de Mulheres do Quilombo do Cria-ú), o jovem Willy Miranda (Representante da Juventude Negra do Quilombo do Cria-ú), Sr. Sebastião Sousa (Presidente da Associação de Moradores do Quilombo do Cria-ú), Professora Alzira Nogueira (Docente da Faculdade do Amapá - SEAMA e militante do Movimento de Mulheres Negras Urbano de Macapá), Coordenador Pedagógico do Curso de Educação Física do Centro Educacional do Amapá-CEAP, acadêmicos, estudantes, Sr. Luciano Rodrigo (Coordenador do Núcleo de Educação Étnico Racial da Secretaria Estadual de Educação – NEER/SEED), professores, direção, corpo-técnico e educandos da escola. Convidei a imprensa local para noticiar o evento e dar visibilidade ao trabalho realizado na escola.



Figura 47: Palestrante Prof. Dr. Henrique Cunha.
Fonte: Piedade Videira

Ao chegarmos à escola por volta de 14h00, eu e o Prof. Henrique Cunha percebemos que o ambiente era totalmente diferente do habitual. A área do refeitório, utilizada para a realização de alguns eventos e reuniões na escola estava toda decorada com trabalhos produzidos pelos educandos e professores, banner, mural com uma menina sorrindo e vestida com blusa branca, saia vermelha, flor na cabeça, colares e brincos modelo do traje

do Marabaixo e Batuque e um espelho ao lado para as pessoas olharem e verem suas imagens refletidas, mostrando suas caras (símbolo do projeto). Mais recursos técnicos foram contratados para o evento como multimídia datashow, som de melhor qualidade, mas como se trata de área aberta e por isso com muita incidência de luz, mesmo tendo a preocupação por parte da equipe de organização do evento que colocou alguns tecidos na cor preta ladeando o espaço, não foi possível que o seminário acontecesse no local e tivemos que utilizar a sala de informática e fazermos a transferência do equipamento para o novo espaço.

Após a mudança de espaço, a diretora e técnica pedagógica fizeram a cerimônia de abertura do evento apresentando e explanando o porquê do desenvolvimento do projeto na escola. A diretora falou ainda sobre a relevância da palestra para a formação dos (as) professores (as) e técnicos em geral da escola da comunidade.

O espaço escolar, desde o início, foi harmônico e instrutivo para todos (as) presentes e principalmente para os professores da escola que ficaram atentos aos novos aprendizados para uns e para outros, a percepção das africanidades presentes nos fazeres e conhecimentos mais corriqueiros das pessoas do Cria-ú. Os exemplos dados pelo palestrante sobre as africanidades do Cria-ú fizeram com que uma das professoras da educação infantil, filha do Quilombo, relembresse e dissesse que dentro do Cria-ú tinha-se técnicas e práticas antigas como, por exemplo, da feitura de sabão e rapadura. A professora mencionou ainda que sua mãe, tias e algumas senhoras idosas da comunidade ainda lembram da técnica de fazer sabão.

A maneira de abordagem sobre o tema da palestra pelo Prof. Henrique Cunha suscitou a interação com a platéia e, logo, perguntas, exemplos e contribuições foram enriquecendo a abordagem, evidenciando singularidades presentes no Cria-ú, portanto vistas diariamente por quem é de dentro do contexto local e com as falas destes se tornaram acessíveis a quem é de fora do Quilombo.

Tais exemplos evidenciaram aos professores e técnicos da escola que o Projeto Cria-ú Mostra Tua Cara, Canto de Casa e suas atividades didático-pedagógicas dentro e fora da escola já evidenciam a prática da implementação da Lei nº 10.639/03. O passo inicial vem sendo dado pela escola antes mesmo da lei ser sancionada no Brasil. Desde o ano 2000, a direção, corpo-técnico e alguns (mas) professores (as) perceberam que o conteúdo e o currículo escolar não tinha nenhuma relação com o Quilombo do Cria-ú e suas peculiaridades. A partir dessa constatação, sentiram a necessidade de voltar alguns conteúdos para a realidade vivida e experienciada pelos criaenses e educandos em ambiente escolar que vem se lapidando com o tempo.

O palestrante enfatizou que o “fio da história” não só existe, como está vivo no Quilombo e bastou poucos exemplos para a professora da comunidade identificá-los. O que o professorado, corpo-técnico e direção precisam fazer em comunhão é dar continuidade à aquisição desses conhecimentos e trabalharem com seriedade, dedicação, vontade e ética na escola.

O palestrante aconselhou à comunidade escolar e todos os (as) presentes a fazerem as coisas e as mudanças virão com o tempo. Pela expressão de contentamento e compreensão do que estava sendo proferido pelos partícipes do evento, evidenciados pela fala de alguns destes, ficou claro que conseguiram visualizar o caminho que já existe há centenas de anos no Quilombo que é a própria história e cultura local como possibilidade real e concreta de ensinarem os educandos, porque está ao alcance da comunidade escolar, para a Implementação da Lei nº 10.639/03, com o recorte das tradições seculares desse território afroamapaense.

Após a inauguração dos *encontros de formação* pelo Prof. Henrique Cunha, que esteve palestrando na escola por mais duas vezes em 2009 sobre os temas As Contribuições da População Negra para a Sociedade Brasileira e O Sistema de Cotas no Ensino Superior para Negros, este último assunto foi escolhido pelos segmentos da escola, a condução dos posteriores momentos ficaram sob a minha responsabilidade e passaram a acontecer quase que semanalmente na escola durante o período de fevereiro a agosto de 2009. Após esse período, todas as vezes que viajo de Fortaleza à Macapá, desenvolvo alguma atividade formativa com a comunidade escolar para avaliar como está seguindo o trabalho da escola.

Aproveitei os meus retornos à escola após o período de realização da pesquisa-intervenção, para conversar com a comunidade escolar sobre a fase que me encontrava de escrita e sistematização dos dados da pesquisa e sobre a possível data e local de defesa da tese que eu pretendia que fosse no Quilombo do Cria-ú ou na escola da comunidade em dezembro de 2010. Mas talvez não fosse possível porque tem uma norma institucional que proíbe a realização de defesas de dissertações e teses fora da FACED/UFC. Mesmo assim, eu e meu orientador iríamos tentar autorização para fazê-la em Macapá.

Durante os encontros de formação, estudávamos temáticas relacionadas às relações étnicas e à educação em Quilombos. Os principais procedimentos foram a leitura e a análise de textos, poesias, letras de músicas, pensamentos de ativistas e educadores negros. Na oportunidade também escutamos e debatemos sobre os depoimentos dados pela comunidade escolar sobre discriminação e preconceito étnico, manifestações do racismo e como eles estão presentes na sociedade brasileira e se cristalizam na escola.

Nos *encontros de formação* de 2010, explicados a seguir, assistimos filmes abordando os temas que vínhamos trabalhando durante o tempo que estávamos juntos, para possibilitar-lhes enxergarem que os (as) professores (as) também discriminam, ridicularizam, oprimem, humilham e aniquilam a identidade étnica dos educandos pelos exemplos racistas e depreciativos que fazem das crianças negras em ambiente escolar.

Reafirmei, na oportunidade, que podem agir diferentemente se tiverem consciência da gravidade de seus atos e da necessidade de repensarem a sua prática didático-pedagógica para formar, em todos os aspectos, educandos preparados para conviverem de maneira respeitosa com a pluralidade histórico-cultural presente em cada um (a) deles (as) e, para ensinarmos as crianças e adolescentes negros (as) a se orgulharem de quem são e de suas raízes históricas, escrevendo com eles (as) novas histórias em que se vejam representados e falem sobre quem são de maneira crítica e reflexiva e não estereotipada, mascarada e repleta de inverdades do ponto de vista da significação humana e identitária que os envergonham, desumanizam e desterritorializam pessoas negras em contexto educacional. Exibi-lhes os filmes *Rompendo o Silêncio*, *Vista a minha Pele*, *Quilombos Raízes Brasileiras*, *Identidade* (documentário de uma hora sobre os Quilombos amapaenses) e, após a exibição, dialogamos sobre o conteúdo dos mesmos e de como poderiam utilizá-lo em sala de aula.

4.4 REPENSANDO A PRÁTICA DIDÁTICO-PEDAGÓGICA DA ESCOLA POR INTERMÉDIO DA CRIAÇÃO DE SUA FILOSOFIA E ENCAMINHAMENTOS PARA A IMPLEMENTAÇÃO DA LEI Nº 10.639/03 A PARTIR DO MARABAIXO E BATUQUE E COTIDIANO DO QUILOMBO DO CRIA-Ú NA ESCOLA DA COMUNIDADE

A realização dos seminários e *encontros de formação* ajudaram aos profissionais de educação que atuam na escola a perceberem a necessidade de repensarem sua prática didático-pedagógica e a se preocuparem com a continuidade dos conhecimentos apreendidos pelos educandos em todos os anos de sua trajetória escolar.

É notório que o sistema seriado da educação de nosso país prejudica



Figura 48: Segmentos da Escola Estadual José Bonifácio e Encontro de Formação.
Fonte: Piedade Videira

sobremaneira a continuidade e a conexão entre os conteúdos trabalhados pelos (as) professores (as). A cada novo ano, novos conhecimentos são trabalhados com os educandos sem muitas vezes estabelecerem conexão com o conhecimento antes apreendido.

Alertei o professorado, corpo-técnico e direção da escola para a relevância do planejamento interdisciplinar com os professores de cada etapa de ensino, mas também entre o coletivo de professores da educação infantil e ensino fundamental para facilitar o diálogo, a troca de experiências, conhecimentos, socialização de sugestões, modificação de estratégias metodológicas, enfrentamento de problemas sociais e morais e a continuidade das abordagens conteudistas para os educandos (as). Julgo serem esses procedimentos indispensáveis para a educação dos mesmos que se faz pela somatória de conhecimentos em toda a trajetória familiar, escolar, social, cultural e religiosa.



Figura 49: Segmentos da Escola Estadual José Bonifácio em Encontro de Formação.
Fonte: Piedade Videira

Como já foi dito, a escola do Cria-ú vem trabalhando, ao longo dos anos, à medida do possível, nas atividades escolares desenvolvidas pelos educandos, a importância de se orgulharem e valorizarem as tradições locais. No ano de 2005 e 2006 realizaram o projeto Cultura Fest Folk e segundo a técnica responsável pelo projeto:

as atividades relacionadas ao tema da cultura negra se restringiram somente à Semana da Consciência Negra. (a técnica, direção e professores (as) da escola). Observamos que, nas apresentações artísticas de palco, nossos

alunos maiores só queriam dançar funk, brega, carimbó, tinham vergonha de dançar o Batuque e o Marabaixo. Só os pequenos é que dançavam.

Face ao exposto, a técnica-pedagógica, direção e professorado sentiram a necessidade de saber,

como estavam aquelas crianças que eram da educação infantil e agora estavam no ensino fundamental ? Como estavam reagindo a essa mudança? Que tipo de comportamento elas estavam tendo? E nós, enquanto escola situada numa área já reconhecida como Terra de Quilombo, o que estávamos fazendo para que nossos afrodescendentes reconhecessem e valorizassem sua cultura?

Esses questionamentos foram importantes porque levaram a escola a retomar o projeto anterior (Questão de Pele) realizado em 2003 e a pensar a realização de um novo projeto mais amplo denominado de Cria-ú Mostra Tua Cara, envolvendo os educandos da educação infantil.



Figura 50: Crianças da Educação Infantil em Apresentação do Projeto Cria-ú Mostra Tua Cara no Museu Sacaca
Fonte: Piedade Videira

O projeto sobredito nasceu, segundo a técnica-pedagógica idealizadora do mesmo, com o objetivo de mostrar as singularidades históricas, culturais, estéticas, religiosas, sociais, artísticas, místicas e a construção positiva da ancestralidade e afrodescendência dos educandos da comunidade. Mas, infelizmente, suas ações ficaram igualmente restritas à

culminância desse projeto na Semana da Consciência Negra realizada no mês de novembro em todo o território nacional.

As duas semanas que antecederam ao evento continuaram sendo marcadas por estresse intenso e um amontoado de atividades, sem contudo, haver tempo de trabalhar as informações com calma para dar tempo ao (a) educando (a) de apreender seus conteúdos. O envolvimento distinto do professorado com o projeto e suas ações práticas também desgastava a coordenadora do projeto que precisava adotar como estratégia a “montagem de pacotes” com atividades educacionais entregues a maioria dos professores para que executassem com os estudantes as ações do projeto.

Mesmo com as inúmeras dificuldades encontradas por ela para conscientizar a comunidade escolar para a importância de participarem efetivamente da realização das atividades do projeto, não a fez desistir de tentar. Juntas nos fortalecemos e buscamos fazer com que tais profissionais adotassem uma postura pedagógica de proposição de idéias e desenvolvessem como prática a postura de professor/pesquisador para que as chances reais de modificarem a realidade ora vivenciada na escola, ganhasse cada vez mais força. O objetivo não foi alcançado em plenitude, mas algumas mudanças aconteceram na escola e nas atitudes do professorado e principalmente dos (as) educandos (as).

Sabemos que o desafio que nos é imposto travestido em persistência e insistência constante para conseguirmos ansiar mudanças na área educacional, sempre nos é desafiador. Ainda mais este anseio sonhado coletivamente de vermos as crianças e jovens do Quilombo do Cria-ú protagonizando a história e as expressões da cultura local, guiados pela sabedoria dos mais velhos (as) da comunidade com orgulho, cuidado, dedicação e alegria. Felizmente, as mudanças de atitudes e os depoimentos das crianças, jovens, professores, direção e corpo-técnico são o termômetro que recorreremos para percebermos os resultados alcançados com a realização do fazer pedagógico coletivo adotado na escola.

No ano de 2009, um educando do 5º ano foi representar a escola do Cria-ú em uma Feira de Intercâmbio Cultural de todas as escolas públicas brasileiras em Brasília-DF e quando inquirido pelo repórter de um canal de televisão de Macapá sobre o porquê do nome do projeto Cria-ú Mostra Tua Cara, ele sintetizou dizendo: “não ter vergonha de dançar Batuque e Marabaixo e ter orgulho de ter nascido e viver no Quilombo do Cria-ú onde vivem meus pais e avós”.

O conteúdo da fala do estudante do 5º ano da escola é o que vem norteando o trabalho pedagógico da escola da comunidade na atualidade e tem ajudado os professores (as), técnicos, direção, funcionários em geral a colocarem em prática esses princípios.

4.5 ALCANÇANDO OUTROS RESULTADOS COM O DESENVOLVIMENTO DA PESQUISA-INTERVENÇÃO NA ESCOLA

Inicialmente, a pesquisa-intervenção que nos propusemos realizar seria com alguns professores da escola e que ministrassem os componentes curriculares artes, história, geografia e ensino religioso³⁷, este último sempre me causou maior preocupação porque as religiões de matriz africana e afrodescendente sempre foram demonizadas no imaginário social brasileiro. Considero esse campo de conhecimento complexo para ser ensinado nas escolas, principalmente, porque os professores em sua maioria fazem apologia a suas religiões de foro íntimo e os conteúdos que ministram são proselitistas e, por isso, marginalizam e demonizam sobretudo as religiões de matrizes africanas. Tal juízo de valor é retransmitido aos(as) educandos (as) em ambiente escolar e, pela falta de conhecimento, desinformação, preconceito, discriminação em ambos, temos a perpetuação de crimes de intolerância religiosa recorrentes na sociedade brasileira.

Considero que os professores de ensino religioso devam orientar nas escolas o respeito à diversidade e à riqueza que repousa sobre as diversas culturas e, dentre elas, as expressões religiosas de cada grupo humano. Portanto, devem ensinar princípios éticos e respeito aos seres humanos. Princípios sociais que precisam ser discutidos e ensinados entre todos os seres humanos principalmente pelas famílias e pela escola.

A aprendizagem de pessoas dá-se pelo acúmulo de conhecimentos que se somam ao longo de suas vivências sociais, religiosas, culturais e escolares. Por isso, sentimos a necessidade de realizarmos a *pesquisa – intervenção* envolvendo toda a comunidade escolar e principalmente o corpo docente da escola que ministra aula na educação infantil e ensino fundamental, para que os conteúdos ensinados em cada nível escolar, tivessem continuidade nos anos sequenciais de ensino e, desta feita, reafirmássemos os valores éticos, étnicos e humanos que devem ser sedimentados ao longo da trajetória escolar dos (as) educandos (as).

Após a realização de conversas com todos os sujeitos da escola que se entrecruzam em seu cotidiano e do diagnóstico da escola, como encaminhamentos relevantes para a elaboração das etapas teóricas e práticas da pesquisa-intervenção, combinamos uma agenda

³⁷ A aplicabilidade da Lei nº 10.639/03, no contexto escolar, prioriza o seu ensino nos componentes curriculares: artes, história, literatura. Mas, como os contextos escolares e seus sujeitos são heterogêneos, existe a flexibilidade de ajustá-la a cada contexto, inclusive pesquisado. Por isso, substituí o ensino de literatura pela geografia, devido o Cria-ú ser um Quilombo. E incluí o Ensino religioso porque é um campo de conhecimento extremamente marginalizado, deturpado e demonizado pela sociedade brasileira e reafirmado pela escola, como também pelos seguidores das religiões evangélicas. Na escola existe professora, funcionário e educandos evangélicos. E a Umbanda é a religião de matriz africana mais cultuada em Macapá e Estado do Amapá.

de *encontros de formação* com a comunidade escolar. Estes aconteceram quase semanalmente, com um tempo em torno de 2 a 3h, durante um semestre. O meu desejo, como já mencionado, era de envolver 100% dos segmentos da escola no processo de formação. Mesmo não conseguindo alcançar essa meta, sempre participaram um número expressivo de professores, com a presença da diretora, integrantes do corpo-técnico e funcionários operacionais da escola em todas as reuniões. Face à participação desses profissionais nos *encontros de formação*, podemos comemorar juntos algumas mudanças qualitativas de atitude e comportamento visíveis na escola.



Figura 51: Festa de aniversário da diretora com todos os segmentos da escola.
Fonte: Piedade Videira

O olho é tocado pela força daquilo que vê. Por isso, os *encontros de formação* sempre iniciaram com dinâmica de reflexão tendo como recurso didático-pedagógico poesia, letras de música, filmes e notícias veiculadas em listas de circulação acadêmica com abordagem étnicas e educacionais, entrevistas veiculadas em revistas, jornais que enfatizavam a violência do racismo, discriminação racial, intolerância religiosa, preconceito étnico contra a população negra em nosso país e relatos de experiências que foram crescendo à medida que o professorado, corpo-técnico e direção da escola começaram a desvelar as múltiplas faces de manifestação do racismo e danos causado por ele aos seres humanos. A esse respeito, Maria Aparecida (Cidinha) da Silva (2001, p. 67) menciona que: “o despreparo (do professorado)

constitui campo fértil para que o racismo se perpetue e a discriminação racial sofra mutações próprias no ambiente escolar”.

Visando instrumentalizar os (as) professores (as) e a comunidade escolar como um todo para desvelar e enfrentar o racismo e todas as formas de discriminação e preconceito no dia a dia educacional, auxiliei a:

decodificarem as vozes, os silêncios, os silenciamentos e as práticas discriminatórias produzidas e reproduzidas dentro da escola, por meio das quais se limita a formação de pessoas críticas e reflexivas, que respeitem e explorem a riqueza das diferenças, recusando-se a transformá-la em desigualdades. (SILVA, 2001, p. 67).

O professorado teve livre acesso à fala quando desejava. E foram orientados desde o início dos *encontros de formação*, que o objetivo de nossos momentos de diálogo compartilhado era o de aprendermos coletivamente, desenvolvermos estratégias pedagógicas, conhecermos as que seus pares por ventura desenvolvessem e construirmos juntos caminhos didático-pedagógico para lhes subsidiar em sua prática cotidiana em sala de aula e na Implementação da Lei nº 10.639/03, tendo como ponto de partida os saberes históricos ancestrais do Quilombo do Cria-ú, salvaguardados pelos (as) moradores (as) da comunidade, que precisam ser valorizados na escola.



Figura 52: Professores reunidos em encontro de formação.
Fonte: Piedade Videira

Enfatizei ainda, que não daria a nenhum (a) deles (as) um “pacote pronto” com receitas didático-pedagógicas para que simplesmente aplicassem em sala de aula seus (as) educandos (as). E também não tinha informações concretas sobre a realidade de cada coletivo de educandos em seus respectivos anos de escolarização. Por isso, convidei o professorado para construirmos juntos essas possibilidades metodológicas que, face à dinâmica da dimensão humana presente nos(as) diversos (as) educandos (as) e na realidade local, deveriam estar sempre abertas a novas elaborações e reordenamentos, assim como seus planejamentos escolares.



Figura 53: Planejamento interdisciplinar dos professores da Educação Infantil e Ensino Fundamental nos Encontros de Formação.
Fonte: Piedade Videira

O desenvolvimento do trabalho com os segmentos da escola, mostrava o estágio de catarse que estavam vivenciando e aos poucos fui percebendo que começavam a substituir a “Política de Avestruz” (MUNANGA, 2001, p. 8), em que só olhavam para seus próprios planejamentos e conteúdos referentes ao componente curricular que trabalham, para perceberem a necessidade de “trocas dialogadas de conhecimentos” com seus pares, como encaminhamento necessário para a consecução da nova filosofia de trabalho da escola.

Procurei fazer com que entendessem que “Quem Educa Marca o Corpo do Outro” (DOWBOR, 2008), convidando-os para marcarem sensível e positivamente os corpos de seus (as) educandos (as), mas, para tanto, precisavam agir rápido para que as crianças e adolescentes negros (as), dos (as) quais também são responsáveis, parassem de sofrer em ambiente escolar. A ponto de se auto-rejeitarem como aconteceu em 2003 e continuava

acontecendo com algumas crianças e adolescentes da comunidade do Cria-ú e da própria escola (FAZZI, 2006), por não enxergarem seus descendentes em lugar de excelência na formação do *ethos* brasileiro e, por conseguinte, na educação escolar desenvolvida pela mesma.

A resposta positiva da comunidade escolar ao convite que receberam para participarem dos *encontros de formação*, desdobraram-se em mudanças qualitativas ocorridas dentro da escola do Quilombo do Cria-ú, presentes nos materiais didático-pedagógicos, programações das festas comemorativas realizadas ao longo do ano letivo, painéis de aviso e de datas comemorativas, atitude positiva dos (as) educandos (as) frente a sua identidade étnica/quilombola, direção e corpo-técnico administrativo. Todos estavam desejosos em firmar a Filosofia de trabalho da Escola e o professorado reconheceu a relevância do conhecimento para a ampliação de sua prática docente e transformação para melhor, em todos os aspectos do ambiente da escola como demonstram os depoimentos abaixo.

Olha, foi muito bom trabalhar o conteúdo, pois como falei no relatório, as crianças negras não se aceitavam como tal. Fomos conversando, explicando, revendo, lembrando as descendências e fomos vendo que alunos ditos brancos no final são negros. No início foi muita resistência. Aos poucos estão aceitando, e isso me deixa feliz.
(PROFESSORA DO TERCEIRO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL - FILHA DA COMUNIDADE DO CRIA-Ú).

Os encontros de formação docente foram ótimo aprendizado, contribuindo de forma positiva para eu ter melhor desempenho, melhor compreensão e muita vontade de colaborar e realizar junto com a nossa equipe um trabalho além de prazeroso, mas de formação.
(PROFESSORA RESPONSÁVEL PELA BIBLIOTECA).

A mudança que observei nos meus alunos foi, acima de tudo, a aceitação e valorização de ser um afrodescendente. E eu mudei em grande parte a minha visão sobre muitos aspectos relacionados a nossa etnia.
(PROFESSORA DO QUARTO ANO DO ENSINO FUNDAMENTAL – FILHA DA COMUNIDADE DO CRIA-Ú).

A (minha) participação nos encontros de formação da escola tem me ajudado bastante a entrar em contato com discussões sobre a História Africana e Afrodescendente. A conhecer muito sobre a minha história e de meu país. A reconhecer preconceitos nas entrelinhas e os explícitos. E me respaldado para interferir em posicionamentos negativos.
(PROFESSORA DE HISTÓRIA).

Percebi que eles (educandos) aprenderam um pouco mais sobre o povo afrodescendente. Que a África é um continente que está mais ligado ao Brasil do que qualquer outro (por) sua herança deixada ao Povo Brasileiro. A

importância do negro na formação cultural da sociedade brasileira. Comigo acontece a mesma coisa em relação ao conhecimento.
(PROFESSORA DE GEOGRAFIA).

Me fez compreender o quanto é importante conhecer e preservar a cultura local. (DIRETORA DA ESCOLA).

(Os Encontros de Formação) ajudaram-me, porque através das reuniões, eu adquiri novos conhecimentos, que me deram suporte para trabalhar.
(PROFESSORA DO SEGUNDO PERÍODO DA EDUCAÇÃO INFANTIL).

(Os Encontros de Formação) ajudaram muito, pois esclareceram muitas dúvidas e passei a ver de outra forma a cultura negra.
(PROFESSORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL- REFORÇO ESCOLAR).

A cada encontro adquirimos novos conhecimentos e nos enchemos de esperança de que podemos fazer o melhor.
(PROFESSORA DE ENSINO RELIGIOSO).

Passei a mostrar para os meus alunos que eles conheçam a sua própria identidade e que também saibam valorizar a sua história, a sua cultura.
(PROFESSORA DE ENSINO ESPECIAL).

As mudanças alcançadas com o desenvolvimento da pesquisa-intervenção na escola nos enche de esperança no sentido de vermos, com maior frequência, a história e a cultura do Cria-ú sendo revista e estudada, como também enaltecida nos seus valores positivos pela comunidade escolar. O efeito positivo dessa mudança de paradigma atinge diretamente aos educandos dentro da escola do Cria-ú. Somamos avanços significativos nesse sentido, porque quanto mais os professores, corpo técnico e direção da escola conseguirem enxergar as tensões que marcam as relações étnicas brasileiras e analisarem seus porquês, serão mais aguerridos (as) no enfrentamento, por exemplo, do racismo, que atinge preferencialmente as pessoas ditas “negros indisfarçáveis” (MUNANGA, 1996), ou seja, com traços étnicos marcados por mais melanina na pele, cabelo étnico natural e lábios carnudos, são os que sofrem mais diretamente e violentamente discriminação racial. São vítimas de xingamentos, apelidos depreciativos e comparações desagradáveis principalmente no cotidiano escolar, inclusive, pela atitude discriminatória e preconceituosa do próprio professorado que quase sempre rejeita as crianças e adolescentes que possuem os traços fisionômicos sobreditos dentre outros (as) (CAVALLEIRO, 2001; GOMES, 2001; ROMÃO, 2001; SILVA, 1995; 2001).

Os novos conhecimentos apreendidos pela comunidade escolar sobre as Relações Raciais na Educação Brasileira e local, vêm treinando seus olhos e sentimentos para

enxergarem o sofrimento das crianças e adolescentes no cotidiano escolar e a agirem para combater o problema, como evidenciam as professoras abaixo:

A partir desses texto, atentamos para inúmeras situações (dentro e fora da escola) que até então passavam despercebidas como: pequenos insultos, apelidos, brincadeiras de mau gosto etc...
(PROFESSORA DO QUARTO ANO DA EDUCAÇÃO INFANTIL).

Gosto dos saberes, dos desafios, das mudanças que promovem, da sensibilidade que o olhar recebe sobre situações que passavam despercebidas. Mas não gosto de não ser mais disponível para me entregar à causa.
(PROFESSORA DE HISTÓRIA).

Sobretudo, para compreenderem a relevância de sua participação nos *encontros de formação* e estudos coletivos sobre temáticas referentes às Relações Raciais na Educação Brasileira e Educação em Quilombos, como base para o desenvolvimento do novo Projeto Político Pedagógico em processo de execução na escola, mas que só será enraizado com a participação decisiva do professorado e o envolvimento de toda a comunidade escolar. Vejamos abaixo o que dizem os professores a esse respeito:

Sim. Todos os momentos de estudos e discussões proporcionaram-me um novo aprendizado, os quais enriqueceram muito o meu modo de pensar e agir. Hoje, porém, tenho mais firmeza em defender tais questões.
(PROFESSORA DE ENSINO RELIGIOSO).

Com certeza me ajudaram e muito. Tanto que onde eu estiver, irei colocar em prática. (PROFESSORA DO PRIMEIRO PERÍODO DA EDUCAÇÃO INFANTIL).

Sim. A escola está localizada em uma área de Quilombo e portanto, precisa estar mais que todos preocupada com a questão interracial.
(PROFESSOR DE MATEMÁTICA).

Muitos de nossos alunos ou não sabem ou não querem ser incluídos nesse processo (constituição de sua identidade étnica). Os textos trazidos foram me ajudando a compreender as relações raciais e a valorizar a cultura negra. Para depois eu poder explicar aos alunos.
(PROFESSORA DO TERCEIRO PERÍODO DA EDUCAÇÃO INFANTIL– FILHA DA COMUNIDADE QUILOMBOLA DO CRIA-Ú).

Embora os depoimentos dos professores sejam o reconhecimento pela relevância do aprendizado logrado com os textos e diálogos nos *encontros de formação*, reconheço que ainda não alcançamos o desejável como encaminhamento didático-pedagógico. Principalmente mais envolvimento pela totalidade de professores e demais segmentos de

funcionários, como viés impulsionador indispensável para o sucesso de qualquer proposta de trabalho na escola.

4.6 DIALOGANDO NA ESCOLA

Esse encaminhamento é primordial entre a comunidade escolar. A escola não deve ser vista só como lugar de trabalho que os profissionais vão e após desempenharem suas funções encerram o contato com o local.

Por isso, não priorizam o tempo do encontro e do diálogo com seus pares, corpo-técnico, educandos, comunidade e demais funcionários da escola. Na escola investigada alguns professores trabalhavam isolados em suas salas de aula e sequer conheciam sobre a prática pedagógica de seus colegas, sobre a comunidade do Quilombo e tampouco sabiam o que é um Quilombo. E todos (as) trabalhavam na escola há mais de dois anos.

A partir da abertura do *canal de diálogo* interno, promovi dentro dos *encontros de formação* momentos de trocas de conhecimento entre a professora do componente curricular projetos, na qual o conteúdo é voltado para o aprendizado das tradições locais que ela isoladamente trabalhava na escola, e a metodologia que a própria desenvolveu para trabalhar com os educandos a fim de socializá-la com seus pares.

A comunidade escolar desconhecia a metodologia e se surpreendeu positivamente quando tomaram conhecimento sobre o percurso longo que a professora trilhou para aprimorá-la e chegar até onde está.

E só conseguiu avançar porque entendeu que deveria sair da redoma dos muros da escola e se envolver com o cotidiano de seus educandos para conquistá-los e buscar se aproximar dos moradores antigos do Quilombo e convidá-los/as a participarem de suas aulas na escola e pediu permissão para seus educandos participarem de atividades práticas fora da escola tendo-os como mestres/as.

4.7 TODOS PRECISAM FAZER PARTE E SÃO IMPORTANTES DENTRO DO PROCESSO

Os depoimentos que escutei na escola e as observações permanentes que ainda faço, evidenciaram que existia uma transferência automática para professora de projetos da responsabilidade quando a escola da comunidade era convidada e ou visitada e escolhida como fonte de pesquisa por estudantes do ensino médio, fundamental, superior (graduação e

pós-graduação *lato sensu*) e por pesquisadores de diversas áreas de conhecimento. É ela que sabe responder. E por isso, os demais omitiam-se. Na ausência da professora, a diretora era cogitada.

Esse era um problema grave na escola; felizmente, na atualidade, vem sendo superado. Persistimos na afirmação de que os professores, corpo-técnico e comunidade escolar em geral devem saber sobre o trabalho que a escola desenvolve. A respeito dos projetos que ela executa, com avaliação qualitativa para que seja possível detectar as mudanças ocorridas ao longo do percurso trilhado e possam explicar essas informações se lhes forem solicitadas a qualquer pessoa.

Para facilitar o acesso das pessoas a essas informações, elas precisam estar organizadas e disponíveis em um banco de dados na escola. Todos precisam ser habilitados a falar do fazer pedagógico que são partícipes.

Sugeri então que o funcionário responsável pela sala de informática criasse uma maneira de organizar os dados gerais da escola como, por exemplo: todo recurso recebido ou conseguido pela escola com a realização de promoções e seu uso sejam transparentes e de consulta pública.

As informações referentes aos professores tais como formação acadêmica, tempo de serviço na escola, componente curricular que ministram aula e projetos que coordenam e ou façam parte, também devem ser divulgados para que a possibilidade de troca de experiências e saberes possam ser desenvolvidas com profissionais de outras escolas dentro e fora do Amapá.

As mesmas informações devem ser divulgadas com os dados de todos os funcionários da escola e sobre o rendimento escolar dos educandos. Divulgar os projetos que são desenvolvidos pela escola. As programações que são realizadas e que a escola é convidada a participar.

Informações gerais sobre o Quilombo do Cria-ú precisam ser divulgadas. Espaço para trocas de conhecimentos, responder perguntas, dar orientações e marcar agenda de visita à escola também é importante ser feito *on line*. E gradativamente, o recurso tecnológico poderá ser aprimorado para melhor atender aos anseios da comunidade escolar. Esse encaminhamento está em processo de implantação na escola.

4.8 A VALORIZAÇÃO DA CULTURA DO QUILOMBO DO CRIA-Ú NAS DATAS COMEMORATIVAS FESTEJADAS PELA ESCOLA

A primeira experiência em tematizar as programações realizadas pela escola em datas comemorativas foi com a Festa Junina do ano 2009. Que ganhou a denominação de Arraiá do Cria-ú. Fazendo referência ao nome genuíno da comunidade, “lugar de criar: gado, boi”. Foi convidado o Sr. Roldão Amâncio da Silva para antes de começar as apresentações artísticas pelos/as educandos/as, explicasse como um dos moradores mais antigos do Quilombo o porquê do nome Cria-ú.



Figura 54: A apresentadora do Arraiá do Cria-ú, professora de Educação Física e o senhor Roldão Amâncio da Silva

A professora de história coordenou os ensaios e a montagem coreográfica da “Quadrilha do Quilombo”. Envolvendo a cultura local e a tradição da festa junina da Região Nordeste.



Figura 55: Professoras de História e de Educação Física dançando a coreografia “ Pretinha d’Angola” com estudantes do ensino fundamental na festa junina da escola.
Fonte: Piedade Videira



Figura 56: Quadrilha do Quilombo.
Fonte: Piedade Videira



Figura 57: Miss Batuque – Festa Junina da Escola
Fonte: Piedade Videira



Figura 58: Miss Beleza Negra – Festa Junina da Escola
Fonte: Piedade Videira



Figura 59: Miss Marabaixo – Festa Junina da Escola
Fonte: Piedade Videira

Cada professora (or) ficou com a responsabilidade de escolher qual apresentação artística iria desenvolver com seus educandos, mas que precisavam estar relacionadas às singularidades presentes na comunidade do Cria-ú e na cultura afrobrasileira.



Figura 60: Apresentação Artística (dança do boi) de Estudantes da Educação Infantil na Festa Junina.

Fonte: Piedade Videira



Figura 61: Apresentação Artística (de carimbó paraense) de Estudantes da Educação Infantil na Festa Junina.

Fonte: Piedade Videira



Figura 62: Apresentação cultural de Marabaixo do 4º Ano do Ensino Fundamental com participação especial da Tia Zefinha, cantadeira de bandaias de Batuque e cantigas de Marabaixo, moradora do Cria-ú de baixo.

Fonte: Piedade Videira



Figura 63: Apresentação Artística (dança afro) de Estudantes da Educação Infantil na Festa Junina.

Fonte: Piedade Videira



Figura 64: Homenagem a Clara Nunes – Estudantes da Educação Infantil na Festa Junina.
Fonte: Piedade Videira

Deveriam inicialmente explicar a seus educandos o porquê da denominação de “Arraiá do Cria-ú” e entregarem o histórico do trabalho que realizaram com eles (as) para a comissão de programação, que, após a análise dos escritos, os repassaria ao casal de apresentadores (a professora de Educação física, vestida com o traje típico do Batuque e do Marabaixo – saia florida e estampada, anágua branca, blusa com folho do mesmo tecido da saia no ombro, toalha colocada por cima do ombro, flor no cabelo, adornos como colares, pulseiras e argolas). E a seu par, Willy, (Líder do Movimento Negro de Jovens do Cria-ú, vestido como seu avô – ancião já falecido), com chapéu de palha, calça comprida modelo pescador, camisa quadriculada, cachimbo e um sapato preto (tipo botina).

A solicitação feita ao professorado que preparasse o histórico do trabalho, realizado com seus educandos, causou-lhes grande estranhamento, porque, infelizmente, estavam acostumados a realizar as atividades artísticas com seus educandos de modo desconectado dos processos pedagógicos e das atividades de avaliação. Somente para cumprir as exigências formalizadas pela secretaria de educação de realizarem algo para ser apresentado na culminância dos projetos e em datas comemorativas dentro do calendário escolar. O corpo-técnico da escola não lhes cobrava tais procedimentos pedagógicos.

Expliquei ao professorado que os trabalhos desenvolvidos pela escola e na escola precisam ser planejados e ter uma razão para serem desenvolvidos. Eles (as) precisam ter clareza do porquê e para quê. E com quais objetivos desenvolvem as atividades em âmbito escolar.

Alegra-me dizer que durante a avaliação das festas e atividades didático-pedagógicas que foram realizadas na escola até o primeiro semestre de 2009, como ação teórica, prática e metodológica, fruto da pesquisa-intervenção. O professorado, corpo-técnico e direção adotaram como iniciativa que todas as festas realizadas pela escola, a partir do segundo semestre de 2009, teriam como encaminhamento a escolha de um tema e a determinação do professorado apresentar o histórico dos trabalhos desenvolvidos com seus (as) educandos (as).

4.8.1 A festa da Páscoa



Figura 65: Festa da Páscoa
Fonte: Piedade Videira

Essa comemoração foi realizada no primeiro semestre do ano de 2009 na escola com o objetivo de oportunizar a comunidade escolar o conhecimento sobre outra religião: o Espiritismo. A comunidade escolar frequenta as seguintes religiões: católica, por muitas pessoas da comunidade; evangélica, com poucos moradores e a Umbanda, em sua expressiva maioria como investiguei e revelou-me a professora de Ensino Religioso da escola pesquisada.

Os estudantes da escola têm muitos da religião católica, tem alguns evangélicos, tem alguns que falaram ainda hoje, **professora lá em casa nós somos mais da parte da Macumba, da Umbanda.** Então a gente tem que

respeitar e colocar o significado de cada uma. E fazer com que todos vejam de forma diferente. Cada religião tem o seu valor. Tem que respeitar, não é porque o meu colega é protestante, que o meu colega tem a religião dos evangélicos que eu vou discriminá-lo. Cada religião traz seus valores. A nossa disciplina é uma disciplina mais fervorosa dentro dos valores e respeito as religiões como um todo.

Considereei oportuno o momento de falar sobre o renascimento de Jesus Cristo para ensinarmos aos educandos que existem religiões diferentes das que eles são adeptos e elas todas são relevantes e que só se diferem na maneira de reverenciar o Criador.

Fui pessoalmente à sede da Federação Espírita do Amapá, levando convite como pesquisadora e colaboradora da escola (com a permissão da diretora), para convidar as pessoas responsáveis pela evangelização de jovens para participarem da Festa da Páscoa promovida pela escola.

Como a festa aconteceu na sexta-feira, os jovens do centro espírita que tocam instrumentos de corda como violão, baixo e os que cantam não puderam participar porque estariam em horário de aula. Mas seus coordenadores ficaram honrados com o convite e reprogramaram suas agendas de trabalho para que estivessem conosco no dia.

Um professor da escola, da renovação carismática, levou a banda em que ele canta para participarem da comemoração. As músicas gravadas pelos padres Marcelo, Zezinho, Fábio de Melo e cânticos de evangelização carismática foram cantados pela comunidade escolar.

Ainda em relação à parte da programação de responsabilidade da escola, convidei o ator Dinho Araújo para apresentar parte da peça teatral “O Velho”, que fala sobre a importância dos idosos e seus conhecimentos, bem como do quanto sofrem por serem desprezados por seus familiares e dentro da sociedade.

Esse encaminhamento foi dado com o objetivo de sensibilizar os segmentos da escola pesquisada para valorizarem as pessoas idosas do Cria-ú pelos conhecimentos que acumularam ao longo de suas vidas como também reafirmarmos sua importância dentro da vida dos educandos (as) e da comunidade como um todo, que deve fazer parte dos ensinamentos escolares.

A apresentação do ator e poeta Dinho Araújo foi um momento especial para toda a comunidade escolar que, até o momento não havia participado de uma festa com a possibilidade de tantos aprendizados como mencionou a professora do primeiro ciclo da educação infantil, que é evangélica: “eu nunca tinha participado de uma Festa da Páscoa tão bonita em todos os meus anos em escola”.

A escola parou, silêncio total e plena atenção à dramatização encenada pelo ator Dinho Araújo. Como desdobramento dessa atividade, o professorado ficou com a incumbência de orientar os educandos a escreverem uma carta pessoal contando sobre suas vivências e relações familiares para serem remetidas ao personagem “o velho”. Este retornaria para ler algumas dessas cartas com as crianças em um outro momento na escola. Tal atividade foi direcionada às crianças do primeiro ao quarto ciclo da educação infantil, porque apresentam maior dificuldade do que os educandos do 5º ao 8º anos do ensino fundamental na leitura e na escrita.



Figura 66: Ator e poeta Dinho Araújo na festa da Páscoa

Fonte: Piedade Videira



Figura 67: Espetáculo “Que palhaçada é Essa?”, festa da Páscoa

Fonte: Piedade Videira

Para finalizar, as professoras apresentaram suas criações artísticas em dramatizações desenvolvidas com seus educandos, enfatizando o renascimento de Jesus Cristo com danças, poesias, músicas coreografadas, peças teatrais. E depois as crianças foram conduzidas às salas de aula para saborearem as guloseimas e comidas preparadas por cada turma para a acasão.



Figura 68: Apresentação artística dos estudantes do 4º ano na festa da Páscoa

Fonte: Piedade Videira

Viabilizei ainda um grupo de teatro junto à Secretaria de Cultura do Município de Macapá para abrilhantar a festa. Tive a preocupação de explicar a todos os convidados a respeito da filosofia de trabalho que estávamos fortalecendo na escola, para que pudessem fazer suas falas enfatizando os valores e princípios que estamos repetidamente reafirmando com os (as) educandos (as) e comunidade escolar no cotidiano da escola.



Figura 69: Apresentação artística dos estudantes na festa da Páscoa
Fonte: Piedade Videira



Figura 70: Apresentação artística dos estudantes na festa da Páscoa
Fonte: Piedade Videira



**Figura 71: Brincadeira “ O coelho e sua toca” entre professores e estudantes do Ensino Fundamental na festa da Páscoa do turno da tarde.
Fonte: Piedade Videira**



**Figura 72: Artistas, professores e estudantes na Festa da Páscoa do Ensino Fundamental, do turno da tarde.
Fonte: Piedade Videira**

4.8.2 A festa das mães

Propus fazer uma homenagem às mães mais idosas da comunidade na festa em homenagem a elas no ano de 2009 na escola. Com o objetivo de continuar ensinando aos educandos o valor dos (as) anciãos (as) dentro do Quilombo do Cria-ú e o quanto são ricos os conhecimentos que possuem para a existência de seus descendentes e da comunidade local (KARASCH, 2000).

Foram homenageadas doze mães com idades de 50 a 90 anos de idade que compuseram a mesa oficial das Matriarcas Negras do Quilombo do Cria-ú.



Figura 73: Matriarcas do Quilombo do Cria-ú. Festa das Mães
Fonte: Piedade Videira

Fotografei a mãe mais idosa da comunidade, mandei fazer um banner de 1 metro de comprimento por 80 centímetros de largura para compor a decoração da festa.



Figura 74: Dona Marcelina. Filhos, nestos e bisnetos . Mãe mais idosa, moradora do Quilombo do Cria-ú.
Fonte: Piedade Videira

A técnica pedagógica do turno da manhã da escola preparou uma mesa linda com arranjos de flores vermelhas, toalha decorada, vasos bonitos para assentar as mães homenageadas e colocá-las em lugar de destaque na festa.



Figura 75: Palestrante Rejane Santos na Festa das Mães.
Fonte: Piedade Videira

Convidei também a Sra. Rejane Santos do Coletivo das Mulheres Negras da Amazônia, com sede em Macapá, para palestrar sobre o tema: “A Saúde da Mulher Negra”. Precisávamos aproveitar a oportunidade da festa, que atrai as pessoas e que sempre se conta com número expressivo de mães na escola, para falarmos de um assunto relevante e enfatizar sobre as doenças prevalentes em mulheres negras e sobre as possibilidades de tratamento e cura que essas mulheres têm acesso na rede pública de saúde de Macapá.

A palestrante foi orientada a fazer referência à “ Corte de Matriarcas Negras do Quilombo do Cria-ú”, com objetivo de reforçar seu papel crucial para a conservação de conhecimentos e práticas ancestrais gestadas só por mulheres, que ainda existem porque elas estão na comunidade.

Rejane ficou muito emocionada assim como as pessoas que estavam presentes na festa, porque jamais haviam visto, em toda a sua vida, uma mesa composta por uma Corte de Matriarcas Negras com idades de 50 a 90 anos, reunidas para serem homenageadas dentro da Comunidade do Cria-ú .

Aproveitei a oportunidade para ensinar às mães mais jovens sobre o amplo e rico conhecimento que as mães idosas e todos os demais idosos da comunidade possuem e que só terão a chance de aprender sobre eles se dialogarem com seus (as) avôs e avós, tios, tias, pais, mães e pessoas em geral do Cria-ú que estão vivas, mas poderão morrer a qualquer momento.

Em nossas andanças e conversas com os (as) idosos (as) da comunidade, observei e outras (as) nos confienciaram que sofrem muito por não terem com quem conversar em suas famílias. Por isso, várias dessas pessoas dentro do Quilombo do Cria-ú estão sofrendo com o mal da depressão.

As crianças e jovens precisam ser ensinados a valorizar as pessoas que têm em casa, bibliotecas preciosas, seus idosos e idosas, e que se conversarem atenciosamente com eles (as), poderão aprender bastante sobre a história e a cultura da comunidade, seus antepassados bem como lições relevantes para suas vidas.

O meu objetivo também era salvaguardar a imagem dessas mães idosas do Cria-ú para as futuras gerações. Muitas delas não possuem fotografias que possam garantir a seus descendentes conhecerem seus rostos. Eu sou um exemplo: não tive a chance de conhecer em vida e sequer por meio de fotografia, o rosto de meus avós paternos e avó materna.

Como desdobramento dessa atividade, propus, em reunião de avaliação, que os professores fizessem a biografia dessas mulheres, podendo se estender aos homens da comunidade para compor o acervo didático-pedagógico e banco de dados sobre a comunidade para servir como fonte de pesquisa para a comunidade escolar, comunidade do Cria-ú e as pessoas que recorrem à escola como fonte de informação e pesquisa.

4.9 A PARTICIPAÇÃO DO QUILOMBO DO CRIA-Ú NO COTIDIANO DA ESCOLA

A participação do Quilombo do Cria-ú no cotidiano da escola e vice-versa, por intermédio da memória em histórias contadas foi o caminho que busquei para que a troca de conhecimentos entre Cria-ú e escola acontecesse na prática por intermédio do diálogo frequente entre ambos. Ao professorado cabe a busca pelo conhecimento presente no dia-a-dia do Quilombo e por ser de tradição oral, esses profissionais devem ter a preocupação de pesquisar e registrar tais conhecimentos utilizando-se de fotografia, filmagens, formulários com perguntas e respostas, relatórios, oficinas e seminários proferidos pelos moradores desse território quilombola a fim de externarem o que suas memórias guardaram ao longo de sua trajetória de vida, como acúmulo de conhecimento que lograram nas vivências dentro e fora do Cria-ú.

À comunidade do Cria-ú cabe a responsabilidade de compartilhar as histórias individuais/coletivas que guardam conhecimentos relevantes sobre o *continuum* histórico referido, repletas de sentidos e significados que podem ser compreendidos se forem analisados criticamente e localizados dentro de um contexto geográfico que dá sentido ao que

representa historicamente o Quilombo. Essas informações devem fazer parte da formação escolar atual e das futuras gerações dos criouenses.

À escola cabe ainda, a explicação cuidadosa sobre a importância de cada morador (a) do Cria-ú para a continuidade da própria comunidade. Muitos dos idosos, principalmente, por estarem velhos na atualidade, sentem-se sem valor, importância e chegam a pensar que suas lembranças “são poucas” e por isso não têm importância. Na realidade, eles (as) sentem-se sem valor porque vivem o conflito diário com as limitações que a idade lhes impõe. É doloroso conversarmos com alguns (mas) deles (as) e percebermos que muitos não desejam mais viver. Veem-se como um problema para seus familiares.

A escola do Quilombo pode tentar resgatar a dignidade dessas pessoas, pensando em atividades escolares que os idosos (as) possam interagir com as crianças, adolescentes, professores, direção, corpo-técnico dentro e fora do espaço físico da escola da comunidade. Por isso sugerimos que fizessem primeiro um trabalho de conscientização com os educandos sobre a relevância de seus pais, avós e bisavós, tios e tias, enfatizando a importância de dialogarem com seus familiares em casa.

A fim de que descubram sua autovalorização como sujeitos da sua própria história e valorizem o conhecimento que eles (as) sabem sobre o “mundo encantado” que conheceram e podem lhes contar com imensa riqueza de detalhes nas descrições dos contextos e tempos cronológicos nos quais se passaram as histórias. Ou seja, ensinar aos educandos que ser idoso (a) não é sinônimo de desuso e de “objeto velho” sem valor algum. Muito pelo contrário, o valor humano e dos conhecimentos que essas pessoas possuem se tornam ainda mais valiosos porque viveram fatos, acontecimentos e em tempos que só terão a chance de imaginar se os ouvirem contar as histórias.

Além de trabalharem a sensibilidade dos educandos para a necessidade de demonstrarem dedicação ao fazer pedagógico, terem respeito, paciência, cuidarem com carinho, atenção e zelo de seus velhos (as). Ou seja, aproveitarem o tempo de vida que ainda lhes restam, para lograrem aprendizados relevantes para orientar-lhes em suas vidas. E pedirem, por exemplo, que contem as histórias de sua trajetória de vida. À escola cabe o desafio de alimentar a sementinha da curiosidade nos educandos para que readquiram o hábito de gostar de ouvirem as histórias que as vovôs e vovós contavam.

Em relação aos idosos da comunidade, é preciso que sejam convencidos do quão especiais e indispensáveis continuam sendo para a existência do Cria-ú, na tentativa de que voltem a se sentirem motivados a dialogar sobre a história escrita coletivamente (em seus corpos e memórias) por seus ancestrais e por isso chegou até a geração atual. A primeira

geração de criouenses é reponsável por termos a oportunidade de pisar, na atualidade, no território negro do Quilombo do Cria-ú.

Concluimos que, por intermédio da escuta atenciosa e respeitosa entre escola e comunidade, inúmeras possibilidades educacionais abriram-se diante de todos (as) nós no transcurso dessa pesquisa-intervenção na Escola Estadual José Bonifácio do Quilombo do Cria-ú. E, para potencializá-la ainda mais, sabemos que requer do coletivo envolvido nesse trabalho renovado esforço, dedicação, vontade de fazer, desejo de conhecer as pessoas e se deixar envolver pelos conhecimentos que elas possuem. Trabalho coletivo, superação de conflitos, usar a criatividade para pensar na produção de material didático específico, principalmente valorizar a história das pessoas e do Quilombo do Cria-ú em toda a sua diversidade em âmbito escolar, admitindo que cada território negro tem sua própria historiografia e cultura ancestral viva em cada um (a) de seus (suas) herdeiros (as).

4.10 A PARTICIPAÇÃO DA ESCOLA NAS FESTAS TRADICIONAIS DO CRIA-Ú

No ano de 2009, houve a participação da escola na maior festa tradicional realizada pelo Quilombo do Cria-ú em homenagem ao seu padroeiro “O Glorioso São Joaquim”. Portanto, foi necessário adaptar o calendário escolar ao calendário de realização da festa. Se não o fizesse, a escola não teria os educandos em sala de aula. Eles (as) desde pequenos acompanham os pais, avós, tios, tias, primos nos festejos do Batuque de São Joaquim, ou seja, participam intensamente de todo desenvolvimento da festa que se estende pelo dia, noite e nas noites de Batuque vira madrugada a dentro e amanhece o dia.

Antes do mês de férias de julho, juntas a professora do Ensino de História e eu planejamos como seria a participação da escola na festa do padroeiro da comunidade. Já que aconteceria na primeira semana de aula e retorno às aulas do segundo semestre de 2009. Por isso, tivemos a preocupação de antecipar o planejamento e deixá-lo bem definido, mas, inconcluso, com possibilidades de acréscimos e modificações.

Conversamos com a coordenação da festa sobre as atividades que gostaríamos de incorporar à programação que eles elaboraram e solicitamos a participação do coordenador geral desta o Sr. Joaquim Araújo da Paixão como palestrante do tema: “A tradição da Festa do Glorioso São Joaquim no Quilombo do Cria-ú”, no dia dezoito de agosto após a celebração da missa e compartilhar do café da manhã na igreja do santo.

No dia dezessete de agosto foi realizada uma palestra pela professora de projetos sobre a Vida de São Joaquim, após a cerimônia afroreligiosa da reza da ladainha e da folia em homenagem ao santo em sua igreja.

A equipe de coordenação das atividades (Professora de História, Artes e Projetos, Ensino Religioso e eu) ficamos felizes com a participação expressiva das crianças e adolescentes da escola bem como a comunidade do Quilombo e de fora dele que participaram de toda a programação e festejos do santo.

Foi um momento relevante para que as pessoas idosas do Cria-ú ensinassem a todos os presentes o valor da tradição e dos ensinamentos que receberam, respeitam e fazem com que se orgulhem de ser do Cria-ú e ter São Joaquim como santo protetor.

Foram entrevistadas pessoas idosas da comunidade para contarem sobre a tradição da festa, como por exemplo a Tia Tereza que completou no mês de setembro de 2009, 104 anos de idade de pura lucidez e lembranças vivas de tudo que já viu e teve a oportunidade de ouvir seus antepassados contarem sobre a tradição local. Tais informações compuseram os *slides* de apresentação sobre a vida do santo padroeiro da comunidade proferida como já mencionado pela Professora de Artes e Projetos da escola investigada.



**Figura 76: Tia Tereza. Descendente das famílias do Cria-ú e moradora do Bairro do Laguinho.
Fonte: Piedade Videira**

A professora de História e eu fizemos amplo registro fotográfico, algumas fotos compõem o texto desta tese e, filmamos alguns momentos de toda a realização da festa ocorridos pela manhã, tarde, noite e na madrugada que resultou num DVD com o registro da

Festa do Glorioso São Joaquim para servir de material didático-pedagógico aos professores da escola e fonte de conhecimento a população de nosso estado e do Cria-ú como um todo.

O material coletado será transformado em livro. Esse encaminhamento é relevante porque a tradição da festa é repassada de geração à geração pela oralidade. Por isso, o registro dessas tradições quilombolas são indispensáveis para que não se percam, após as pessoas idosas desse território partirem do plano material para o imaterial.

A fala de uma das professoras, filha da comunidade, sobre a inexistência de material pedagógico que fale sobre o Quilombo do Cria-ú, desperta-nos ainda mais para a urgência em coletarmos essas informações *in loco* enquanto ainda há tempo, para que possa subsidiar o trabalho pedagógico da escola do Quilombo:

As dificuldades encontradas é que não há materiais didáticos relacionados especificamente à Comunidade do Cria-ú. Quanto à cultura negra, já temos a nossa disposição livros que tratam do assunto.

(PROFESSORA DA EDUCAÇÃO INFANTIL- REFORÇO ESCOLAR).

Constatando a carência de material pedagógico sobre o Quilombo do Cria-ú, estamos orientando o professorado a pesquisarem sobre a comunidade e fazerem o registro do material coletado para que sejam transformados em livros, apostilas dentre outros, para que além dos dados da pesquisa, possam ser transformados em material didático-pedagógico a serviço do processo educacional em desenvolvimento na escola.

4.11 A PRODUÇÃO DE MATERIAL DIDÁTICO-PEDAGÓGICO

O desenvolvimento do trabalho educacional na escola do Cria-ú tendo como ponto de partida a história e a cultura local, remeteu-nos para a necessidade de produzirmos material didático-pedagógico para subsidiar professores, educandos, corpo-técnico e direção dentro da escola. Reconheço que além do esforço para a coleta de informações,

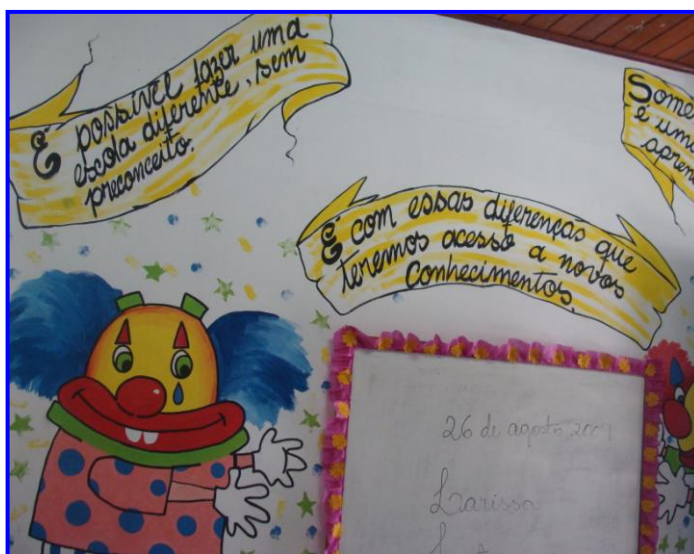


Figura 77: Decoração da sala de Educação Especial
Fonte: Piedade Videira

sistematização desses dados, pensar em termos práticos como fazer a articulação desses conhecimentos com os demais conteúdos presentes no currículo da escola, demandou a concentração de energias e idéias de toda a comunidade escolar. Por isso, conseguimos inserir nos recursos didático-pedagógicos que criamos os meios de falarmos por intermédio das várias singularidades das linguagens artísticas sobre o Cria-ú no cotidiano da escola .

A criação de jogos, brincadeiras, dramatizações, danças, confecção de livros, confecção de utensílios domésticos, orientações para o trato com a roça, produção de poesia, vivências culturais com e sobre a comunidade, oficinas de dança e confecção de sabão, apresentações culturais, gincanas, entrevistas da direção, professores e educandos à imprensa local, festas temáticas, exibição de filmes, fotografias, elaboração de murais, decoração dos ambientes da escola, desfile temático, comidas típicas, seminários, visitação a secretarias de governo, retirada de documento de identidade, encontros de formação dentre outros, foram algumas das atividades desenvolvidas com o objetivo de firmarmos a nova filosofia de trabalho da escola.

Ainda falta intensificarmos a parceria com o artista plástico do Quilombo para a realização de oficinas com a comunidade escolar na área de artes visuais, bem como com profissionais de outras áreas artísticas que trabalham com dança, música,

artes cênicas e literatura. Acreditamos que tais artistas poderão ajudar a revelar talentos do Cria-ú e futuros profissinais das artes em nosso estado.

Chegamos ao consenso também sobre a necessidade de potencializarmos as atividades escolares que envolvam linguagens da arte na escola. Apesar dos professores serem bem intencionados, estão desconsiderando as inúmeras contribuições que esse campo de



Figuras 78 e 79: Professora da Educação Especial e responsável pela biblioteca da escola no SESC/AP, participando da feira do livro, confeccionando livro de pano contando a história do Batuque do Cria-ú.
Fonte: Piedade Videira

conhecimento pode proporcionar aos educandos se for ensinado com finalidade, conceitos e habilidades específicas. A Arte deve ser ensinada na escola, como uma das realizações humanas, cujo poder tem sido salientado desde a Antiguidade, por isso precisa de seu próprio tempo e espaço dentro do currículo (SMITH, 1997). Para esse autor o ensino de Arte deve ser um aprendizado sequencial, a fim de preparar o educando para engajar-se no mundo artístico-estético com certo grau de autonomia, de julgamento independente e experiência, em níveis compatíveis com seu aprendizado.

Por exemplo, realizar uma dança por fazer na escola, sem orientar as crianças e adolescentes sobre a noção de espaço, lateralidade, sincronismo, equilíbrio, conjunto e plasticidade dos movimentos é desperdiçar a chance de orientá-los sobre as várias maneiras de dizer que as artes nos permitem (MARQUES, 2003). As linguagens da arte têm um conjunto de regras e normas que precisam ser ensinadas aos educandos para que aprendam a fazer leitura da diversidade de recursos artísticos que visualizamos a todo momento ao longo de nosso dia. Também para o desenvolvimento cognitivo, sensitivo e perceptivo dos educandos. E a escola é um espaço privilegiado para esse início de aprendizado artístico e pode revelar futuros profissionais em todas essas áreas.

Na pesquisa foi observado que, infelizmente, as atividades envolvendo as linguagens artísticas na escola do Cria-ú em grande número serve somente para o professorado cumprir a exigência de apresentar uma “dancinha” e ou “pecinha” sem conteúdos pedagógicos com os educandos. E, ao final, todos espectadores dão risadas, fazem elogios e não acrescenta basicamente nada à formação artística e estética destes. Parece que não existe a preocupação de lapidar as habilidades que todas as crianças e adolescentes possuem, para uma linguagem artística ou outra. Deve-se fomentar o interesse pela Arte, potencializando o fazer artístico, a análise e o contexto histórico desta em ambiente escolar. A correria com que os projetos eram executados em curto espaço de tempo, de forma improvisada, não contribuía para a formação ampla dos educandos.

Além da produção de material didático-pedagógico que ficava à merce da vontade de fazer dos professores e que, por sua vez, quase sempre alguns (mas) querem encontrá-lo pronto, por isso creio eu subutilizam sua própria criatividade, deixando de se envolverem na produção desses recursos pedagógicos com afinco.



Figura 80: Trabalhos produzidos pelos estudantes da escola na feira do livro SESC/AP, abordando características e problemas do meio ambiente do Cria-ú
Fonte: Piedade Videira

Concluo dizendo que, em razão da pesquisa-intervenção, muitas modificações aconteceram no cotidiano da Escola Estadual José Bonifácio do Quilombo do Cria-ú. Sem dúvidas, todas as pessoas que contribuíram direta e indiretamente nesta investigação, com grau diferenciado de envolvimento, têm clareza de que somamos avanços, mas têm como desafio levar o trabalho adiante. Sendo assim, fica-nos a certeza de que há muito mais a ser feito e para isso precisamos fortalecer a comunidade escolar para, com novo fôlego, sigamos dando continuidade às atividades iniciadas.

4.12 OS NOVOS DESAFIOS PARA O TRABALHO REALIZADO NA ESCOLA

Acredito que a pesquisa-intervenção realizada na escola do Cria-ú foi uma experiência transformadora para todas as pessoas envolvidas nesse trabalho. Por isso, após os seis meses de encontros de formação com os segmentos da escola José Bonifácio, avaliei seu desenvolvimento e inúmeros avanços alcançados no cotidiano da escola investigada, mas também a necessidade da comunidade escolar analisar o que ainda precisa ser modificado na práxis escolar local. Face ao exposto, elaborei, como sugestões para a direção, corpo-técnico, funcionários e professores da escola, uma lista com encaminhamentos didático-pedagógicos e administrativos para serem avaliados pelo coletivo e, se considerados relevantes, postos em prática dentro da escola.

- ✓ No que se refere à aquisição de novos funcionários, a obrigatoriedade de instruí-los sobre a filosofia de trabalho da escola para lhes dar a chance de optarem em fazer parte ou não do trabalho em construção que está sendo realizado.
- ✓ Tentar manter um quadro estável de professores e corpo-técnico para o aprimoramento do trabalho desenvolvido pela escola.
- ✓ Sensibilizar o professorado para a relevância de sua participação efetiva, compromissada e ética dentro do trabalho educacional em desenvolvimento na escola.
- ✓ Produção de material didático-pedagógico que enfatize e valorize a realidade do Cria-ú em diálogo permanente com a sociedade local, nacional e mundial.
- ✓ Necessidade do contraturno (os professores que trabalham pela manhã passariam a vir alguns dias à tarde à escola e vice-versa) de trabalho escolar para garantir a continuidade dos *encontros de formação*, planejamento interdisciplinar e diálogo global na escola sobre as inúmeras situações novas que aparecem no cotidiano escolar, envolvendo principalmente os (as) educandos (as).
- ✓ Conscientização por parte do professorado que precisam se apropriar dos conhecimentos, histórias e culturas do Quilombo do Cria-ú como ferramenta indispensável para a realização de sua práxis escolar.
- ✓ Todo trabalho escolar desenvolvido precisa ter uma razão de ser e por isso, o professorado precisa apresentar um histórico sobre as atividades práticas desenvolvidas com os (as) educandos (as), para que saibam o porquê estão participando da atividade e seus pais saibam o motivo da realização da mesma.
- ✓ Organização dos dados desenvolvidos nas culminâncias dos projetos, em memória dos mesmos, ajudará a comunidade escolar a reelaborá-los e também a captar recursos para a continuidade destes.
- ✓ Organização de informações referentes à escola, Quilombo do Cria-ú, projetos desenvolvidos, palestras, seminários e todas as atividades desenvolvidas dentro da escola e fora dela que tenham a participação dos profissionais e educandos, para serem divulgadas em cenário local e nacional, através de instrumento de informação via *internet*. Objetivando

encurtar a distância geográfica em que nos encontramos no Amapá com o restante do Brasil, a fim de estabelecermos trocas de conhecimentos e aprimoramento do trabalho desenvolvido pela escola.

- ✓ Descentralizar as responsabilidades dos trabalhos desenvolvidos pela escola. Cada professor (a) deve ter sua atribuição definida para dificultar o seu não envolvimento e descumprimento do que for acordado com seus pares.
- ✓ Incentivar o plantio de uma horta dentro da escola para ser cuidada por toda a comunidade escolar, mas preferencialmente pelos (as) educandos (as). E assim incentivar a retomada de uma prática antiga dentro dos bairros de maioria negra em Macapá, que é o cultivo da horta caseira. Os alimentos plantados serão consumidos coletivamente dentro da escola.
- ✓ Conseguirmos trazer os funcionários operacionais da escola para os *encontros de formação*. Dada a relevância destes dentro do processo de formação dos (as) educandos (as), por desempenharem funções importantes na escola como, por exemplo, as merendeiras, responsáveis pelo alimento diário que nutre a comunidade escolar e que por isso elas e os educandos precisam ser orientados sobre as heranças étnicas que singularizam a cultura alimentar afrodescendente. Esta deve ser trabalhada concomitante pelos professores em ambiente escolar para que além de comida, tenham a oportunidade de saborearem por intermédio destas elaborações culinárias, parte da história de seus descendentes. Além de possuírem conhecimentos ancestrais sobre a culinária local e que precisam fazer parte da merenda da escola.
- ✓ As atividades escolares que envolvam atividades artísticas, como, por exemplo, dança, dramatizações, música e literatura, precisam ser desenvolvidas com a preocupação do professorado em reconhecê-las como área de conhecimento importante para a formação integral dos educandos e não como comumente vemos, mera atividade de “faz de conta” para o cumprimento de atividades escolares com “dancinhas”. A arte, na escola, é um conhecimento indispensável para a formação cognitiva, artística, estética, crítica, cultural, religiosa, de sentidos e histórica dos (as) educandos (as) e pode ainda revelar talentos na

comunidade escolar. Portanto, arte é conhecimento sério e precisa ser elaborado com critérios bem definidos em âmbito escolar.

- ✓ Aconselhei a direção da escola a prestar contas de todo o recurso financeiro conseguido com a realização de eventos na escola para que a comunidade escolar fique sabendo sobre a destinação desses valores pela escola.
- ✓ Precisamos investigar o tronco linguístico, africano, que deu origem ao pretuguês falado no Cria-ú que elimina a pronúncia do dígrafo “lh”. Por exemplo: a palavra olha é pronunciada oiá; molha: moía; piolho: pioio. Talvez essa inquietação possa ser respondida pelo desenvolvimento de investigação sobre o assunto pelo professorado da escola e consigamos descobrir a similaridade vocabular em algum país africano que nos apresente um possível lugar de pertença étnica em África.
- ✓ No final do ano de 2009, conquistamos um prêmio importante em concurso promovido pelo Ministério da Cultura na área de Culturas Populares, no qual a escola participou com o *Projeto Cria-ú Mostra Tua Cara* e foi premiada com o montante de R\$ 10.000,00 (dez mil reais) para serem investidos em atividades do projeto. Essa conquista, fez aumentar ainda mais as atenções em relação ao trabalho diferenciado que estamos em permanente processo de aprendizado e desenvolvimento na escola. Espero que esse prêmio motive a comunidade escolar a sair em busca de outras conquistas nesse campo.

Sendo assim, sei que as necessidades educacionais e pedagógicas são inúmeras ainda, sempre serão, mas acredito que, com a continuidade do trabalho desenvolvido na escola, com objetivos claros, detalhados no próximo capítulo, teremos sempre a chance de prosseguirmos porque as bases de sustentação estarão sempre lá garantindo esse “ir adiante”. Mesmo que algumas pessoas, por algum motivo, não se sintam motivadas a participar desse “sonho”.

5 DO COTIDIANO DO QUILOMBO DO CRIA-Ú À EDUCAÇÃO

O ser humano se constitui dentro de um contexto plural de histórias, culturas e modos de vida ao longo de sua existência e de seus antepassados, ou seja, com suas vivências e memória-histórico-ancestral. (VIDEIRA, 2009, p. 232).

A trajetória percorrida nos itinerários da pesquisa conduziu-me para a inserção nas existências materiais e imateriais da Comunidade do Cria-ú, a localidade, suas realizações culturais, as pessoas, suas vidas e pensamentos, os quais formam uma totalidade que pode ser nomeada de patrimônio cultural da população local.

Este patrimônio cultural é que singulariza tal comunidade e insere as vivências do Quilombo de modo objetivo em uma sociedade mais geral. Desta singularidade e deste geral é que advém as relações sociais, Cria-ú sociedade, estado, município de Macapá e Estado do Amapá. Também este patrimônio cultural nosso, de moradores do território e descendentes perfaz o sentido de uma identidade social e cultural. Deste sentido social, cultural e econômico é que estabelecem relações sociais conflituosas. Está neste sentido de grupo social, de identidade, de patrimônio cultural a chave de identidade e da reivindicação de direitos sociais específicos, em ser e estar Quilombo. Trata-se do respeito à Constituição de 1988, de uma luta pela implementação desse respeito.

Com base nessa idéia torna-se evidente que o patrimônio cultural é o elo sensível da educação em Quilombos, destarte essa perspectiva educativa deve considerar os aspectos étnicos, históricos, antropológicos e culturais desses patrimônios materiais, imateriais e naturais nacionais e ter por princípio basilar o conhecimento, a valorização, o respeito e a conservação das tradições seculares desses territórios negros, ou seja, a transmissão desses patrimônios culturais dentro da sociedade abrangente e amapaense.

Ao confrontarmos os (as) educandos (as) com sua história e o papel político relevante que esse *continuum* cultural representa, na história do Brasil como territórios heterogêneos, coletivos, contemporâneos, de resistência, afirmação da identidade étnica, religiosidade afro, retransmissão de culturas e, sobretudo, demonstração real do princípio de liberdade e de convivência coletiva sem a linha de demarcação das cercas e muros limitando os espaços a serem ocupados pelas pessoas, estaremos possibilitando o processo de conscientização para o “ser mais”. Por certo, ensinaremos que os Quilombos não fazem parte do passado e sequer foram e ainda são simples lugares de fugas de africanos escravizados e

ex-escravos, mas lugar de cultura, tradições valorativas e terra de mistérios que devem ser respeitados e vivenciados por seus habitantes e não habitantes (ANJOS, 2009).

A história e cultura, o patrimônio cultural é que nos insere na nossa própria história, naquilo que aprendemos e cultuamos como valor social. Desta forma, a educação tendo na base o cotidiano histórico, é fundamental para o coletivo se autorepresentar e reinsserir-se com autonomia na sociedade local e nacional. Educaremos que o Quilombo do Cria-ú é parte relevante de nossa história que ainda não está registrado nos livros oficiais, ou seja, como leitura obrigatória nas escolas e universidades brasileiras para que as gerações atuais e futuras aprendam a enxergar esses grupos étnicos como cidadãos e cidadãs sujeitos de sua história. Para termos uma vida digna e cidadã é preciso lutar contra todas as formas de opressão, humilhação, maus tratos, perseguições e desumanidades a que fomos submetidos e vitimizados e infelizmente ainda sofremos como povos afrodescendentes na sociedade atual.

Por intermédio da educação poderemos instruir os (as) educandos (as) que os Quilombos são territórios negros e parte da herança cultural africana no Brasil, destacando que são também

[...] na sua essência, um fator espacial e social; secularmente atrelado a uma dimensão política; permeado de identidade; possível de categorização e de dimensionamento e onde estão gravadas as referências culturais e simbólicas da população, do grupo e da comunidade. Dessa forma, o território étnico seria o espaço construído, materializado a partir das referências de identidade e pertencimento territorial e, geralmente, a sua população tem um traço de origem comum. As demandas históricas e os conflitos com o sistema dominante têm imprimido a esse tipo de estrutura espacial exigências de organização e a instituição de uma auto-afirmação política-social-econômica-territorial. (ANJOS, 2009, p.8).

É necessário para a conservação desses patrimônios culturais que seus (suas) filhos (as) tenham reconhecidos seus direitos de cidadania e posse de suas terras. Isso inclui a educação em territórios quilombolas que precisa expressar a dinâmica distinta do cotidiano desses espaços geográficos que no caso do Quilombo do Cria-ú varia de 2.000 a 2.500 habitantes aproximadamente. Vê-los como diversos e por sua vez como culturas específicas, ou seja, ampliar o raio de visão sobre a existência e conhecimentos ancestrais presentes em cada um desses territórios e, sobretudo, ensinar aos quilombolas a reconhecer e potencializar este ser quilombola sobre o valor humano, histórico, material e imaterial que possuem e sobre o valor simbólico da terra sagrada em que vivem. E também mediar a dinâmica de constituição de uma consciência crítica e valorativa sobre seu território, a sua identidade étnica, a autoimagem positiva de si e seus semelhantes e orientá-los a cuidar da herança que

receberam de seus ancestrais, a Terra do Quilombo e toda a riqueza material e imaterial que ela representa para o povo brasileiro.

O ser Quilombo, existir como território e conservar-se como patrimônio cultural é um ato político, isso porque as comunidades quilombolas estão inseridas em disputas históricas e políticas que envolvem o reconhecimento sócio-histórico de suas tradições, bem como a legitimação de seu espaço geográfico de atuação. Nesse sentido, a educação é parte do ato político da inscrição cidadã deste grupo social em sociedade. É também um dos caminhos que viabiliza o aprender e o reaprender a ser quilombola, em que o ser social é sujeito de sua própria educação e não objeto dela.

Acredito que, dessa maneira, a educação escolar constitui-se em práxis social de formação de seres humanos críticos e atentos para a condição de desvalia que a maioria da população desses territórios é relegada em nosso país. É preciso que a escola mostre-lhes possíveis caminhos a serem seguidos para continuarem lutando para terem seus direitos e de seus semelhantes respeitados como seres humanos quilombolas com a garantia de direitos reais que postulam os dispositivos legais para que, de fato, materialize-se, trazendo melhorias, para a vida dessas pessoas. E sendo quilombolas obtenham na prática o reconhecimento e a valorização de suas culturas negras/quilombolas como marco de sua existência e também de suas heranças ancestrais sendo estudadas nas escolas como conhecimento relevante para que os (as) brasileiros (as) compreendam em quais pilares ergueu-se nossa sociedade.

Sei que contribuir para a formação moral, de valores, educacional e humana dos quilombados é formar seres humanos que se vejam refletidos em sociedade, tenham consciência da grandiosidade e relevância da contribuição em todos os sentidos de seus antecessores à nação Brasil. Por isso, a educação escolar é tão importante para esse grupo étnico. Porque, por meio dela, os quilombolas podem ser orientados a viverem onde vivem e sejam preparados a desenvolver tecnicamente a sua terra de origem e lutarem para permanecer em seus territórios, exigindo do estado brasileiro seu direito a bens e serviços que garantam sua cidadania plena.

Ao reportar-me à importância da educação para os seres culturais quilombolas, não estou referindo-me a qualquer educação, mas o meu argumento está orientado pela concepção de práxis educativa freireana fundada no diálogo crítico e problematizador, o qual gera a comunicação que possibilita a verdadeira educação.

Daí que, para esta concepção como prática da liberdade, a sua dialogicidade comece, não quando o educador-educando se encontra como os educandos-educadores em uma situação pedagógica, mas antes, quando aquele se

pergunta em torno do que vai dialogar com estes. Esta inquietação em torno do conteúdo do diálogo é a inquietação em torno do conteúdo programático da educação.

[...]

A educação autêntica, repitamos, não se faz de “A” para “B” ou de “A” sobre “B”, mas de “A” com “B”, mediatizados pelo mundo. Mundo que impressiona e desafia a uns e a outros, originando visões ou pontos de vista sobre ele. Visões impregnadas de anseios, de dúvidas, de esperanças ou desesperanças que implicam temas significativos, à base dos quais se constituirá o conteúdo programático. (FREIRE, 1970, p. 98-99)

Ao presumir que a educação em Quilombos deva adotar a prática da liberdade a partir da relação com o patrimônio cultural dos próprios territórios quilombolas reafirmo que o conteúdo programático de tal educação seja organizado de acordo com a situação presente, existencial, concreta. Deve refletir o conjunto de aspirações do povo afrodescendente que ali atua e vive com suas contradições básicas e “como problema que, por sua vez, o desafia e, assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação”. (FREIRE, 1970, p. 101).

A educação das crianças e adolescentes de Quilombos como prática da liberdade no contexto escolar, constitui-se como conteúdo programático da riqueza material, imaterial, natural e humana presentes nesses territórios. Por isso essa educação funda-se no diálogo e na problematização crítica sobre a realidade existencial e concreta desses espaços ancestrais como tecido histórico/cultural ainda não estudado com a seriedade e a propriedade que merecem. Principalmente nos estados de Mato Grosso, Amapá e Rio Grande do Sul que apresentam, segundo (ANJOS, 2009, p. 129): “registros nas suas fronteiras com outras unidades políticas internacionais, Bolívia, Uruguai e Guiana Francesa. Esse fato indica a necessidade de alargamento da compreensão espacial dos territórios quilombolas além das fronteiras do Brasil” e sobre suas conexões culturais.

Portanto, é importante destacar também na educação em Quilombos:

Que as populações africanas não foram responsáveis somente pelo povoamento do território brasileiro e pela mão-de-obra escrava, eles marcaram e marcam, de forma irreversível, a nossa formação social, tecnológica, demográfica e cultural que, ao longo desses séculos, foi preservada e recriada, mesmo com as políticas contrárias do sistema. As populações de origens africanas (grifo nosso) são as responsáveis pela adequação nos trópicos da técnica pré-capitalista brasileira, como, por exemplo: a mineração, a medicina, a nutrição, a agricultura, a arquitetura, a pecuária, tecelagem, a metalurgia, a cerâmica, as estratégias militares e de construção, assim como a elaboração do português africanizado, da religião, com a sua cozinha sagrada e os princípios filosóficos. (ANJOS, 2009, p.75).

Esse conhecimento precisa fazer parte da formação de profissionais que trabalham com a instrução de pessoas como os (as) professores (as), diretores (as), técnicos administrativos e pedagógicos e funcionários em geral de escolas localizadas em territórios de Quilombos. Principalmente os que são alheios a essa realidade, e por isso, precisam de formação e capacitação específica e continuada para entenderem a dinâmica e as especificidades desses grupos étnicos e sobretudo reconhecerem o valor histórico, social e cultural que esses patrimônios nacionais possuem. Aos profissionais ligados diretamente a educação em Quilombos cabe a responsabilidade de conhecerem esses territórios como ação primeira de seu ato de educar. Para que o conteúdo educacional tenha relação com a vida e o cotidiano dos (as) educandos (as) como espelhos da própria comunidade dentro da sociedade abrangente.

Os (as) professores (as) que trabalham em escolas situadas dentro de Quilombos, se valorizarem o conhecimento desse *continuum* cultural como conteúdo didático-pedagógico, proporcionarão aos (às) educandos (as) aprendizado significativo sobre si e sua comunidade. Porque eles (as) conseguirão enxergar-se dentro dos conteúdos escolares e contextos geográficos apresentados em sala de aula. Dessa maneira, serão instruídos a se sentirem orgulhosos de seus ancestrais africanos e afrodescendentes e a ambicionarem ser, no futuro profissionais de áreas de conhecimento que possam melhorar a vida em comunidade e desejarem edificar seus sonhos de transformação e melhorias de vida para si e seus semelhantes onde vivem. E não como comumente vemos serem incentivados por alguns (mas) professores (as) a desejarem viver na cidade, desterritorializados (as) e a desempenharem funções profissionais que não têm relação com a riqueza de conhecimentos que crescem ouvindo e convivendo em seio familiar e comunidade.



Figura 81: Crianças estudando na biblioteca da Escola do Quilombo. Fonte: Piedade Videira

Na escola, os (as) filhos (as) do Quilombo precisam aprender, desde a infância, a valorizar e respeitar, como também ter orgulho do lugar em que vivem, com suas potencialidades, apesar da omissão do poder público e limitações em sua infraestrutura. Devem ser orientados, no transcurso de sua formação escolar e transformação cronológica de crianças para adolescentes, adultos e anciãos (as), que também cabe a eles (as) a construção de um lugar bonito – para lhes oferecerem condições de viverem com dignidade, aprazível, com atividades desportivas, formação técnica, de empreendedorismo, com bens e serviços públicos a serviço de seus irmãos (ãs) quilombolas. É comum escutarmos dos educandos que têm em suas cabeças um ideal de comunidade, como evidenciaremos abaixo, em depoimentos como obtivemos no desenvolvimento de oficina de dança afro denominada “Inversando Histórias de Vida Bandaiadas de Emoção”, realizada com a participação da Associação da Companhia de Dança Afro Baraka de Macapá nas dependências da escola do Quilombo no ano de 2009.

Ter o Cria-ú como patrimônio cultural e social é parte da melhoria das condições de sobrevivência e de possibilidade de projetos de vida dentro do Quilombo, sem a necessidade dos criaenses irem para a cidade de Macapá para viverem a esperança de um futuro melhor.

Na opinião das crianças e adolescentes para a vida ser ainda melhor dentro do Quilombo do Cria-ú, a comunidade precisa ter: uma praça com brinquedos, uma lanchonete, uma sorveteria, um orelhão na escola (telefone público), curso de inglês, reforma da escola, ensino médio, modalidades esportivas (vôlei, basquetebol e escolinha de natação), o centro de saúde reformado com atendimento durante 24 horas e com ambulância, mobiliário novo, iluminado e ampliado. Aos jovens coube ainda a observação de que precisam de cursos técnicos para que possam ser incluídos no mercado de trabalho como mão-de-obra qualificada. Por eles (as) não terem o que desejam, sentem-se inúteis e desesperados com a falta de oportunidade, emprego e perspectivas de futuro educacional e profissional. Dizem ser estes um dos principais motivos de sua apatia, desesperança, falta de perspectiva na vida e por isso, parte dessas pessoas, são empurradas para o consumo de álcool e também de drogas como “saída perigosa” para a resolução de seus problemas.

A fala das crianças apresenta um conjunto de reivindicações que são recorrentes entre meninos e meninas que vivem em espaços habitados, nas cidades, mas esquecidos pelo poder público e por isso vivem em situação de carência material. O território do Cria-ú, é um ponto turístico, está próximo da área urbana da cidade de Macapá e por isso a comunidade está em permanente contato com pessoas de dentro e de fora do Estado do Amapá. As

crianças e adolescentes são “bombardeados” diariamente por um conjunto de informações que lhes chegam por intermédio dos programas televisivos, repletos de propagandas com conteúdo agressivo, de forte apelo consumista, racista, sexista, preconceituoso, de banalização das formas de violência, com raras exceções a alguns que apresentam alguma possibilidade de melhoramento humano e crescimento intelectual. Alguns destes seres em formação transitam pela cidade e tal contato faz com que desejem ter dentro do próprio Quilombo possibilidades de entretenimento, lazer, serviços e formação profissional para que sejam encorajados a permanecer no Cria-ú.

Pela terra ter um valor e devido outros grupos quererem se apoderar dela, utilizada para finalidades sem interesse para a população do Cria-ú, a educação oferecida às crianças e adolescentes desse grupo étnico, precisa ter, como um dos vieses, a conscientização destes sobre o valor do território que herdaram de seus ancestrais. E para se tornarem competitivos no mercado de trabalho e dentro da sociedade, a única saída que existe não é deixarem o Quilombo. E portanto, serem levados a esquecerem suas raízes ancestrais, lugar de pertença e identidade étnica. Devem adquirir a consciência de que vivem num território com inúmeras possibilidades de desenvolvimento e crescimento coletivo. Não precisam deixá-lo definitivamente para conquistarem riquezas materiais e colocação profissional. Podem até mesmo sair temporariamente, mas com a responsabilidade de retornarem a seu território e aplicarem os conhecimentos aprendidos para melhorar a vida em comunidade.

Para atenuar o crescente índice de quilombolas que migram para as cidades, e formaram um “batalhão” de pessoas desterritorializadas em todo Brasil, o investimento educacional e técnico-profissional em territórios quilombolas ajudarão a conter esse fluxo migratório e assim encorajar os aquilombados a permanecerem em suas terras.



Figura 82: O Boi passou a ser o mascote da escola porque se refere ao nome do próprio Quilombo – lugar de criação de boi e búfalo.

Fonte: Piedade Videira

Dentro dos Quilombos, existem inúmeras maneiras de bem servir a seus moradores para que consigam viver, criar seus (suas) filhos (as) e sustentar seus familiares com as

riquezas existentes dentro desse próprio território. Mas para tanto, as políticas públicas precisam chegar de fato a esses grupos étnicos, objetivando melhorar a vida dessas pessoas.

Os estados e municípios devem incluir os quilombolas em seu Plano Diretor, com a garantia de recursos financeiros, técnico profissional e educacional para que a organização política dessas comunidades e as representações coletivas existentes possam ser ouvidas e protagonizem seus anseios a partir da escuta sensível e respeitosa, desses órgãos, a suas necessidades reais. Para Rafael Sanzio (2009), os municípios devem reconhecer os Quilombos em seus Planos Diretores porque

Todo município com mais de 20.000 habitantes no Brasil deve ter um plano diretor municipal, esta obrigatoriedade constitucional tem como referência criar na gestão do município um conjunto de instrumentos mais eficazes e realistas para as demandas da sociedade. Esta é uma oportunidade, particular, para a inserção dos sítios quilombolas rurais e urbanos no processo de planejamento da terra municipal. Nesta direção, as representações das comunidades quilombolas, precisam estar preparadas para atender às exigências desse processo político-territorial. (ANJOS, 2009, p. 156).

É inegável que já existem algumas políticas públicas em andamento no Brasil para os quilombolas. Mas, face às dimensões do território nacional, aos reduzidos recursos humanos e financeiros ensejados, não conseguem chegar efetivamente a quem se destina de forma igualitária em nosso país. Sendo assim, garantia de direito à terra, acesso a formações voltadas para pecuária, agricultura, pesca artesanal, utilização de recursos naturais, investimento financeiro, técnico, profissional e educacional sério e planejado para a melhoria da qualidade de vida nas comunidades de Quilombos, ainda é um sonho para a expressiva maioria desses grupos étnicos.

Para terem a oportunidade de acessarem a esses direitos garantidos por lei precisam estar organizados em entidades sociais com identidade jurídica. E que dialoguem com a comunidade e não as represente à revelia dos interesses da coletividade, como é comum acontecer. A falta de entendimento entre as entidades sociais e a comunidade, no caso do Quilombo do Cria-ú, vem atrapalhando o desenvolvimento da própria comunidade.

Por isso, observei inúmeros desperdícios neste território, como abundância em árvores frutíferas, água potável, fibras, plantas medicinais, peixes e lugares privilegiados para a prática do turismo ecológico e cultural. Vale enfatizar que o turismo para ser viável aos Quilombos deve respeitar a história e a cultura local e conservar seus conhecimentos e princípios ancestrais.

Na comunidade do Cria-ú, por exemplo, o estrago de frutas por ciclos ao longo do ano é impressionante. É visível a falta de investimento na área de capacitação da mão-de-obra local que poderia gerar emprego e renda para as famílias do lugar, retirando-as da limitação financeira de viverem da aposentadoria dos mais velhos e da agricultura de subsistência, dada a falta de emprego que assola principalmente a população negra e pobre brasileira.

A escola da comunidade e os movimentos sociais negros (as) do Cria-ú e *Sistema S* (SEBRAE, SENAI, SENAC), por exemplo, poderiam buscar parcerias para treinar o olhar dos (as) criouenses, para verem dentro do Quilombo as riquezas e potencialidades que ele possui. E qualificar os (as) jovens locais com cursos técnicos para a produção de polpas, compotas, doces e utensílios domésticos com a identidade étnica do Cria-ú, para serem comercializados aos turistas que visitam à comunidade e em feiras culturais e de negócios, bem como criar um estilo dentro da estética criouense de trançados, roupas, adornos, artes visuais, literatura, *souvenir* como a produção de sabão artesanal aromatizado com motivos locais, cuja técnica é dominada pelas mulheres idosas da comunidade. Assim como a utilização das variadas sementes e fibras abundantes existentes nesse território para a confecção de objetos variados. A valorização da culinária com seus pratos típicos e iguarias locais para gerarem recursos à comunidade. Criar uma cooperativa talvez seja uma idéia, que pode ser potencializada, para oportunizar à comunidade local a se autogerir e empreender suas riquezas e seus próprios ganhos financeiros.

O treinamento escolar dos (as) educandos (as) como guias turísticos sobre as belezas e singularidades do Quilombo seria mais uma possibilidade de qualificar os alunos sobre a história e cultura local, gerar renda para esses jovens e, principalmente, cuidar do ambiente ecológico do Quilombo agredido pela falta de educação ambiental dos turistas e frequentadores do local, que atiram lixo e poluem o ambiente com o uso abusivo de música mecânica em volume alto na comunidade.

Dentro do Quilombo do Cria-ú tem um museu³⁸ inaugurado no ano de 2002, que é mais um espaço subutilizado dentro da comunidade e que poderia ser transformado em espaço vivo de história e cultura do Cria-ú com exposições permanentes de fotografias, utensílios, plantas medicinais, espaço de contação de história, apresentação cultural de Marabaixo e Batuque, *Hip Hop*, dança afro, exibição de vídeos sobre à comunidade e seu amplo calendário

³⁸ Além do belo espaço físico do Museu dentro do Quilombo do Cria-ú, há ainda a sede social e a igreja de São Joaquim no Cria-ú de Cima, centro comunitário no Cria-ú de Baixo e Dek (complexo turístico reformado no ano de 2009, edificado sobre a ponte que cruza o Rio Cria-ú).

cultural, seu artesanato produzido pelos moradores, exposição de livros (seus escritores da comunidade), quadros (de seus artistas plásticos) e palestras com os (as) moradores (as) da comunidade falando sobre o Quilombo e suas riquezas, materiais, imateriais, naturais e humanas.

Mas infelizmente este espaço transformou-se, segundo Albuquerque (2007, p. 78)³⁹,

[...] num centro cultural ocioso em razão da falta de profissionais para acompanhar as atividades específicas da museologia, além da pressão das políticas de desenvolvimento do turismo. Assim, pode-se concluir que a comunidade perdeu um instrumento importante para o reconhecimento e a valorização da cultura quilombola local.

Para tentar sanar a lacuna que a autora sobredita menciona, creio que a capacitação dos (as) moradores (as) da própria comunidade poderia resolver o problema e ainda envolvê-los na responsabilidade de cuidar e tornar vivo e operante o museu da comunidade. Mesmo porque alguns (mas) filhos (as) do lugar sabem que “o Cria-ú é um museu aberto, sem cercas, tudo aqui é museu. Cada um de nós é um museu, pois temos uma história e construímos uma história.” (MORADOR – QUILOMBO DO CRIA-Ú).

Portanto, aprendi com o uso do método freireano e o uso do conceito de afrodescendência no desenvolvimento da pesquisa participante e seu desdobramento na pesquisa-intervenção que promovi na escola do Cria-ú, que a educação em Quilombos precisa articular as vozes do passado (moradores antigos desses lugares), a vitalidade, vivacidade articuladas com a ânsia de saber, viver e conhecer das crianças e jovens como raízes que se fortalecem pela união entre elas e a sustentação de conhecimentos dos (as) mais velhos (as). Tornando essa união entre gerações mais rica em existência para ambos como também para a salvaguarda do passado, presente e futuro da comunidade para as futuras gerações. A escola precisa deixar falar quem tem a experiência do vivido, experienciado, sofrido, sentido, dançado e degustado. E ajudar os mais jovens a enxergarem com orgulho a sabedoria presente nos idosos (as) do Quilombo do Cria-ú. E a transformarem esses conhecimentos em material didático-pedagógico a serviço da formação intelectual, moral, de valores e humana das crianças e jovens futuros (as) cidadãos (ãs) de nosso país.

³⁹ Desenvolveu sua pesquisa de mestrado, junto à Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará e Concurso Negro e Educação IV, sob o tema “Cheiros e Batuques do Museu: construindo conceitos sociopoéticos no Quilombo do Curiaú”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Oh vem, oh vem, oh vem a Aurora [Coro
 A Aurora do dia vem [Coro
 Oh deixe-me cantar um pouco que hoje ainda não cantei
 Oh vem, oh vem, oh vem A Aurora [Coro
 A Aurora do dia vem [Coro
 Eu quero ver se a minha voz ainda está como eu deixei
 Oh vem, oh vem, oh vem a Aurora [Coro
 A Aurora do dia vem.

Início minhas reflexões finais nesta tese, embalada pela letra e melodia dessa bandaia de Batuque, cantada no Quilombo do Cria-ú ao alvorecer do dia – na Aurora. Neste momento, os (as) dançantes louvam as Forças Espirituais, dançando, cantando, bebendo, sorrindo, soltando fogos – tipo rojão – gritando e se confraternizando em agradecimento pela possibilidade de terem festejado seus (suas) santos (as) de devoção, na companhia de conterrâneos, parentes, amigos e desconhecidos seguindo a tradição da cultura criouense.

Ao falarmos do território quilombola do Cria-ú, devemos enfatizar, sobretudo, os Batuques e Marabaixos, tipos de festas realizadas com muita seriedade pelos criouenses praticamente ao longo de todo ano, como comemoração pública dedicada aos (as) santos (as) da religiosidade católica composta de danças, tambores, pandeiros e simbologias materializadas nos rituais religiosos presentes na cultura afroamapaense que representam os *modus vivendi* particular desse *continuum* cultural como parte relevante do tecido histórico afrobrasileiro de nosso país.

Os Batuques e Marabaixos não são somente a reunião de pessoas para celebrarem seus santos e entidades espirituais. Trata-se de uma forma de pensamento e prática social que servem para a comunidade do Cria-ú reafirmar a ancestralidade negra como estratégia de sobrevivência e manutenção de sua cultura.

Dançar, principalmente para os idosos do Cria-ú, funciona como um processo de cura de doenças, dores no corpo, para afastar a tristeza, curarem-se de sentimentos não bons, reencontrar seus parentes e comadres e compadres, sorrir e festejar os santos e a vida com a dança do Batuque que faz seus corpos “incendiarem”. Dançar provoca a sensação de alegria extasiante, feito fogo que preenche os corpos de força ancestral, que faz as dores e sofrimentos provocados pelo corpo cansado desaparecerem.

A dança faz rejuvenescer, despertar a memória corporal e afetiva e os alimenta de energia vital. Dançam um requebro misto de história, cultura, passado e presente de gente que

fortalece sua autoestima nos Batuques e Marabaixos. Brincam com garbo. São sujeitos ativos e agem com seu espírito de realeza por estarem em seus territórios dançando a sua tradição e exibindo a sensação de grandeza e habilidades corporais em seus movimentos.

Dançar para eles (as) é jeito, não precisam se “afobar”, o dançador vai tentando “mundiar” (encantar e seduzir a dançadeira) que requebra diante dele com gingas sensuais, se saindo algumas vezes e outras demonstrando que está aceitando seu ato de “mundiar”. O suor em abundância escorre dos corpos dançantes acentuando ainda mais a sensualidade que envolve os presentes. Os tambores provocam uma espécie de hipnose e quase ninguém resiste e adentra a roda ou dança mesmo que seja parado.

A aprovação e implementação da Lei nº 10.639/03 abre um leque de possibilidades de se trabalhar pedagogicamente com a história e culturas negras e seus inúmeros conhecimentos dentro das escolas, a partir das várias linguagens artísticas e especificidades culturais de descendência africana presentes nos diversos estados brasileiros.

A pesquisa-intervenção realizada na escola Estadual José Bonifácio do Quilombo do Cria-ú com base na memória dos criouenses herdeiros desse patrimônio material, imaterial e natural do Amapá, demonstrou que

[...] É possível redesenhar o papel da escola no contexto sociocultural, histórico e geográfico brasileiro. Isso significa para a comunidade escolar, em toda sua extensão técnica, pedagógica e gestora a necessidade de desenvolver atividades pedagógicas que partam inicialmente das expressões e construções históricas, sociais e culturais da comunidade, ou seja, dos saberes populares expressos nas várias formas de comunicação verbal e não verbal, os quais precisam ser conhecidos e respeitados no contexto educacional formal. (VIDEIRA, 2009, p. 270).

O respeito às tradições culturais e religiosas dos educandos do Quilombo do Cria-ú em ambiente escolar, ajudou a promover o conhecimento mais ampliado destes sobre o mundo, a partir do autoconhecimento sobre suas raízes étnicas. E ainda a significar positivamente sua identidade política como negro e quilombola, elevar sua autoestima e munirlos de informação contextualizada sobre a trajetória de escravização e desumanidade de seus descendentes na história do Brasil. E aos educandos não negros permitiu

[...] entenderem que a sociedade é plural e que os sujeitos que a compõem tem suas especificidades. Essas marcas culturais não significam desigualdades sociais, nem tampouco inferioridade cultural, são portanto, referenciais étnicos, culturais, identitários e religiosos da sociedade brasileira que é formada por pessoas que pertencem a grupos étnicos distintos. Esses grupos possuem culturas e histórias próprias, igualmente

valiosas e que, em conjunto constroem, na nação brasileira, sua história (VIDEIRA, 2009, p. 270).

Aos segmentos da escola envolvidos na investigação ficou a certeza de que cabe ao coletivo desta e, sobretudo, aos educadores a árdua tarefa ética de mudar esse equivocado paradigma secular de considerar os africanos e seus descendentes como ex-escravizados e desprovidos de qualquer valor e conhecimento. Ambos aprenderam que os povos africanos não foram responsáveis somente pelo povoamento do território brasileiro e pela mão-de-obra escrava. E na atualidade reconhecem as inúmeras contribuições desses grupos étnicos à cultura e desenvolvimento econômico e tecnológico de nosso país.

Esses profissionais passaram a identificar as práticas pedagógicas dos povos africanos e a valorizá-las na escola do Cria-ú a partir da história e cultura dos próprios quilombolas, por exemplo: oralidade, estudantes contadores de histórias; a circularidade, que é um valor civilizatório afrobrasileiro, pois aponta para o movimento, a renovação, o processo e a coletividade; a musicalidade, que é um dos aspectos afrobrasileiros mais emblemáticos e que está na gênese da música popular brasileira; a dança do Marabaixo e Batuque Afroamapaense como significação positiva da identidade étnica dos educandos e elevação de sua autoestima, cooperatividade – a cultura afro-brasileira é cultura do plural e do coletivo.

Considero, ainda, que é fundamental rever os currículos dos cursos de licenciaturas e pedagogia, pois os educadores brasileiros ainda são formados a partir de uma visão homogeneizadora e linear da história, conduzindo-os a uma neutralidade que ignora valores básicos da composição pluriétnica da sociedade brasileira.

Aprendemos que a pluralidade cultural também é repleta de dinamismo e assume a tarefa de avançar em direção à construção de uma proposta pedagógica multicultural que nunca está acabada, pois o Brasil, que é um país continental, multiétnico onde se vive um intenso sincretismo religioso, nunca estará pronto, com uma única face que o caracterizaria; ele estará sempre “acontecendo”, formando-se.

Compreendemos que os desafios em propor novas metodologias para o ensino de estudos étnicos implicam em reformular currículos e ambientes escolares; articular cultura e identidade; criar oportunidades de sucesso escolar para todos os (as) educandos (as), independentemente de seu grupo social, étnico, religioso e político.

As pessoas interlocutoras na pesquisa-intervenção realizada na escola do Cria-ú consideram o desenvolvimento e resultados alcançados com esse trabalho um exemplo positivo que promoveu várias mudanças bem sucedidas na prática pedagógica da escola por

exemplo: aumentou a participação de crianças e adolescentes nos Batuques e Marabaixos; melhorou a autoestima da comunidade escolar; maior respeito à diversidade humana; diminuição de xingamentos e agressões verbais entre os educandos; melhorou a relação educando/educando, professores/educandos, direção/professores/educandos/funcionários; educandos/comunidade e maior aproximação entre escola e comunidade, maior respeito nas relações interpessoais; mais respeito com os idosos; valorização da cultura local; mais diálogo entre a comunidade e a escola.

Desta forma, diminuimos a desarticulação entre o conhecimento local e a cultura escolar na prática pedagógica da escola; o espontaneísmo pseudodidático manifesto pela falta de planejamento entre os professores; a manutenção ideológica de que o negro somente contribuiu para a formação da sociedade brasileira como escravo. Buscamos elementos simbólicos e culturais que influenciaram no processo identitário da comunidade, e algumas mudanças curriculares aconteceram para atender à especificidade étnica e cultural do Quilombo do Cria-ú. Optamos por trabalharmos insistentemente a auto-estima e a conscientização da cidadania dos educandos negros com os não negros, como a possibilidade de conhecerem sua própria cultura que de maneira alguma está num patamar abaixo ou acima da cultura eurocêntrica. Agimos com esse propósito objetivando conscientizá-los de que estamos num universo de culturas diferentes que devem ser respeitadas nas suas individualidades. E assim estabelecermos um canal de comunicação curricular com o mundo, no qual os quilombolas apoderam-se de outros conhecimentos e passam a exercer a sua plena cidadania.

Portanto, a educação em Quilombo constitui-se da articulação da prática educativa com o patrimônio cultural da comunidade quilombola, que ao assumir essa perspectiva adquire vínculo com a concepção freireana de educação como prática da liberdade e ato político, fundada na conscientização e problematização da existência, no diálogo com o real concreto, as contradições e problemas locais. Esse conjunto de ações, ao constituir o ato político de libertação das práticas de opressão, faz com que os seres sociais e históricos, no caso, os afrodescendentes pertencentes a estes territórios, encontrem o caminho do “ser mais”. Concluo também que ainda existe muito a ser pensado como formas de dinamizar a vida neste Quilombo, de pensarmos educação e realizarmos políticas públicas afirmativas das identidades e das necessidades da coletividade criouense. Este estudo revela um conjunto cultural pouco pensado nos trabalhos acadêmicos, mas também traduz um universo de várias necessidades no campo pedagógico e da educação para os Quilombos. A educação

universalista é uma educação urbana eurocêntrica, apenas adaptada, não pensada tendo como foco principal os Quilombos, portanto, ainda inadequada para esta realidade.

REFERÊNCIAS

ANJOS, Rafael Sanzio dos . **Quilombos: geografia africana – cartografia étnica territórios tradicionais**. Brasília: Mapas Editora & Consultoria, 2009.

ALBUQUERQUE, Elane Carneiro de. **Cheiros e batuques do museu: construindo conceitos sociopoéticos no quilombo do Curiaú**. In: OLIVEIRA, Iolanda de;AGUIAR, Márcia Ângela; SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e; OLIVEIRA, Raquel (Orgs). Negro e Educação 4: linguagens, educação, resistências , políticas públicas. São Paulo: Ação Educativa, ANPED, 2007.

ALVES, Teodora de Araújo. **Herdanças de corpos brincantes: saberes da corporeidade em danças afro-brasileiras**. Natal-RN: Editora da UFRN, 2006.

ACEVEDO, R. **Quilombos no Brasil**. Revista Palmares, n.5. Brasília: Fundação Cultural Palmares/Miistério da Cultura, 2000.

AMARAL, A.J.P. **Etnologia, Educação e Ambiente nos Quilombos da Amazônia**. In: OLIVEIRA, I.;GONÇAVES e SILVA, P.B. PAHIN PINTO, R. (orgs). Concurso Negro e Educação 3: escola, identidades, cultura e políticas públicas. São Paulo: Ação Educativa/Anped, 2005.

ARRUTI, José Maurício. **Mocambo: antropologia e história do processo de formação quilombola**. Bauru /SP: Edusc, 2006.

ALMEIDA, Alfredo Wagner B. de. **Terras de preto, terras de santo, terras de índio – uso comum e conflito**. In: HÁBETTE, J.; CASTRO, Edna (Org.). Na trilha dos grandes projetos. Belém:NAEA/UFPA, 1989.

_____. **Quilombos:sematologia face a novas identidades**. In: Frechal – terra de preto, quilombo reconhecido como reserva extrativista. São Luís: SMDDH/CCN-PVN, 1996.

BRASIL, Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Diretrizes Curriculares Nacional para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira**. Brasília-DF, 2004.

BÂ, Amadou Hampâté. **A educação tradicional na África**. Revista THOT n.64, 1997. Texto original editado em francês como capítulo do livro: Aspectos de la Civilization Africaine, Paris, ed. Présence Africaine, 1972.

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil; Lisboa: Difel, 1989.

BLOCH, Marc. **Apologie pour l’histoire ou métier d’historien**. Paris: Armand Collin, 1993.

CHAGAS, M. A. **Curiaú: Dossiê da Área de Proteção Ambiental**: dossiê. Macapá: Governo do Estado do Amapá-GEA/Secretaria Estadual do Meio Ambiente-SEMA, 1997. Não Paginado.

CAVALLEIRO, Eliane. **Educação anti – racista**: compromisso indispensável para um mundo melhor. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

CUNHA JR., Henrique. **Africanidade**, Afrodescendência e Educação. **Educação em Debate**, Fortaleza, Ano 23, v. 2, n° 42, 2001.

_____. Texto de trabalho na disciplina de Etnia gênero e educação na perspectiva dos Afrodescendentes – 2006.(Mimeografado)

_____. **Memórias negras e memórias de negros** – 2009. (Mimeografado)

DOWBOR, Fátima Freire. **Quem educa marca o corpo do outro**. 2 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

ELIA, Nobert; SCOTSON, John L. **Os estabelecidos e os outsiders**: sociologia das relações de poder a partir de uma pequena comunidade. Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.

FAZZI, Rita de Cássia. **O drama racial de crianças brasileiras**: socialização entre pares e preconceito. 1 reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Miniaurélio**: o minidicionário da língua portuguesa. 7 ed. Curitiba: Ed. Positivo: Coordenação de Edição Marina Baird Ferreira, Equipe de lexicografia Margarida dos Anjos, 2008.

FERREIRA, Maria Zita. **Dança negro**, ginga a história. Belo Horizonte: Mazza Edições, 1998.

FACUNDES, F.da S. & GIBSON, V. M. **Recursos naturais e diagnóstico ambiental da APA do Rio Curiaú** – Macapá: UNIFAP, 2000 – (Trabalho de Conclusão de Curso). 58 p., 2000.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do oprimido**. 13ª Ed. Rio de Janeiro. Editora Paz e Terra, 1970.

_____. **Política e educação**. 7ªed.São Paulo: Cortez, 1993.

KARASH, Mary. **A vida dos escravos no Rio de Janeiro (1808-1850)**. São Paulo: Companhia das Letras. 2000.

KERTÉSZ, Isabella. **Tendências atuais da administração da educação**: um passeio pela literatura. Revista Educação. N. 22. Porto Alegre, 1992.

GOMES, Nilma Lino. **Educação e relações raciais**: refletindo sobre algumas estratégias de atuação. In: MUNANGA, Kabenguele (Org). Superando o racismo na escola. 3ª ed. Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

HALBWACHS, M. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990.

LODY, Raul. **Cabelo de axé: identidade e resistência**. Rio de Janeiro; Ed. Senac Nacional, 2004.

MUNANGA, Kabengele. **Negritude: usos e sentidos**. São Paulo: Ática, 1996.

_____. **Uma abordagem conceitual das noções de raça, racismo, identidade e etnia**. Cadernos Penesb, n.5, p. 15-34. Niterói: Editora da UFF, 2004.

MOURA, Clóvis. **Rebeliões da senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas**. São Paulo: Conquista, 1972.

MINAYO, M.C.S. **Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade**. Petrópolis: Vozes, 1994.

MAGALHÃES, Ana Del Tabor Vasconcelos. **Ensino de arte: perspectivas com base na prática de ensino**. In: BARBOSA, Ana Mãe (org.). **Inquietações e mudanças no ensino da arte**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARQUES, Isabel A. **Dançando na escola**. São Paulo: Cortez, 2003.

MARTIN, G. J. **Ethnobotany, a methods manual**. London, UK: Chapman & Hall, 1995.
NASCIMENTO, Abdias. **O Quilombismo**. Petrópolis: Vozes, 1980.

OLINTO, A. **A casa da água**. Rio de Janeiro: Bloch, 1969.

PINTO, Benedita Celeste de Moraes. **Memória, oralidade, danças e rituais em um povoado amazônico**. Cametá: BCMP Ed. , 2007.

PEREIRA, Edimilson de Almeida. **Os tambores estão frios: herança cultural e sincretismo religioso no ritual do candomblé**. Juiz de Fora: Funalfa Edições. Belo Horizonte, Mazza Edições, 2005.

PARO, Vitor Henrique. **Administração escolar: introdução crítica**. São Paulo. Cortez Editora, 1993.

RODNEY, W. **Como a Europa subdesenvolveu a África**. Lisboa: Bogle/L'Ouverture Publications, 1975.

ROMÃO, Jeruse. **O educador, a educação e a construção de uma autoestima positiva no educando negro**. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org). **Racismo e antirracismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

RAMOS, Maria de Nazaré Lima. **Povoamento do Grão-Pará famílias de Mazagão**. In: Anais do Arquivo Público do Pará. Belém: Secretaria de Estado da Cultura/Arquivo Público do Estado do Pará, 2005.

RATTS, Alex. **Traços étnicos: espacialidades e culturas negras e indígenas**. Fortaleza: Museu do Ceará- Secult, 2009.

_____. **Eu sou atlântica: sobre a trajetória de vida de Beatriz do Nascimento**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo: Instituto Kuanza, 2007.

RABELO, B. V. & CHAGAS, M. A. **Aspectos ambientais do Amapá**. Macapá: SEPLAN/IEPA, 1995.

SALLES, V. **O negro no Pará: sob o regime da escravidão**. 2 ed. Brasília/Belém: Ministério da Cultura/Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves, 1988.

_____. **O negro no Pará: sob o regime da escravidão**. 3 ed. Revisada e Ampliada. Belém: IAP, Programa Raízes, 2005.

SANTOS, Esmeraldina dos. **Histórias do meu povo**. Macapá: Confraria Tucuju, 2002.

SANTOS, F. R. dos. **História do Amapá**. 4a ed. Macapá: VALCAN, 1998.

SANTOS, I. F. Da **tradição africana brasileira a uma proposta pluricultural de dança-arte-educação**. 1996. Tese (Doutorado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

SANTOS, Luiz Carlos dos. **A palavra falada: o som e o sentido humanos**. Negras Palavras n.1, Agosto de 2006, SP: Museu Afro Brasil.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado: fundamentos teóricos e metodológicos da geografia**. 4. ed. São Paulo: Hucitec, 1996.

SANZIO, Rafael dos Santos (Orgs). **Multiculturalismo: mil e uma faces na escola**. 3. Ed., Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

SILVA, Petronilha Beatriz Gonçalves e. Aprendizagem e ensino das africanidades brasileiras. In: MUNANGA, Kabengele (Org). **Superando o racismo na escola**. 3ª ed. Brasília, DF: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental, 2001.

SILVA, Maria Aparecida. Formação de educadores/as para o combate ao racismo: mais uma tarefa essencial. In: CAVALLEIRO, Eliane (Org). **Racismo e antiracismo na educação: repensando nossa escola**. São Paulo: Selo Negro, 2001.

SILVA, A. C. **A discriminação do negro no livro didático**. Salvador: CEAD-CED, 1995.

SILVA, Sebastião Menezes da. **Curiaú: a resistência de um povo**. Macapá: Secretaria do Meio Ambiente, 2004.

SILVA, Ila Maria Souza da . **A gestão: elemento mediador na prática educativa: a realidade e perspectivas no cotidiano escolar**. Dissertação de Mestrado, defendida junto ao Programa de Pós Graduação da Faculdade de Educação da Universidade Federal do Ceará. Fortaleza-Ce, 1996.

SILVA, Tomaz Tadeu da. **Documentos de Identidade: uma introdução às teorias do**

currículo. 2ª ed. 11ª reimp. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SMITH, Ralph. “**Excelência no ensino de arte**”. In: BARBOSA, Ana Mãe (org.). *Arte-Educação: Leitura no Subsolo*. São Paulo, Cortez, 1997.

SODRÉ, Muniz. **Cultura, diversidade cultural e educação**. In: TRINDADE, Azoilda L. da; SOUZA, Edílson. **Curso de história da África**. Recife, PE: UFPE, 2000.

SOUZA, Neusa Santos. **Tornar-se negro**: as vicissitudes da identidade do negro brasileiro em ascensão social. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1983.

SUDAM. **Atlas Climatológico da Amazônia Brasileira** – Belém: SUDAM. 125p., 1984.

VIDEIRA, P. L. **Marabaixo, dança afrodescendente**: reconstruindo a identidade do negro amapaense. Relatório final apresentado no III Concurso Negro e Educação, 2003-2004.

_____. **Marabaixo, dança afrodescendente**: significando a identidade étnica do negro amapaense. 2005. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira)- Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2005.

_____. **Marabaixo, dança afrodescendente**: significando a identidade étnica do negro amapaense. Fortaleza: Edições UFC, 2009.

_____. **Marabaixo, dança afrodescendente**: “palavramundo” e condição de “ser mais” para os afro-amapaenses. In: OLINDA, Ercília Maria Braga de. & FIGUEIREDO, João Batista de A. (Orgs). **Formação humana e dialogicidade em Paulo Freire**. Fortaleza: Editora UFC, 2006.

WEBER, Max. **Relações comunitárias e étnicas**. In: WEBER, Max. *Economia e Sociedade: fundamentos da sociologia compreensiva*. Brasília: Ed. Da UNB, 1991.

Sites Consultados

www.fflch.usp.br/da/arquivos/posgraduacao/disciplinas/fls_5072.doc

<http://www.casadasafricas.org.br/>

http://www.palmares.gov.br/005/00502001.jsp?ttcd_chave=92

http://www4.ap.gov.br/portal_gea/municipios/municipio-entrada.htm